A CIDADE E AS SERRAS

Obras do mesmo auctor:

Revista de Portugal. 4 grossos volumes	12$000
As minas de Salomão. 1 volume	600
Os Maias. 2 grossos volumes	2$000
O crime do padre Amaro. Terceira edição inteiramente refundida, recomposta, e differente na fórma e na acção da edição primitiva. 1 grosso volume	1$200
O primo Bazilio. Quarta edição. 1 grosso volume. . . .	1$000
A Reliquia. 1 grosso volume	1$000
O Mandarim. Quarta edição. 1 volume	.500
Correspondencia de Fradique Mendes. 1 volume	600
A illustre casa de Ramires. 1 volume	1$000

EÇA DE QUEIROZ

A CIDADE E AS SERRAS

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, editores
1901

Porto — Imprensa Moderna

A CIDADE E AS SERRAS

I

O meu amigo Jacintho nasceu n'um palacio, com cento e nove contos de renda em terras de semeadura, de vinhedo, de cortiça e d'olival.

No Alemtejo, pela Extremadura, atravez das duas Beiras, densas sebes ondulando por collina e valle, muros altos de boa pedra, ribeiras, estradas, delimitavam os campos d'esta velha familia agricola que já entulhava grão e plantava cepa em tempos d'el-rei D. Diniz. A sua quinta e casa senhorial de Tormes, no Baixo Douro, cobriam uma serra. Entre o Tua e o Tinhela, por cinco fartas legoas, todo o torrão lhe pagava fôro. E cerrados pinheiraes seus negrejavam desde Arga até ao mar d'Ancora. Mas o palacio onde Jacintho nascêra, e onde sempre habitára, era em Paris, nos Campos Elyseos, n.º 202.

Seu avô, aquelle gordissimo e riquissimo Jacintho a quem chamavam em Lisboa o *D. Galião,* descendo uma tarde pela travessa da Trabuqueta, rente d'um muro de quintal que uma parreira toldava, escorregou n'uma casca de laranja e desabou no lagedo. Da portinha da horta sahia n'esse momento um homem moreno, escanhoado, de grosso casaco de baetão verde e botas altas de picador, que, galhofando e com uma força facil, levantou o enorme Jacintho — até lhe apanhou a bengala de castão d'ouro que rolára para o lixo. Depois, demorando n'elle os olhos pestanudos e pretos:

— Oh Jacintho Galião, que andas tu aqui, a estas horas, a rebolar pelas pedras?

E Jacintho, aturdido e deslumbrado, reconheceu o snr. Infante D. Miguel!

Desde essa tarde amou aquelle bom Infante como nunca amára, apesar de tão guloso, o seu ventre, e apesar de tão devoto o seu Deus! Na sala nobre da sua casa (á Pampulha) pendurou sobre os damascos o retrato do « seu Salvador », enfeitado de palmitos como um retabulo, e por baixo a bengala que as magnanimas mãos reaes tinham erguido do lixo. Emquanto o adoravel, desejado Infante penou no desterro de Vienna, o barrigudo senhor corria, sacudido na sua sege amarella, do bo-

tequim do Zé-Maria em Belèm á botica do Placido nos Algibebes, a gemer as saudades do *anginho,* a tramar o regresso do *anginho.* No dia, entre todos bemdito, em que a *Perola* appareceu á barra com o Messias, engrinaldou a Pampulha, ergueu no Caneiro um monumento de papelão e lona onde D. Miguel, tornado S. Miguel, branco, d'aureola e azas de Archanjo, furava de cima do seu corcel d'Alter o Dragão do Liberalismo, que se estorcia vomitando a Carta. Durante a guerra com o «outro, com o pedreiro livre» mandava recoveiros a Santo Thyrso, a S. Gens, levar ao Rei fiambres, caixas de dôce, garrafas do seu vinho de Tarrafal, e bolsas de retroz atochadas de peças que elle ensaboava para lhes avivar o ouro. E quando soube que o snr. D. Miguel, com dois velhos bahus amarrados sobre um macho, tomára o caminho de Sines e do final desterro — Jacintho *Galião* correu pela casa, fechou todas as janellas como n'um luto, berrando furiosamente:

— Tambem cá não fico! tambem cá não fico!

Não, não queria ficar na terra perversa d'onde partia, esbulhado e escorraçado, aquelle Rei de Portugal que levantava na rua os Jacinthos! Embarcou para França com a mulher, a snr.ª D. Angelina Fafes (da tão fallada

casa dos Fafes da Avellan); com o filho, o 'Cinthinho, menino amarellinho, mollesinho, coberto de caróços e leicenços; com a aia e com o moleque. Nas costas da Cantabria o paquete encontrou tão rijos mares que a snr.ª D. Angelina, esguedelhada, de joelhos na enxerga do beliche, prometteu ao Senhor dos Passos d'Alcantara uma corôa d'espinhos, de ouro, com as gottas de sangue em rubis do Pegu. Em Bayonna, onde arribaram, 'Cinthinho teve ithericia. Na estrada d'Orleans, n'uma noite agreste, o eixo da berlinda em que jornadeavam partiu, e o nedio senhor, a delicada senhora da casa da Avellan, o menino, marcharam tres horas na chuva e na lama do exilio até uma aldeia, onde, depois de baterem como mendigos a portas mudas, dormiram nos bancos d'uma taberna. No «Hotel dos Santos Padres», em Paris, soffreram os terrores d'um fogo que rebentára na cavalhariça, sob o quarto de *D. Galião*, e o digno fidalgo, rebolando pelas escadas em camisa, até ao pateo, enterrou o pé nú n'uma lasca de vidro. Então ergueu amargamente ao céo o punho cabelludo, e rugiu:

— Irra! É de mais!

Logo n'essa semana, sem escolher, Jacintho *Galião* comprou a um Principe polaco, que depois da tomada de Varsovia se mettera fra-

de cartuxo, aquelle palacete dos Campos Elyseos, n.º 202. E sob o pesado ouro dos seus estuques, entre as suas ramalhudas sedas se enconchou, descançando de tantas agitações, n'uma vida de pachorra e de boa mesa, com alguns companheiros d'emigração (o desembargador Nuno Velho, o conde de Rabacena, outros menores), até que morreu de indigestão, d'uma lampreia d'escabeche que lhe mandára o seu procurador em Monte-mór. Os amigos pensavam que a snr.ª D. Angelina Fafes voltaria ao reino. Mas a boa senhora temia a jornada, os mares, as caleças que racham. E não se queria separar do seu Confessor, nem do seu Medico, que tão bem lhe comprehendiam os escrupulos e a asthma.

— Eu, por mim, aqui fico no 202 (declarára ella), ainda que me faz falta a boa agua d'Alcolena... O 'Cinthinho, esse, em crescendo, que decida.

O 'Cinthinho crescêra. Era um moço mais esguio e livido que um cirio, de longos cabellos corredios, narigudo, silencioso, encafuado em roupas pretas, muito largas e bambas; de noite, sem dormir, por causa da tosse e de suffocações, errava em camisa com uma lamparina atravez do 202; e os creados na copa sempre lhe chamavam a *Sombra*. N'essa sua mudez e indecisão de sombra surdíra, ao fim

do luto do papá, o gosto muito vivo de tornear madeiras ao torno: depois, mais tarde, com a melada flôr dos seus vinte annos, brotou n'elle outro sentimento, de desejo e de pasmo, pela filha do desembargador Velho, uma menina redondinha como uma rôla, educada n'um convento de Paris, e tão habilidosa que esmaltava, dourava, concertava relogios e fabricava chapéos de feltro. No outomno de 1851, quando já se desfolhavam os castanheiros dos Campos Elyseos, o 'Cinthinho cuspilhou sangue. O medico, acarinhando o queixo e com uma ruga seria na testa immensa, aconselhou que o menino abalasse para o golfo Juan ou para as tepidas areias d'Arcachon.

'Cinthinho porém, no seu afêrro de sombra, não se quiz arredar da Therezinha Velho, de quem se tornára, atravez de Paris, a muda, tardônha sombra. Como uma sombra, casou; deu mais algumas voltas ao torno; cuspiu um resto de sangue; e passou, como uma sombra.

Tres mezes e tres dias depois do seu enterro o meu Jacintho nasceu.

Desde o berço, onde a avó espalhava funcho e ambar para afugentar a *Sorte-Ruim,* Jacintho medrou com a segurança, a rijeza, a seiva rica d'um pinheiro das dunas.

Não teve sarampo e não teve lombrigas. As Letras, a Taboada, o Latim entraram por elle tão facilmente como o sol por uma vidraça. Entre os camaradas, nos pateos dos collegios, erguendo a sua espada de lata e lançando um brado de commando, foi logo o vencedor, o Rei que se adula, e a quem se cede a fructa das merendas. Na edade em que se lê Balzac e Musset nunca atravessou os tormentos da sensibilidade; — nem crepusculos quentes o retiveram na solidão d'uma janella, padecendo d'um desejo sem fórma e sem nome. Todos os seus amigos (eramos tres, contando o seu velho escudeiro preto, o Grillo) lhe conservaram sempre amizades puras e certas — sem que jámais a participação do seu luxo as avivasse ou fossem desanimadas pelas evidencias do seu egoismo. Sem coração bastante forte para conceber um amor forte, e contente com esta incapacidade que o libertava, do amor só experimentou o mel—esse mel que o amor reserva aos que o recolhem, á maneira das abelhas, com ligeireza, mobilidade e cantando. Rijo, rico, indifferente ao Estado e ao Governo dos Homens, nunca lhe conhecemos outra ambição além de comprehender bem as Ideias Geraes; e a sua intelligencia, nos annos alegres de escólas e controversias, circulava dentro das Philosophias mais

densas como enguia lustrosa na agua limpa d'um tanque. O seu valor, genuino, de fino quilate, nunca foi desconhecido, nem desapreciado; e toda a opinião, ou mera facecia que lançasse, logo encontrava uma aragem de sympathia e concordancia que a erguia, a mantinha emballada e rebrilhando nas alturas. Era servido pelas cousas com docilidade e carinho; — e não recordo que jamais lhe estalasse um botão da camisa, ou que um papel maliciosamente se escondesse dos seus olhos, ou que ante a sua vivacidade e pressa uma gaveta perfida emperrasse. Quando um dia, rindo com descrido riso da Fortuna e da sua Roda, comprou a um sachristão hespanhol um Decimo de Loteria, logo a Fortuna, ligeira e ridente sobre a sua Roda, correu n'um fulgor, para lhe trazer quatro centas mil pesetas. E no ceu as Nuvens, pejadas e lentas, se avistavam Jacintho sem guarda chuva, retinham com reverencia as suas aguas até que elle passasse... Ah! o ambar e o funcho da snr.ª D. Angelina tinham escorraçado do seu destino, bem triumphalmente e para sempre, a *Sorte-Ruim!* A amoravel avó (que eu conheci obesa, com barba) costumava citar um soneto natalicio do desembargador Nunes Velho contendo um verso de boa lição:

Sabei, senhora, que esta Vida é um rio...

Pois um rio de verão, manso, translucido, harmoniosamente estendido sobre uma areia macia e alva, por entre arvoredos fragrantes e ditosas aldeias, não offereceria áquelle que o descesse n'um barco de cedro, bem toldado e bem almofadado, com fructas e Champagne a refrescar em gelo, um Anjo governando ao leme, outros Anjos puxando á sirga, mais segurança e doçura do que a Vida offerecia ao meu amigo Jacintho.

Por isso nós lhe chamavamos «o Principe da Gran-Ventura»!

Jacintho e eu, José Fernandes, ambos nos encontramos e acamaradamos em Paris, nas Escólas do Bairro Latino—para onde me mandára meu bom tio Affonso Fernandes Lorena de Noronha e Sande, quando aquelles malvados me riscaram da Universidade por eu ter esborrachado, n'uma tarde de procissão, na Sophia, a cara sordida do dr. Paes Pitta.

Ora n'esse tempo Jacintho concebêra uma Ideia... Este Principe concebêra a Ideia de que «o homem só é superiormente feliz quande é superiormente civilisado». E por homem civilisado o meu camarada entendia aquelle

que, robustecendo a sua força pensante com todas as noções adquiridas desde Aristoteles, e multiplicando a potencia corporal dos seus orgãos com todos os mechanismos inventados desde Theramenes, creador da roda, se torna um magnifico Adão, quasi omnipotente, quasi omnisciente, e apto portanto a recolher dentro d'uma sociedade e nos limites do Progresso (tal como elle se comportava em 1875) todos os gozos e todos os proveitos que resultam de Saber e de Poder... Pelo menos assim Jacintho formulava copiosamente a sua Ideia, quando conversavamos de fins e destinos humanos, sorvendo bocks poeirentos, sob o toldo das cervejarias philosophicas, no Boulevard Saint-Michel.

Este conceito de Jacintho impressionára os nossos camaradas de cenaculo, que tendo surgido para a vida intellectual, de 1866 a 1875, entre a batalha de Sadowa e a batalha de Sedan, e ouvindo constantemente, desde então, aos technicos e aos philosophos, que fôra a Espingarda-de-agulha que vencêra em Sadowa e fôra o Mestre-de-escóla quem vencêra em Sedan, estavam largamente preparados a acreditar que a felicidade dos individuos, como a das nações, se realisa pelo illimitado desenvolvimento da Mechanica e da Erudição. Um d'esses moços mesmo, o nosso inventivo Jorge

Carlande, reduzira a theoria de Jacintho, para lhe facilitar a circulação e lhe condensar o brilho, a uma fórma algebrica:

$$\left.\begin{matrix}\text{Summa sciencia}\\ \times\\ \text{Summa potencia}\end{matrix}\right\} = \text{Summa felicidade}$$

E durante dias, do Odeon á Sorbonna, foi louvada pela mocidade positiva a *Equação Metaphysica de Jacintho.*

Para Jacintho, porém, o seu conceito não era meramente metaphysico e lançado pelo gozo elegante de exercer a razão especulativa: —mas constituia uma regra, toda de realidade e de utilidade, determinando a conducta, modalisando a vida. E já a esse tempo, em concordancia com o seu preceito—elle se surtira da *Pequena Encyclopedia dos Conhecimentos Universaes* em setenta e cinco volumes e installára, sobre os telhados do 202, n'um mirante envidraçado, um telescopio. Justamente com esse telescopio me tornou elle palpavel a sua ideia, n'uma noite de agosto, de molle e dormente calor. Nos céos remotos lampejavam relampagos languidos. Pela Avenida dos Campos Elyseos, os fiacres rolavam para as frescuras do Bosque, lentos, abertos, cançados, transbordando de vestidos claros.

—Aqui tens tu, Zé Fernandes, (começou Jacintho, encostado á janella do mirante) a theoria que me governa, bem comprovada. Com estes olhos que recebemos da Madre natureza, lestos e sãos, nós podemos apenas distinguir além, atravez da Avenida, n'aquella loja, uma vidraça alumiada. Mais nada! Se eu porém aos meus olhos juntar os dois vidros simples d'um binoculo de corridas, percebo, por traz da vidraça, presuntos, queijos, boiões de gelêa e caixas de ameixa sêcca. Concluo portanto que é uma mercearia. Obtive uma noção; tenho sobre ti, que com os olhos desarmados vês só o luzir da vidraça, uma vantagem positiva. Se agora, em vez d'estes vidros simples, eu usasse os do meu telescopio, de composição mais scientifica, poderia avistar além, no planeta Marte, os mares, as neves, os canaes, o recorte dos golphos, toda a geographia d'um astro que circula a milhares de leguas dos Campos Elyseos. É outra noção, e tremenda! Tens aqui pois o olho primitivo, o da Natureza, elevado pela Civilisação á sua maxima potencia de visão. E desde já, pelo lado do olho portanto, eu, civilisado, sou mais feliz que o incivilisado, porque descubro realidades do Universo que elle não suspeita e de que está privado. Applica esta prova a todos os orgãos e comprehendes o meu principio. Emquanto

á intelligencia, e á felicidade que d'ella se tira pela incançavel accumulação das noções, só te peço que compares Renan e o Grillo... Claro é portanto que nos devemos cercar de Civilisação nas maximas proporções para gosar nas maximas proporções a vantagem de viver. Agora concordas, Zé Fernandes?

Não me parecia irrecusavelmente certo que Renan fosse mais feliz que o Grillo; nem eu percebia que vantagem espiritual ou temporal se côlha em distinguir atravez do espaço manchas n'um astro, ou atravez da Avenida dos Campos Elyseos presuntos n'uma vidraça. Mas concordei, porque sou bom, e nunca desalojarei um espirito do conceito onde elle encontra segurança, disciplina e motivo de energia. Desabotoei o collete, e lançando um gesto para o lado dos cafés e das luzes:

—Vamos então beber, nas maximas proporções, *brandy and soda,* com gelo!

Por uma conclusão bem natural, a ideia de Civilisação, para Jacintho, não se separava da imagem de Cidade, d'uma enorme Cidade, com todos os seus vastos orgãos funccionando poderosamente. Nem este meu super-civilisado amigo comprehendia que longe de Armazens servidos por tres mil caixeiros; e de Mercados onde se despejam os vergeis e lezirias de trinta provincias; e de Bancos em que retine

o ouro universal; e de Fabricas fumegando com ancia, inventando com ancia; e de Bibliothecas abarrotadas, a estalar, com a papelada dos seculos; e de fundas milhas de ruas, cortadas, por baixo e por cima, de fios de telegraphos, de fios de telephones, de canos de gazes, de canos de fezes; e da fila atroante dos omnibus, tramways, carroças, velocipedes, calhambeques, parelhas de luxo; e de dois milhões d'uma vaga humanidade, fervilhando, a offegar, atravez da Policia, na busca dura do pão ou sob a illusão do gozo — o homem do seculo XIX podesse saborear, plenamente, a delicia de viver!

Quando Jacintho, no seu quarto do 202, com as varandas abertas sobre os lilazes, me desenrolava estas imagens, todo elle crescia, illuminado. Que creação augusta, a da Cidade! Só por ella, Zé-Fernandes, só por ella, póde o homem soberbamente affirmar a sua alma!...

— Oh Jacintho, e a religião? Pois a religião não prova a alma?

Elle encolhia os hombros. A religião! A religião é o desenvolvimento sumptuoso de um instincto rudimentar, commum a todos os brutos, o terror. Um cão lambendo a mão do dono, de quem lhe vem o osso ou o chicote, já constitue toscamente um devoto, o consciente devoto, prostrado em rezas ante o Deus que

distribue o céo ou o inferno!... Mas o telephone! o phonographo!

—Ahi tens tu, o phonographo!... Só o phonographo, Zé Fernandes, me faz verdadeiramente sentir a minha superioridade de sêr pensante e me separa do bicho. Acredita, não ha senão a Cidade, Zé Fernandes, não ha senão a Cidade!

E depois (accrescentava) só a Cidade lhe dava a sensação, tão necessaria á vida como o calor, da solidariedade humana. E no 202, quando considerava em redor, nas densas massas do casario de Paris, dois milhões de sêres arquejando na obra da Civilisação (para manter na natureza o dominio dos Jacinthos!) sentia um socego, um conchego, só comparaveis ao do peregrino, que, ao atravessar o deserto, se ergue no seu dromedario, e avista a longa fila da caravana marchando, cheia de lumes e de armas...

Eu murmurava, impressionado:

—Caramba!

Ao contrario no campo, entre a inconsciencia e a impassibilidade da Natureza, elle tremia com o terror da sua fragilidade e da sua solidão. Estava ahi como perdido n'um mundo que lhe não fosse fraternal; nenhum silvado encolheria os espinhos para que elle passasse; se gemesse com fome nenhuma arvo-

re, por mais carregada, lhe estenderia o seu fructo na ponta compassiva d'um ramo. Depois, em meio da Natureza, elle assistia á subita e humilhante inutilisação de todas as suas faculdades superiores. De que servia, entre plantas e bichos — ser um Genio ou ser um Santo? As searas não comprehendem as *Georgicas;* e fôra necessario o socorro ancioso de Deus, e a inversão de todas as leis naturaes, e um violento milagre para que o lobo de Agubio não devorasse S. Francisco d'Assis, que lhe sorria e lhe estendia os braços e lhe chamava «meu irmão lobo»! Toda a intellectualidade, nos campos, se esterilisa, e só resta a bestialidade. N'esses reinos crassos do Vegetal e do Animal duas unicas funcções se mantêm vivas, a nutritiva e a procreadora. Isolada, sem occupação, entre focinhos e raizes que não cessam de sugar e de pastar, suffocando no calido bafo da universal fecundação, a sua pobre alma toda se engelhava, se reduzia a uma migalha d'alma, uma fagulhasinha espiritual a tremeluzir, como morta, sobre um naco de materia; e n'essa materia dois instinctos surdiam, imperiosos e pungentes, o de devorar e o de gerar. Ao cabo de uma semana rural, de todo o seu sêr tão nobremente composto só restava um estomago e por baixo um phallus! A alma? Sumida sob a besta. E ne-

cessitava correr, reentrar na Cidade, mergulhar nas ondas lustraes da Civilisação, para largar n'ellas a crosta vegetativa, e resurgir rehumanisado, de novo espiritual e Jacinthico!

E estas requintadas metaphoras do meu amigo exprimiam sentimentos reaes — que eu testemunhei, que muito me divertiram, no unico passeio que fizemos ao campo, á bem amavel e bem sociavel floresta de Montmorency. Oh delicias d'entremez, Jacintho entre a Natureza! Logo que se afastava dos pavimentos de madeira, do macadam, qualquer chão que os seus pés calcassem o enchia de desconfiança e terror. Toda a relva, por mais crestada, lhe parecia reçumar uma humidade mortal. De sob cada torrão, da sombra de cada pedra, receava o assalto de lacraus, de viboras, de fórmas rastejantes e viscosas. No silencio do bosque sentia um lugubre despovoamento do Universo. Não tolerava a familiaridade dos galhos que lhe roçassem a manga ou a face. Saltar uma sebe era para elle um acto degradante que o retrogradava ao macaco inicial. Todas as flôres que não tivesse já encontrado em jardins, domesticadas por longos seculos de servidão ornamental, o inquietavam como venenosas. E considerava d'uma melancolia funambulesca certos modos e fórmas do Sêr inanimado, a pressa esperta e vã dos regatinhos,

a careca dos rochedos, todas as contorsões do arvoredo e o seu resmungar solemne e tonto.

Depois d'uma hora, n'aquelle honesto bosque de Montmorency, o meu pobre amigo abafava, apavorado, experimentando já esse lento mingoar e sumir d'alma que o tornava como um bicho entre bichos. Só desannuviou quando penetramos no lagêdo e no gaz de Paris — e a nossa vittoria quasi se despedaçou contra um omnibus retumbante, atulhado de cidadãos. Mandou descer pelos Boulevards, para dissipar, na sua grossa sociabilidade, aquella materialisação em que sentia a cabeça pesada e vaga como a d'um boi. E reclamou que eu o acompanhasse ao theatro das Variedades para sacudir, com os estribilhos da *Femme à Papa,* o rumor importuno que lhe ficára dos melros cantando nos choupos altos.

Este delicioso Jacintho fizera então vinte e tres annos, e era um soberbo moço em quem reapparecêra a força dos velhos Jacinthos ruraes. Só pelo nariz, afilado, com narinas quasi transparentes, d'uma mobilidade inquieta, como se andasse fariscando perfumes, pertencia ás delicadezas do seculo XIX. O cabello ainda se conservava, ao modo das éras rudes, crespo e quasi lanigero: e o bigode, como o d'um Celta, cahia em fios sedosos, que elle necessitava aparar e frizar. Todo o seu fato, as espes-

sas gravatas de setim escuro que uma perola prendia, as luvas de anta branca, o verniz das botas, vinham de Londres em caixotes de cedro; e usava sempre ao peito uma flôr, não natural, mas composta destramente pela sua ramalheteira com petalas de flôres dessemelhantes, cravo, azalea, orchidea ou tulipa, fundidas na mesma haste entre uma leve folhagem de funcho.

Em 1880, em Fevereiro, n'uma cinzenta e arripiada manhã de chuva, recebi uma carta de meu bom tio Affonso Fernandes, em que, depois de lamentações sobre os seus setenta annos, os seus males hemorroidaes, e a pesada gerencia dos seus bens «que pedia homem mais novo, com pernas mais rijas» — me ordenava que recolhesse á nossa casa de Guiães, no Douro! Encostado ao marmore partido do fogão, onde na véspera a minha Nini deixára um espartilho embrulhado no *Jornal dos Debates,* censurei severamente meu tio que assim cortava em botão, antes de desabrochar, a flôr do meu Saber Juridico. Depois n'um Post-Scriptum elle accrescentava — «O tempo aqui está lindo, o que se póde chamar de rosas, e tua santa tia muito se recommenda, que anda lá pela cozinha, porque vai hoje em trinta e seis

annos que casámos, temos cá o abbade e o Quintaes a jantar, e ella quiz fazer uma sopa dourada».

Deitando uma acha ao lume, pensei como devia estar boa a sopa dourada da tia Vicencia. Ha quantos annos não a provava, nem o leitão assado, nem o arroz de fôrno da nossa casa! Com o tempo assim tão lindo, já as mimosas do nosso pateo vergariam sob os seus grandes cachos amarellos. Um pedaço de céo azul, do azul de Guiães, que outro não ha tão lustroso e macio, entrou pelo quarto, alumiou, sobre a poida tristeza do tapete, relvas, ribeirinhos, malmequeres e flôres de trevo de que meus olhos andavam agoados. E, por entre as bambinellas de sarja, passou um ar fino e forte e cheiroso de serra e de pinheiral.

Assobiando um *fado* meigo tirei debaixo da cama a minha velha mala, e metti solicitamente entre calças e piugas um Tratado de Direito Civil, para aprender emfim, nos vagares da aldeia, estendido sob a faia, as leis que regem os homens. Depois, n'essa tarde, annunciei a Jacintho que partia para Guiães. O meu camarada recuou com um surdo gemido de espanto e piedade:

—Para Guiães!... Oh Zé Fernandes, que horror!

E toda essa semana me lembrou solicita-

mente confortos de que eu me deveria prover para que pudesse conservar, nos ermos silvestres, tão longe da Cidade, uma pouca d'alma dentro d'um pouco de corpo. «Leva uma poltrona! Leva a *Encyclopedia Geral!* Leva caixas de aspargos!...»

Mas para o meu Jacintho, desde que assim me arrancavam da Cidade, eu era arbusto desarraigado que não reviverá. A magoa com que me acompanhou ao comboio conviria excellentemente ao meu funeral. E quando fechou sobre mim a portinhola, gravemente, supremamente, como se cerra uma grade de sepultura, eu quasi solucei—com saudades minhas.

Cheguei a Guiães. Ainda restavam flôres nas mimosas do nosso pateo; comi com delicias a sopa dourada da tia Vicencia; de tamancos nos pés assisti á ceifa dos milhos. E assim de colheitas a lavras, crestando ao sol das eiras, caçando a perdiz nos matos geados, rachando a melancia fresca na poeira dos arraiaes, arranchando a magustos, serandando á candeia, atiçando fogueiras de S. João, enfeitando presepios de Natal, por alli me passaram docemente sete annos, tão atarefados que nunca logrei abrir o Tratado de Direito Civil, e tão singelos que apenas me recordo quando, em vésperas de S. Nicolau, o abba-

de cahiu da egua á porta do Braz das Córtes. De Jacintho só recebia raramente algumas linhas, escrevinhadas á pressa por entre o tumulto da Civilisação. Depois, n'um Setembro muito quente, ao lidar da vindima, meu bom tio Affonso Fernandes morreu, tão quietamente, Deus seja louvado por esta graça, como se cala um passarinho ao fim do seu bem cantado e bem voado dia. Acabei pela aldeia a roupa do luto. A minha afilhada Joanninha casou na matança do porco. Andaram obras no nosso telhado. Voltei a Paris.

II

Era de novo Fevereiro, e um fim de tarde arripiado e cinzento, quando eu desci os Campos Elyseos em demanda do 202. Adiante de mim caminhava, levemente curvado, um homem que, desde as botas rebrilhantes até ás abas recurvas do chapéo d'onde fugiam anneis d'um cabello crespo, reçumava elegancia e a familiaridade das coisas finas. Nas mãos, cruzadas atraz das costas, calçadas d'anta branca, sustentava uma bengala grossa com castão de crystal. E só quando elle parou ao portão do 202 reconheci o nariz afilado, os fios do bigode corredios e sedosos.

— Oh Jacintho!

— Oh Zé Fernandes!

O abraço que nos enlaçou foi tão alvoroçado que o meu chapéo rolou na lama. E ambos murmuravamos, commovidos, entrando a grade:

—Ha sete annos!...

—Ha sete annos!...

E, todavia, nada mudára durante esses sete annos no jardim do 202! Ainda entre as duas aleas bem areadas se arredondava uma relva, mais lisa e varrida que a lã d'um tapete. No meio o vaso corinthico esperava Abril para resplandecer com tulipas e depois Junho para transbordar de margaridas. E ao lado das escadas limiares, que uma vidraçaria toldava, as duas magras Deusas de pedra, do tempo de D. Galião, sustentavam as antigas lampadas de globos foscos, onde já silvava o gaz.

Mas dentro, no peristillo, logo me surprehendeu um elevador installado por Jacintho —apesar do 202 ter sómente dois andares, e ligados por uma escadaria tão doce que nunca offendêra a asthma da snr.ª D. Angelina! Espaçoso, tapetado, elle offerecia, para aquella jornada de sete segundos, confortos numerosos, um divan, uma pelle d'urso, um roteiro das ruas de Paris, prateleiras gradeadas com charutos e livros. Na antecamara, onde desembarcamos, encontrei a temperatura macia e tepida d'uma tarde de Maio, em Guiães. Um creado, mais attento ao thermometro que um piloto á agulha, regulava destramente a bocca dourada do calorifero. E perfumadores entre palmeiras, como n'um terrasso santo de Be-

nares, esparziam um vapor, aromatisando e salutarmente humedecendo aquelle ar delicado e superfino.

Eu murmurei, nas profundidades do meu assombrado sêr:

—Eis a civilisação!

Jacintho empurrou uma porta, penetramos n'uma nave cheia de magestade e sombra, onde reconheci a Bibliotheca por tropeçar n'uma pilha monstruosa de livros novos. O meu amigo roçou de leve o dedo na parede: e uma corôa de lumes electricos, refulgindo entre os lavores do tecto, alumiou as estantes monumentaes, todas d'ebano. N'ellas repousavam mais de trinta mil volumes, encadernados em branco, em escarlate, em negro, com retoques d'ouro, hirtos na sua pompa e na sua auctoridade como doutores n'um concilio.

Não contive a minha admiração:

—Oh Jacintho! Que deposito!

Elle murmurou, n'um sorriso descorado:

—Ha que lêr, ha que lêr...

Reparei então que o meu amigo emmagrecera: e que o nariz se lhe afilára mais entre duas rugas muito fundas, como as d'um comediante cançado. Os anneis do seu cabello lanigero rareavam sobre a testa, que perdera a antiga serenidade de marmore bem polido. Não frisava agora o bigode, murcho, cahido

em fios pensativos. Tambem notei que corcovava.

Elle erguêra uma tapeçaria — entramos no seu gabinete de trabalho, que me inquietou. Sobre a espessura dos tapetes sombrios os nossos passos perderam logo o som, e como a realidade. O damasco das paredes, os divans, as madeiras, eram verdes, d'um verde profundo de folha de louro. Sèdas verdes envolviam as luzes electricas, dispersas em lampadas tão baixas que lembravam estrellas cahidas por cima das mesas, acabando de arrefecer e morrer: só uma rebrilhava, núa e clara, no alto d'uma estante quadrada, esguia, solitaria como uma torre n'uma planicie, e de que o lume parecia ser o pharol melancolico. Um biombo de laca verde, fresco verde de relva, resguardava a chaminé de marmore verde, verde de mar sombrio, onde esmoreciam as brazas d'uma lenha aromatica. E entre aquelles verdes reluzia, por sobre peanhas e pedestaes, toda uma Mechanica sumptuosa, apparelhos, laminas, rodas, tubos, engrenagens, hastes, friezas, rigidezas de metaes...

Mas Jacintho batia nas almofadas do divan, onde se enterrára com um modo cançado que eu não lhe conhecia:

— Para aqui, Zé Fernandes, para aqui! É necessario reatarmos estas nossas vidas, tão

apartadas ha sete annos!... Em Guiães, sete annos! Que fizeste tu?

—E tu, que tens feito, Jacintho?

O meu amigo encolheu mollemente os hombros. Vivêra—cumprira com serenidade todas as funcções, as que pertencem á materia e as que pertencem ao espirito...

—E accumulaste civilisação, Jacintho! Santo Deus... Está tremendo, o 202!

Elle espalhou em torno um olhar onde já não faiscava a antiga vivacidade:

—Sim, ha confortos... Mas falta muito! A humanidade ainda está mal apetrechada, Zé Fernandes... E a vida conserva resistencias.

Subitamente, a um canto, repicou a campainha do telephone. E emquanto o meu amigo, curvado sobre a placa, murmurava impaciente «*Está lá?—Está lá?*», examinei curiosamente, sobre a sua immensa mesa de trabalho, uma estranha e miuda legião de instrumentosinhos de nickel, d'aço, de cobre, de ferro, com gumes, com argolas, com tenazes, com ganchos, com dentes, expressivos todos, de utilidades misteriosas. Tomei um que tentei manejar—e logo uma ponta malevola me picou um dedo. N'esse instante rompeu d'outro canto um «tic-tic-tic» açodado, quasi ancioso. Jacintho acudiu, com a face no telephone:

—Vê ahi o telegrapho!... Ao pé do divan. Uma tira de papel que deve estar a correr.

E, com effeito, d'uma redôma de vidro posta n'uma columna, e contendo um apparelho esperto e diligente, escorria para o tapete, como uma tenia, a longa tira de papel com caracteres impressos, que eu, homem das serras, apanhei, maravilhado. A linha, traçada em azul, annunciava ao meu amigo Jacintho que a fragata russa *Azoff* entrára em Marselha com avaria!

Já elle abandonára o telephone. Desejei saber, inquieto, se o prejudicava directamente aquella avaria da *Azoff*.

—Da *Azoff?*... A avaria? A mim?... Não! É uma noticia.

Depois, consultando um relogio monumental que, ao fundo da Bibliotheca, marcava a hora de todas as Capitaes e o curso de todos os Planetas:

—Eu preciso escrever uma carta, seis linhas... Tu esperas, não, Zé Fernandes? Tens ahi os jornaes de Paris, da noite; e os de Londres, d'esta manhã. As Illustrações além, n'aquella pasta de couro com ferragens.

Mas eu preferi inventariar o gabinete, que dava á minha profanidade serrana todos os gostos d'uma iniciação. Aos lados da cadeira de Jacintho pendiam gordos tubos acusticos,

por onde elle decerto soprava as suas ordens através do 202. Dos pés da mesa cordões tumidos e molles, colleando sobre o tapete, corriam para os recantos de sombra á maneira de cobras assustadas. Sobre uma banquinha, e reflectida no seu verniz como na agua d'um poço, pousava uma Machina-de-escrever: e adiante era uma immensa Machina-de-calcular, com fileiras de buracos d'onde espreitavam, esperando, numeros rigidos e de ferro. Depois parei em frente da estante que me preoccupava, assim solitaria, á maneira d'uma torre n'uma planicie, com o seu alto pharol. Toda uma das suas faces estava repleta de Diccionarios; a outra de Manuaes; a outra de Atlas; a ultima de Guias, e entre elles, abrindo um folio, encontrei o Guia das ruas de Samarkande. Que macissa torre de informação! Sobre prateleiras admirei apparelhos que não comprehendia: — um composto de laminas de gelatina, onde desmaiavam, meio-chupadas, as linhas d'uma carta, talvez amorosa; outro, que erguia sobre um pobre livro brochado, como para o decepar, um cutello funesto; outro avançando a bocca d'uma tuba, toda aberta para as vozes do invisivel. Cingidos aos umbraes, liados ás cimalhas, luziam arames, que fugiam através do tecto, para o espaço. Todos mergulhavam em forças universaes, to-

dos transmittiam forças universaes. A Natureza convergia disciplinada ao serviço do meu amigo e entrára na sua domesticidade!...

Jacintho atirou uma exclamação impaciente:

— Oh, estas pennas electricas!... Que secca!

Amarrotára com colera a carta começada — eu escapei, respirando, para a Bibliotheca. Que magestoso armazem dos productos do Raciocinio e da Imaginação! Alli jaziam mais de trinta mil volumes, e todos decerto essenciaes a uma cultura humana. Logo á entrada notei, em ouro n'uma lombada verde, o nome de Adam Smith. Era pois a região dos Economistas. Avancei — e percorri, espantado, oito metros de Economia Politica. Depois avistei os Philosophos e os seus commentadores, que revestiam toda uma parede, desde as escólas Pre-socraticas até ás escólas Neo-pessimistas. N'aquellas pranchas se acastellavam mais de dois mil systemas — e que todos se contradiziam. Pelas encadernações logo se deduziam as doutrinas: Hobbes, em baixo, era pesado, de couro negro; Platão, em cima, resplandecia, n'uma pellica pura e alva. Para diante começavam as Historias Universaes. Mas ahi uma immensa pilha de livros brochados, cheirando a tinta nova e a documentos

novos, subia contra a estante, como fresca terra d'alluvião tapando uma riba secular. Contornei essa collina, mergulhei na secção das Sciencias Naturaes, peregrinando, n'um assombro crescente, da Orographia para a Paleontologia, e da Morphologia para a Crystallographia. Essa estante rematava junto d'uma janella rasgada sobre os Campos Elyseos. Apartei as cortinas de velludo — e por traz descobri outra portentosa rima de volumes, todos de Historia Religiosa, de Exegese Religiosa, que trepavam montanhosamente até aos ultimos vidros, vedando, nas manhãs mais candidas, o ar e a luz do Senhor.

Mas depois rebrilhava, em marroquins claros, a estante amavel dos Poetas. Como um repouso para o espirito esfalfado de todo aquelle saber positivo, Jacintho aconchegára ahi um recanto, com um divan e uma mesa de limoeiro, mais lustrosa que um fino esmalte, coberta de charutos, de cigarros d'Oriente, de tabaqueiras do seculo XVIII. Sobre um cofre de madeira lisa pousava ainda, esquecido, um prato de damascos seccos do Japão. Cedi á seducção das almofadas; trinquei um damasco, abri um volume; e senti estranhamente, ao lado, um zumbido, como de um insecto de azas harmoniosas. Sorri á idéa que fossem abelhas, compondo o seu

mel n'aquelle massiço de versos em flôr. Depois percebi que o susurro remoto e dormente vinha do cofre de mogne, de parecer tão discreto. Arredei uma *Gazeta de França;* e descornitei um cordão que emergia de um orificio, escavado no cofre, e rematava n'um funil de marfim. Com curiosidade, encostei o funil a esta minha confiada orelha, afeita á singeleza dos rumores da serra. E logo uma Voz, muito mansa, mas muito dicidida, aproveitando a minha curiosidade para me invadir e se apoderar do meu entendimento, susurrou capciosamente:

— ... «E assim, pela disposição dos cubos diabolicos, eu chego a verificar os espaços hypermagicos!...»

Pulei, com um berro.

— Oh Jacintho, aqui ha um homem! Está aqui um homem a fallar dentro d'uma caixa!

O meu camarada, habituado aos prodígios, não se alvoroçou:

— É o Conferençophone... Exactamente como o Theatrophone; sómente applicado ás escólas e ás conferencias. Muito commodo!... Que diz o homem, Zé Fernandes?

Eu considerava o cofre, ainda esgazeado:

— Eu sei! Cubos diabolicos, espaços magicos, toda a sorte de horrores...

Senti dentro o sorriso superior de Jacintho:

—Ah, é o coronel Dorchas... Lições de Metaphysica Positiva sobre a Quarta Dimensão... Conjecturas, uma massada! Ouve lá, tu hoje jantas commigo e com uns amigos, Zé Fernandes?

—Não, Jacintho... Estou ainda enfardelado pelo alfaiate da serra!

E voltei ao gabinete mostrar ao meu camarada o jaquetão de flanella grossa, a gravata de pintinhas escarlates, com que ao domingo, em Guiães, visitava o Senhor. Mas Jacintho affirmou que esta simplicidade montesina interessaria os seus convidados, que eram dois artistas... Quem? O auctor do *Coração Triplo,* um Psychologo Feminista, d'agudeza transcendente, Mestre muito experimentado e muito consultado em Sciencias Sentimentaes; e Vorcan, um pintor mythico, que interpretára ethereamente, havia um anno, a symbolia rapsodica do cerco de Troia, n'uma vasta composição, *Helena Devastadora..*

Eu coçava a barba:

—Não, Jacintho, não... Eu venho de Guiães, das serras; preciso entrar em toda esta civilisação, lentamente, com cautella, senão rebento. Logo na mesma tarde a electricidade, e o conferençophone, e os espaços hypermagicos e o feminista, e o ethereo, e a symbolia devastadora, é excessivo! Volto ámanhã.

Jacintho dobrava vagarosamente a sua carta, onde mettera sem rebuço (como convinha á nossa fraternidade) duas violetas brancas tiradas do ramo que lhe floria o peito.

—Ámanhã, Zé Fernandes, tu vens antes d'almoço, com as tuas malas dentro d'um fiacre, para te installares no 202, no teu quarto. No Hotel são embaraços, privações. Aqui tens o telephone, o teatrophone, livros...

Acceitei logo, com simplicidade. E Jacintho, embocando um tubo acustico, murmurou:

—Grillo!

Da parede, recoberta de damasco, que subitamente e sem rumor se fendeu, surdio o seu velho escudeiro (aquelle moleque que viera com *D. Gallião*), que eu me alegrei de encontrar tão rijo, mais negro, reluzente e veneravel na sua tesa gravata, no seu collete branco de botões de ouro. Elle tambem estimou vêr de novo «o siô Fernandes». E, quando soube que eu occuparia o quarto do avô Jacintho, teve um claro sorriso de preto, em que envolveu o seu senhor, no contentamento de o sentir emfim reprovido d'uma familia.

—Grillo, dizia Jacintho, esta carta a Madame de Oriol... Escuta! Telephona para casa dos Trèves que os espiritistas só estão livres no domingo... Escuta! Eu tomo uma douche

antes de jantar, tepida, a 17. Fricção com malva-rosa.

E cahindo pesadamente para cima do divan, com um bocejo arrastado e vago:

—Pois é verdade, meu Zé Fernandes, aqui estamos, como ha sete annos, n'este velho Paris...

Mas eu não me arredava da mesa, no desejo de completar a minha iniciação:

—Oh Jacintho, para que servem todos estes instrumentosinhos? Houve já ahi um desavergonhado que me picou. Parecem perversos... São uteis?

Jacintho esboçou, com languidez, um gesto que os sublimava.—Providenciaes, meu filho, absolutamente providenciaes, pela simplificação que dão ao trabalho! Assim... E apontou. Este arrancava as pennas velhas; o outro numerava rapidamente as paginas d'um manuscripto; aquell'outro, além, raspava emendas... E ainda os havia para collar estampilhas, imprimir datas, derreter lacres, cintar documentos...

—Mas com effeito, accrescentou, é uma sécca. Com as molas, com os bicos, ás vezes magoam, ferem... Já me succedeu inutilisar cartas por as ter sujado com dedadas de sangue. E' uma massada!

Então, como o meu amigo espreitára no-

vamente o relogio monumental, não lhe quiz retardar a consolação da douche e da malvarosa.

—Bem, Jacintho, já te revi, já me contentei... Agora até ámanhã, com as malas.

—Que diabo, Zé Fernandes, espera um momento... Vamos pela sala de jantar. Talvez te tentes!

E, através da Bibliotheca, penetramos na sala de jantar,—que me encantou pelo seu luxo sereno e fresco. Uma madeira branca, laccada, mais lustrosa e macia que setim, revestia as paredes, encaixilhando medalhões de damasco côr de morango, de morango muito maduro e esmagado: os aparadores, discretamente lavrados em florões e rocalhas, resplandeciam com a mesma lacca nevada: e damascos amorangados estofavam tambem as cadeiras, brancas, muito amplas, feitas para a lentidão de gulas delicadas, de gulas intellectuaes.

—Viva o meu Principe! Sim senhor... Eis aqui um comedoiro muito comprehensivel e muito repousante, Jacintho!

—Então janta, homem!

Mas já eu me começava a inquietar, reparando que a cada talher correspondiam seis garfos, e todos de feitios astuciosos. E mais me impressionei quando Jacintho me desven-

dou que um era para as ostras, outro para o peixe, outro para as carnes, outro para os legumes, outro para as fructas, outro para o queijo! Simultaneamente, com uma sobriedade que louvaria Salomão, só dois copos, para dois vinhos: — um Bordeus rosado em infusas de crystal, e Champagne gelando dentro de baldes de prata. Todo um aparador porém vergava sob o luxo redundante, quasi assustador d'aguas — aguas oxigenadas, aguas carbonatadas, aguas phosphatadas, aguas esterilisadas, aguas de saes, outras ainda, em garrafas bojudas, com tratados therapeuticos impressos em rotulos.

— Santissimo nome de Deus, Jacintho! Então és ainda o mesmo tremendo bebedor d'agua, hein?... *Un aquatico!* como dizia o nosso poeta chileno, que andava a traduzir Klopstock.

Elle derramou, por sobre toda aquella garrafaria encarapuçada em metal, um olhar desconsolado:

— Não... E' por causa das aguas da Cidade, contaminadas, atulhadas de microbios... Mas ainda não encontrei uma bôa agua que me convenha, que me satisfaça... Até soffro sêde.

Desejei então conhecer o jantar do Psychologo e do Symbolista — traçado, ao lado dos

talheres, em tinta vermelha, sobre laminas de marfim. Começava honradamente por-ostras classicas, de Marennes. Depois apparecia uma sopa d'alcachofras e ovas de carpa...

—É bom?

Jacintho encolheu desinteressadamente os hombros:

—Sim... Eu não tenho nunca appetite, já ha tempos... Já ha annos.

Do outro prato só comprehendi que continha frangos e tubaras. Depois saboreariam aquelles senhores um filete de veado, macerado em Xerez, com gelêa de noz. E por sobremeza simplesmente laranjas geladas em ether.

—Em ether, Jacintho?

O meu amigo hesitou, esboçou com os dedos a ondulação d'um aroma que s'evola.

—É novo... Parece que o ether desenvolve, faz afflorar a alma das fructas...

Curvei a cabeça ignara, murmurei nas minhas profundidades:

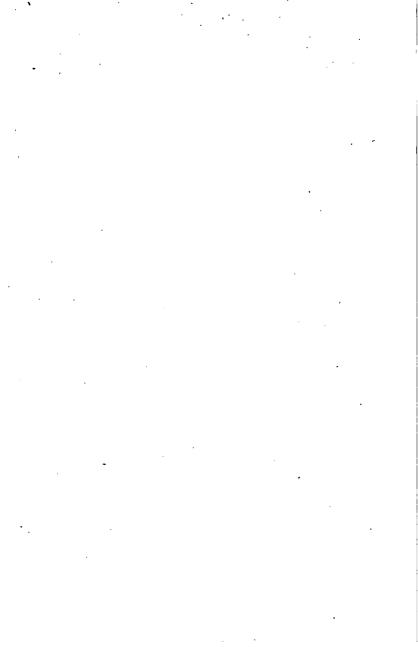
—Eis a Civilisação!

E, descendo os Campos Elyseos, encolhido no paletot, a cogitar n'este prato symbolico, considerava a rudeza e atolado atrazo da minha Guiães, onde desde seculos a alma das laranjas permanece ignorada e desaproveitada dentro dos gomos sumarentos, por todos

aquelles pomares que ensombram e perfumam o valle, da Roqueirinha a Sandofim! Agora porém, bemdito Deus, na convivencia de um tão grande iniciado como Jacintho, eu comprehenderia todas as finuras e todos os poderes da Civilisação.

E, (melhor ainda para a minha ternura!) contemplaria a raridade d'um homem que, concebendo uma idéa da Vida, a realisa — e através d'ella e por ella recolhe a felicidade perfeita.

Bem se affirmára este Jacintho, na verdade, como Principe da Gran-Ventura!

III

No 202, todas as manhãs, ás nove horas, depois do meu chocolate e ainda em chinelas, penetrava no quarto de Jacintho. Encontrava o meu amigo banhado, barbeado, friccionado, envolto n'um roupão branco de pello de cabra do Thibet, diante da sua mesa de toilette, toda de crystal, (por causa dos microbios) e atulhada com esses utensilios de tartaruga, marfim, prata, aço e madreperola que o homem do seculo XIX necessita para não desfeiar o conjuncto sumptuario da Civilisação e manter n'ella o seu Typo. As escovas sobretudo renovavam, cada dia, o meu regalo e o meu espanto — porque as havia largas como a roda massiça d'um carro sabino; estreitas e mais recurvas que o alfange d'um mouro; concavas, em fórma de telha aldeã; ponteagudas em feitio de folha de hera; rijas que nem cerdas de javali; macias que nem pen-

nugem de rôla! De todas, fielmente, como amo que não desdenha nenhum servo, se utilisava o meu Jacintho. E assim, em face ao espelho emmoldurado de folhedos de prata, permanecia este Principe passando pellos sobre o seu pello durante quatorze minutos.

No emtanto o Grillo e outro escudeiro, por traz dos biombos de Kioto, de sedas lavradas, manobravam, com pericia e vigor, os apparelhos do lavatorio — que era apenas um resumo das machinas monumentaes da Sala de Banho, a mais estremada maravilha do 202. N'estes marmores simplificados existiam unicamente dois jactos graduados desde *zero* até *cem;* as duas duchas, fina e grossa, para a cabeça; a fonte esterilisada para os dentes; o repuxo borbulhante para a barba; e ainda botões discretos, que, roçados, desencadeavam esguichos, cascatas cantantes, ou um leve orvalho estival. D'esse recanto temeroso, onde delgados tubos mantinham em disciplina e servidão tantas aguas ferventes, tantas aguas violentas, sahia emfim o meu Jacintho enxugando as mãos a uma toalha de felpo, a uma toalha de linho, a outra de corda entrançada para restabelecer a circulação, a outra de sêda frouxa para repolir a pelle. Depois d'este rito derradeiro que lhe arrancava ora um suspiro, ora um bocejo, Jacintho, estendido n'um di-

van, folheava uma Agenda, onde se arrolavam, inscriptas pelo Grillo ou por elle, as occupações do seu dia, tão numerosas por vezes que cobriam duas laudas.

Todas ellas se prendiam á sua sociabilidade, á sua civilisação muito complexa, ou a interesses que o meu Principe, n'esses sete annos, creára para viver em mais consciente communhão com todas as funcções da Cidade. (Jacintho com effeito era presidente do Club da *Espada e Alvo;* commanditario do Jornal o *Boulevard;* director da *Companhia dos Telephones de Constantinopla;* socio dos *Bazares unidos da Arte Espiritualista;* membro do *Comité de Iniciação das Religiões Esotericas,* etc.) Nenhuma d'estas occupações parecia porém aprazivel ao meu amigo — porque, apesar da mansidão e harmonia dos seus modos, frequentemente arremessava para o tapete, n'uma rebellião de homem livre, aquella Agenda que o escravisava. E n'uma d'essas manhãs (de vento e neve), apanhando eu o livro oppressivo, encadernado em pellica, de um carinhoso tom de rosa murcha — descobri que o meu Jacintho devia depois do almoço fazer uma visita na rua da Universidade, outra no Parque Monceau, outra entre os arvoredos remotos da Muette; assistir por fidelidade a uma votação no Club; acompanhar Madame

d'Oriol a uma exposição de leques; escolher um presente de noivado para a sobrinha dos Trèves; comparecer no funeral do velho conde de Malville; presidir um tribunal de honra n'uma questão de roubalheira, entre cavalheiros, ao ecarté... E ainda se acavallavam outras indicações, escrivinhadas por Jacintho a lapis:—«Carroceiro—Five-oclock dos Ephrains—A pequena das *Variedades*—Levar a nota ao jornal...» Considerei o meu Principe. Estirado no divan, d'olhos miserrimamente cerrados, bocejava, n'um bocejo immenso e mudo.

Mas os affazeres de Jacintho começavam logo no 202, cedo, depois do banho. Desde as oito horas a campainha do telephone repicava por elle, com impaciencia, quasi com colera, como por um escravo tardio. E mal enxugado, dentro do seu roupão de pello de cabra do Thibet ou de grossas pyjamas de pelucia côr d'ouro-velho, constantemente sahia ao corredor a cochichar com sujeitos tão apressados, que conservavam na mão o guarda-chuva pingando sobre o tapete. Um d'esses, sempre presente (e que pertencia decerto aos *Telephones de Constantinopla*), era temeroso—todo elle chupado, tisnado, com maus dentes, sobraçando uma enorme pasta sebenta, e dardejando, d'entre a alta gola d'uma pelissa poí-

da, como da abertura d'um covil, dous olhinhos tôrvos e de rapina. Sem cessar, inexoravelmente, um escudeiro apparecia, com bilhetes n'uma salva... Depois eram fornecedores d'Industria e d'Arte; negociantes de cavallos, rubicundos e de paletot branco; inventores com grossos rolos de papel; alfarrabistas trazendo na algibeira uma edição «unica», quasi inverosimil, de Ulrich Zell ou do *Lapidanus*. Jacintho circulava estonteado pelo 202, rabiscando a carteira, repicando o telephone, desatando nervosamente pacotes, sacudindo ao passar algum embuscado que surdia das sombras da antecamara, estendia como um trabuco o seu memorial ou o seu catalogo!

Ao meio dia, um tam-tam argentino e melancholico ressoava, chamando ao almoço. Com o *Figaro* ou as *Novidades* abertas sobre o prato, eu esperava sempre meia hora pelo meu Principe, que entrava n'uma rajada, consultando o relogio, exhalando com a face moída o seu queixume eterno:

— Que massada! E depois uma noite abominavel, enrodilhada em sonhos... Tomei sulforal, chamei o Grillo para me esfregar com therebentina... Uma sécca!

Espalhava pela mesa um olhar já farto. Nenhum prato, por mais engenhoso, o seduzia; — e, como através do seu tumulto matinal fu-

mava incontaveis cigarretes que o resequiam, começava por se encharcar com um immenso copo d'agua oxygenada, ou carbonatada, ou gazoza, misturada d'um cognac raro, muito caro, horrendamente adocicado, de moscatel de Syracusa. Depois, á pressa, sem gosto, com a ponta incerta do garfo, picava aqui e além uma lasca de fiambre, uma febra de lagosta; — e reclamava impacientemente o café, um café de Moka, mandado cada mez por um feitor do Dedjah, fervido á turca, muito espesso, que elle remexia com um pau de canella!

— E tu, Zé Fernandes, que vaes tu fazer?

— Eu?

Recostado na cadeira, com delicias, os dedos mettidos nas cavas do collete:

— Vou vadiar, regaladamente, como um cão natural!

O meu sollicito amigo, remexendo o café com o pau de canella, rebuscava através da numerosa Civilisação da Cidade uma occupação que me encantasse. Mas apenas suggeria uma Exposição, ou uma Conferencia, ou monumentos, ou passeios, logo encolhia os hombros desconsolados:

— Por fim nem vale a pena, é uma sécca!

Accendia outra das cigarretes russas, onde rebrilhava o seu nome, impresso a ouro na mortalha. Torcendo, n'uma pressa nervosa, os

fios do bigode, ainda escutava, á porta da Bibliotheca, o seu procurador, o nedio e magestoso Laporte. E emfim, seguido d'um criado, que sobraçava um maço tremendo de jornaes para lhe abastecer o coupé, o Principe da Gran-Ventura mergulhava na Cidade.

Quando o dia social de Jacintho se apresentava mais desafogado, e o céo de Março nos concedia caridosamente um pouco de azul agoado, sahiamos depois d'almoço, a pé, através de Paris. Estes lentos e errantes passeios eram outr'ora, na nossa edade de Estudantes, um gozo muito querido de Jacintho — porque n'elles mais intensamente e mais minuciosamente saboreava a Cidade. Agora porém, apesar da minha companhia, só lhe davam uma impaciencia e uma fadiga que desoladoramente destoava do antigo, illuminado extasi. Com espanto (mesmo com dôr, porque sou bom, e sempre me entristece o desmoronar d'uma crença) descobri eu, na primeira tarde em que descemos aos Boulevards, que o denso formigueiro humano sobre o asphalto, e a torrente sombria dos trens sobre o macadam, affligiam o meu amigo pela brutalidade da sua pressa, do seu egoismo,

e do seu estridor. Encostado e como refugiado no meu braço, este Jacintho novo começou a lamentar que as ruas, na nossa Civilisação, não fossem calçadas de gutta-percha! E a gutta-percha claramente representava, para o meu amigo, a substancia discreta que amortece o choque e a rudeza das cousas. Oh maravilha! Jacintho querendo borracha, a borracha isoladora, entre a sua sensibilidade e as funcções da Cidade! Depois, nem me permittiu pasmar diante d'aquellas dourejadas e espelhadas lojas que elle outr'ora considerava como os «preciosos museus do seculo XIX»...

—Não vale a pena, Zé Fernandes. Ha uma immensa pobreza e seccura d'invenção! Sempre os mesmos florões Luiz XV, sempre as mesmas pelucias... Não vale a pena!

Eu arregalava os olhos para este transformado Jacintho. E sobretudo me impressionava o seu horror pela Multidão—por certos effeitos da Multidão, só para elle sensiveis, e a que chamava os «sulcos».

—Tu não os sentes, Zé Fernandes. Vens das serras... Pois constituem o rijo inconveniente das Cidades, estes sulcos! É um perfume muito agudo e petulante que uma mulher larga ao passar, e se installa no olfacto, e estraga para todo o dia o ar respiravel. É um dito que se surprehende n'um grupo, que

revela um mundo de velhacaria, ou de pedantismo, ou de estupidez, e que nos fica collado á alma, como um salpico, lembrando a immensidade da lama a atravessar. Ou então, meu filho, é uma figura intoleravel pela pretenção, ou pelo mau-gosto, ou pela impertinencia, ou pela rellice, ou pela dureza, e de que se não póde sacudir mais a visão repulsiva... Um pavor, estes sulcos, Zé Fernandes! De resto, que diabo, são as pequeninas miserias d'uma Civilisação deliciosa!

Tudo isto era especioso, talvez pueril — mas para mim revelava, n'aquelle chamejante devoto da Cidade, o arrefecimento da devoção. N'essa mesma tarde, se bem recordo, sob uma luz macia e fina, penetramos nos centros de Paris, nas ruas longas, nas milhas de casario, todo de caliça parda, erriçado de chaminés de lata negra, com as janellas sempre fechadas, as cortininhas sempre corridas, abafando, escondendo a vida. Só tijolo, só ferro, só argamassa, só estuque: linhas hirtas, angulos asperos: tudo secco, tudo rigido. E dos chãos aos telhados, por toda a fachada, tapando as varandas, comendo os muros, Taboletas, Taboletas...

— Oh, este Paris, Jacintho, este teu Paris! Que enorme, que grosseiro bazar!

E, mais para sondar o meu Principe do

que por persuasão, insisti na fealdade e tristeza d'estes predios, duros armazens, cujos andares são prateleiras onde se apilha humanidade! E uma humanidade impiedosamente catalogada e arrumada! A mais vistosa e de luxo nas prateleiras baixas, bem envernisadas. A relles e de trabalho nos altos, nos desvãos, sobre pranchas de pinho nú, entre o pó e a traça...

Jacintho murmurou, com a face arripiada:

—É feio, é muito feio!

E accudiu logo, sacudindo no ar a luva de anta:

—Mas que maravilhoso organismo, Zé Fernandes! Que solidez! Que producção!

Onde Jacintho me parecia mais renegado era na sua antiga e quasi religiosa affeição pelo Bosque de Bolonha. Quando moço, elle construira sobre o Bosque theorias complicadas e consideraveis. E sustentava, com olhos rutilantes de fanatico, que no Bosque a Cidade cada tarde ia retemperar salutarmente a sua força, recebendo, pela presença das suas Duquezas, das suas Cortezãs, dos seus Politicos, dos seus Financeiros, dos seus Generaes, dos seus Academicos, dos seus Artistas, dos seus Clubistas, dos seus Judeus, a certeza consoladora de que todo o seu pessoal se mantinha em numero, em vitalidade, em func-

ção, e que nenhum elemento da sua grandeza desapparecera ou deperecera! «Ir ao Bois» constituia então para o meu Principe um acto de consciencia. E voltava sempre confirmando com orgulho que a Cidade possuia todos os seus astros, garantindo a eternidade da sua luz!

Agora, porém, era sem fervor, arrastadamente, que elle me levava ao Bosque, onde eu, aproveitando a clemencia d'Abril, tentava enganar a minha saudade d'arvoredos. Emquanto subiamos, ao trote nobre das suas egoas lustrosas, a Avenida dos Campos-Elyseos e a do Bosque, rejuvenescidas pelas relvas tenras e fresco verdejar dos rebentos, Jacintho, soprando o fumo da cigarrete pelas vidraças abertas do coupé, permanecia o bom camarada, de veia amavel, com quem era doce philosophar através de Paris. Mas logo que passavamos as grades douradas do Bosque, e penetravamos na Avenida das Acacias, e enfiavamos na lenta fila dos trens de luxo e de praça, sob o silencio decoroso, apenas cortado pelo tilintar dos freios e pelas rodas vagarosas esmagando a areia,—o meu Principe emmudecia, mollemente engilhado no fundo das almofadas, d'onde só despegava a face para escancarar bocejos de fartura. Pelo antigo habito de verificar a presença confor-

tadora do «pessoal, dos astros», ainda, por vezes, apontava para algum coupé ou vittoria rodando com rodar rangente n'outra arrastada fila — e murmurava um nome. E assim fui conhecendo a encaracolada barba hebraica do banqueiro Ephraim; e o longo nariz patricio de Madame de Trèves abrigando um sorriso perenne; e as bochechas flacidas do poeta neo-platonico Dornan, sempre espapado no fundo de fiacres; e os longos bandòs prerapliaelitas e negros de Madame Verghane; e o monoculo defumado do director do *Boulevard;* e o bigodinho vencedor do Duque de Marizac, reinando de cima do seu phaeton de guerra; e ainda outros sorrisos immoveis, e barbichas á Renascença, e palpebras amortecidas, e olhos farejantes, e pelles empoadas d'arroz, que eram todas illustres e da intimidade do meu Principe. Mas, do topo da Avenida das Acacias, recomeçavamos a descer, em passo sopeado, esmagando lentamente a areia; na fila vagarosa que subia, calhambeque atraz de landau, vittoria atraz de fiacre, fatalmente reviamos o binoculo sombrio do homem do *Boulevard,* e os bandòs furiosamente negros de Madame Verghane, e o ventre espapado do neo-platonico, e a barba talmudica, e todas aquellas figuras, d'uma immobilidade de cera, super-conhecidas do meu

camarada, recruzadas cada tarde através de revividos annos, sempre com os mesmos sorrisos, sob o mesmo pó d'arroz, na mesma immobilidade de cera; então Jacintho não se continha, gritava ao cocheiro:

— Para casa, depressa!

E era pela Avenida do Bosque, pelos Campos-Elyseos, uma fuga ardente das egoas a quem a lentidão sopeada, n'um roer de freios, entre outras egoas tambem d'ellas super-conhecidas, lançavam n'uma exasperação comparavel á de Jacintho.

Para o sondar eu denegria o Bosque:

— Já não é tão divertido, perdeu o brilho!...

Elle acudia, timidamente:

— Não, é agradavel, não ha nada mais agradavel; mas...

E accusava a friagem das tardes ou o despotismo dos seus affazeres. Recolhiamos então ao 202, onde, com effeito, em breve embrulhado no seu roupão branco, diante da mesa de crystal, entre a legião das escovas, com toda a electricidade refulgindo, o meu Principe se começava a adornar para o serviço social da noite.

E foi justamente n'uma d'essas noites (um sabado) que nós passamos, n'aquelle quarto tão civilisado e protegido, por um d'esses bru-

tos e revoltos terrores como só os produz a ferocidade dos Elementos. Já tarde, á pressa (jantavamos com Marizac no Club para o acompanhar depois ao *Lohengrin* na Opera) Jacintho arrocheava o nó da gravata branca — quando no lavatorio, ou porque se rompesse o tubo, ou se dessoldasse a torneira, o jacto d'agua a ferver rebentou furiosamente, fumegando e silvando. Uma nevoa densa de vapor quente abafou as luzes — e, perdidos n'ella, sentiamos, por entre os gritos do escudeiro e do Grillo, o jorro devastador batendo os muros, esparrinhando uma chuva que escaldava. Sob os pés o tapete ensopado era uma lama ardente. E como se todas as forças da natureza, submettidas ao serviço de Jacintho, se agitassem, animadas por aquella rebellião da agua — ouvimos roncos surdos no interior das paredes, e pelos fios dos lumes electricos sulcaram faiscas ameaçadoras! Eu fugira para o corredor, onde se alargava a nevoa grossa. Por todo o 202 ia um tumulto de desastre. Diante do portão, attrahidas pela fumarada que se escapava das janellas, estacionava policia, uma multidão. E na escada esbarrei com um reporter, de chapéo para a nuca, a carteira aberta, gritando sofregamente «se havia mortos?»

Domada a agua, clareada a bruma, vim

encontrar Jacintho no meio do quarto, em ceroulas, livido:

— Oh Zé Fernandes, esta nossa industria!... Que impotencia, que impotencia! Pela segunda vez, este desastre! E agora, apparelhos perfeitos, um processo novo...

— E eu encharcado por esse processo novo! E sem outra casaca!

Em redor, as nobres sêdas bordadas, os brocateis Luiz XIII, cobertos de manchas negras, fumegavam. O meu Principe, enfiado, enchugava uma photographia de Madame d'Oriol, d'hombros decotados, que o jorro bruto maculára d'empolas. E eu, com rancor, pensava que na minha Guiães a agua aquecia em seguras panellas — e subia ao meu lavatorio, pela mão forte da Catharina, em seguras infusas! Não jantamos com o duque de Marizac, no Club. E, na Opera, nem saboreei Lohengrin e a sua branca alma e o seu branco cysne e as suas brancas armas — entallado, aperreado, cortado nos sovacos pela casaca que Jacintho me emprestára e que rescendia estonteadoramente a flores de Nessari.

No domingo, muito cedo, o Grillo, que na véspera escaldára as mãos e as trazia embrulhadas em sêda, penetrou no meu quarto, des-

cerrou as cortinas, e á beira do leito, com o seu radiante sorriso de preto:

— Vem no *Figaro!*

Desdobrou triumphalmente o jornal. Eram, nos *Echos,* doze linhas, onde as nossas aguas rugiam e espadavam, com tanta magnificencia e tanta publicidade, que tambem sorrí, deleitado.

— E toda a manhã, o telephone, siô Fernandes! exclamava o Grillo, rebrilhando em ebano. A quererem saber, a quererem saber... «Está lá? Está escaldado?» Paris afflicto, siô Fernandes!

O telephone, com effeito, repicava, insaciavel. E quando desci para o almoço, a toalha desapparecia sob uma camada de telegrammas, que o meu Principe fendia com a faca, enrugado, rosnando contra a «massada». Só desannuviou, ao ler um d'esses papeis azues, que atirou para cima do meu prato, com o mesmo sorriso agradado com que de manhã sorriramos, o Grillo e eu:

— É do Gran-Duque Casimiro... Ratão amavel! Coitado!

Saboreei, através dos ovos, o telegramma de S. Alteza. «O que! o meu Jacintho inundado! Muito chic, nos Campos-Elyseos! Não volto ao 202 sem boia de salvação! Compassivo abraço! Casimiro...» Murmurei tambem

com deferencia:—«Amavel! Coitado!» Depois, revolvendo lentamente o montão de telegrammas que se alastrava até ao meu copo:

—Oh Jacintho! Quem é esta Diana que incessantemente te escreve, te telephona, te telegrapha, te...?

—Diana?... Diana de Lorge. É uma cocotte. É uma grande cocotte!

—Tua?

—Minha, minha... Não! tenho um bocado.

E como eu lamentava que o meu Principe, senhor tão rico e de tão fino orgulho, por economia d'uma gamella propria chafurdasse com outros n'uma gamella publica—Jacintho levantou os hombros, com um camarão espetado no garfo:

—Tu vens das serras... Uma cidade como Paris, Zé Fernandes, precisa ter cortezãs de grande pompa e grande fausto. Ora para montar em Paris, n'esta tremenda carestia de Paris, uma cocotte com os seus vestidos, os seus diamantes, os seus cavallos, os seus lacaios, os seus camarotes, as suas festas, o seu palacete, a sua publicidade, a sua insolencia, é necessario que se aggremiem umas poucas de fortunas, se forme um syndicato! Somos uns sete, no Club. Eu pago um bocado... Mas meramente por Civismo, para dotar a cidade com uma cocotte monumental.

De resto não chafurdo. Pobre Diana!... Dos hombros para baixo nem sei se tem a pelle côr de neve ou côr de limão.

Arregalei um olho divertido:

—Dos hombros para baixo?... E para cima?

—Oh para cima tem pó d'arroz!... Mas é uma sécca! Sempre bilhetes, sempre telephones, sempre telegrammas. E tres mil francos por mez, além das flores... Uma massada!

E as duas rugas do meu Principe, aos lados do seu afilado nariz, curvado sobre a salada, eram como dous valles muito tristes, ao entardecer.

Acabavamos o almoço, quando um escudeiro, muito discretamente, n'um murmurio, annunciou Madame d'Oriol. Jacintho pousou com tranquillidade o charuto; eu quasi me engasguei, n'um sorvo alvoroçado de café. Entre os reposteiros de damasco côr de morango ella appareceu, toda de negro, d'um negro liso e austero de Semana Santa, lançando com o regalo um lindo gesto para nos socegar. E immediatamente, n'uma volubilidade docemente chalrada:

—É um momento, nem se levantem! Passei, ia para a Magdalena, não me contive, quiz vêr os estragos... Uma inundação em Paris, nos Campos-Elyseos! Não ha senão este Ja-

cintho. E vem no *Figaro!* O que eu estava assustada, quando telephonei! Imaginem! Agua a ferver, como no Vesuvio... Mas é d'uma novidade! E os estofos perdidos, naturalmente, os tapetes... Estou morrendo por admirar as ruinas!

Jacintho, que não me pareceu commovido, nem agradecido com aquelle interesse, retomára risonhamente o charuto:

—Está tudo secco, minha querida senhora, tudo secco! A belleza foi hontem, quando a agua fumegava e rugia! Ora que pena não ter ao menos cahido uma parede!

Mas ella insistia. Nem todos os dias se gozavam em Paris os destroços d'uma inundação. O *Figaro* contára... E era uma aventura deliciosa, uma casa escaldada nos Campos-Elyseos!

Toda a sua pessoa, desde as plumasinhas que frisavam no chapéo até á ponta reluzente das botinas de verniz, se agitava, vibrava, como um ramo tenro sob o boliço do passaro a chalrar. Só o sorriso, por traz do véo espesso, conservava um brilho immovel. E já no ar se espalhára um aroma, uma doçura, emanadas de toda a sua mobilidade e de toda a sua graça.

Jacintho no emtanto cedera, alegremente: e pelo corredor Madame d'Oriol ainda louva-

va o *Figaro* amavel, e confessava quanto tremera... Eu voltei ao meu café, felicitando mentalmente o Principe da Gran-Ventura por aquella perfeita flôr de Civilisação que lhe perfumava a vida. Pensei então na apurada harmonia em que se movia essa flôr. E corri vivamente á ante-camara, verificar diante do espelho o meu penteado e o nó da minha gravata. Depois recolhi á sala de jantar, e junto da janella, folheando languidamente a *Revista do Seculo XIX,* tomei uma attitude de elegancia e d'alta cultura. Quasi immediatamente elles reappareceram: e Madame d'Oriol, que, sempre sorrindo, se proclamava espoliada, nada encontrára que recordasse as agoas furiosas, roçou pela mesa, onde Jacintho procurava, para lhe offerecer, tangerinas de Malta, ou castanhas geladas, ou um biscouto molhado em vinho de Tokai.

Ella recusava com as mãos guardadas no regalo. Não era alta, nem forte—mas cada prega do vestido, ou curva da capa, cahia e ondulava harmoniosamente, como perfeições recobrindo perfeições. Sob o véo cerrado, apenas percebi a brancura da face empoada, e a escuridão dos olhos largos. E com aquellas sêdas e velludos negros, e um pouco do cabello louro, d'um louro quente, torcido fortemente sobre as pelles negras que lhe orla-

vam o pescoço, toda ella derramava uma sensação de macio e de fino. Eu teimosamente a considerava como uma flôr de Civilisação: — e pensava no secular trabalho e na cultura superior que necessitára o terreno onde ella tão delicadamente brotára, já desabrochada, em pleno perfume, mais graciosa por ser flôr d'esforço e d'estufa, e trazendo nas suas pétalas um não sei quê de desbotado e de ante-murcho.

No emtanto, com a sua volubilidade de passaro, chalrando para mim, chalrando para Jacintho, ella mostrava o seu lindo espanto por aquelle montão de telegrammas sobre a toalha.

—Tudo esta manhã, por causa da inundação?... Ah, Jacintho é hoje o homem, o unico homem de Paris! Muitas mulheres n'esses telegrammas?

Languidamente, com o charuto a fumegar, o meu Principe empurrou para a sua amiga o telegramma do Gran-duque. Então Madame d'Oriol teve um *ah!* muito grave e muito sentido. Releu profundamente o papel de S. A. que os seus dedos acariciavam com uma reverencia gulosa. E sempre grave, sempre séria:

— É brilhante!

Oh, certamente! n'aquelle desastre tudo

se passára com muito brilho, n'um tom muito Parisiense. E a deliciosa creatura não se podia demorar, porque fizera marcar um logar na egreja da Magdalena para o sermão!

Jacintho exclamou com innocencia:

—Sermão?... É já a estação dos sermões?

Madame d'Oriol teve um movimento de carinhoso escandalo e dôr. O quê! pois nem na austera casa dos Trèves dera pela entrada da quaresma? De resto não se admirava—Jacintho era um turco! E, immediatamente celebrou o prégador, um frade dominicano, o Père Granon! Oh d'uma eloquencia! d'uma violencia! No derradeiro sermão prégara sobre o amor, a fragilidade dos amores mundanos! E tivera coisas d'uma inspiração, d'uma brutalidade! Depois que gesto, um gesto terrivel que esmagava, em que se lhe arregaçava toda a manga, mostrando o braço nú, um braço soberbo, muito branco, muito forte!

O seu sorriso permanecia claro sob o olhar que negrejára dentro do véo negro. E Jacintho, rindo:

—Um bom braço de director espiritual, hein? Para vergar, espancar almas...

Ella acudiu:

—Não! infelizmente o Père Granon não confessa!

E de repente reconsiderou—aceitava um

biscouto, um calice de Tokai. Era necessario um cordial para affrontar as emoções do Père Granon! Ambos nos precipitáramos, um arrebatando a garrafa, outro offerecendo o prato de bonbons. Franzio o véo para os olhos, chupou á pressa um bolo que ensopára no Tokai. E como Jacintho, reparando casualmente no chapéo que ella trazia, se curvára com curiosidade, impressionado, Madame d'Oriol apagou o sorriso, toda seria, ante uma cousa seria:

— Elegante, não é verdade?... É uma creação inteiramente nova de Madame Vial. Muito respeitoso, e muito suggestivo, agora na Quaresma.

O seu olhar, que me envolvera, tambem me convidava a admirar. Approximei o meu focinho de homem das serras para contemplar essa creação suprema do luxo de Quaresma. E era maravilhoso! Sobre o velludo, na sombra das plumas frizadas, aninhada entre rendas, fixada por um prégo, pousava delicadamente, feita de azeviche, uma Corôa de Espinhos!

Ambos nos extasiamos. E Madame d'Oriol, n'um movimento e n'um sorriso que derramou mais aroma e mais claridade, abalou para a Magdalena.

O meu Principe arrastou pelo tapete alguns

passos pensativos e molles. E bruscamente, levantando os hombros com uma determinação immensa, como se deslocasse um mundo:

—Oh Zé Fernandes, vamos passar este Domingo n'alguma cousa simples e natural...

—Em què?

Jacintho circumgirou os olhares muito abertos, como se, atravez da Vida Universal, procurasse anciosamente uma cousa natural e simples. Depois, descançando sobre mim os mesmos largos olhos que voltavam de muito longe, cançados e com pouca esperança:

—Vamos ao Jardim das Plantas, vêr a girafa!

IV

N'essa fecunda semana, uma noite, recolhiamos ambos da Opera, quando Jacintho, bocejando, me annunciou uma festa no 202.

— Uma festa?...

— Por causa do Gran-Duque, coitado, que me vai mandar um peixe delicioso e muito raro que se pesca na Dalmacia. Eu queria um almoço curto. O Gran-Duque reclamou uma ceia. É um barbaro, besuntado com litteratura do seculo XVIII, que ainda acredita em ceias, em Paris! Reuno no domingo tres ou quatro mulheres, e uns dez homens bem typicos, para o divertir. Tambem aproveitas. Folheias Paris n'um resumo... Mas é uma massada amarga!

Sem interesse pela sua festa, Jacintho não se affadigou em a compôr com relêvo ou brilho. Encommendou apenas uma orchestra de Tziganes (os Tziganes, as suas jalecas escar-

lates, a melancolia aspera das Czardas ainda n'esses tempos remotos emocionavam Paris): e mandou, na Bibliotheca, ligar o Theatrophone com a Opera, com a Comedia-Franceza, com o Alcazar e com os Buffos, prevendo todos os gostos desde o tragico até ao picaro. Depois no domingo, ao entardecer, ambos visitamos a mesa da ceia, que resplandecia com as velhas baixellas de D. Galião. E a faustosa profusão de orchideas, em longas sylvas por sobre a toalha bordada a sêda, enroladas aos fructeiros de Saxe, trasbordando de crystaes lavrados e filagranados d'ouro, espalhava uma tão fina sensação de luxo e gosto, que eu murmurei: — « Caramba, bemdito seja o dinheiro! » Pela primeira vez, tambem, admirei a copa e a sua installação abundante e minuciosa — sobretudo os dois ascensores que rolavam das profundidades da cozinha, um para os peixes e carnes aquecido por tubos d'agua fervente, o outro para as saladas e gelados revestido de placas frigorificas. Oh, este 202!

Ás nove horas, porém, descendo eu ao gabinete de Jacintho para escrever a minha boa tia Vicencia, em quanto elle ficára no toucador com o manícuro que lhe polia as unhas, passamos n'esse delicioso palacio, florido e em gala, por bem corriqueiro susto!

Todos os lumes electricos, subitamente, em todo o 202, se apagaram! Na minha immensa desconfiança d'aquellas forças universaes, pulei logo para a porta, tropeçando nas trevas, ganindo um *Aqui d'Elrei!* que tresandava a Guiães. Jacintho em cima berrava, com o manícuro agarrado ás pyjamas. E de novo, como serva ralassa que recolhe arrastando as chinellas, a luz resurgiu com lentidão. Mas o meu Principe, que descera, enfiado, mandou buscar um engenheiro á Companhia Central da Electricidade Domestica. Por precaução outro creado correu á mercearia comprar pacotes de velas. E o Grillo desenterrava já dos armarios os candelabros abandonados, os pesados castiçaes archaicos dos tempos inscientificos de D. Galião: era uma reserva de veteranos fortes, para o caso pavoroso em que mais tarde, á ceia, falhassem perfidamente as forças bisonhas da Civilisação. O Electricista, que acudira esbaforido, afiançou porém que a Electricidade se conservaria fiel, sem outro amuo. Eu, cautelosamente, sonegueí na algibeira dous côtos de estearina.

A Electricidade permaneceu fiel, sem amuos. E quando desci do meu quarto, tarde (porque perdera o collete de baile e só depois d'uma busca furiosa e praguejada o encontrei cahido por traz da cama!), todo

o 202 refulgia, e os Tziganes, na antecamara, sacudindo as guedelhas, atiravam as arcadas d'uma valsa tão arrastadora que, pelas paredes, os immensos Personagens das tapeçarias, Priamo, Nestor, o engenhoso Ulysses, arfavam, boliam com os pés venerandos!

Timidamente, sem rumor, puxando os punhos, penetrei no gabinete de Jacintho. E fui logo acolhido pelo sorriso da condessa de Treves, que, acompanhada pelo illustre historiador Danjon (da Academia Franceza), percorria maravilhada os Apparelhos, os Instrumentos, toda a sumptuosa Mechanica do meu super-civilisado Principe. Nunca ella me parecera mais magestosa do que n'aquellas sêdas côr de açafrão, com rendas cruzadas no peito á Maria-Antonietta, o cabello crespo e ruivo levantado em rolo sobre a testa dominadora, e o curvo nariz patricio, abrigando o sorriso sempre luzidio, sempre corrente, como um arco abriga o correr e o luzir d'um regato. Direita como n'um solio, a longa luneta de tartaruga acercada dos olhos miudos e turvamente azulados, ella escutava deante do Graphophono, depois deante do Microphono, como melodias superiores, os commentarios que o meu Jacintho ia atabalhoando com uma amabilidade penosa. E ante cada roda, cada mola, eram pasmos, louvores finamente tor-

neados, em que attribuia a Jacintho, com astuta candura, todas aquellas invenções do Saber! Os utensilios misteriosos que atulhavam a mesa d'ebano foram para ella uma iniciação que a enlevou. Oh, o «numerador de paginas»! oh, o «collador d'estampilhas»! A caricia demorada dos seus dedos seccos aquecia os metaes. E supplicava os endereços dos fabricantes para se prover de todas aquellas utilidades adoraveis! Como a vida, assim apetrechada, se tornava escorregadia e facil! Mas era necessario o talento, o gosto de Jacintho, para escolher, para «crear!» E não só ao meu amigo (que o recebia com resignação) ella offertava o fino mel. Affagando com o cabo da luneta o Telegrapho, achou a possibilidade de recordar a eloquencia do Historiador. Mesmo para mim (de quem ignorava o nome) arranjou junto do Phonographo, e ácerca de «vozes d'amigos que é doce collecionar», uma lisonjasinha redondinha e lustrosa, que eu chupei como um rebuçado celeste. Boa casaleira que vae atirando o grão aos frangos famintos, a cada passo, maternalmente, ella nutria uma vaidade. Sofrego d'outro rebuçado, acompanhei a sua cauda susurrante e côr d'açafrão. Ella parára deante da Machina-de-contar, de que Jacintho já lhe fornecera pacientemente uma explicação sa-

piente. E de novo roçou os buracos d'onde espreitam os numeros negros, e com o seu enlevado sorriso murmurou: — «Prodigiosa, esta prensa electrica!...»

Jacintho accudiu:

— Não! Não! Esta é...

Mas ella sorria, seguia... Madame de Treves não comprehendera nenhum apparelho do meu Principe! Madame de Treves não attendera a nenhuma dissertação do meu Principe! N'aquelle gabinete de sumptuosa Mechanica ella sómente se occupára em exercer, com proveito e com perfeição, a Arte de Agradar. Toda ella era uma sublime falsidade. Não escondi a Danjon a admiração que me penetrava.

O facundo Academico revirou os olhos bogalhudos:

— Oh! e um gôsto, uma intelligencia, uma seducção!... E depois como se janta bem em casa d'ella! Que café!... Mulher superior, meu caro senhor, verdadeiramente superior!

Deslisei para a bibliotheca. Logo á entrada da erudita nave, junto da estante dos Padres da Egreja onde alguns cavalheiros conversavam, parei a saudar o director do *Boulevard* e o Psychologo-feminista, o auctor do *Coração Triple,* com quem na véspera me familiarisára ao almoço, no 202. O seu acolhimento foi paternal: e, como se necessitasse a minha

presença, reteve na sua mão illustre, rutilante de anneis, com força e com gula, a minha grossa palma serrana. Todos aquelles senhores, com effeito, celebravam o seu Romance, a *Couraça,* lançado n'essa semana entre gritinhos de gôzo e um quente rumor de saias alvoroçadas. Um sobretudo, com uma vasta cabeça arranjada á Van-Dick e que parecia postiça, proclamava, alçado na ponta das botas, que nunca penetrára tão fundamente, na velha alma humana, a ponta da Psychologia Experimental! Todos concordavam, se apertavam contra o Psychologo, o tratavam por «mestre». Eu mesmo, que nem sequer entrevira a capa amarella da *Couraça,* mas para quem elle voltava os olhos pedinchões e famintos de mais mel, murmurei com um leve assobio: — «uma delicia!»

E o Psychologo, reluzindo, com o labio humido, entalado n'um alto collarinho onde se enroscava uma gravata á 1830, confessava modestamente que dissecára todas aquellas almas da *Couraça* com «algum cuidado», sobre documentos, sobre pedaços de vida ainda quentes, ainda a sangrar... E foi então que Marizac, o duque de Marizac, notou, com um sorriso mais afiado que um lampejo de navalha, e sem tirar as mãos dos bolsos:

— No emtanto, meu caro, n'esse livro tão

profundamente estudado ha um erro bem estranho, bem curioso!...

O Psychologo, vivamente, atirára a cabeça para traz:

—Um erro?

Oh, sim, um erro! E bem inesperado n'um mestre tão experiente!... Era attribuir á esplendida amorosa da *Couraça,* uma duqueza, e do gosto mais puro,—*um collete de setim preto!* Esse collete, assim preto, de setim, apparecia na bella pagina de analyse e paixão em que ella se despia no quarto de Ruy d'Alize. E Marizac, sempre com as mãos nos bolsos, mais grave, appellava para aquelles senhores. Pois era verosimil, n'uma mulher como a duqueza, esthetica, pre-raphaelitica, que se vestia no Doucet, no Paquin, nos costureiros intellectuaes, um collete de setim preto?

O Psychologo emmudecera, colhido, trespassado! Marizac era uma tão suprema auctoridade sobre a roupa intima das duquezas, que á tarde, em quartos de rapazes, por impulsos idealistas e anceios d'alma dolorida —se põem em collete e saia branca!... De resto o director do *Boulevard* condemnára logo sem piedade, com uma experiencia firme, aquelle collete, só possivel n'alguma mercieira atrazada que ainda procurasse ef-

feitos de carne nedia sobre setim negro. E eu, para que me não julgassem alheio ás coisas dos adulterios ducaes e do luxo, acudi, mettendo os dedos pelo cabello:

— Realmente, preto, só se estivesse de lucto pesado, pelo pae!

O pobre mestre da *Couraça* succumbira. Era a sua gloria de Doutor em Elegancias-Femininas desmantelada — e Paris suppondo que elle nunca vira uma duqueza desatacar o collete na sua alcova de Psychologo! Então, passando o lenço sobre os labios que a angustia ressequira, confessou o erro, e contrictamente o attribuiu a uma improvisação tumultuosa:

— Foi um tom falso, um tom perfeitamente falso que me escapou!... Com effeito! é absurdo, um collete preto!... Mesmo por harmonia com o estado da alma da duqueza devia ser lilaz, talvez côr de reseda muito desmaiada, com um frouxo de rendas antigas de Malines... É prodigioso como me escapou! Pois tenho o meu caderno de entrevistas bem annotadas, bem documentadas!...

Na sua amargura, terminou por supplicar a Marizac que espalhasse por toda a parte, no Club, nas salas, a sua confissão. Fôra um engano de artista, que trabalhá na febre, vasculhando as almas, perdido nas profundida-

des negras das almas! Não reparára no collete, confundira os tons... E gritou, com os braços estendidos para o director do *Boulevard:*

— Estou prompto a fazer uma rectificação, n'uma *interview,* meu caro mestre! Mande um dos seus redactores... Ámanhã, ás dez horas! Fazemos uma *interview,* fixamos a côr. Evidentemente é lilaz... Mande um dos seus homens, meu caro mestre! É tambem uma occasião para eu confessar, bem alto, os serviços que o *Boulevard* tem feito ás sciencias psychologicas e feministas!

Assim elle supplicava, encostado á estante, ás lombadas dos Santos Padres. E eu abalei, vendo ao fundo da Bibliotheca Jacintho que se debatia e se recusava entre dous homens.

Eram os dois homens de Madame de Treves — o marido, conde de Treves, descendente dos reis de Candia, e o amante, o terrivel banqueiro judeu, David Ephraim. E tão enfronhadamente assaltavam o meu Principe que nem me reconheceram, ambos n'um aperto de mão molle e vago me trataram por «caro conde»! N'um relance, rebuscando charutos sobre a mesa de limoeiro, comprehendi que se tramava a *Companhia das Esmeraldas da Birmania,* medonha empreza em que scintillavam milhões, e para que os dous confe-

derados de bolsa e d'alcôva, desde o começo do anno, pediam o nome, a influencia, o dinheiro de Jacintho. Elle resistira, n'um enfado dos negocios, desconfiado d'aquellas esmeraldas soterradas n'um valle da Asia. E agora o conde de Treves, um homem esgrouviado, de face rechupada, erriçada de barba rala, sob uma fronte rotunda e amarella como um melão, assegurava ao meu pobre Principe que no Prospecto já preparado, demonstrando a grandeza do negocio, perpassava um fulgôr das *Mil e Uma noites.* Mas sobretudo aquella excavação de esmeraldas convidava todo o espirito culto pela sua acção civilisadora. Era uma corrente de idéas occidentaes, invadindo, educando a Birmania. Elle acceitára a direcção por patriotismo...

—De resto é um negocio de joias, de arte, de progresso, que deve ser feito, n'um mundo superior, entre amigos...

E do outro lado o terrivel Ephraim, passando a mão curta e gorda sobre a sua bella barba, mais frisada e negra que a d'um Rei Assyrio, affiançava o triumpho da empreza pelas grossas forças que n'ella entravam, os Nagayers, os Bolsans, os Saccart...

Jacintho franzia o nariz, enervado:

—Mas, ao menos, estão feitos os estudos? Já se provou que ha esmeraldas?

Tanta ingenuidade exasperou Ephraim:

—Esmeraldas! Está claro que ha esmeraldas!... Ha sempre esmeraldas desde que haja accionistas!

E eu admirava a grandeza d'aquella maxima—quando appareceu, esbaforido, desdobrando o lenço muito perfumado, um dos familiares do 202, Todelle (Antonio de Todelle), moço já calvo, d'infinitas prendas, que conduzia Cotillons, imitava cantores de Café Concerto, temperava saladas raras, conhecia todos os enredos de Paris.

—Já veio?... Já cá está o Gran-Duque?

Não, S. Alteza ainda não chegára. E Madame de Todelle?

—Não poude... No sophá... Esfolou uma perna.

—Oh!

—Quasi nada... Cahiu do velocipede!

Jacintho, logo interessado:

—Ah! Madame de Todelle anda já de velocipede?

—Aprende. Nem tem velocipede!... Agora, na quaresma, é que se applicou mais, no velocipede do padre Ernesto, do cura de S. José! Mas hontem, no Bosque, zás, terra!... Perna esfolada. Aqui.

E na sua propria côxa, com a unha, vivamente, desenhou o esfolão. Ephraim, brutal e

serio, murmurou: — «Diabo! é no melhor sitio!» Mas Todelle nem o escutára, correndo para o director do *Boulevard*, que se avançava, lento e barrigudo, com o seu monoculo negro semelhante a um pacho. Ambos se collaram contra uma estante, n'um cochichar profundo.

Jacintho e eu entramos então no bilhar, forrado de velhos couros de Cordova, onde se fumava. Ao canto d'um divan, o grande Dornan, o poeta neo-platonico e mystico, o Mestre subtil de todos os rithmos, espapado nas almofadas, com um dos pés sob a côxa gorda, como um Deus indio, dois botões do collete desabotoados, a papeira cahida sobre o largo decote do collarinho, mamava magestosamente um immenso charuto. Ao pé d'elle, tambem sentado, um velho que eu nunca encontrára no 202, esbelto, de cabellos brancos em anneis passados por traz das orelhas, a face coberta de pó de arroz, um bigodinho muito negro e arrebitado, findára certamente alguma historia de bom e grosso sal — porque deante do divan, de pé, Joban, o suprêmo Critico de Theatro, ria com a calva escarlate de gôso, e um moço muito ruivo (descendente de Colygny), de perfil de periquito, sacudia os braços curtos como azas, e gania: «delicioso! divino!» Só o poeta idealista permanecera impassivel, na sua magestade obe-

sa. Mas, quando nos acercamos, esse Mestre do rythmo perfeito, depois de soprar uma farta fumarada e me saudar com um pesado mover das palpebras, começou n'uma voz de rico e sonoro metal:

— Ha melhor, ha infinitamente melhor... Todos aqui conhecem Madame Noredal. Madame Noredal tem umas immensas nadegas...

Desgraçadamente para o meu regalo Todelle invadiu o bilhar, reclamando Jacintho com alarido. Eram as senhoras que desejavam ouvir no Phonographo uma aria da Patti! O meu amigo sacudiu logo os hombros, n'uma surda irritação:

— Aria da Patti... Eu sei lá! Todos esses rolos estão em confusão. Além d'isso o Phonographo trabalha mal. Nem trabalha! Tenho tres. Nenhum trabalha!

— Bem! exclamou alegremente Todelle. Canto eu a *Pauvre fille*... É mais de ceia! *Oh, la pauv', pauv', pauv'*...

Travou do meu braço, e arrastou a minha timidez serrana para o salão côr de rosa murcha, onde, como Deusas n'um circulo escolhido do Olympo, resplandeciam Madame d'Oriol, Madame Verghane, a princeza de Carman, e uma outra loura, com grandes brilhantes nas grandes farripas, e d'hombros tão nús, e braços tão nús, e peitos tão nús, que o seu ves-

tido branco com bordados d'ouro pallido parecia uma camisa, a escorregar. Impressionado, ainda retive Todelle, rugi baixinho: —«Quem é?» Mas já o festivo homem correra para Madame d'Oriol, com quem riam, n'uma familiaridade superior e facil, Marizac (o duque de Marizac) e um moço de barba côr de milho e mais leve que uma penugem, que se balouçava gracilmente sobre os pés, como uma espiga ao vento. E eu, encalhado contra o piano, esfregava lentamente as mãos, amassando o meu embaraço, quando Madame Verghane se ergueu do sophá onde conversava com um velho (que tinha a Gran-Cruz de Santo André), e avançou, deslizou no tapete, pequena e nedia, na sua copiosa cauda de velludo verde-negro. Tão fina era a cinta, entre os encontros fecundos e a vastidão do peito, todo nú e côr de nacar, que eu receava que ella partisse pelo meio, no seu lento ondular. Os seus famosos bandós negros, d'um negro furioso, inteiramente lhe tapavam as orelhas; e, no grande aro d'ouro que os circumdava, reluzia uma estrella de brilhantes, como na fronte dos anjos de Boticelli. Conhecendo sem dúvida a minha auctoridade no 202, ella despediu sobre mim ao passar, como raio benefico, um sorriso que lhe liquescia mais os olhos liquidos, e murmurou:

—O Gran-Duque vem, com certeza?

—Oh com certeza, minha senhora, para o peixe!

—P'ra o peixe?...

Mas justamente, na antecamara, rompeu, em rufos e arcadas triumphaes, a marcha de Rakoczy. Era elle! Na Bibliotheca, o nosso retumbante mordomo annunciava:

—S. Alteza o Gran-Duque Casimiro!

Madame de Verghane, com um curto suspiro d'emoção, alteou o peito, como para lhe expôr melhor a magnificencia eburnea. E o homem do *Boulevard,* o velho da Gran-Cruz, Ephraim, quasi me empurraram, investindo para a porta, na immensa sofreguidão de Pessoa Real.

Precedido por Jacintho, o Gran-Duque surgiu. Era um possante homem, de barba em bico, já grisalha, um pouco calvo. Durante um momento hesitou, com um balanço lento sobre os pés pequeninos, calçados de sapatos rasos, quasi sumidos sob as pantalonas muito largas. Depois, pesado e risonho, veio apertar a mão ás senhoras que mergulhavam nos velludos e sêdas, em mesuras de Côrte. E immediatamente, batendo com carinhosa jovialidade no hombro de Jacintho:

—E o peixe?... Preparado pela receita que mandei, hein?

Um murmurio de Jacintho tranquillisou S. Alteza.

—Ainda bem, ainda bem! exclamou elle, no seu vozeirão de commando. Que eu não jantei, absolutamente não jantei! É que se está jantando deploravelmente em casa do Joseph. Mas porque se vai jantar ainda ao Joseph? Sempre que chego a Paris, pergunto: «Onde é que se janta agora?» Em casa do Joseph!... Qual! não se janta! Hoje, por exemplo, gallinholas... Uma peste! Não tem, não tem a noção da gallinhola!

Os seus olhos azulados, d'um azul sujo, rebrilhavam, alargados pela indignação:

—Paris está perdendo todas as suas superioridades. Já se não janta, em Paris!

Então, em redor, aquelles senhores concordaram, desolados. O conde de Treves defendeu o Bignon, onde se conservavam nobres tradições. E o director do *Boulevard*, que se empurrava todo para S. Alteza, attribuia a decadencia da cozinha, em França, á Republica, ao gosto democratico e torpe pelo barato.

—No Paillard, todavia...—começou o Ephraim.

—No Paillard! gritou logo o Gran-Duque. Mas os Borgonhas são tão maus! os Borgonhas são tão maus!...

Deixára pender os braços, os hombros, descorçoado. Depois, com o seu lento andar balançado como o d'um velho piloto, atirando um pouco para traz as lapellas da casaca, foi saudar Madame d'Oriol, que toda ella faiscou, no sorriso, nos olhos, nas joias, em cada préga das suas sêdas côr de salmão. Mas apenas a clara e macia creatura, batendo o leque como uma aza alegre, começára a chalrar, S. Alteza reparou no apparelho do Theatrophone, pousado sobre uma mesa entre flôres, e chamou Jacintho:

—Em communicação com o Alcazar?... O Theatrophone?

—Certamente, meu senhor.

Excellente! Muito chic! Elle ficára com pena de não ouvir a Gilberte n'uma cançoneta nova, as *Casquettes*. Onze e meia! Era justamente a essa hora que ella cantava, no ultimo acto da *Revista Electrica*...—Collou ás orelhas os dous «receptores» do Theatrophone, e quedou embebido, com uma ruga séria na testa dura. De repente, n'um commando forte:

—É ella! Chut! Venham ouvir!... É ella! Venham todos! Princeza de Carman, para aqui! Todos! É ella! Chut...

Então, como Jacintho installára prodigamente dois Theatrophones, cada um provido de doze fios, as senhoras, todos aquelles ca-

valheiros, se apressaram a acercar submissamente um receptor do ouvido, e a permanecer immoveis para saborear *Les Casquettes*. E no salão côr de rosa murcha, na nave da Bibliotheca, onde se espalhára um silencio augusto, só eu fiquei desligado do Theatrophone, com as mãos nas algibeiras e ocioso.

No relogio monumental, que marcava a hora de todas as Capitaes e o movimento de todos os Planetas, o ponteiro rendilhado adormeceu. Sobre a mudez e a immobilidade pensativa d'aquelles dorsos, d'aquelles decotes, a Electricidade refulgia com uma tristeza de sol regelado. E de cada orelha attenta, que a mão tapava, pendia um fio negro, como uma tripa. Dornan, esbroado sobre a mesa, cerrára as palpebras, n'uma meditação de monge obeso. O historiador dos Duques d'Anjou, com o «receptor» na ponta delicada dos dedos, erguendo o nariz agudo e triste, gravemente cumpria um dever palaciano. Madame d'Oriol sorria, toda languida, como se o fio lhe murmurasse doçuras. Para desentorpecer arrisquei um passo timido. Mas cahiu logo sobre mim um *chut* severo do Gran-Duque! Recuei para entre as cortinas da janella, a abrigar a minha ociosidade. O Philologo da *Couraça*, distante da mesa, com o seu comprido fio esticado, mordia o beiço, n'um esforço de penetração.

A beatitude de S. Alteza, enterrado n'uma vasta poltrona, era perfeita. Ao lado o collo de Madame Verghane arfava como uma onda de leite. E o meu pobre Jacintho, n'uma applicação conscienciosa, pendia sobre o Theatrophone tão tristemente como sobre uma sepultura.

Então, ante aquelles seres de superior civilisação, sorvendo n'um silencio devoto as obscenidades que a Gilberte lhes gania, por debaixo do solo de Paris, atravez de fios mergulhados nos esgotos, cingidos aos canos das fezes, — pensei na minha aldeia adormecida. O crescente de lua, que, seguido d'uma estrellinha, corria entre nuvens sobre os telhados e as chaminés negras dos Campos-Elyseos, tambem andava lá fugindo, mais lustrosa e mais dôce, por cima dos pinheiraes. As rãs coaxavam ao longe no Pego da Dona. A ermidinha de S. Joaquim branquejava no cabeço, nuasinha e candida...

Uma das senhoras murmurou:

— Mas, não é a Gilberte!...

E um dos homens:

— Parece um cornetim...

— Agora são palmas...

— Não, é o Paulin!

O Gran-Duque lançou um *chut* feroz... No pateo da nossa casa ladravam os cães. D'além

do ribeiro respondiam os cães do João Saranda. Como me encontrei descendo por uma quelha, sob as ramadas, com o meu varapau ao hombro? E sentia, entre a sêda das cortinas, n'um fino ar macio, o cheiro das pinhas estalando nas lareiras, o calor dos curraes atravez das sebes altas, e o susurro dormente das levadas...

Despertei a um brado que não sahia nem dos eidos, nem das sombras. Era o Gran-Duque que se erguera, encolhia furiosamente os hombros:

— Não se ouve nada!... Só guinchos! E um zumbido! Que massada!... Pois é uma belleza, a cançoneta:

> Oh les casquettes,
> Oh les casque-e-e-tes!...

Todos largaram os fios — proclamavam a Gilberte deliciosa. E o mordomo bemdito, abrindo largamente os dous batentes, annunciou:

— *Monseigneur est servi!*

Na mesa, que pelo esplendor das orchideas mereceu os louvores ruidosos de S. Alteza, fiquei entre o ethereo poeta Dornan e aquelle moço de pennugem loura que balouçava como uma espiga ao vento. Depois de

desdobrar o guardanapo, de o accomodar regaladamente sobre os joelhos, Dornan desenvencilhou da corrente do relogio uma enorme luneta para percorrer o *menu*—que approvou. E inclinando para mim a sua face de Apostolo obeso:

—Este Porto de 1834, aqui em casa do Jacintho, deve ser authentico... Hein?

Assegurei ao Mestre dos Rythmos que o «Porto» envelhecêra nas adegas classicas do avô Galião. Elle afastou, n'uma preparação methodica, os longos, densos fios do bigode que lhe cobriam a bocca grossa. Os escudeiros serviram um consommé frio com trufas. E o moço côr de milho, que espalhára pela mesa o seu olhar azul e dôce, murmurou, com uma desconsolação risonha:

—Que pena!... Só falta aqui um general e um bispo!

Com effeito! Todas as Classes Dominantes comiam n'esse momento as trufas do meu Jacintho... Mas defronte Madame d'Oriol lançára um riso mais cantado que um gorgeio. O Gran-Duque, n'uma silva de orchideas que orlava o seu talher, notára uma, sombriamente horrenda, semelhante a um lacrau esverdinhado, de azas lustrosas, gordo e tumido de veneno: e muito delicadamente offertára a flôr monstruosa a Madame d'Oriol, que, com

trinado riso, solemnemente, a collocou no seio. Collado áquella carne macia, d'uma brancura de nata fina, o lacrau inchára, mais verde, com as azas frementes. Todos os olhos se accendiam, se cravavam no lindo peito, a que a flôr disforme, de côr venenosa, apimentava o sabor. Ella reluzia, triumphava. Para ageitar melhor a orchidea os seus dedos alargaram o decote, aclararam bellezas, guiando aquellas curiosidades flammejantes que a despiam. A face vincada de Jacintho pendia para o prato vasio. E o alto lyrico do *Crepusculo Mystico,* passando a mão pelas barbas, rosnou com desdem:

—Bella mulher... Mas ancas seccas, e aposto que não tem nadegas!

No emtanto o moço de loura pennugem voltára á sua estranha mágoa. Não possuirmos um general com a sua espada, e um bispo com seu baculo!...

—Para que, meu caro senhor?

Elle atirou um gesto suave em que todos os seus anneis faiscaram:

—Para uma bomba de dynamite... Temos aqui um explendido ramalhete de flôres de Civilisação, com um Gran-Duque no meio. Imagine uma bomba de dynamite, atirada da porta!... Que bello fim de ceia, n'um fim de seculo!

E como eu o considerava assombrado, elle, bebendo golos de Chateau-Yquem, declarou que hoje a unica emoção, verdadeiramente fina, seria aniquillar a Civilisação. Nem a sciencia, nem as artes, nem o dinheiro, nem o amor, podiam já dar um gosto intenso e real ás nossas almas saciadas. Todo o prazer que se extrahíra de *crear* estava esgotado. Só restava, agora, o divino prazer de *destruir!*

Desenrolou ainda outras enormidades, com um riso claro nos olhos claros. Mas eu não attendia o gentil pedante, colhido por outro cuidado — reparando que em torno, subitamente, todo o serviço estacára como no conto do Palacio Petrificado. E o prato agora devido era o peixe famoso da Dalmacia, o peixe de S. Alteza, o peixe inspirador da festa! Jacintho, nervoso, esmagava entre os dedos uma flôr. E todos os escudeiros sumidos!

Felizmente o Gran-Duque contava a historia d'uma caçada, nas coutadas de Sarvan, em que uma senhora, mulher de um banqueiro, saltára bruscamente do cavallo, n'um descampado, sem arvores. Elle e todos os caçadores param — e a galante senhora, livida, com a amazona arregaçada, corre para traz d'uma pedra... Mas nunca soubemos em que se occupava a banqueira, n'esse descampado, agachada atraz da pedra — porque justamente

o mordomo appareceu, relusente de suor, e balbuciou uma confidencia a Jacintho, que mordeu o beiço, trespassado. O Gran-Duque emmudecera. Todos se entre-olhavam, n'uma anciedade alegre. Então o meu Principe, com paciencia, com heroicidade, forçando pallidamente o sorriso:

—Meus amigos, ha uma desgraça...

Dornan pulou na cadeira:

—Fogo?

Não, não era fogo. Fôra o elevador dos pratos, que inesperadamente, ao subir o peixe de S. Alteza, se desarranjára, e não se movia, encalhado!

O Gran-Duque arremessou o guardanapo. Toda a sua polidez estalava como um esmalte mal posto:

—Essa é forte!... Pois um peixe que me deu tanto trabalho! Para que estamos nós aqui então a cear? Que estupidez! E porque o não trouxeram á mão, simplesmente? Encalhado... Quero vêr! Onde é a copa?

E, furiosamente, investiu para a copa, conduzido pelo mordomo que tropeçava, vergava os hombros, ante esta esmagadora colera de Principe. Jacintho seguiu, como uma sombra, levado na rajada de S. Alteza. E eu não me contive, tambem me atirei para a copa, a con-

templar o desastre, emquanto Dornan, batendo na côxa, clamava que se ceasse sem peixe!

O Gran-Duque lá estava, debruçado sobre o poço escuro do elevador, onde mergulhára uma vela que lhe avermelhava mais a face esbraseada. Espreitei, por sobre o seu hombro real. Em baixo, na treva, sobre uma larga prancha, o peixe precioso alvejava, deitado na travessa, ainda fumegando, entre rodellas de limão. Jacintho, branco como a gravata, torturava desesperadamente a mola complicada do ascensor. Depois foi o Gran-Duque que, com os pulsos cabelludos, atirou um empuxão tremendo aos cabos em que elle rolava. Debalde! O apparelho enrijára n'uma inercia de bronze eterno.

Sêdas roçagaram á entrada da copa. Era Madame d'Oriol, e atraz Madame Verghane, com os olhos a faiscar, na curiosidade d'aquelle lance em que o Principe soltára tanta paixão. Marizac, nosso intimo, surgiu tambem, risonho, propondo uma descida ao poço com escadas. Depois foi o Psychologo, que se abeirou, psychologou, attribuindo intenções sagazes ao peixe que assim se recusava. E a cada um o Gran-Duque, escarlate, mostrava com dedo tragico, no fundo da cova, o seu peixe! Todos afundavam a face, murmuravam: «lá está!» Todelle, na sua precipitação, quasi se

despenhou. O periquito descendente de Colygny batia as azas, ganindo: — «Que cheiro elle deita, que delicia!» Na copa atulhada os decotes das senhoras roçavam a farda dos lacaios. O velho caiado de pó d'arroz metteu o pé n'um balde de gelo, com um berro ferino. E o Historiador dos Duques d'Anjou movia por cima de todos o seu nariz bicudo e triste.

De repente, Todelle teve uma idéa!

— É muito simples... É pescar o peixe!

O Gran-Duque bateu na côxa uma palmada triumphal. Está claro! Pescar o peixe! E no gozo d'aquella facecia, tão rara e tão nova, toda a sua colera se sumíra, de novo se tornára o Principe amavel, de magnifica polidez, desejando que as senhoras se sentassem para assistir á pesca miraculosa! Elle mesmo seria o pescador! Nem se necessitava, para a divertida façanha, mais que uma bengala, uma guita e um gancho. Immediatamente Madame d'Oriol, excitada, offereceu um dos seus ganchos. Apinhados em volta d'ella, sentindo o seu perfume, o calor da sua pelle, todos exaltamos a amoravel dedicação. E o Psychologo proclamou que nunca se pescára com tão divino anzol!

Quando dois escudeiros estonteados voltaram, trazendo uma bengala e um cordel, já o Gran-Duque, radiante, vergára o gancho em

anzol. Jacintho, com uma paciencia livida, erguia uma lampada sobre a escuridão do poço fundo. E' os senhores mais graves, o Historiador, o director do *Boulevard,* o Conde de Treves, o homem de cabeça á Van-Dick, sorriam, amontoados á porta, n'um interesse reverente pela phantasia de S. Alteza. Madame de Treves, essa, examinava serenamente, com a sua nobre luneta, a installação da copa. Só Dornan não se erguera da mesa, com os punhos cerrados sobre a toalha, o gordo pescoço encovado, no tedio sombrio de fera a quem arrancaram a posta.

No emtanto S. Alteza pescava com fervor! Mas debalde! O gancho, pouco agudo, sem presa, bamboleando na extremidade da guita frouxa, não fisgava.

—Oh Jacintho, erga essa luz! gritava elle, inchado e suado. Mais!... Agora! Agora! É na guelra! Só na guelra é que o gancho o póde prender. Agora... Qual! Que diabo! Não vae!

Tirou a face do poço, resfolgando e affrontado. Não era possivel! Só carpinteiros, com alavancas!... E todos, anciosamente, bradamos que se abandonasse o peixe!

O Principe, risonho, sacudindo as mãos, concordava que por fim «fôra mais divertido pescal-o do que comêl-o!» E o elegante ban-

do refluiu sofregamente para a mesa, ao som d'uma valsa de Strauss, que os Tziganes arremeçaram em arcadas de languido ardôr. Só Madame de Treves se demorou ainda, retendo o meu pobre Jacintho, para lhe assegurar quanto admirava o arranjo da sua copa... Oh perfeita! Que comprehensão da vida, que fina intelligencia do conforto!

S. Alteza, encalmado pelo esforço, esvasiou poderosamente dous copos de Chateau-Lagrange. Todos o acclamavam como um pescador genial. E os escudeiros serviram o *Barão de Pauillac*, cordeiro das lezirias marinhas, que, preparado com ritos quasi sagrados, toma este grande nome sonoro e entra no Nobiliario de França.

Eu comi com o appetite d'um heroe de Homero. Sobre o meu copo e o de Dornan o Champagne scintillou e jorrou ininterrompidamente como uma fonte de inverno. Quando se serviram ortolans gelados, que se derretiam na bocca, o divino poeta murmurou, para meu regalo, o seu soneto sublime a «Santa Clara». E como, do outro lado, o moço de pennugem loura insistia pela destruição do velho mundo, tambem concordei, e, sorvendo o Champagne coalhado em sorvete, maldissemos o Seculo, a Civilisação, todos os orgulhos da Sciencia! Através das flôres e das lu-

zes, no emtanto, eu seguia as ondas arfantes do vasto peito de Madame Verghane, que ria como uma bacchante. E nem me apiedava de Jacintho que, com a doçura de S. Jacintho sobre o cêpo, esperava o fim do seu martyrio e da sua festa.

Ella findou. Ainda recordo, ás tres horas da noite, o Gran-Duque na antecamara, muito vermelho, mal firme nos pés pequeninos, sem acertar com as mangas da pelissa que Jacintho e eu lhe ajudamos a enfiar—convidando o meu amigo, n'uma effusão carinhosa, a ir caçar ás suas terras da Dalmacia...

—Devo ao meu Jacintho uma bella pesca, quero que elle me deva uma bella caçada!

E emquanto o acompanhavamos, entre as alas dos escudeiros, pela vasta escada onde o mordomo o precedia erguendo um candelabro de tres lumes, S. Alteza repisava, pegajoso:

—Uma bella caçada... E tambem vae Fernandes! Bom Fernandes, Zé Fernandes! Ceia superior, meu Jacintho! O *Barão de Pauillac,* divino!... Creio que o devemos nomear Duque... O Senhor Duque de Pauillac! Mais um bocado da perna do Senhor Duque de Pauillac. Ah! Ah!... Não venham fóra! Não se constipem!

E do fundo do coupé, ao rodar, ainda bradou:

—O peixe, Jacintho, desencalha o peixe! Excellente, ao almoço, frio, com môlho verde!

Trepando cançadamente os degraus, n'uma molleza de Champagne e somno em que os olhos se me cerravam, murmurei para o meu Principe:

—Foi divertido, Jacintho! Sumptuosa mulher, a Verghane! Grande pena, o elevador...

E Jacintho, n'um som cavo que era bocejo e rugido:

—Uma massada! E tudo falha!

Tres dias depois d'esta festa no 202 recebeu o meu Principe inesperadamente, de Portugal, uma nova consideravel. Sobre a sua quinta e solar de Tormes, por toda a serra, passára uma tormenta devastadora de vento, corisco e agua. Com as grossas chuvas, «ou por outras causas que os peritos dirão» (como exclamava na sua carta angustiada o procurador Silverio), um pedaço de monte, que se avançava em socalco sobre o valle da Carriça, desabára, arrastando a velha egreja, uma egrejinha rustica do seculo XVI, onde jaziam sepultados os avós de Jacintho desde os tempos de el-rei D. Manoel. Os ossos veneraveis

d'esses Jacinthos jaziam agora soterrados sob um montão informe de terra e pedra. O Silverio já começára com os moços da quinta a desatulhar dos «preciosos restos». Mas esperava anciosamente as ordens de sua exc.ª...

Jacintho empallidecêra, impressionado. Esse velho solo serrano, tão rijo e firme desde os Godos, que de repente ruia! Esses jazigos de paz piedosa, precipitados com fragor, na borrasca e na treva, para um negro fundo de valle! Essas ossadas, que todas conservavam um nome, uma data, uma historia, confundidas n'um lixo de ruina!

—Coisa estranha, coisa estranha!...

E toda a noite me interrogou ácerca da serra e de Tormes, que eu conhecia desde pequeno, por que o velho solar, com a sua nobre alameda de faias seculares, se erguia a duas legoas da nossa casa, no antigo caminho de Guiães á estação e ao rio. O caseiro de Tormes, o bom Melchior, era cunhado do nosso feitor da Roqueirinha:—e muitas vezes, depois da minha intimidade com Jacintho, eu entrára no robusto casarão de granito, e avaliára o grão espalhado pelas salas sonoras, e provára o vinho novo nas adegas immensas...

—E a egreja, Zé Fernandes?... Entraste na egreja?

—Nunca... Mas era pittoresca, com uma

torresinha quadrada, toda negra, onde ha muitos annos vivia uma familia de cegonhas... Terrivel transtorno para as cegonhas!

— Coisa estranha! murmurava ainda o meu Principe, agourado.

E telegraphou ao Silverio que desatulhasse o valle, recolhesse as ossadas, reedificasse a Egreja, e, para esta obra de piedade e reverencia, gastasse o dinheiro, sem contar, como a agua d'um rio largo.

V

No emtanto Jacintho, desesperado com tantos desastres humilhadores — as torneiras que dessoldavam, os elevadores que emperravam, o Vapor que se encolhia, a Electricidade que se sumia, decidiu valorosamente vencer as resistencias finaes da Materia e da Força por novas e mais poderosas accumulações de Mechanismos. E n'essas semanas de Abril, emquanto as rosas desabrochavam, a nossa agitada casa, entre aquellas quietas casas dos Campos-Elyseos que preguiçavam ao sol, incessantemente tremeu, envolta n'um pó de caliça e d'empreitada, com o bruto picar de pedra, o retininte martelar de ferro. Nos silenciosos corredores, onde me era dôce fumar antes do almoço um pensativo cigarro, circulavam agora, desde madrugada, ranchos d'operarios, de blusas brancas, assobiando o *Petit-Bleu,* e intimidando os meus passos

quando eu atravessava em fralda e chinellas para o banho ou para outros retiros. Apenas se varava com pericia algum andaime obstruindo as portas — logo se esbarrava com uma pilha de taboas, uma ceira de farramentas ou um balde enorme d'argamassa. E os pedaços de soalho levantado mostravam tristemente, como n'um cadaver aberto, todos os interiores do 202, a ossatura, os sensiveis nervos d'arame, os negros intestinos de ferro fundido.

Cada dia estacava deante do portão alguma lenta carroça, d'onde os creados, em mangas de camisa, descarregavam caixotes de madeira, fardos de lona, que se despregavam e se descosiam n'uma sala asphaltada, ao fundo do jardim, por traz da sebe de lilazes. E eu descia, reclamado pelo meu Principe, para admirar uma nova Machina que nos tornaria a vida mais facil, estabelecendo d'um modo mais seguro o nosso dominio sobre a Substancia. Durante os calores, que apertaram depois da Ascenção, ensaiamos esperançadamente, para refrescar as aguas mineraes, a Soda-Water e os Medocs ligeiros, tres geleiras, que se amontoaram na copa successivamente desprestigiadas. Com os morangos novos appareceu um instrumentosinho astuto, para lhes arrancar os pés, delicadamente.

Depois recebemos outro, prodigioso, de prata e crystal, para remexer phreneticamente as saladas; e, na primeira vez que o experimentei, todo o vinagre esparrinhou sobre os olhos do meu Principe, que fugiu aos uivos! Mas elle teimava... Nos actos mais elementares, para alliviar ou apressar o esforço, se soccorria Jacintho da Dynamica. E agora era por intervenção d'uma machina que abotoava as ceroulas.

E simultaneamente, ou em obediencia á sua Idéa, ou governado pelo despotismo do habito, não cessava, ao lado da Mechanica accumulada, de accumular Erudição. Oh, a invasão dos livros no 202! Solitarios, aos pares, em pacotes, dentro de caixas, franzinos, gordos e repletos de auctoridade, envoltos em plebeia capa amarella ou revestidos de marroquim e ouro, perpetuamente, torrencialmente, invadiam por todas as largas portas a Bibliotheca, onde se estiravam sobre o tapete, se repimpavam nas cadeiras macias, se enthronisavam em cima das mesas robustas, e sobretudo trepavam contra as janellas, em sofregas pilhas, como se, suffocados pela sua propria multidão, procurassem com ancia espaço e ar! Na erudita nave, onde apenas alguns vidros mais altos restavam descobertos, sem tapume de livros, perennemente se adensava um pen-

sativo crepusculo de outono emquanto fóra Junho refulgia. A Bibliotheca transbordára através de todo o 202! Não se abria um armario sem que de dentro se despenhasse, desamparada, uma pilha de livros! Não se franzia uma cortina sem que de traz surgisse, hirta, uma ruma de livros! E immensa foi a minha indignação quando uma manhã, correndo urgentemente, de mãos nas alças, encontrei, vedada por uma tremenda collecção de Estudos Sociaes, a porta do Water-Closet!

Mais amargamente porém me lembro da noite historica em que, no meu quarto, moido e molle d'um passeio a Versalhes, com as palpebras poeirentas e meio adormecidas, tive de desalojar do meu leito, praguejando, um pavoroso Diccionario de Industria em trinta e sete volumes! Senti então a suprema fartura do livro. Ageitando, com murros, os travesseiros, maldisse a Imprensa, à Facundia humana... E já me estirára, adormecia, quando topei, quasi parti a preciosa rotula do joelho, contra a lombada d'um tomo que velhacamente se aninhára entre a parede e os colchões. Com furor e um berro empolguei, arremessei o tomo affrontoso — que entornou o jarro, inundou um tapete rico de Daghestan. E nem sei se depois adormeci — porque os meus pés, a que não sentia nem o pisar nem

o rumor, como se um vento brando me levasse, continuaram a tropeçar em livros no corredor apagado, depois na areia do jardim que o luar branqueava, depois na Avenida dos Campos-Elyseos, povoada e ruidosa como n'uma festa civica. E, oh portento! todas as casas aos lados eram construidas com livros. Nos ramos dos castanheiros ramalhavam folhas de livros. E os homens, as finas damas, vestidos de papel impresso, com titulos nos dorsos, mostravam em vez de rosto um livro aberto, a que a brisa lenta virava docemente as folhas. Ao fundo, na Praça da Concordia, avistei uma escarpada montanha de livros, a que tentei trepar, arquejante, ora enterrando a perna em flacidas camadas de versos, ora batendo contra a lombada, dura como calhau, de tomos de Exegese e Critica. A tão vastas alturas subi, para além da terra, para além das nuvens, que me encontrei, maravilhado, entre os astros. Elles rolavam serenamente, enormes e mudos, recobertos por espessas crostas de livros, d'onde surdia, aqui e além, por alguma fenda, entre dois volumes mal juntos, um raiosinho de luz suffócada e anciada. E assim ascendi ao Paraiso. Decerto era o Paraiso — porque com meus olhos de mortal argila avistei o Ancião da Eternidade, aquelle que não tem Manhã nem Tarde. N'uma claridade que d'elle irra-

diava mais clara que todas as claridades, entre fundas estantes d'ouro abarrotadas de codices, sentado em vetustissimos folios, com os flocos das infinitas barbas espalhados por sobre resmas de folhetos, brochuras, gazetas e catalogos — o Altissimo lia. A fronte superdivina que concebera o Mundo pousava sobre a mão super-forte que o Mundo creára — e o Creador lia e sorria. Ousei, arrepiado de sagrado horror, espreitar por cima do seu hombro coruscante. O livro era brochado, de tres francos... O Eterno lia Voltaire, n'uma edição barata, e sorria.

Uma porta faiscou e rangeu, como se alguem penetrasse no Paraiso. Pensei que um Santo novo chegára da Terra. Era Jacintho, com o charuto em braza, um molho de cravos na lapella, sobraçando tres livros amarellos que a Princeza de Carman lhe emprestára para lêr!

N'uma d'essas activas semanas, porém, a minha attenção subitamente se despegou d'este interessante Jacintho. Hospede do 202, conservava no 202 a minha mala e a minha roupa: e, acostado á bandeira do meu Principe, ainda occasionalmente comia do seu caldeirão sumptuoso. Mas a minha alma, a minha embrute-

cida alma, e o meu corpo, o meu embrutecido corpo, habitavam então na rua do Helder, n.º 16, quarto andar, porta á esquerda.

Descia eu uma tarde, n'uma leda paz de idéas e sensações, o Boulevard da Magdalena, quando avistei, deante da Estação dos Omnibus, rondando no asphalto, n'um passo lento e felino, uma creatura secca, muito morena, quasi tisnada, com dous fundos olhos taciturnos e tristes, e uma matta de cabellos amarellados, toda crespa e rebelde, sob o chapéo velho de plumas negras. Parei, como colhido por um repuxão nas entranhas. A creatura passou — no seu magro rondar de gata negra, sobre um beiral de telhado, ao luar de Janeiro. Dous poços fundos não luzem mais negra e taciturnamente do que luziam os seus olhos taciturnos e negros. Não recordo (Deus louvado!) como rocei o seu vestido de sêda, lustroso e encebado nas pregas; nem como lhe rosnei uma súpplica por entre os dentes que rangiam; nem como subimos ambos, morosamente e mais silenciosos que condemnados, para um gabinete do Café Durand, safado e môrno. Deante do espelho, a creatura, com a lentidão d'um rito triste, tirou o chapéo e a romeira salpicada de vidrilhos. A sêda poida do corpete esgarçava nos cotovellos agudos. E os seus cabellos eram immensos, d'uma

dureza e espessura de juba brava, em dous tons amarellos, uns mais dourados, outros mais crestados, como a côdea de uma torta ao sahir quente do forno.

Com um riso tremulo, agarrei os seus dedos compridos e frios:

—E o nomesinho, hein?

Ella séria, quasi grave:

—Madame Colombe, 16, rua do Helder, quarto andar, porta á esquerda.

E eu (miseravel Zé Fernandes!) tambem me senti muito sério, trespassado por uma emoção grave, como se nos envolvesse, n'aquella alcôva de Café, a magestade d'um Sacramento. Á porta, empurrada levemente, o creado avançou a face nedia. Ordenei uma lagosta, pato com pimentões, e Borgonha. E foi sómente ao findarmos o pato que me ergui, amarfanhando convulsamente o guardanapo, e a tremer lhe beijei a bocca, todo a tremer, n'um beijo profundo e terrivel, em que deixei a alma, entre saliva e gôsto de pimentão! Depois, n'uma tipoia aberta, sob um bafo molle de leste e de trovoada, subimos a Avenida dos Campos-Elyseos. Em frente á grade do 202 murmurei, para a deslumbrar com o meu luxo: —«Móro alli, todo o anno!...» E como ao mirar o Palacete, debruçada, ella roçára a matta fulva do pello crespo pela minha bar-

ba—berrei desesperadamente ao cocheiro que galopasse para a rua do Helder, n.º 16, quarto andar, porta á esquerda!

Amei aquella creatura. Amei aquella creatura com Amor, com todos os Amores que estão no Amor, o Amor divino, o Amor humano, o Amor bestial, como Santo Antonino amava a Virgem, como Romeu amava Julietta, como um bode ama uma cabra. Era estupida, era triste. Eu deliciosamente apagava a minha alegria na cinza da sua tristeza; e com ineffavel gôsto afundava a minha razão na densidade da sua estupidez. Durante sete furiosas semanas perdi a consciencia da minha personalidade de Zé Fernandes—Fernandes de Noronha e Sande, de Guiães! Ora se me affigurava ser um pedaço de cêra que se derretia, com horrenda delicia, n'um forno rubro e rugidor: ora me parecia ser uma faminta fogueira onde flammejava, estalava e se consumia um mólho de galhos seccos. D'esses dias de sublime sordidez só conservo a impressão d'uma alcôva forrada de cretones sujos, d'uma bata de lã côr de lilaz com sotaches negros, de vagas garrafas de cerveja no marmore d'um lavatorio, e d'um corpo tisnado que rangia e tinha cabellos no peito. E tambem me resta a sensação de incessantemente e com arrobado deleite me despojar, arremes-

sar para um regaço, que se cavava entre um ventre sumido e uns joelhos agudos, o meu relogio, os meus berloques, os meus anneis, os meus botões de punho de saphira, e as cento e noventa e sete libras em ouro que eu trouxera de Guiães n'uma cinta de camurça. Do solido, decoroso, bem fornecido Zé Fernandes, só restava uma carcassa errando através d'um sonho, com as gambias molles e a baba a escorrer.

Depois, uma tarde, trepando com a costumada gula a escada da rua do Helder, encontrei a porta fechada — e arrancado da hombreira aquelle cartão de *Madame Colombe* que eu lia sempre tão devotamente e que era a sua taboleta... Tudo no meu ser tremeu como se o chão de Paris tremesse! Aquella era a porta do Mundo que ante mim se fechára! Para além estavam as gentes, as cidades, a vida, Deus e Ella. E eu ficára sósinho, n'aquelle patamar do Não-ser, fóra da porta que se fechára, unico ser fóra do Mundo! Rolei pelos degraus, com o fragor e a incoherencia d'uma pedra, até ao cubiculo da porteira e do seu homem que jogavam as cartas em ditosa pachorra, como se tão pavoroso abalo não tivesse desmantelado o Universo!

— Madame Colombe?

A barbuda comadre recolheu lentamente a vaza:

—Ja não mora... Abalou esta manhã, para outra terra, com outra porca!

Para outra terra! com outra porca!... Vasio, negramente vasio de todo o pensar, de todo o sentir, de todo o querer—boiei aos tombos, como um tonel vasio, na corrente açodada do Boulevard, até que encalhei n'um banco da Praça da Magdalena, onde tapei com as mãos, a que não sentia a febre, os olhos a que não sentia o pranto! Tarde, muito tarde, quando já se cerravam com estrondo as cortinas de ferro das lojas, surdiu, d'entre todas estas confusas ruinas do meu ser, a eterna sobrevivente de todas as ruinas—a ideia de jantar. Penetrei no Durand, com os passos entorpecidos d'um resuscitado. E, n'uma recordação que m'escaldava a alma, encommendei a lagosta, o pato, o Borgonha! Mas ao alargar o collarinho, ensopado pelo ardor d'aquella tarde de Julho, entre a poeira da Magdalena, pensei com desconfôrto:—«Santissimo Nome de Deus! Que immensa sêde me fez esta desgraça!...» De manso acenei ao moço:—«Antes do Borgonha, uma garrafa de Champagne, com muito gêlo, e um grande copo!...» Creio que aquelle Champgne se engarrafára no Ceu onde corre perennemente a fresca fonte da Consolação, e que na garrafa bemdita que me coube penetrára, antes d'arrolha-

da, um jorro largo d'essa fonte inneffavel. Jesus! que transcendente regalo, o d'aquelle nobre copo, embaciado, nevado, a espumar, a picar, n'um brilho d'ouro! E depois, garrafa de Borgonha! E depois, garrafa de Cognac! E depois Hortelã-Pimenta granitada em gêlo! E depois um desejo arquejante de espancar, com o meu rijo marmelleiro de Guiães, a porca que fugira com outra porca! Dentro da tipoia fechada, que me transportou n'um galope ao 202, não suffoquei este santo impulso, e com os meus punhos serranos atirei murros retumbantes contra as almofadas, onde *via*, furiosamente *via* a matta immensa de pello amarello, em que a minha alma uma tarde se perdera, e tres mezes se debatera, e para sempre se emporcalhára! Quando o fiacre estacou no 202 ainda eu espancava tão desesperadamente a besta ingrata, que, aos berros do cocheiro, dous moços accudiram e me sustiveram, recebendo pelos hombros, sobre as nucas servis, os restos cançados da minha colera.

Em cima, repelli a sollicitude do Grillo que tentava impôr ao *siò* Zé Fernandes, a Zé Fernandes de Guiães, a immensa indignidade d'um chá de macella! E estirado no leito de D. Galião, com as botas sobre o travesseiro, o chapéo alto sobre os olhos, ri, n'um dolo-

roso riso, d'este Mundo burlesco e sordido de Jacinthos e de Colombes! E de repente senti uma angustia horrenda. Era Ella! Era a Madame Colombe, que esfuziára da chamma da vela, e saltára sobre o meu leito, e desabotoára o meu collete, e arrombára as minhas costellas, e toda ella, com as saias sujas, mergulhára dentro do meu peito, e abocára o meu coração, e chupava a sorvos lentos, como na rua do Helder, o sangue do meu coração! Então, certo da Morte, ganindo pela tia Vicencia, pendi do leito para mergulhar na minha sepultura, que, através da nevoa final, eu distinguia sobre o tapete—redondinha, vidrada, de porcelana e com aza. E, sobre a minha sepultura, que tão irreverentemente se assimilhava ao meu vaso, vomitei o Borgonha, vomitei o pato, vomitei a lagosta. Depois, n'um esforço ultra-humano, com um rugido, sentindo que, não sómente toda a entranha, mas a alma se esvasiava toda, vomitei Madame Colombe! Recahi sobre o leito de D. Galião... Recarreguei o chapéo sobre os olhos para não sentir os raios do sol. Era um sol novo, um sol espiritual, que se erguia sobre a minha vida. E adormeci, como uma creancinha docemente emballada n'um berço de verga pelo Anjo da Guarda.

De manhã, lavei a pelle n'um banho profundo, perfumado com todos os aromas do

202, desde folhas de limonete da India até essencia de jasmin de França: e lavei a alma com uma rica carta da Tia Vicencia, em letra farta, contando da nossa casa, e da linda promessa das vinhas, e da compota de ginja que nunca lhe sahíra tão fina, e da alegre fogueira do pateo em noite de S. João, e da menininha muito gorda e cabelluda que viéra do ceu para a minha afilhada Joanninha. Depois, á janella, bem limpo de alma e de corpo, n'uma quinzena de sedinha branca, tomando chá de Naïpò, respirando os rosaes do jardim revividos pela chuva da madrugada, considerei, em divertido pasmo, que, durante sete semanas, me emporcalhára, na rua do Helder, com um estardalho muito magro e muito tisnado! E concluí que padecera d'uma longa sezão, sezão da carne, sezão da imaginação, apanhada n'um charco de Paris — n'esses charcos que se formam através da Cidade com as aguas mortas, os limos, os lixos, os tortulhos e os vermes d'uma Civilisação que apodrece.

Então, curado, todo o meu espirito, como uma agulha para o Norte, se virou logo para o meu complicado Principe, que, nas derradeiras semanas da minha infecção sentimental, eu entrevira sempre descahido por cima

de sophás, ou vagueando através da Bibliotheca entre os seus trinta mil volumes, com arrastados bocejos de inercia e de vacuidade. Eu, na minha pressa indigna, só lhe lançava um distrahido — «que é isso?» Elle, no seu moroso desalento, só murmurava um sêcco — «é calor!»

E, n'essa manhã da minha libertação, ao penetrar antes d'almoço no seu quarto, no sophá o encontrei enterrado, com o *Figaro* aberto sobre a barriga, a Agenda cahida sobre o tapete, toda a face envolta em sombra, e os pés abandonados, n'uma soberana tristeza, ao pedicuro que lhe polia as unhas. Decerto o meu olhar reallumiado e repurificado, a brancura das minhas flanellas reproduzindo a quietação das minhas sensações, e a segura harmonia em que todo o meu ser visivelmente se movia, impressionaram o meu Principe — a quem a melancolia nunca embotava a agudeza. Ergueu mollemente um braço molle:

— Então esse capricho?

Derramei sobre elle todo o fulgor d'um riso victorioso:

— Morto! E, como o Snr. de Malbrouck, «morto e bem enterrado.» Jaz! Ou antes, rola! Com effeito deve andar agora rolando por dentro do cano do esgoto!

Jacintho bocejou, murmurou:

—Este Zé Fernandes de Noronha e Sande!...

E, no meu nome, no meu digno nome assim embrulhado n'um bocejo com desprendida ironia, se resumiu todo o interesse d'aquelle Principe pela suja tormenta em que se debatera o meu coração! Mas não me melindrou esse consummado egoismo... Claramente percebia eu que o meu Jacintho atravessava uma densa nevoa de tedio, tão densa, e elle tão afundado na sua molle densidade, que as glorias ou os tormentos d'um camarada não o commoviam, como muito remotas, intangiveis, separadas da sua sensibilidade por immensas camadas de algodão. Pobre Principe da Gran-Ventura, tombado para o sophá de inercia, com os pés no regaço do pedicuro! Em que lodoso fastio cahira, depois de renovar tão bravamente todo o recheio mechanico e erudito do 202, na sua lucta contra a Força e a Materia!—E esse fastio não o escondeu mais do seu velho Zé Fernandes quando recomeçou entre nós a communhão de vida e de alma a que eu tão torpemente me arrancára, uma tarde, deante da Estação dos Omnibus, no charco da Magdalena.

Não eram certamente confissões enunciadas. O elegante e reservado Jacintho não tor-

cia os braços, gemendo — «Oh vida maldita!» Eram apenas expressões saciadas; um gesto de repellir com rancôr a importunidade das coisas; por vezes uma immobilidade determinada, de protesto, no fundo d'um divan, d'onde se não desenterrava, como para um repouso que desejasse eterno; depois os bocejos, os ôcos bocejos com que sublinhava cada passo, continuado por fraqueza ou por dever inilludivel; e sobretudo aquelle murmurar que se tornára perenne e natural — «Para que?» — «Não vale a pena!» — «Que massada!...»

Uma noite no meu quarto, descalçando as botas, consultei o Grillo:

— Jacintho anda tão mucho, tão corcunda... Que será, Grillo?

O venerando preto declarou com uma certeza immensa:

— S. Exc.ª soffre de fartura.

Era fartura! O meu Principe sentia abafadamente a fartura de Paris: — e na Cidade, na symbolica Cidade, fóra de cuja vida culta e forte (como elle outr'ora gritava, illuminado) o homem do seculo XIX nunca poderia saborear plenamente a «delicia de viver», elle não encontrava agora fórma de vida, espiritual ou social, que o interessasse, lhe valesse o esfôrço d'uma corrida curta n'uma

tipoia facil. Pobre Jacintho! Um jornal velho, setenta vezes relido desde a Chronica até aos Annuncios, com a tinta delida, as dobras roídas, não enfastiaria mais o Solitario, que só possuisse na sua Solidão esse alimento intellectual, do que o Parisianismo enfastiava o meu doce camarada! Se eu n'esse verão capciosamente o arrastava a um Café-Concerto, ou ao festivo Pavilhão d'Armenonville, o meu bom Jacintho, collado pesadamente á cadeira, com um maravilhoso ramo de orchideas na casaca, as finas mãos abatidas sobre o castão da bengala, conservava toda a noite uma gravidade tão estafada, que eu, compadecido, me erguia, o libertava, gozando a sua pressa em abalar, a sua fuga d'ave solta... Raramente (e então com vehemente arranque como quem salta um fosso) descia a um dos seus Clubs, ao fundo dos Campos-Elyseos. Não se occupara mais das suas Sociedades e Companhias, nem dos *Telephones de Constantinopla*, nem das *Religiões Esotericas*, nem do *Bazar Espiritualista*, cujas cartas fechadas se amontoavam sobre a mesa d'ebano, d'onde o Grillo as varria tristemente como o lixo d'uma vida finda. Tambem lentamente se despegava de todas as suas convivencias. As paginas da Agenda côr de rosa murcha andavam desafogadas e brancas. E se ainda cedia a um passeio de Mail-coach,

ou a um convite para algum Castello amigo dos arredores de Paris, era tão arrastadamente, com um esforço tão saturado ao enfiar o paletot leve, que me lembrava sempre um homem, depois d'um gordo jantar de provincia, a estalar, que, por pollidez ou em obediencia a um dogma, devesse ainda comer uma lamprêa de ovos!

Jazer, jazer em casa, na segurança das portas bem cerradas e bem defendidas contra toda a intrusão do mundo, seria uma doçura para o meu Principe se o seu proprio 202, com todo aquelle tremendo recheio de Civilisação, não lhe désse uma sensação dolorosa de abafamento, de atulhamento! Julho escaldava: e os brocados, as alcatifas, tantos moveis roliços e fôfos, todos os seus metaes e todos os seus livros, tão espessamente o opprimiam, que escancarava sem cessar as janellas para prolongar o espaço, a claridade, a frescura. Mas era então a poeira, suja e acre, rolada em bafos mornos, que o enfurecia:

—Oh, este pó da Cidade!

—Mas, oh Jacintho, por que não vamos para Fontainebleau, ou para Montmorency, ou...

—P'ra o campo? O que! P'ra o campo?!

E na sua face enrugada, através d'este berro, lampejava sempre tanta indignação, que

eu curvava os hombros, humilde, no arrependimento de ter affrontosamente ultrajado Principe que tanto amava. Desventurado Principe! Com o seu dourado cigarro d'Yaka a fumegar, errava então pelas salas, lenta e murchamente, como quem vaga em terra alheia sem affeições e sem occupações. Esses desaffeiçoados e desoccupados passos monotonamente o traziam ao seu centro, ao gabinete verde, á Bibliotheca d'ebano, onde accumulara Civilisação nas maximas proporções para gozar nas maximas proporções a delicia de viver. Espalhava em tôrno um olhar farto. Nenhuma curiosidade ou interesse lhe sollicitavam as mãos, enterradas nas algibeiras das pantalonas de sêda, n'uma inercia de derrota. Annulado, bocejava com descorçoada molleza. E nada mais instructivo e doloroso do que este supremo homem do seculo XIX, no meio de todos os apparelhos reforçadores dos seus orgãos, e de todos os fios que disciplinavam ao seu serviço as Forças Universaes, e dos seus trinta mil volumes repletos do saber dos seculos — estacando, com as mãos derrotadas no fundo das algibeiras, e exprimindo, na face e na indecisão molle d'um bocejo, o embaraço de viver!

VI

Todas as tardes, cultivando uma d'essas intimidades que entre tudo o que cança jámais cançam, Jacintho, ás quatro horas, com regularidade devota, visitava Madame d'Oriol: — por que essa flôr de Parisianismo permanecera em Paris, mesmo depois do Grand-Prix, a desbotar na calma e no cisco da Cidade. N'uma d'essas tardes, porém, o Telephone, anciosamente repicado, avisou Jacintho de que a sua dôce amiga jantava em Enghien com os Trèves. (Esses senhores gozavam o seu verão á beira do lago, n'uma casa toda branca e vestida de rosinhas brancas que pertencia a Ephrain).

Era um domingo silencioso, ennevoado e macio, convidando ás voluptuosidades da melancolia. E eu (no interesse da minha alma) suggeri a Jacintho que subissemos á Basilica do *Sacré-Cœur,* em construcção nos altos de Montmartre.

—É uma secca, Zé Fernandes...

—Com mil demonios! Eu nunca vi a Basilica...

—Bem, bem! Vamos á Basilica, homem fatal de Noronha e Sande!

E por fim logo que começamos a penetrar, para além de S. Vicente de Paula, em bairros estreitos e ingremes, d'uma quietação de provincia, com muros velhos fechando quintalejos rusticos, mulheres despenteadas cozendo á soleira das portas, carriolas desatreladas descançando diante das tascas, gallinhas soltas picando o lixo, cueiros molhados seccando em canas—o meu fastidioso camarada sorriu áquella liberdade e singeleza das cousas.

A vittoria parou em frente á larga rua de escadarias que trepa, cortando viellasinhas campestres, até á esplanada, onde, envolta em andaimes, se ergue a Basilica immensa. Em cada patamar barracas d'arraial devoto, forradas de panninho vermelho, transbordavam de Imagens, Bentinhos, Crucifixos, Corações de Jesus bordados a retroz, claros molhos de Rosarios. Pelos cantos, velhas agachadas resmungavam a Avè-Maria. Dois padres desciam, tomando risonhamente uma pitada. Um sino lento tilintava na doçura cinzenta da tarde. E Jacintho murmurou, com agrado:

—É curioso!

Mas a Basilica em cima não nos interessou, abafada em tapumes e andaimes, toda branca e sêcca, de pedra muito nova, ainda sem alma. E Jacintho, por um impulso bem Jacinthico, caminhou gulosamente para a borda do terraço, a contemplar Paris. Sob o ceu cinzento, na planicie cinzenta, a Cidade jazia, toda cinzenta, como uma vasta e grossa camada de caliça e telha. E, na sua immobilidade e na sua mudez, algum rolo de fumo, mais tenue e ralo que o fumear d'um escombro mal apagado, era todo o vestigio visivel da sua vida magnifica.

Então chasqueei risonhamente o meu Principe. Ahi estava pois a Cidade, augusta creação da Humanidade! Eil-a ahi, bello Jacintho! Sobre a crosta cinzenta da Terra — uma camada de caliça, apenas mais cinzenta! No emtanto ainda momentos antes a deixaramos prodigiosamente viva, cheia d'um povo forte, com todos os seus poderosos orgãos funccionando, abarrotada de riqueza, resplandecente de sapiencia, na triumphal plenitude do seu orgulho, como Rainha do Mundo coroada de Graça. E agora eu e o bello Jacintho trepavamos a uma collina, espreitavamos, escutavamos — e de toda a estridente e radiante Civilisação da Cidade não percebiamos nem um rumor nem um lampejo! E o 202, o soberbo

202, com os seus arames, os seus apparelhos, a pompa da sua Mechanica, os seus trinta mil livros? Sumido, esvaído na confusão de telha e cinza! Para este esvaecimento pois da obra humana, mal ella se comtempla de cem metros de altura, arqueja o obreiro humano em tão angustioso esforço? Hein, Jacintho?... Onde estão os teus Armazens servidos por tres mil caixeiros? E os Bancos em que retine o ouro universal? E as Bibliothecas atulhadas com o saber dos seculos? Tudo se fundiu n'uma nodoa parda que suja a Terra. Aos olhos piscos de um Zé Fernandes, logo que elle suba, fumando o seu cigarro, a uma arredada collina—a sublime edificação dos Tempos não é mais que um silencioso monturo da espessura e da côr do pó final. O que será então aos olhos de Deus!

E ante estes clamores, lançados com affavel malicia para espicaçar o meu Principe, elle murmurou, pensativo:

—Sim, é talvez tudo uma illusão... E a Cidade a maior illusão!

Tão facilmente victorioso redobrei de facundia. Certamente, meu Principe, uma Illusão! E a mais amarga, por que o Homem pensa ter na Cidade a base de toda a sua grandeza e só n'ella tem a fonte de toda a sua miseria. Vê, Jacintho! Na Cidade perdeu

elle a força e belleza harmoniosa do corpo, e se tornou esse ser resequido e escanifrado ou obeso e afogado em unto, de ossos molles como trapos, de nervos tremulos como arames, com cangalhas, com chinós, com dentaduras de chumbo, sem sangue, sem febra, sem viço, torto, corcunda—esse ser em que Deus, espantado, mal póde reconhecer o seu esbelto e rijo e nobre Adão! Na Cidade findou a sua liberdade moral: cada manhã ella lhe impõe uma necessidade, e cada necessidade o arremessa para uma dependencia: pobre e subalterno, a sua vida é um constante sollicitar, adular, vergar, rastejar, aturar; rico e superior como um Jacintho, a Sociedade logo o enreda em tradições, preceitos, etiquetas, ceremonias, praxes, ritos, serviços mais disciplinares que os d'um carcere ou d'um quartel... A sua tranquillidade (bem tão alto que Deus com elle recompensa os Santos) onde está, meu Jacintho? Sumida para sempre, n'essa batalha desesperada pelo pão, ou pela fama, ou pelo poder, ou pelo gôzo, ou pela fugidia rodella d'ouro! Alegria como a haverá na Cidade para esses milhões de seres que tumultuam na arquejante occupação de *desejar*—e que, nunca fartando o desejo, incessantemente padecem de desillusão, desesperança ou derrota? Os sentimentos mais genui-

namente humanos logo na Cidade se deshumanisam! Vê, meu Jacintho! São como luzes que o aspero vento do viver social não deixa arder com serenidade e limpidez; e aqui abala e faz tremer; e além brutamente apaga; e adiante obriga a flammejar com desnaturada violencia. As amizades nunca passam d'allianças que o interesse, na hora inquieta da defeza ou na hora sofrega do assalto, ata apressadamente com um cordel apressado, e que estalam ao menor embate da rivalidade ou do orgulho. E' o Amor, na Cidade, meu gentil Jacintho? Considera esses vastos armazens com espelhos, onde a nobre carne d'Eva se vende, tarifada ao arratel, como a de vacca! Contempla esse velho Deus do Hymeneu, que circula trazendo em vez do ondeante facho da Paixão a apertada carteira do Dote! Espreita essa turba que foge dos largos caminhos assoalhados em que os Faunos amam as Nymphas na boa lei natural, e busca tristemente os recantos lobregos de Sodoma ou de Lesbos!... Mas o que a Cidade mais deteriora no homem é a Intelligencia, por que ou lh'a arregimenta dentro da banalidade ou lh'a empurra para a extravagancia. N'esta densa e pairante camada d'Idéas e Formulas que constitue a atmosphera mental das Cidades, o homem que a respira, n'ella envolto, só pensa todos os

pensamentos já pensados, só exprime todas as expressões já exprimidas: — ou então, para se destacar na pardacente e chata Rotina e trepar ao fragil andaime da gloriola, inventa n'um gemente esforço, inchando o craneo, uma novidade disforme que espante e que detenha a multidão como um mostrengo n'uma Feira. Todos, intellectualmente, são carneiros, trilhando o mesmo trilho, balando o mesmo balido, com o focinho pendido para a poeira onde pisam, em fila, as pégadas pisadas; — e alguns são macacos, saltando no topo de mastros vistosos, com esgares e cabriolas. Assim, meu Jacintho, na Cidade, n'esta creação tão anti-natural onde o solo é de pau e feltro e alcatrão, e o carvão tapa o ceu, e a gente vive acamada nos predios como o panninho nas lojas, e a claridade vem pelos canos, e as mentiras se murmuram através d'arames — o homem apparece como uma creatura anti-humana, sem belleza, sem força, sem liberdade, sem riso, sem sentimento, e trazendo em si um espirito que é passivo como um escravo ou impudente como um histrião... E aqui tem o bello Jacintho o que é a bella Cidade!

E ante estas encanecidas e veneraveis invectivas, retumbadas pontualmente por todos os Moralistas bucolicos, desde Hesiodo, atra-

vez dos seculos—o meu Principe vergou a nuca docil, como se ellas brotassem, inesperadas e frescas, d'uma Revelação superior, n'aquelles cimos de Montmartre:

—Sim, com effeito, a Cidade... É talvez uma illusão perversa!

Insisti logo, com abundancia, puchando os punhos, saboreando o meu facil philosophar. E se ao menos essa illusão da Cidade tornasse feliz a totalidade dos sêres que a manteem... Mas não! Só uma estreita e reluzente casta goza na Cidade os gozos especiaes que ella cria. O resto, a escura, immensa plebe, só n'ella soffre, e com soffrimentos especiaes que só n'ella existem! D'este terraço, junto a esta rica Basilica consagrada ao Coração que amou o Pobre e por elle sangrou, bem avistamos nós o lobrego casario onde a plebe se curva sob esse antigo opprobrio de que nem Religiões, nem Philosophias, nem Moraes, nem a sua propria força brutal a poderão jámais libertar! Ahi jaz, espalhada pela Cidade, como esterco vil que fecunda a Cidade. Os seculos rolam; e sempre immutaveis farrapos lhe cobrem o corpo, e sempre debaixo d'elles, através do longo dia, os homens labutarão e as mulheres chorarão. E com este labor e este pranto dos pobres, meu Principe, se edifica a abundancia da Ci-

dade! Eil-a agora coberta de moradas em que elles se não abrigam; armazenada de estofos, com que elles se não agasalham; abarrotada de alimentos, com que elles se não saciam! Para elles só a neve, quando a neve cáe, e entorpece e sepulta as creancinhas aninhadas pelos bancos das praças ou sob os arcos das pontes de Paris... A neve cáe, muda e branca na treva: as creancinhas gelam nos seus trapos: e a policia, em torno, ronda attenta para que não seja perturbado o tépido somno d'aquelles que amam a neve, para patinar nos lagos do Bosque de Bolonha com pelliças de tres mil francos. Mas quê, meu Jacintho! a tua Civilisação reclama insaciavelmente regalos e pompas, que só obterá, n'esta amarga desharmonia social, se o Capital dér ao Trabalho, por cada arquejante esfôrço, uma migalha ratinhada. Irremediavel é, pois, que incessantemente a plebe sirva, a plebe péne! A sua esfalfada miseria é a condição do esplendor sereno da Cidade. Se nas suas tigellas fumegasse a justa ração de caldo — não poderia apparecer nas baixellas de prata a luxuosa porção de *foie-gras* e tubaras que são o orgulho da Civilisação. Ha andrajos em trapeiras — para que as bellas Madamas d'Oriol, resplandecentes de sèdas e rendas, subam, em doce ondulação, a escadaria da Opera. Ha

mãos regeladas que se estendem, e beiços sumidos que agradecem o dom magnanimo d'um *sou*—para que os Ephrains tenham dez milhões no Banco de França, se aqueçam á chamma rica da lenha aromatica, e surtam de collares de saphiras as suas concubinas, netas dos Duques d'Athenas. E um povo chora de fome, e da fome dos seus pequeninos—para que os Jacinthos, em janeiro, debiquem, bocejando, sobre pratos de Saxe, morangos gelados em Champagne e avivados d'um fio d'ether!

—E eu comi dos teus morangos, Jacintho! Miseraveis, tu e eu!

Elle murmurou, desolado:

—É horrivel, comemos d'esses morangos... E talvez por uma illusão!

Pensativamente deixou a borda do terraço, como se a presença da Cidade, estendida na planicie, fosse escandalosa. E caminhamos devagar, sob a molleza cinzenta da tarde, philosophando—considerando que para esta iniquidade não havia cura humana, trazida pelo esforço humano. Ah, os Ephrains, os Trèves, os vorazes e sombrios tubarões do mar humano, só abandonarão ou affrouxarão a exploração das Plebes, se uma influencia celeste, por milagre novo, mais alto que os milagres velhos, lhes converter as almas!

O burguez triumpha, muito forte, todo endurecido no peccado — e contra elle são impotentes os prantos dos Humanitarios, os raciocinios dos Logicos, as bombas dos Anarchistas. Para amollecer tão duro granito só uma doçura divina. Eis pois esperança da terra novamente posta n'um Messias!... Um decerto desceu outr'ora dos grandes Ceus; e, para mostrar bem que mandado trazia, penetrou mansamente no mundo pela porta d'um curral. Mas a sua passagem entre os homens foi tão curta! Um meigo sermão n'uma montanha, ao fim d'uma tarde meiga; uma reprehensão moderada aos Phariseus que então redigiam o *Boulevard;* algumas vergastadas nos Ephrains vendilhões; e logo, através da porta da morte, a fuga radiosa para o Paraiso! Esse adoravel filho de Deus teve demasiada pressa em recolher a casa de seu Pae! E os homens a quem elle incumbira a continuação da sua obra, envolvidos logo pelas influencias dos Ephrains, dos Trèves, da gente do *Boulevard*, bem depressa esqueceram a lição da Montanha e do lago de Tiberiade — e eis que por seu turno revestem a purpura, e são Bispos, e são Papas, e se alliam á oppressão, e reinam com ella, e edificam a duração do seu Reino sobre a miseria dos sem-pão e dos sem-lar! Assim tem de ser recomeçada a obra

da Redempção. Jesus, ou Guatama, ou Christna, ou outro d'esses filhos que Deus por vezes escolhe no seio d'uma Virgem, nos quietos vergeis da Asia, deverá novamente descer á terra de servidão. Virá elle, o desejado? Porventura já algum grave rei d'Oriente despertou, e olhou a estrella, e tomou a myrrha nas suas mãos reaes, e montou pensativamente sobre o seu dromedario? Já por esses arredores da dura Cidade, de noute, emquanto Caiphaz e Magdalena ceam lagosta no Paillard, andou um Anjo, attento, n'um vôo lento, escolhendo um curral? Já de longe, sem moço que os tanja, na gostosa pressa d'um divino encontro, vem trotando a vacca, trotando o burrinho?

—Tu sabes, Jacintho?

Não, Jacintho não sabia—e queria accender o charuto. Forneci um phosphoro ao meu Principe. Ainda rondamos no terraço, espalhando pelo ar outras idéas solidas que no ar se desfaziam. Depois penetravamos na Basilica—quando um Sachristão nedio, de barrete de velludo, cerrou fortemente a porta, e um Padre passou, enterrando na algibeira, com um cançado gesto final e como para sempre, o seu velho Breviario.

—Estou com uma sêde, Jacintho... Foi esta tremenda Philosophia!

Descemos a escadaria, armada em arraial

devoto. O meu pensativo camarada comprou uma imagem da Basilica. E saltavamos para a vittoria, quando alguem gritou rijamente, n'uma surpreza:

— Eh Jacintho!

O meu Principe abriu os braços, tambem espantado:

— Eh Mauricio!

E, n'um alvoroço, atravessou a rua, para um café, onde, sob o toldo de riscadinho, um robusto homem, de barba em bico, remexia o seu absintho, com o chapéo de palha descahido na nuca, a quinzena solta sobre a camisa de sêda, sem gravata, como se descançasse n'um banco, entre as sombras do seu jardim.

E ambos, apertando as mãos, se admiravam d'aquelle encontro, n'um domingo de verão, sobre as alturas de Montmartre.

— Oh! eu estou aqui no meu bairro! exclamava alegremente Mauricio. Em familia, em chinellos... Ha tres mezes que subi para estes cimos da Verdade... Mas tu na Santa Colina, homem profano da planicie e das ruas d'Israel!

O meu Principe mostrou o seu Zé Fernandes:

— Com este amigo, em peregrinação á Ba-

silica... O meu amigo Fernandes Lorena... Mauricio de Mayolle, velho camarada.

Mr. de Mayolle (que, pela face larga e nariz nobremente grosso, lembrava Francisco de Valois, Rei de França) ergueu o seu chapeu de palha. E empurrava uma cadeira, insistia que nos accommodassemos para um absintho ou para um bock.

—Toma um bock, Zé Fernandes! lembrou Jacintho. Tu estavas a ganir com sêde!

Corri lentamente a lingua sobre os beiços, mais sêcos que pergaminhos:

—Estou a guardar esta sêdesinha para logo, para o jantar, com um vinhosinho gelado!

Mauricio saudou, com silenciosa admiração, esta minha avisada malicia. E immediatamente, para o meu Principe:

—Ha tres annos que te não vejo, Jacintho... Como tem sido possivel, n'este Paris que é uma aldeola e que tu atravancas?

—A vida, Mauricio, a espalhada vida... Com effeito! Ha tres annos, desde a casa dos Lamotte-Orcel. Tu ainda visitas esse santuario?

Mauricio atirou um gesto desdenhoso e largo, que sacudia um mundo:

—Oh! Ha mais d'um anno que me separei d'essa bicharia heretica... Uma turba indisciplinada, meu Jacintho! Nenhuma fixidez, um dilletantismo estonteado, carencia completa e

comica de toda a base experimental... Quando tu ias aos Lamotte-Orcel, e á Parola do 37, e á *Cerveja ideal*, o que reinava?...

Jacintho catou lentamente as suas recordações por entre os pêllos do bigode:

—Eu sei!... Reinava Wagner e a Mithologia Eddica, e o Raganarock, e as Nornas... Muito Pre-Raphælismo tambem, e Montagna, e Fra-Angelico... Em moral, o Renanismo.

Mauricio sacudia os hombros. Oh, tudo isso pertencia a um passado archaico, quasi lacustre! Quando Madame de Lamotte-Orcel remobilára a sala com velludos Morris, grossas alcachofras sobre tons d'açafrão, já o Renanismo passára, tão esquecido como o Cartesianismo...

—Tu ainda és do tempo do culto do *Eu?*

O meu Principe suspirou risonhamente:

—Ainda o cultivei.

—Pois bem! Logo depois foi o Hartmanismo, o Inconsciente. Depois o Nietzismo, o Feudalismo espiritual... Depois grassou o Tolstoïsmo, um furor immenso de renunciamento neo-cenobitico. Ainda me lembro d'um jantar em que appareceu um mostrengo d'um slavo, de guedelha sordida, que atirava olhos medonhos para o decote da pobre condessa d'Arche, e que grunhia com o dedo espetado:

—«Busquemos a luz, muito por baixo, no pó

da terra!» — E á sobremeza bebemos á delicia da humildade e do trabalho servil, com aquelle Champagne Marceaux granitado que a Mathilde dava nos grandes dias em copos da fórma do San-Gral! Depois veio Emersonismo... Mas a praga cruel foi Ibsenismo! Emfim, meu filho, uma Babel de Ethicas e Estheticas. Paris parecia demente. Já havia uns desgarrados que tendiam para o Luciferismo. E amiguinhas nossas, coitadas, iam descambando para o Phallismo, uma moxinifada mystico-brejeira, prégada por aquelle pobre La Carte que depois se fez Monge Branco, e que anda no Deserto... Um horror! E uma tarde, de repente, toda esta massa se precipita com ancia para o Ruskinismo!

Eu, agarrado á bengala, bem fincada no chão, sentia como um vendaval que redemoinhava, me torcia o craneo! E até Jacintho balbuciou, esgazeado:

— O Ruskinismo?

— Sim, o velho Ruskin,... John Ruskin!

O meu ditoso Principe comprehendeu:

— Ah, Ruskin!... *As sete lampadas da Architectura*, *A Corôa de Oliveira Brava*... É o culto da Belleza.

— Sim! O culto da Belleza, confirmou Mauricio. Mas a esse tempo eu, enojado, já descera

de todas essas nuvens vãs... Pisava um chão mais seguro, mais fertil.

Deu um sorvo lento ao absintho, cerrando as palpebras. Jacintho esperava, com o seu fino nariz dilatado, como para respirar a Flôr de Novidade que ia desabrochar:

—E então? então?...

Mas o outro murmurou, dispersamente, por entre reticencias em que se velava:

—Vim para Montmartre... Tenho aqui um amigo, um homem de genio, que percorreu toda a India... Viveu com os Toddas, esteve nos mosteiros de Garma-Khian e de Dashi-Lumbo, e estudou com Gegen-Chutu no retiro santo de Urga... Gegen-Chutu foi a decima-sexta encarnação de Guatama, e era portanto um Boddi-sattva... Trabalhamos, procuramos... Não são visões. Mas factos, experiencias bem antigas, que vem talvez desde os tempos de Christna...

Através d'estes nomes, que exhalavam um perfume triste de vetustos ritos, arredára a cadeira. E de pé, deixando caír sobre a mesa, distrahidamente, para pagar o absintho, moedas de prata e moedas de cobre, murmurava com os olhos descançados em Jacintho, mas perdidos n'outra visão:

—Por fim tudo se reduz ao supremo desenvolvimento da Vontade dentro da suprema

pureza da Vida. É toda a sciencia e força dos grandes mestres Hindùs... Mas a pureza absoluta da vida, eis a lucta, eis o obstaculo! Não basta mesmo o Deserto, nem o bosque do mais velho templo no alto Thibet... Ainda assim, meu Jacintho, já obtivemos resultados bem extranhos. Sabes as experiencias de Tyndall, com as chammas sensitivas... O pobre chimico, para demonstrar as vibrações do som, tocou quasi ás portas da verdade isoterica. Mas quê! homem de sciencia, portanto homem d'estupidez, ficou áquem, entre as suas placas e as suas retortas! Nós fômos além. Verificámos as *ondulações da Vontade!* Deante de nós, pela expansão da energia do meu companheiro, e em cadencia com o seu mandado, uma chamma, a tres metros, ondulou, rastejou, despediu linguas ardentes, lambeu uma alta parede, rugiu furiosa e negra, resplandeceu direita e silenciosa, e bruscamente abatida em cinza morreu!

E o extranho homem, com o chapeu para a nuca, ficou immovel, de braços abertos e os olhares esgazeados, como no renovado assombro e no transe d'aquelle prodigio. Depois, recahindo no seu modo facil e sereno, accendendo de vagar um cigarro:

—Uma d'estas manhãs, Jacintho, appareço no 202, para almoçar comtigo, e levo o meu

amigo. Elle só come arrôz, uma pouca de salada, e fructa. E conversamos... Tu tinhas um exemplar do *Sepher-Zerîjah* e outro do *Targum d'Onkelus*. Preciso folhear esses livros.

Apertou a mão do meu Principe, saudou este assombrado Zé Fernandes, e serenamente seguiu pela quieta rua, com o chapeu de palha pàra a nuca, as mãos enterradas nas algibeiras, como um homem natural entre cousas naturaes.

—Oh Jacintho! Quem é este bruxo? Conta!... Quem é elle, santissimo nome de Deus?

Recostado na vittoria, ageitando o vinco das calças, o meu Principe contou, concisamente. Era um nobre e leal rapaz, muito rico, muito intelligente, da antiga casa soberana de Mayolle, descendente dos Duques de Septimania... E murmurou, através do costumado bocejo:

—O desenvolvimento supremo da vontade!... Theosophia, Buddhismo isoterico... Aspirações, decepções... Já experimentei... Uma massada!

Atravessamos, callados, o rumôr de Paris, sob a molleza abafada do crepusculo de verão, para jantar no Bosque, no Pavilhão d'Armenonville, onde os Tziganes, avistando Jacintho, tocaram o *Hymno da Carta* com paixão,

com langor, n'uma cadencia de *czarda* dolorosa e aspera.

E eu, desdobrando regaladamente o guardanapo:

— Pois venha agora para a minha rica sêde esse vinhosinho gelado! Grandemente o mereço, caramba, que superiormente philosophei!... E creio que estabeleci definitivamente no espirito do Snr. D. Jacintho o salutar horror da cidade!

O meu Principe percorria, catando o bigode, a Lista-dos-Vinhos, em quanto o Copeiro, esperava com pensativa reverencia:

— Mande gelar duas garrafas de champagne S.t Marceaux... Mas antes, um Barsac velho, apenas refrescado... Agoa de Evian... Não, de Bussang! Bem, d'Evian e de Bussang! E, para começar, um bock.

Depois, bocejando, desabotoando lentamente a sobrecasaca cinzenta:

— Pois estou com vontade de construir uma casa nos cimos de Montmartre, com um miradouro no alto, todo de vidro e ferro, para descançar de tarde e dominar a Cidade...

VII

Julho findára com uma chuva refrescante e consoladora: — e eu pensava em realisar finalmente a minha romagem ás cidades da Europa, sempre retardada, através da primavera, pelas surprezas do Mundo e da Carne. Mas, de repente, Jacintho começou a rogar e a reclamar que o seu Zé Fernandes o acompanhasse, todas as tardes, a casa de Madame d'Oriol! E eu comprehendi que o meu Principe (á maneira do divino Achilles, que, sob a tenda, e junto da branca, insipida e docil Briseis, nunca dispensava Patoclo) desejava ter, no retiro do Amor, a presença, o confôrto e o soccorro da Amizade. Pobre Jacintho! Logo pela manhã combinava pelo telephone com Madame d'Oriol essa hora de quietação e doçura. E assim encontravamos sempre a superfina Dama prevenida e solitaria n'aquella sala da rua de Lisbonne, onde Jacintho e eu mal

cabiamos, suffocavamos na confusão, entre os cestos de flôres, e os ouros rocalhados, e os monstros do Japão, e a galante fragilidade dos Saxes, e as pelles de feras estiradas aos pés de sophás adormecedores, e os biombos de Aubusson formando alcôvas favoraveis e languidas... Aninhada n'uma cadeira de bambú lacada de branco, entre almofadas aromatisadas de verbena da India, com um romance pousado no regaço, ella esperava o seu amigo, n'uma certa indolencia passiva e mansa que me lembrava sempre o Oriente e um Harem. Mas, pelas frescas sedinhas Pompadour, parecia tambem uma marquezinha de Versalhes cançada do grande seculo; ou então, com brocados sombrios e largos cintos cravejados, era como uma veneziana, preparada para um Doge. A minha intrusão, na intimidade d'aquellas tardes, não a contrariava — antes lhe trazia um vassallo novo, com dous olhos novos para a contemplar. Eu era já o seu *cher Fernandez!*

E apenas descerrava os labios avivados de vermelho, semelhantes a uma ferida fresca, e começava a chalrar — logo nos envolvia o burburinho e a murmuração de Paris. Ella só sabia chalrar sobre a sua pessoa que era o resumo da sua Classe, e sobre a sua existencia que era o resumo do seu Paris: — e a sua exis-

tencia, desde casada, consistira em ornar com suprema sciencia o seu lindo corpo; entrar com perfeição n'uma sala e irradiar; remexer em estofos e conferenciar pensativamente com o grande costureiro; rolar pelo Bois pousada na sua vittoria como uma imagem de cêra; decotar e branquear o collo; debicar uma perna de gallinhola em mezas de luxo; fender turbas ricas em bailes espessos; adormecer com a vaidade esfalfada; percorrer de manhã, tomando chocolate, os «Echos» e as «Festas» do *Figaro;* e de vez em quando murmurar para o marido — «Ah, és tu?... » Além d'isso, ao lusco-fusco, n'um sophá, alguns curtos suspiros, entre os braços d'alguem a quem era constante. Ao meu Principe, n'esse anno, pertencia o sophá. E todos estes deveres de Cidade e de Casta os cumpria sorrindo. Tanto sorrira, desde casada, que já duas prégas lhe vincavam os cantos dos beiços, indelevelmente. Mas nem na alma, nem na pelle, mostrava outras maculas de fadiga. A sua Agenda de Visitas continha mil e tresentos nomes, todos do Nobiliario. Através, porém, d'esta fulgurante sociabilidade arranjára no cerebro (onde de certo penetrára o pó d'arroz que desde o collegio acamava na testa) algumas Idéas Geraes. Em Politica era pelos Principes; e todos os outros «horrores», a Republica, o Socialis-

mo, a Democracia que se não lava, os sacudia risonhamente, com um bater de leque. Na Semana Santa juntava ás rendas do chapeu a Corôa amarga de espinhos — por serem esses, para a gente bem-nascida, dias de penitencia e dôr. E, deante de todo o Livro ou de todo o Quadro, sentia a emoção e formulava finamente o juizo, que no seu Mundo, e n'essa Semana, fôsse elegante formular e sentir. Tinha trinta annos. Nunca se embaraçára nos tormentos d'uma paixão. Marcava, com rigida regularidade, todas as suas despezas n'um Livro de Contas encadernado em pellucia verde-mar. A sua religião intima (e mais genuina do que a outra, que a levava todos os domingos á missa de S. Philippe du Roule) era a Ordem. No inverno, logo que na amavel cidade começavam a morrer de frio, debaixo das pontes, creancinhas sem abrigo — ella preparava com commovido cuidado os seus vestidos de patinagem. E preparava tambem os de Caridade — porque era boa, e concorria para Bazares, Concertos e Tombolas, quando fossem patrocinados pelas Duquezás do seu «rancho». Depois, na primavera, muito methodicamente, regateando, vendia a uma adela os vestidos e as capas de inverno. Paris admirava n'ella uma suprema flôr de Parisianismo.

Pois respirando esta macia e fina flôr pas-

samos nós as tardes d'esse julho em quanto as outras flôres pendiam e murchavam na calma e no pó. Mas, na intimidade do seu perfume, Jacintho não parecia encontrar esse contentamento d'alma, que entre tudo que cança jámais cança. Era já com a paciente lentidão com que se sobem todos os Calvarios, os mais bem tapetados, que elle subia a escadaria de Madame d'Oriol, tão suave e orlada de tão frescas palmeiras. Quando a appetitosa creatura, com dedicação, para o entreter, desdobrava a sua vivacidade como um pavão desdobra a cauda, o meu pobre Principe puxava os pêllos do bigode murcho, na murcha postura de quem, por uma manhã de Maio, em quanto os melros cantam nas sebes, assiste, n'uma egreja negra, a um responso funebre por um Principe. E no beijo que elle chuchurreava sobre a mão da sua dôce amiga, para se despedir, havia sempre alacridade e allivio.

Mas ao outro dia, ao começar da tarde, depois de errar através da Bibliotheca e do Gabinete, puxando sem curiosidade a tira do telegrapho, atirando algum recado molle pelo telephone, espalhando o olhar desalentado sobre o saber immenso dos trinta mil livros, remexendo a collina dos Jornaes e Revistas, terminava por me chamar, já com a preguiça triste da façanha a que se impellia:

— Vamos a casa de Madame d'Oriol, Zé Fernandes? Eu tinha marcadas para hoje seis ou sete coisas, mas não posso, é uma secca! Vamos a casa de Madame d'Oriol... Ao menos lá, ás vezes, ha um bocado de frescura e paz.

E foi n'uma d'essas tardes, em que o meu Principe assim procurava desesperadamente um «bocado de frescura e paz», que encontramos, ao meio da escadaria suave, entre as palmeiras, o marido de Madame d'Oriol. Eu já o conhecia — porque Jacintho m'o mostrára uma noite, no Grand Café, ceiando com dançarinas do *Moulin Rouge*. Era um moço gordalhufo, indolente, de uma brancura crúa de toucinho, com uma calvice já séria e já lustrosa, constantemente acariciada pelos seus gordos dedos carregados de anneis. N'essa tarde, porém, vinha vermelho, todo emocionado, calçando as luvas com colera. Estacou diante de Jacintho — e sem mesmo lhe apertar a mão, atirando um gesto para o patamar:

— Visita lá acima? Vai achar a Joanna em pessima disposição... Tivemos uma scena, e tremenda.

Deu outro puxão desesperado á luva côr de palha, já esgaçada:

— Estamos separados, cada um vive como lhe appetece, é excellente! Mas em tudo ha

medida e fórma... Ella tem o meu nome, não posso consentir que em Paris, com conhecimento de todo o Paris, seja a amante do trintanario. Amantes na nossa roda, vá! Um lacaio, não!... Se quer dormir com os creados que emigre para o fundo da provincia, para a sua casa de Corbelle. E lá até com os animaes!... Foi o que eu lhe disse! Ficou como uma fera.

Sacudiu então a mão do Jacintho que «era da sua roda» — rebolou pela escadaria florida e nobre. O meu Principe, immovel nos degraus, de face pendida, cofiava lentamente os fios pendidos do bigode. Depois, olhando para mim, como um sêr saturado de tedio e em quem nenhum tedio novo póde caber:

— Já agora subamos, sim?

Parti então, com muita alegria, para a minha appetecida romagem ás Cidades da Europa.

Ia viajar!... Viajei. Trinta e quatro vezes, á pressa, bufando, com todo o sangue na face, desfiz e refiz a mala. Onze vezes passei o dia n'um wagon, envolto em poeirada e fumo, suffocado, a arquejar, a escorrer de suor, saltando em cada estação para sorver desesperadamente limonadas mornas que me escan-

galhavam a entranha. Quatorze vezes subi derreadamente, atraz de um creado, a escadaria desconhecida d'um Hotel; e espalhei o olhar incerto por um quarto desconhecido; e estranhei uma cama desconhecida, d'onde me erguia, estremunhado, para pedir em linguas desconhecidas um café com leite que me sabia a fava, um banho de tina que me cheirava a lôdo. Oito vezes travei bulhas abominaveis na rua com cocheiros que me espoliavam. Perdi uma chapelleira, quinze lenços, tres ceroulas, e duas botas, uma branca, outra envernizada, ambas do pé direito. Em mais de trinta mezas-redondas esperei tristonhamente que me chegasse o *bœuf-a-la-mode,* já frio, com môlho coalhado — e que o copeiro me trouxesse a garrafa de Bordeus que eu provava e repellia com desditosa carantonha. Percorri, na fresca penumbra dos granitos e dos marmores, com pé respeitoso e abafado, vinte e nove Cathedraes. Trilhei mollemente, com uma dôr surda na nuca, em quatorze muzeus, cento e quarenta salas revestidas até aos tectos de Christos, heroes, santos, nymphas, princezas, batalhas, architecturas, verduras, nudezes, sombrias manchas de betume, tristezas das formas immoveis!... E o dia mais dôce foi quando em Veneza, onde chovia desabaladamente, encontrei um velho

inglez de penca flammejante que habitára o Porto, conhecêra o Ricardo, o José Duarte, o Visconde do Bom Successo, e as Limas da Boa Vista... Gastei seis mil francos. Tinha viajado.

Emfim, n'uma bemdita manhã d'outubro, na primeira friagem e nevoa d'outomno, avistei com enternecido alvoroço as cortinas de seda ainda fechadas do meu 202! Affaguei o hombro do Porteiro. No patamar, onde encontrei o ar macio e tepido que deixára em Florença, apertei os ossos do Grillo excellente:

—E Jacintho?

O digno negro murmurou, d'entre os altos, reluzentes collarinhos:

—S. Exc.ª circula... Pesadote, fartote. Entrou tarde do baile da Duqueza de Loches. Era o contracto de casamento de Mademoiselle de Loches... Ainda tomou antes de se deitar um chá gelado... E disse a coçar a cabeça: «Eh! que massada! Eh! que massada!»

Depois do banho e do chocolate, ás dez horas, consolado e quentinho dentro do roupão de velludo, rompi pelo quarto do meu Principe, de braços abertos e sedentos:

—Oh Jacintho!

—Oh viajante!...

Quando nos estreitamos, fartamente, eu recuei para lhe contemplar a face—e n'ella a

alma. Encolhido n'uma quinzena de panno côr de malva orlada de pelles de martha, com os pellos do bigode murchos, as suas duas rugas mais cavadas, uma molleza nos hombros largos, o meu amigo parecia já vergado sob o pezo e a oppressão e o terror do seu dia. Eu sorri, para que elle sorrisse:

— Valente Jacintho... Então como tens vivido?

Elle respondeu, muito serenamente:

— Como um morto.

Forcei uma gargalhada leve, como se o seu mal fôsse leve:

— Aborrecidote, hein?

O meu Principe lançou, n'um gesto tão vencido, um *oh* tão cansado — que eu compadecido de novo o abracei, o estreitei, como para lhe communicar uma parte d'esta alegria solida e pura que recebi do meu Deus!

Desde essa manhã, Jacintho começou a mostrar claramente, escancaradamente, ao seu Zé Fernandes, o tédio de que a existencia o saturava. O seu cuidado realmente e o seu esfôrço consistiram então em sondar e formular esse tédio — na esperança de o vencer logo que lhe conhecesse bem a origem e a po-

tencia. E o meu pobre Jacintho reproduziu a comedia pouco divertida d'um Melancolico que perpetuamente raciocina a sua Melancolia! N'esse raciocinio, elle partia sempre do facto irrecusavel e massiço — que a sua vida especial de Jacintho continha todos os interesses e todas as facilidades, possiveis no seculo XIX, n'uma vida de homem que não é um Genio, nem um Santo. Com effeito! Apezar do appetite embotado por doze annos de Champagnes e môlhos ricos elle conservava a sua rijeza de pinheiro bravo; na luz da sua intelligencia não apparecêra nem tremor nem morrão; a boa terra de Portugal, e algumas Companhias macissas, pontualmente lhe forneciam a sua doce centena de contos; sempre activas e sempre fieis o cercavam as sympathias d'uma Cidade inconstante e chasqueadora; o 202 estourava de confôrtos; nenhuma amargura de coração o atormentava; — e todavia era um Triste. Porque?... E d'aqui saltava, com certeza fulgurante, á conclusão de que a sua tristeza, esse cinzento burel em que a sua alma andava amortalhada, não provinham da sua individualidade de Jacintho — mas da Vida, do lamentavel, do desastroso facto de Viver! E assim o saudavel, intellectual, riquissimo, bem-acolhido Jacintho tombára no Pessimismo.

E um Pessimismo irritado! Porque (segundo affirmava) elle nascera para ser tão naturalmente optimista como um pardal ou um gato. E, até aos doze annos, emquanto fôra um bicho superiormente amimado, com a sua pelle sempre bem coberta, o seu prato sempre bem cheio, nunca sentira fadiga, ou melancolia, ou contrariedade, ou pena — e as lagrimas eram para elle tão incomprehensiveis que lhe pareciam viciosas. Só quando crescêra, e da animalidade penetrára na humanidade, despontára n'elle esse fermento de tristeza, muito tempo indesenvolvido no tumulto das primeiras curiosidades, e que depois alastrára, o invadira todo, se lhe tornára consubstancial e como o sangue das suas veias. Soffrer portanto era inseparavel de Viver. Soffrimentos differentes nos destinos differentes da Vida. Na turba dos humanos é a angustiada lucta pelo pão, pelo tecto, pelo lume; n'uma casta, agitada por necessidades mais altas, é a amargura das desillusões, o mal da imaginação insatisfeita, o orgulho chocando contra obstaculo; n'elle, que tinha os bens todos e desejos nenhuns, era o tédio. Miseria do Corpo, tormento da Vontade, fastio da Intelligencia — eis a Vida! E agora aos trinta e tres annos a sua occupação era bocejar, correr com

os dedos desalentados a face pendida para n'ella palpar e appetecer a caveira.

Foi então que o meu Principe começou a ler apaixonadamente, desde o *Ecclesiastes* até Schopenhauer, todos os lyricos e todos os theoricos do Pessimismo. N'estas leituras encontrava a reconfortante comprovação de que o seu mal não era mesquinhamente «Jacinthico» — mas grandiosamente resultante d'uma Lei Universal. Já ha quatro mil annos, na remota Jerusalém, a Vida, mesmo nas suas delicias mais triumphaes, se resumia em Illusão. Já o Rei incomparavel, de sapiencia divina, summo Vencedor, summo Edificador, se enfastiava, bocejava, entre os despojos das suas conquistas, e os marmores novos dos seus Templos, e as suas tres mil concubinas, e as Rainhas que subiam do fundo da Ethiopia para que elle as fecundasse e no seu ventre depozésse um Deus! Não ha nada novo sob o sol, e a eterna repetição das coisas é a eterna repetição dos males. Quanto mais se sabe mais se pena. E o justo como o perverso, nascidos do pó, em pó se tornam. Tudo tende ao pó ephemero, em Jerusalém e em Paris! E elle, obscuro no 202, padecia por ser homem e por viver — como no seu throno d'ouro, entre os seus quatro leões d'ouro, o filho magnifico de David.

Não se separava então do *Ecclesiastes*. E circulava por Paris trazendo dentro do coupé Salomão, como irmão de dôr, com quem repetia o grito desolado que é a summa da verdade humana — *Vanitas Vanitatum!* Tudo é Vaidade! Outras vezes, logo de manhã o encontrava estendido no sophá, n'um roupão de sêda, absorvendo Schopenhauer — emquanto o pedicuro, ajoelhado sobre o tapete, lhe polia com respeito e pericia as unhas dos pés. Ao lado pousava a chavena de Saxe, cheia d'esse café de Moka enviado por emires do Deserto, que não o contentava nunca, nem pela força, nem pelo aroma. A espaços pousava o livro no peito, resvalava um olhar compassivo para o pedicuro, como a procurar que dôr o torturaria — pois que a todo o viver corresponde um soffrer. Decerto o remexer assim, perpetuamente, em pés alheios... E quando o pedicuro se erguia, Jacintho abria para elle um sorriso de confraternidade — com um «adeus, meu amigo» que era «um adeus, meu irmão!»

Esse foi o periodo esplendido e soberbamente divertido do seu tédio. Jacintho encontrára emfim na vida uma occupação grata — maldizer a Vida! E para que a podésse maldizer em todas as suas fórmas, as mais ricas, as mais intellectuaes, as mais puras, sobre-

carregou a sua vida propria de novo luxo, de interesses novos d'espirito, e até de fervores humanitarios, e até de curiosidades supernaturaes.

O 202, n'esse inverno, refulgiu de magnificencia. Foi então que elle iniciou em Paris, repetindo Heliogabalo, os Festins de Côr contados na HISTORIA AUGUSTA: e offereceu ás suas amigas esse sublime jantar côr de rosa, em que tudo era roseo, as paredes, os moveis, as luzes, as louças, os crystaes, os gelados, os Champagnes, e até (por uma invenção da Alta-Cozinha) os peixes, e as carnes, e os legumes, que os escudeiros serviam, empoados de pó rosado, com librés da côr da rosa, em quanto do tecto, d'um velario de seda rosada, cahiam petalas frescas de rosas... A Cidade, deslumbrada, clamou — «Bravo, Jacintho!» E o meu Principe, ao rematar a festa fulgurante, plantou deante de mim as mãos nas ilhargas e gritou triumphalmente: — «Hein? Que massada!...»

Depois foi o Humanitarismo: e fundou um Hospicio no campo, entre jardins, para velhinhos desamparados, outro para creanças debeis á beira do Mediterraneo. Depois com o major Dorchas, e Mayolle, e o Hindù de Mayolle penetrou no Theosophismo: e montou tremendas experiencias para verificar a mys-

teriosa *exteriorisação da motilidade*. Depois, desesperadamente, ligou o 202 com os fios telegraphicos do *Times*, para que no seu gabinete, como n'um coração, palpitasse toda a vida Social da Europa.

E a cada um d'estes esforços da elegancia, do humanitarismo, da sociabilidade, e da intelligencia indagadora, voltava para mim, de braços alegres, com um grito victorioso: — «Vês tu, Zé Fernandes? Uma massada!» — Arrebatava então o seu *Ecclesiastes*, o seu Schopenhauer, e, estendido no sophá, saboreava voluptuosamente a concordancia da Doutrina e da Experiencia. Possuia uma Fé — o Pessimismo: era um apostolo rico e esforçado: e tudo tentava, com sumptuosidade, para provar a verdade da sua Fé! Muito gozou n'esse anno o meu desgraçado Principe!

No começo do inverno, porém, notei com inquietação que Jacintho já não folheava o *Ecclesiastes*, desleixava Schopenhauer. Nem festas, nem Theosophismos, nem os seus Hospicios, nem os fios do *Times*, pareciam interessar agora o meu amigo, mesmo como demonstrações gloriosas da sua Crença. E a sua abominavel funcção de novo se limitou a bocejar, a passar os dedos molles sobre a face pendida palpando a caveira. Incessantemente alludia á morte como a uma libertação. Uma

tarde mesmo, no melancolico crepusculo da Bibliotheca, antes de refulgirem as luzes, consideravelmente me aterrou, fallando n'um tom regelado de mortes rapidas, sem dôr, pelo choque d'uma vasta pilha electrica ou pela violencia compassiva do acido cyanidrico. Diabo! O Pessimismo, que apparecera na Intelligencia do meu Principe como um conceito elegante — atacára bruscamente a Vontade!

Todo o seu movimento então foi o d'um boi inconsciente que marcha sob a canga e o aguilhão. Já não esperava da Vida contentamento — nem mesmo se lastimava que ella lhe trouxesse tédio ou pena. «Tudo é indifferente, Zé Fernandes!» E tão indifferentemente sahiria á sua janella para receber uma Corôa Imperial offerecida por um Povo — como se estenderia n'uma poltrona rôta para emmudecer e jazer. Sendo tudo inutil, e não conduzindo senão a maior desillusão, que podia importar a mais rutilante actividade ou a mais desgostada inercia? O seu gesto constante, que me irritava, era encolher os hombros. Perante duas ideias, dois caminhos, dois pratos, encolhia os hombros! Que importava?... E no minimo acto, raspar um phosphoro ou desdobrar um Jornal, punha uma morosidade tão desconsolada que todo elle parecia ligado, desde os dedos até á al-

ma, pelas voltas apertadas d'uma corda que se não via e que o travava.

Muito desagradavelmente me recordo do dia dos seus annos, a 10 de Janeiro. Cêdo, de manhã, recebêra, com uma carta de Madame de Trèves, um açafate de camelias, azaleas, orchideas e lyrios do valle. E foi este mimo que lhe recordou a data consideravel. Soprou sobre as petalas o fumo do cigarro e murmurou com um riso de lento escarneo:

—Então, ha trinta e quatro annos que eu ando n'esta massada?

E como eu propunha que telephonassemos aos amigos para beberem no 202 o Champagne do «Natalicio»—elle recusou, com o nariz enojado. Oh! Não! Que horrivel sécca!... E bradou mesmo para o Grillo:

—Eu hoje não estou em Paris para ninguem. Abalei para o campo, abalei para Marselha... Morri!

E a sua ironia não cessou até ao almoço perante os bilhetes, os telegrammas, as cartas, que subiam, se arredondavam em collina sobre a meza d'ebano, como um preito da Cidade. Outras flôres que vieram, em vistosos cestos, com vistosos laços, foram por elle comparadas ás que se depõe sobre uma tum-

ba. E apenas se interessou um momento pelo presente de Ephraim, uma engenhosa meza, que se abaixava até ao tapete ou se alteava até ao tecto—para que, senhor Deus meu?

Depois do almoço, como chóvia sombriamente, não arredamos do 202; com os pés estendidos ao lume, em preguiçoso silencio. Eu terminára por adormecer beatificamente. Acordei aos passos açodados do Grillo... Jacintho, enterrado na poltrona, com umas tesouras, recortava um papel! E nunca eu me compadeci d'aquelle amigo, que cançára a mocidade a accumular todas as noções formuladas desde Aristoteles e a juntar todos os inventos realisados desde Tharamenes, como n'essa tarde de festa, em que elle, cercado de Civilisação nas maximas proporções para gozar nas maximas proporções a delicia de viver, se encontrava reduzido, junto ao seu lar, a recortar papeis com uma tesoura!

O Grillo trazia um presente do Gran-Duque—uma caixa de prata, forrada de cedro, e cheia d'um chá precioso, colhido, flôr a flôr, nas veigas de Kiang-Sou por mãos puras de virgens, e conduzido através da Asia, em caravanas, com a veneração d'uma reliquia. Então, para despertar o nosso torpôr, lembrei que tomassemos o divino chá—occupação bem harmonica com a tarde triste, a chuva

grossa alagando os vidros, e a clara chamma bailando no fogão. Jacintho accedeu — e um escudeiro acercou logo a meza de Ephraim para que nós lhe estreassemos os serviços destros. Mas o meu Principe, depois de a altear, para meu espanto, até aos crystaes do lustre, não conseguiu, apezar de uma suada e desesperada batalha com as molas, que a meza regressasse a uma altura humana e cazeira. E o escudeiro de novo a levou, levantada como um andaime, chimerica, unicamente aproveitavel para o gigante Adamastor. Depois veio a caixa do chá entre chaleiras, lampadas, coadores, filtros, todo um fausto de alfaias de prata, que communicavam a essa occupação, tão simples e dôce em caza de minha tia, *fazer chá,* a magestade d'um rito. Prevenido pelo meu camarada da sublimidade d'aquelle chá de Kiang-Sou, ergui a chavena aos labios com reverencia. Era uma infusão descorada que sabia a malva e a formiga. Jacintho provou, cuspiu, blasphemou... Não tomamos chá.

Ao cabo d'outro pensativo silencio, murmurei, com os olhos perdidos no lume:

— E as obras de Tormes? A egreja... Já haverá egreja nova?

Jacintho retomára o papel e a thesoura:

— Não sei... Não tornei a receber carta

do Silverio... Nem imagino onde param os ossos... Que lugubre historia!

Depois chegou a hora das luzes e do jantar. Eu encommendára pelo Grillo ao nosso magistral cozinheiro uma larga travessa d'arroz dôce, com as iniciaes de Jacintho e a data ditosa em canella, á moda amavel da nossa meiga terra. E o meu Principe á meza, percorrendo a lamina de marfim onde no 202 se inscreviam os pratos a lapis vermelho, louvou com fervôr a ideia patriarchal:

—Arrôz dôce! Está escripto com dois *ss*, mas não tem dúvida... Excellente lembrança! Ha que tempos não cômo arrôz dôce!... Desde a morte da avó.

Mas quando o arrôz dôce appareceu triumphalmente, que vexâme! Era um prato monumental, de grande arte! O arrôz, massiço, moldado em fórma de pyramide do Egypto, emergia d'uma calda de cereja, e desapparecia sob os fructos seccos que o revestiam até ao cimo, onde se equilibrava uma corôa de Conde feita de chocolate e gomos de tangerina gelada! E as iniciaes, a data, tão lindas e graves na canella ingenua, vinham traçadas nas bordas da travessa com violetas pralinadas! Repellimos, n'um mudo horror, o prato acanalhado. E Jacintho, erguendo o copo de Champagne, murmurou como n'um funeral pagão:

—*Ad Manes*, aos nossos mortos!

Recolhemos á Bibliotheca, a tomar o café no conchego e alegria do lume. Fóra, o vento bramava como n'um êrmo serrano: e as vidraças tremiam, alagadas, sob as bategas da chuva irada. Que dolorosa noite para os dez mil pobres que em Paris erram sem pão e sem lar! Na minha aldeia, entre cêrro e valle, talvez assim rugisse a tormenta. Mas ahi cada pobre, sob o abrigo da sua telha vã, com a sua panella atestada de couves, se agacha no seu mantéo ao calor da lareira. E para os que não tenham lenha ou couve, lá está o João das Quintãs, ou a tia Vicencia, ou o abbade, que conhecem todos os pobres pelos seus nomes, e com elles contam, como sendo dos seus, quando o carro vae ao matto e a fornada entra no fôrno. Ah Portugal pequenino, que ainda és dôce aos pequeninos!

Suspirei, Jacintho preguiçava. E terminamos por remexer languidamente os jornaes que o mordomo trouxera, n'um monte facundo, sobre uma salva de prata—jornaes de Paris, jornaes de Londres, Semanarios, Magazines, Revistas, Illustrações... Jacintho desdobrava, arremessava: das Revistas espreitava o summario, logo farto; ás Illustrações rasgava as folhas com o dedo indifferente, boce-

jando por cima das gravuras. Depois, mais estirado para o lume:

—É uma sécca... Não ha que lêr.

E de repente, revoltado contra este fastio oppressor que o escravisava, saltou da poltrona com um arranque de quem despedaça algemas, e ficou erecto, dardejando em torno um olhar imperativo e duro, como se intimasse aquelle seu 202, tão abarrotado de Civilisação, a que por um momento sequer fornecesse á sua alma um interesse vivo, á sua vida um fugitivo gôsto! Mas o 202 permaneceu insensivel: nem uma luz, para o animar, avivou o seu brilho mudo: só as vidraças tremeram sob o embate mais rude de agua e vento.

Então o meu Principe, succumbido, arrastou os passos até ao seu gabinete, começou a percorrer todos os apparelhos completadores e facilitadores da Vida—o seu Telegrapho, o seu Telephone, o seu Phonographo, o seu Radiometro, o seu Graphophono, o seu Microphono, a sua Machina d'Escrever, a sua Machina de Contar, a sua Imprensa Electrica, a outra Magnetica, todos os seus utensilios, todos os seus tubos, todos os seus fios... Assim um Supplicante percorre altares d'onde espera soccorro. E toda a sua sumptuosa Me-

chanica se conservou rigida, reluzindo frigidamente, sem que uma roda girasse, nem uma lamina vibrasse, para entreter o seu Senhor.

Só o relogio monumental, que marcava a hora de todas as capitaes e o curso de todos os planetas, se compadeceu, batendo a meia-noite, annunciando ao meu amigo que mais um Dia partira levando o seu pêzo—diminuindo esse sombrio pêzo da Vida, sob que elle gemia, vergado. O Principe da Gran-Ventura, então, decidiu recolher para a cama — com um livro... E durante um momento, estacou no meio da Bibliotheca, considerando os seus setenta mil volumes estabelecidos com pompa e magestade como Doutores n'um Concilio — depois as pilhas tumultuarias dos livros novos que esperavam pelos cantos, sobre o tapete, o repouso e a consagração das estantes d'ebano. Torcendo mollemente o bigode caminhou por fim para a região dos Historiadores: espreitou seculos, farejou raças: pareceu attrahido pelo explendor do Imperio Byzantino: penetrou na Revolução Franceza d'onde se arredou desencantado: e palpou com mão indeliberada toda a vasta Grecia desde a creação de Athenas até a aniquilação de Corintho. Mas bruscamente virou para a fila dos Poetas,

que reluziam em marroquins claros, mostrando, sobre a lombada, em ouro, nos titulos fortes ou languidos, o interior das suas almas. Não appeteceu nenhuma d'essas seis mil almas—e recuou, desconsolado, até aos Biologos... Tão massiça e cerrada era a estante de Biologia que o meu pobre Jacintho estarreceu, como ante uma cidadella inaccessivel! Rolou a escada—e, fugindo, trepou, até ás alturas da Astronomia: destacou astros, recollocou mundos: todo um Systema Solar desabou com fragor. Aturdido, desceu, começou a procurar por sobre as rimas das obras novas, ainda brochadas, nas suas roupas leves de combate. Apanhava, folheava, arremessava: para desentulhar um volume, demolia uma torre de doutrinas: saltava por cima dos Problemas, pisava as Religiões: e relanceando uma linha, esgravatando além n'um indice, todos interrogava, de todos se desinteressava, rolando quasi de rastos, nas grossas vagas de tomos que rolavam, sem se poder deter, na ancia de encontrar um Livro! Parou então no meio da immensa nave, de cocoras, sem coragem, contemplando aquelles muros todos forrados, aquelle chão todo alastrado, os seus setenta mil volumes — e, sem lhes provar a substancia, já absolutamente saciado, abarrotado, nau-

seado pela opressão da sua abundancia. Findou por voltar ao montão de jornaes amarrotados, ergueu melancholicamente um velho *Diario de Noticias*, e com elle debaixo do braço subiu ao seu quarto, para dormir, para esquecer.

VIII

Ao fim d'esse inverno escuro e pessimista, uma manhã que eu preguiçava na cama, sentindo através da vidraça cheia de sol ainda pallido um bafo de Primavera ainda timido—Jacintho assomou á porta do meu quarto, revestido de flanellas leves, d'uma alvura de açucena. Parou lentamente á beira dos colxões, e, com gravidade, como se annunciasse o seu casamento ou a sua morte, deixou desabar sobre mim esta declaração formidavel:

—Zé Fernandes, vou partir para Tormes.

O pulo com que me sentei abalou o rijo leito de pau preto do velho D. Galião:

—Para Tormes? Oh Jacintho, quem assassinaste?...

Deleitado com a minha emoção, o Principe da Gran Ventura tirou da algibeira uma carta, e encetou estas linhas, já decerto relidas, fundamente estudadas:

— «Ill.mo e exc.mo snr. — Tenho grande sa-
«tisfação em communicar a v. exc.ª que por
«toda esta semana devem ficar promptas as
«obras da capella...

— É do Silverio? exclamei.

— É do Silverio. «...as obras da capella no-
«va. Os venerandos restos dos excelsos avós
«de v. exc.ª, senhores de todo o meu respeito,
«podem pois ser em breve trasladados da
«egreja de S. José, onde têm estado deposi-
«tados por bondade do nosso Abbade, que
«muito se recommenda a v. exc.ª... Submis-
«so, aguardo as prestantes ordens de v. exc.ª
«a respeito d'esta magestosa e afflictiva ce-
«remonia...»

Atirei os braços, comprehendendo:

— Ah! bem! Queres ir assistir á traslada-
ção...

Jacintho sumiu a carta no bolso.

— Pois não te parece, Zé Fernandes? Não
é por causa dos outros avós, que são ossos
vagos, e que eu não conheci. É por causa do
avô Galião... Tambem não o conheci. Mas
este 202 está cheio d'elle; tu estás deitado na
cama d'elle; eu ainda uso o relogio d'elle.
Não posso abandonar ao Silverio e aos casei-
ros o cuidado de o installarem no seu jazigo
novo. Ha aqui um escrupulo de decencia, de
elegancia moral... Emfim, decidi. Apertei os

punhos na cabeça, e gritei—*vou a Tormes!* E vou!... E tu vens!

Eu enfiara as chinellas, apertava os cordões do roupão:

—Mas tu sabes, meu bom Jacintho, que a casa de Tormes está inhabitavel...

Elle cravou em mim os olhos aterrados.

—Medonha, hein?

—Medonha, medonha, não... É uma bella casa, de bella pedra. Mas os caseiros, que lá vivem ha trinta annos, dormem em catres, comem o caldo á lareira, e usam as salas para seccar o milho. Creio que os unicos moveis de Tormes, se bem recordo, são um armario, e uma espinetta de charão, côxa, já sem teclas.

O meu pobre Principe suspirou, com um gesto rendido em que se abandonava ao Destino:

—Acabou!... *Alea jact est!* E como só partimos para abril, ha tempo de pintar, d'assoalhar, d'envidraçar... Mando d'aqui de Paris tapetes e camas... Um estofador de Lisboa vae depois forrar e disfarçar algum buraco... Levamos livros, uma machina para fabricar gelo... E é mesmo uma occasião de pôr emfim n'uma das minhas casas de Portugal alguma decencia e ordem. Pois não achas?

E então essa! Uma casa que data de 1410... Ainda existia o Imperio Byzantino!

Eu espalhava, com o pincel, sobre a face, flocos lentos de sabão. O meu Principe accendeu muito pensativamente um cigarro; e não se arredou do toucador, considerando o meu preparo com uma attenção triste que me incommodava. Por fim, como se remoesse uma sentença minha, para lhe reter bem a moral e o succo:

—Então, definitivamente, Zé Fernandes, entendes que é um dever, um absoluto dever, ir eu a Tormes?

Afastei do espelho a cara ensaboada para encarar com divertido espanto o meu Principe:

—Oh Jacintho! foi em ti, só em ti que nasceu a ideia d'esse dever! E honra te seja, menino... Não cedas a ninguem essa honra!

Elle atirou o cigarro—e, com as mãos enterradas nas algibeiras das pantalonas, vagou pelo quarto, topando nas cadeiras, embicando contra os postes torneados do velho leito de D. Galião, n'um balanço vago, como barco já desamarrado do seu seguro ancoradouro, e sem rumo no mar incerto. Depois encalhou sobre a mesa onde eu conservava enfileirada, por gradações de sentimentos, desde o dagar-

reotypo do papá até á photographia do *Carocho* perdigueiro, a galeria da minha Familia.

E nunca o meu Principe (que eu contemplava esticando os suspensorios) me pareceu tão corcovado, tão minguado, como gasto por uma lima que desde muito o andasse fundamente limando. Assim viera findar, desfeita em Civilisação, n'aquelle super-requintado magricellas sem musculo e sem energia, a raça fortissima dos Jacinthos! Esses guedelhudos Jacinthões, que nas suas altas terras de Tormes, de volta de bater o moiro no Salado ou o castelhano em Valverde, nem mesmo despiam as fuscas armaduras para lavrar as suas chans e amarrar a vide ao olmo, edificando o Reino com a lança e com a enxada, ambas tão rudes e rijas! E agora, alli estava aquelle ultimo Jacintho, um Jacinthiculo, com a macia pelle embebida em aromas, a curta alma enrodilhada em Philosophias, travado e suspirando baixinho na miuda indecisão de viver.

— Oh Zé Fernandes, quem é esta lavradeirona tão rechonchuda?

Estendi o pescoço para a Photographia que elle erguera d'entre a minha galeria, no seu honroso caixilho de pellucia escarlate:

— Mais respeito, Snr. D. Jacintho... Um pouco mais de respeito, cavalheiro!... É mi-

nha prima Joanninha, de Sandofim, da Casa da Flôr da Malva.

—Flôr da Malva, murmurou o meu Principe. É a casa do Condestavel, de Nun'alvares.

—Flôr da Rosa, homem! A casa do Condestavel era na Flôr da Rosa, no Alemtejo... Essa tua ignorancia trapalhona das coisas de Portugal!

O meu Principe deixou escorregar mollemente a photographia da minha prima d'entre os dedos molles—que levou á face, no seu gesto horrendo de palpar atravez da face a caveira. Depois, de repente, com um soberbo esforço, em que se endireitou e cresceu:

—Bem! *Alea jacta est!* Partamos pois para as serras!... E agora nem reflexão, nem descanço!... Á obra! E a caminho!

Atirou a mão ao fecho dourado da porta como se fosse o negro loquete que abre os Destinos—e no corredor gritou pelo Grillo, com uma larga e açodada voz que eu nunca lhe conhecera, e me lembrou a d'um Chefe ordenando, n'alvorada, que se levante o Acampamento, e que a Hoste marche, com pendões e bagagens...

Logo n'essa manhã (com uma actividade em que eu reconheci a pressa enjoada de quem bebe oleo-de-ricino) escreveu ao Silverio mandando caiar, assoalhar, envidraçar o

casarão. E depois do almoço appareceu na Bibliotheca, chamado violentamente pelo telephone, para combinar a remessa de mobilias e confortos, o director da *Companhia Universal de Transportes*.

Era um homem que parecia o cartaz da sua Companhia, apertado n'um jaquetão de xadrezinho escuro, com polainas de jornada sobre botas brancas, uma sacola de marroquim a tiracolo, e na botoeira uma roseta multicor resumindo as suas condecorações exoticas de Madagascar, de Nicaragua, da Persia, outras ainda, que provavam a universalidade dos seus serviços. Apenas Jacintho mencionou «Tormes, no Douro...» — elle logo, atravez d'um sorriso superior, estendeu o braço, detendo outros esclarecimentos, na sua intimidade minuciosa com essas regiões.

— Tormes... Perfeitamente! Perfeitamente!

Sobre o joelho, na carteira, escrevinhou uma fugidia nota — emquanto eu considerava, assombrado, a vastidão do seu saber Chorographico, assim familiar com os recantos d'uma serra de Portugal e com todos os seus velhos solares. Já elle atirára a carteira para o bolso... E «nós, seus caros senhores, não tinhamos senão a encaixotar as roupas, as mobilias, as preciosidades! Elle mandaria as suas carroças buscar os caixotes, a que

poria, em grossa letra, com grossa tinta, o endereço...»

— Tormes, perfeitamente! Linha Norte-Hespanha-Medina-Salamanca... Perfeitamente! Tormes... Muito pittoresco! E antigo, historico! Perfeitamente, perfeitamente!

Desengonçou a cabeça n'uma venia profundissima — e sahiu da Bibliotheca, com passos que devoravam leguas, annunciavam a presteza dos seus Transportes.

— Vê tu, murmurou Jacintho muito serio. Que promptidão, que facilidade!... Em Portugal era uma tragedia. Não ha senão Paris!

Começou então no 202 o collossal encaixotamento de todos os confortos necessarios ao meu Principe para um mez de serra aspera — camas de penna, banheiras de nickel, lampadas Carcel, divans profundos, cortinas para vedar as gretas rudes, tapetes para amaciar os soalhos broncos. Os sotãos, onde se arrecadavam os pesados trastes do avô Galião, foram esvasiados — porque o casarão medieval de 1410 comportava os tremós romanticos de 1830. De todos os armazens de Paris chegavam cada manhã fardos, caixas, temerosos embrulhos que os emmaladores desfaziam, atulhando os corredores de montes de palha e de papel pardo, onde os nossos passos açodados se enrodilhavam. O cozinheiro, esba-

forido, organisava a remessa de fornalhas, geleiras, bocaes de trufas, latas de conservas, bojudas garrafas de aguas mineraes. Jacintho, lembrando as trovoadas da serra, comprou um immenso pára-raios. Desde o amanhecer, nos pateos, no jardim, se martellava, se pregava, com vasto fragor, como na construcção d'uma cidade. E o desfilar das bagagens, através do portão, lembrava uma pagina de Herodoto contando a marcha dos Persas.

Das janellas, Jacintho com o braço estendido, saboreava aquella actividade e aquella disciplina:

—Vê tu, Zé Fernandes, que facilidade!... Sahimos do 202, chegamos á serra, encontramos o 202. Não ha senão Paris!

Recomeçára a amar a Cidade, o meu Principe, emquanto preparava o seu Exodo. Depois de ter, toda a manhã, apressado os encaixotadores, descortinado confortos novos para o abandonado solar, telephonado gordas listas de encommendas a cada loja de Paris—era com delicia que se vestia, se perfumava, se floria, se enterrava na vittoria ou saltava para a almofada do phaeton, e corria ao Bosque, e saudava a barba talmudica do Ephraim, e os bandós furiosamente negros da Verghane, e o Psychologo de fiacre, e a

condessa de Trèves na sua nova caleche de oito-molas fornecida pelas operações conjunctas da Bolsa e da alcôva. Depois arrebanhava amigos para jantares de surpreza no Voisin ou no Bignon, onde desdobrava o guardanapo com a impaciencia d'uma fome alegre, vigiando fervorosamente que os Bordeus estivessem bem aquecidos e os Champagnes bem granitados. E no theatro das *Nouveautés,* no *Palais Royal,* nos *Buffos*, ria, batendo na côxa, com encanecidas facecias d'encanecidas farças, antiquissimos tregeitos d'antiquissimos actores, com que já rira na sua infancia, antes da guerra, sob o segundo Napoleão!

De novo, em duas semanas, se abarrotaram as paginas da sua Agenda. A magnificencia do seu trage, como imperador Frederico II de Suabia, deslumbrou, no baile mascarado da Princesa de Cravon-Rogan (onde tambem fui, de «moço de forcado».) E na *Associação para o Desenvolvimento das Religiões Esotericas* discursou e batalhou bravamente pela construcção d'um Templo Budhista em Montmartre!

Com espanto meu recomeçou tambem a conversar, como nos tempos de Escóla, da «famosa Civilisação nas suas maximas proporções.» Mandou encaixotar o seu velho telescopio para o usar em Tormes. Receei mesmo que no seu espirito germinasse a idéa de

crear, no cimo da serra, uma Cidade com todos os seus orgãos. Pelo menos não consentia o meu Jacintho que essas semanas da silvestre Tormes interrompessem a illimitada accumulação das noções — porque uma manhã rompeu pelo meu quarto, desolado, gritando que entre tantos confortos e fórmas de Civilisação esqueceramos os livros! Assim era — e que vexame para a nossa Intellectualidade! Mas que livros escolher entre os facundos milhares sob que vergava o 202? O meu Principe decidiu logo dedicar os seus dias serranos ao estudo da Historia Natural — e nós mesmos, immediatamente, deitamos para o fundo d'um vasto caixote novo, como lastro, os vinte e cinco tomos de Plinio. Despejamos depois para dentro, ás braçadas, Geologia, Mineralogia, Botanica... Espalhamos por cima uma camada aeria de Astronomia. E, para fixar bem no caixote estas Sciencias oscillantes, entalamos em redor cunhas de Metaphysica.

Mas quando a derradeira caixa, pregada e cintada de ferro, sahiu do portão do 202 na derradeira carroça da *Companhia dos Transportes,* toda esta animação de Jacintho se abateu como a efervescencia n'um copo de Champagne. Era em meados já tepidos de Março. E de novo os seus desagradaveis bocejos atroa-

ram o 202, e todos os sophás rangeram sob o peso do corpo que elle lhe atirava para cima, mortalmente vencido pela fartura e pelo tedio, n'um desejo de repouso eterno, bem envolto de solidão e silencio. Desesperei. Ó que! Aturaria eu ainda aquelle Principe palpando amargamente a caveira, e, quando o crepusculo entristecia a Bibliotheca, alludindo, n'um tom rouco, á doçura das mortes rapidas pela violencia misericordiosa do acido cyanhidrico? Ah não, caramba! E uma tarde em que o encontrei estirado sobre um divan, de braços em cruz, como se fosse a sua estatua de marmore sobre o seu jazigo de granito, positivamente o abanei com furor, berrando:

—Accorda, homem! Vamos para Tormes! O casarão deve estar prompto, a reluzir, a abarrotar de cousas! Os ossos de teus avós pedem repouso, em cova sua!... A caminho, a enterrar esses mortos, e a vivermos nós, os vivos!... Irra! São cinco de Abril!... É o bom tempo da serra!

O meu Principe resurgiu lentamente da inercia de pedra:

— O Silverio não me escreveu, nunca me escreveu... Mas, com effeito, deve estar tudo preparado... Já lá temos certamente creados, o cosinheiro de Lisboa... Eu só levo o Grillo, e o Anatole que envernisa bem o calçado, e

tem geito como pedicuro... Hoje é Domingo.

Atirou os pés para o tapete, com heroismo:

—Bem, partimos no Sabbado!... Avisa tu o Silverio!

Começou então o laborioso e pensativo estudo dos Horarios—e o dedo magro de Jacintho, por sobre o mappa, avançando e recuando entre Paris e Tormes. Para escolher o «salão» que deviamos habitar durante a temida jornada, duas vezes percorremos o deposito da Estação d'Orleans, atolados em lama, atraz do Chefe do Trafico que entontecia. O meu Principe recusava este salão por causa da côr tristonha dos estofos; depois recusava àquelle por causa da mesquinhez afflictiva do Water-Closet! Uma das suas inquietações era o banho, nas manhãs que passariamos rolando. Suggeri uma banheira de borracha. Jacintho, indeciso, suspirava... Mas nada o aterrou como o trasbordo em Medina del Campo, de noite, nas trevas da Velha Castella. Debalde a Companhia do Norte de Hespanha e a de Salamanca, por cartas, por telegrammas, socegaram o meu camarada, affirmando que, quando elle chegasse no comboio de Irun dentro do seu salão, já outro salão ligado ao comboio de Portugal esperaria, bem aquecido, bem allumiado, com uma ceia que lhe offertava um dos Directores, D. Esteban Castillo, ruidoso

e rubicundo conviva do 202! Jacintho corria os dedos anciosos pela face: — «E os saccos, as pelles, os livros, quem os transportaria do salão de Irun para o salão de Salamanca?» Eu berrava, desesperado, que os carregadores de Medina eram os mais rapidos, os mais destros de toda a Europa! Elle murmurava: — «Pois sim, mas em Hespanha, de noite!...» A noite, longe da Cidade, sem telephone, sem luz electrica, sem postos de policia, parecia ao meu Principe povoada de surprezas e assaltos. Só acalmou depois de verificar no Observatorio Astronomico, sob a garantia do sabio professor Bertrand, que a noite da nossa jornada era de lua cheia!

Emfim, na sexta-feira, findou a tremenda organisação d'aquella viagem historica! O sabbado predestinado amanheceu com generoso sol, de affagadora doçura. E eu acabava de guardar na mala, embrulhadas em papel pardo, as photographias das creaturinhas suaves que, n'esses vinte e sete mezes de Paris, me tinham chamado «*mon petit chou! mon rat cheri!*»—quando Jacintho rompeu pelo quarto, com um soberbo ramo de orchideas na sobrecasaca, pallido e todo nervoso.

—Vamos ao Bosque, por despedida?

Fomos — á grande despedida! E que encanto! Até nas almofadas e molas da vittoria

senti logo uma elasticidade mais emballadora. Depois, pela Avenida do Bosque, quasi me pezava não ficar sempiternamente, rolando, ao trote rimado das eguas perfeitas, no rebrilho rico de metaes e vernizes, sobre aquelle macadam mais alisado que marmore, entre tão bem regadas flôres e relvas de tão tentadora frescura, cruzando uma Humanidade fina, de elegancia bem acabada, que almoçára o seu chocolate em porcellanas de Sevres ou de Minton, sahira d'entre sêdas e tapetes de tres mil francos, e respirava a belleza de Abril com vagar, requinte e pensamentos ligeiros! O Bosque resplandecia n'uma harmonia de verde, azul e ouro. Nenhuma cova ou terra solta desalisava as polidas alleas que a Arte traçou e enroscou na espessura—nenhum esgalho desgrenhado desmanchava as ondulações macias da folhagem que o Estado escóva e lava. O piar das aves apenas se elevava para espalhar uma graça leve de vida alada;—e mais natural parecia, entre o arvoredo sociavel, o ranger das sellas novas, onde pousavam, com balanço esbelto, as amazonas espartilhadas pelo grande Redfern. Em frente ao Pavilhão de Armenonville cruzamos Madame de Trèves, que nos envolveu ambos na caricia do seu sorriso, mais avivado áquella hora pelo vermelhão ainda humido. Logo atraz

a barba talmudica de Ephraim negrejou, fresca tambem da brilhantine da manhã, no alto d'um phaeton tilintante. Outros amigos de Jacintho circulavam nas Acacias — e as mãos que lhe acenavam, lentas e affaveis, calçavam luvas frescas côr de palha, côr de perola, côr de lilaz. Todelle relampejou rente de nós sobre uma grande bycicleta. Dornan, alastrado n'uma cadeira de ferro, sob um espinheiro em flôr, mamava o seu immenso charuto, como perdido na busca de rimas sensuaes e nedias. Adeante foi o Psychologo, que nos não avistou, conversando com um requebro melancolico para dentro d'um coupé que rescendia a alcova, e a que um cocheiro obeso imprimia dignidade e decencia. E rolavamos ainda, quando o Duque de Marizac, a cavallo, ergueu a bengala, estacou a nossa vittoria para perguntar a Jacintho se apparecia á noite nos «quadros vivos» dos Verghanes. O meu Principe rosnou um — «não, parto para o sul... » —que mal lhe passou d'entre os bigodes murchos... E Marizac lamentou—porque era uma festa estupenda. Quadros vivos da Historia Sagrada e da Historia Romana!... Madame Verghane, de Magdalena, de braços nús, peitos nús, pernas núas, limpando com os cabellos os pés do Christo! — O Christo, um latagão soberbo, parente dos Trèves, empregado no

Ministerio da Guerra, gemendo, derreado, sob uma cruz de papelão! Havia tambem Lucrecia na cama, e Tarquinio ao lado, de punhal, a puxar os lençoes! E depois ceia, em mezas soltas, todos nos seus trajes historicos. Elle já estava aparceirado com Madame de Malbe, que era Agrippina! Quadro portentoso esse — Agrippina morta, quando Nero a vem contemplar e lhe estuda as fórmas, admirando umas, desdenhando outras como imperfeitas. Mas, por polidez, ficára combinado que Nero admiraria sem reserva todas as fórmas de Madame de Malbe... Emfim collossal, e estupendamente instructivo!

Acenamos um longo adeus áquelle alegre Marizac. E recolhemos sem que Jacintho emergisse do silencio enrugado em que se abysmára, com os braços rigidamente cruzados, como remoendo pensamentos decisivos e fortes. Depois, em frente ao Arco de Triumpho, moveu a cabeça, murmurou:

— É muito grave, deixar a Europa!

Emfim, partimos! Sob a doçura do crepusculo que se enublára deixamos o 202. O Grillo e o Anatole seguiam n'um fiacre atulhado de livros, de estojos, de paletots, de impermeaveis, de travesseiras, de agoas mineraes,

de saccos de couro, de rolos de mantas: e mais atraz um omnibus rangia sob a carga de vinte e tres malas. Na Estação, Jacintho ainda comprou todos os Jornaes, todas as Illustrações, Horarios, mais livros, e um saca-rolhas de fórma complicada e hostil. Guiados pelo Chefe do Trafico, pelo Secretario da Companhia, occupamos copiosamente o nosso salão. Eu puz o meu bonet de sêda, calcei as minhas chinellas. Um silvo varou a noite. Paris lampejou, fugiu n'um derradeiro clarão de janellas... Para o sorver, Jacintho ainda se arremessou á portinhola. Mas rolavamos já na treva da Provincia. O meu Principe então recahiu nas almofadas:

—Que aventura, Zé Fernandes!

Até Chartres, em silencio, folheamos as Illustrações. Em Orleans, o guarda veio arranjar respeitosamente as nossas camas. Derreado com aquelles quatorze mezes de Civilisação adormeci—e só acordei em Bordeus quando Grillo, zeloso, nos trouxe o nosso chocolate. Fóra, uma chuva miudinha pingava mollemente d'um espesso ceu de algodão sujo. Jacintho não se deitára, desconfiado da aspereza e da humidade dos lençoes. E, mettido n'um roupão de flanella branco, com a face arripiada e estremunhada, ensopando um bolo no chocolate, rosnava sombriamente:

—Este horror!... E agora com chuva!

Em Biarritz, ambos observamos com uma certeza indolente:

—É Biarritz.

Depois Jacintho, que espreitava pela janella embaciada, reconheceu o lento caminhar pernalto, o nariz bicudo e triste, do Historiador Danjon. Era elle, o facundo homem, vestido de xadrezinho, ao lado d'uma dama roliça que levava pela trella uma cadellinha felpuda. Jacintho baixou a vidraça violentamente, berrou pelo Historiador, na ancia de communicar ainda, através d'elle, com a Cidade, com o 202!... Mas o comboio mergulhára na chuva e nevoa.

Sobre a ponte do Bidassoa, antevendo o termo da vida facil, os abrolhos da Incivilisação, Jacintho suspirou com desalento:

—Agora adeus, começa a Hespanha!...

Indignado, eu, que já saboreava o generoso ar da terra bemdita, saltei para diante do meu Principe, e n'um saracoteio de tremendo salero, castanholando os dedos, entoei uma «petenera» condigna:

A la puerta de mi casa
Ay Soledad, Soleda... á... á... á.

Elle estendeu os braços, supplicante:

—Zé Fernandes, tem piedade do enfermo e do triste!

—*Irun! Irun!*...

N'essa Irun almoçamos com succulencia —por que sobre nós velava, como Deusa omnipresente, a Companhia do Norte. Depois «el jefe d'Aduana, el jefe d'Estacion», preciosamente nos installaram n'outro salão, novo, com setins côr d'azeitona, mas tão pequeno que uma rica porção dos nossos confortos em mantas, livros, saccos e impermeaveis, passou para o compartimento do *Sleeping* onde se repoltreavam o Grillo e o Anatole, ambos de bonets escocezes, e fumando gordos charutos.—*Buen viaje! Gracias! Servidores!*—E entramos silvando nos Pyreneos.

Sob a influencia da chuva embaciadora, d'aquellas serras sempre eguaes, que se desenrolavam, arripiadas, diluidas na nevoa, resvalei a uma somnolencia dôce;—e, quando descerrava as palpebras, encontrava Jacintho a um canto, esquecido do livro fechado nos joelhos, sobre que cruzára os magros dedos, considerando valles e montes com a melancolia de quem penetra nas terras do seu desterro! Um momento veio em que, arremessando o livro, enterrando mais o chapéo molle, se ergueu com tanta decisão, que receei detivesse o comboio para saltar á estrada,

correr atravez das Vascongadas e da Navarra, para traz, para o 202! Sacudi o meu torpôr, exclamei:—«oh menino!...» Não! O pobre amigo ia apenas continuar o seu tedio para outro canto, enterrado n'outra almofada, com outro livro fechado. E á maneira que a escuridão da tarde crescia, e com ella a borrasca de vento e agoa, uma inquietação mais aterrada se apoderava do meu Principe, assim desgarrado da Civilisação, arrastado para a Natureza que já o cercava de brutalidade agreste. Não cessou então de me interrogar sobre Tormes:

—As noites são horriveis, hein, Zé Fernandes? Tudo negro, enorme solidão... E medico?... Ha medico?

Subitamente o comboio estacou. Mais grossa e ruidosa a chuva fustigou as vidraças. Era um descampado, todo em treva, onde rolava e lufava um grande vento solto. A machina apitava, com angustia. Uma lanterna lampejou, correndo. Jacintho batia o pé: —«É medonho! é medonho!»... Entreabri a portinhola. Da claridade incerta das vidraças surdiam cabeças esticadas, assustadas.—«*Que hay? Que hay?*»—A uma rajada, que me alagou, recuei:—e esperamos durante lentos, calados minutos, esfregando desesperadamente os vidros embaciados para sondar a escuri-

dão. De repente o comboio recomeçou a rolar, muito sereno.

Em breve appareceram as luzinhas mortas d'uma estação abarracada. Um conductor, com o casacão de oleado todo a escorrer, trepou ao salão:—e por elle soubemos, emquanto carimbava apressadamente os bilhetes, que o trem, muito atrazado, talvez não alcançasse em Medina o comboio de Salamanca!

—Mas então?...

O casaco de oleado escorregára pela portinhola, fundido na noite, deixando um cheiro de humidade e azeite. E nós encetamos um novo tormento... Se o trem de Salamanca tivesse abalado? O salão, tomado até Medina, desengatava em Medina:—e eis os nossos preciosos corpos, com as nossas preciosas almas, despejados em Medina, para cima da lama, entre vinte e trez malas, n'uma rude confusão hespanhola, sob a tormenta de ventania e d'agua!

—Oh, Zé Fernandes, uma noite em Medina!

Ao meu Principe apparecia como desventura suprema essa noite em Medina, n'uma *fonda* sordida, fedendo a alho, com gordas filas de percevejos atravez dos lençoes d'estopa encardida!... Não cessei então de fitar, n'um desassocego, os ponteiros do relogio:—emquanto Jacintho, pela vidraça escancarada, todo fus-

tigado da chuva clamorosa, furava a negrura, na esperança de avistar as luzes de Medina e um comboio paciente fumegando... Depois recahia no divan, limpava os bigodes e os olhos, maldizia a Hespanha. O trem arquejava, rompendo o vasto vento da planura desolada. E a cada apito era um alvoroço. Medina?... Não! Algum sumido apeadeiro, onde o trem se atardava, esfalfado, resfolgando, emquanto dormentes figuras encarapuçadas, embrulhadas em mantas, rondavam sob o telheiro do barracão, que as lanternas baças tornavam mais soturno. Jacintho esmurrava o joelho: — «Mas por que pára este infame comboio? Não ha trafico, não ha gente! Oh esta Hespanha!...» A sineta badalava, moribunda. De novo fendiamos a noite e a borrasca.

Resignadamente comecei a percorrer um *Jornal do Commercio,* antigo, trazido de Paris. Jacintho esmagava o espesso tapete do salão com passadas rancorosas, rosnando como uma fera. E ainda assim se escoou, ás gottas, uma hora cheia de eternidade. — Um silvo, outro silvo!... Luzes mais fortes, longe, palpitaram na neblina. As rodas trilharam, com rijos solavancos, os encontros de carris. Emfim, Medina!... Um muro sujo de barracão alvejou — e bruscamente, á portinhola aberta com violencia, apparece um cavalheiro barbu-

do, de capa á hespanhola, gritando pelo snr. D. Jacintho!... Depressa! depressa! que parte o comboio de Salamanca!

—«Que no hay un momento, caballeros! Que no hay un momento!»

Agarro estonteadamente o meu paletot, o *Jornal do Commercio.* Saltamos com ancia: —e, pela plataforma, por sobre os trilhos, através de charcos, tropeçando em fardos, empurrados pelo vento, pelo homem da capa á hespanhola, enfiamos outra portinhola, que se fechou com um estalo tremendo... Ambos arquejavamos. Era um salão forrado de um panno verde que comia a luz escassa. E eu estendia o braço, para receber dos carregadores açodados as nossas malas, os nossos livros, as nossas mantas—quando, em silencio, sem um apito, o trem despegou e rolou. Ambos nos atiramos ás vidraças, em brados furiosos:

—Pare! As nossas malas, as nossas mantas!... P'ra aqui!... Oh Grillo! Oh Grillo!

Uma immensa rajada levou os nossos brados. Era de novo o descampado tenebroso, sob a chuva despenhada. Jacintho ergueu os punhos, n'um furor que o engasgava:

—Oh! Que serviço! Oh que canalhas!... Só em Hespanha!... E agora? As malas perdidas!... Nem uma camisa, nem uma escova!

Calmei o meu desgraçado amigo:

— Escuta! eu entrevi dous carregadores arrebanhando as nossas cousas... Decerto o Grillo fiscalisou. Mas na pressa, naturalmente, atirou com tudo para o seu compartimento... Foi um erro não trazer o Grillo comnosco, no salão... Até podiamos jogar a manilha!

De resto a sollicitude da Companhia, Deusa omnipresente, velava sobre o nosso conforto — pois que á porta do lavatorio branquejava o cesto da nossa ceia, mostrando na tampa um bilhete de D. Esteban com estas doces palavras a lapis — *á D. Jacintho y su egregio amigo, que les dê gusto!* Farejei um aroma de perdiz. E alguma tranquillidade nos penetrou no coração sentindo tambem as nossas malas sob a tutella da Deusa omnipresente.

—Tens fome Jacintho?

—Não. Tenho horror, furor, rancor!... E tenho somno.

Com effeito! depois de tão desencontradas emoções só appeteciamos as camas que esperavam, macias e abertas. Quando cahi sobre a travesseira, sem gravata, em ceroulas, já o meu Principe, que não se despira, apenas embrulhára os pés no *meu* paletot, nosso unico agasalho, resonava com magestade.

Depois, muito tarde e muito longe, percebi junto do meu catre, na claridadezinha da manhã, coada pelas cortinas verdes, uma

fardeta, um bonet, que murmuravam baixinho com immensa doçura:

—V. exc.as não têem nada a declarar?... Não ha malinhas de mão?...

Era a minha terra! Murmurei baixinho com immensa ternura:

—Não temos aqui nada... Pergunte v. exc.a pelo Grillo... Ahi atraz, n'um compartimento... Elle tem as chaves, tem tudo... É o Grillo.

A fardeta desappareceu, sem rumor, como sombra benefica. E eu readormeci com o pensamento em Guiães, onde a tia Vicencia, atarefada, de lenço branco cruzado no peito, de certo já preparava o leitão.

Acordei envolto n'um largo e doce silencio. Era uma Estação muito socegada, muito varrida, com rosinhas brancas trepando pelas paredes—e outras rosas em moitas, n'um jardim, onde um tanquesinho abafado de limos dormia sob duas mimosas em flôr que rescendiam. Um moço pallido, de paletot côr de mel, vergando a bengalinha contra o chão, contemplava pensativamente o comboio. Agachada rente á grade da horta, uma velha, diante da sua cesta de ovos, contava moedas de cobre no regaço. Sobre o telhado seccavam aboboras. Por cima rebrilhava, o profundo,

rico e macio azul de que meus olhos andavam agoados.

Sacudi violentamente Jacintho:

—Acorda, homem, que estás na tua terra!

Elle desembrulhou os pés do meu paletot, cofiou o bigode, e veio sem pressa, á vidraça que eu abrira, conhecer a sua terra.

—Então é Portugal, hein?... Cheira bem.

—Está claro que cheira bem, animal!

A sineta tilintou languidamente. E o comboio deslisou, com descanço, como se passeasse para seu regalo sobre as duas fitas d'aço, assobiando e gozando a belleza da terra e do ceu.

O meu Principe alargava os braços, desolado:

—E nem uma camisa, nem uma escova, nem uma gotta d'agoa de Colonia!... Entro em Portugal, immundo!

—Na Regoa ha uma demora, temos tempo de chamar o Grillo, rehaver os nossos confortos... Olha para o rio!

Rolavamos na vertente d'uma serra, sobre penhascos que desabavam até largos socalcos cultivados de vinhedo. Em baixo, n'uma esplanada, branquejava uma casa nobre, de opulento repouso, com a capellinha muito caiada entre um laranjal maduro. Pelo rio, onde a agoa turva e tarda nem se quebrava contra

as rochas, descia, com a vela cheia, um barco lento carregado de pipas. Para além, outros socalcos, d'um verde pallido de rezeda, com oliveiras apoucadas pela amplidão dos montes, subiam até outras penedias que se embebiam, todas brancas e assoalhadas, na fina abundancia do azul. Jacintho acariciava os pellos corredios do bigode:

— O Douro, hein?... É interessante, tem grandeza. Mas agora é que eu estou com uma fome, Zé Fernandes!

Tambem eu! Destapamos o cesto de D. Esteban d'onde surdiu um bodo grandioso, de presunto, anho, perdizes, outras viandas frias que o ouro de duas nobres garrafas d'Amontillado, além de duas garrafas de Rioja, aqueciam com um calor de sol Andaluz. Durante o presunto, Jacintho lamentou contrictamente o seu erro. Ter deixado Tormes, um solar historico, assim abandonado e vasio! Que delicia, por aquella manhã tão lustrosa e tepida, subir á serra, encontrar a sua casa bem apetrechada, bem civilisada... Para o animar, lembrei que com as obras do Silverio, tantos caixotes de Civilisação remettidos de Paris, Tormes estaria confortavel mesmo para Epicuro. Oh! mas Jacintho entendia um palacio perfeito, um 202 no deserto!... E, assim discorrendo, atacamos as perdizes. Eu desarro-

lhava uma garrafa de Amontillado—quando o comboio, muito surrateiramente, penetrou n'uma Estação. Era a Regoa. E o meu Principe pousou logo a faca para chamar o Grillo, reclamar as malas que traziam o aceio dos nossos corpos.

—Espera, Jacintho! Temos muito tempo. O comboio pára aqui uma hora... Come com tranquillidade. Não escangalhemos este almocinho com arrumações de maletas... O Grillo não tarda a apparecer.

E corri mesmo a cortina, porque de fóra um padre muito alto, com uma ponta de cigarro collada ao beiço, parára a espreitar indiscretamente o nosso festim. Mas quando acabamos as perdizes, e Jacintho confiadamente desembrulhava um queijo manchego, sem que Grillo ou Anatole comparecessem, eu, inquieto, corri á portinhola para apressar esses servos tardios... E n'esse instante o comboio, largando, deslisou com o mesmo silencio surrateiro. Para o meu Principe foi um desgosto:

—Ahi ficamos outra vez sem um pente, sem uma escova... E eu que queria mudar de camisa! Por culpa tua, Zé-Fernandes!

—É espantoso!... Demora sempre uma eternidade. Hoje chega e abala! Paciencia, Jacintho. Em duas horas estamos na Estação de Tormes... Tambem não valia a pena mu-

dar de camisa para subir á serra! Em casa tomamos um banho, antes de jantar... Já deve estar installada a banheira.

Ambos nos consolamos com copinhos d'uma divina aguardente Chinchon. Depois, estendidos nos sophás, saboreando os dois charutos que nos restavam, com as vidraças abertas ao ar adoravel, conversamos de Tormes. Na estação certamente estaria o Silverio, com os cavallos...

—Que tempo leva a subir?

Uma hora. Depois de lavados sobrava tempo para um demorado passeio pelas terras com o caseiro, o excellente Melchior, para que o Senhor de Tormes, solemnemente, tomasse posse do seu Senhorio. E á noite o primeiro brodio da serra, com os piteus vernaculos do velho Portugal!

Jacintho sorria, seduzido:

—Vamos a vêr que cozinheiro me arranjou esse Silverio. Eu recommendei que fosse um soberbo cozinheiro portuguez, classico. Mas que soubesse trufar um perú, afogar um bife em molho de moella, estas cousas simples da cozinha de França!... O peor é não te demorares, seguires logo para Guiães...

—Ah, menino, annos da tia Vicencia no sabbado... Dia sagrado! Mas volto. Em duas semanas estou em Tormes, para fazermos uma

larga Bucolica. E, está claro, para assistir á trasladação.

Jacintho estendera o braço:

—Que casarão é aquelle, além no outeiro, com a torre?

Eu não sabia. Algum solar de fidalgote do Douro... Tormes era n'esse feitio atarracado e massiço. Casa de seculos e para seculos — mas sem torre.

—E logo se vê, da estação, Tormes?...

—Não! Muito no alto, n'uma prega da serra, entre arvoredo.

No meu Principe já evidentemente nascêra uma curiosidade pela sua rude casa ancestral. Mirava o relogio, impaciente. Ainda trinta minutos! Depois, sorvendo o ar e a luz, murmurava, no primeiro encanto de iniciado:

—Que doçura, que paz...

—Trez horas e meia, estamos a chegar, Jacintho!

Guardei o meu velho *Jornal do Commercio* dentro do bolso do paletot, que deitei sobre o braço;—e ambos em pé, ás janellas, esperamos com alvoroço a pequenina Estação de Tormes, termo ditoso das nossas provações. Ella appareceu emfim, clara e simples, á beira do rio, entre rochas, com os seus vistosos girasoes enchendo um jardimsinho breve, as duas altas figueiras assombreando o pateo,

e por traz a serra coberta de velho e denso arvoredo... Logo na plataforma avistei com gosto a immensa barriga, as bochechas menineiras do chefe da Estação, o louro Pimenta, meu condiscipulo em Rhetorica, no Lyceu de Braga. Os cavallos decerto esperavam, á sombra, sob as figueiras.

Mal o trem parou ambos saltamos alegremente. A bojuda massa do Pimenta rebolou para mim com amizade:

—Viva o amigo Zé Fernandes!

—Oh bello Pimentão!...

Apresentei o senhor de Tormes. E immediatamente:

—Ouve lá, Pimentinha... Não está ahi o Silverio?

—Não... O Silverio ha quasi dois mezes que partiu para Castello de Vide, vêr a mãe que apanhou uma cornada d'um boi!

Atirei a Jacintho um olhar inquieto:

—Ora essa! E o Melchior, o caseiro?... Pois não estão ahi os cavallos para subirmos á quinta?

O digno chefe ergueu com surpreza as sobrancelhas côr de milho:

—Não!... Nem Melchior, nem cavallos... O Melchior... Ha que tempos eu não vejo o Melchior!

O carregador badalou lentamente a sineta

para o comboio rolar. Então, não avistando em torno, na lisa e despovoada Estação, nem creados nem malas, o meu Principe e eu lançamos o mesmo grito de angustia:

—E o Grillo? as bagagens?...

Corremos pela beira do comboio, berrando com desespero:

—Grillo!... Oh Grillo!... Anatole!... Oh Grillo!

Na esperança que elle e o Anatole viessem mortalmente adormecidos, trepavamos aos estribos, atirando a cabeça para dentro dos compartimentos, espavorindo a gente quieta com o mesmo berro que retumbava:—«Grillo, estás ahi, Grillo?»—Já d'uma terceira-classe, onde uma viola repenicava, um jocoso gania, troçando:—«Não ha por ahi um grillo? Andam por ahi uns senhores a pedir um grillo!» —E nem Anatole, nem Grillo!

A sineta tilintou.

— Oh Pimentinha, espera, homem, não deixes largar o comboio!... As nossas bagagens, homem!

E, afflicto, empurrei o enorme chefe para o forgão de carga, a pesquizar, descortinar as nossas vinte e trez malas! Apenas encontramos barris, cestos de vime, latas de azeite, um bahú amarrado com cordas... Jacintho

mordia os beiços, livido. E o Pimentinha, esgazeado:

—Oh filhos, eu não posso atrazar o comboio!...

A sineta repicou... E com um bello fumo claro o comboio desappareceu por detraz das fragas altas. Tudo em torno pareceu mais calado e deserto. Alli ficavamos pois baldeados, perdidos na serra, sem Grillo, sem procurador, sem caseiro, sem cavallos, sem malas! Eu conservava o paletot alvadio, d'onde surdia o *Jornal do Commercio*. Jacintho, uma bengala. Eram todos os nossos bens!

O Pimentão arregalava para nós os olhinhos papudos e compadecidos. Contei então áquelle amigo o atarantado trasfêgo em Medina sob a borrasca, o Grillo desgarrado, encalhado com as vinte e trez malas, ou rolando talvez para Madrid sem nos deixar um lenço...

—Eu não tenho um lenço!... Tenho este *Jornal do Commercio*. É toda a minha roupa branca.

—Grande arrelia, caramba! murmurava o Pimenta, impressionado. E agora?

—Agora, exclamei, é trepar para a quinta, á pata... A não ser que se arranjassem ahi uns burros.

Então o carregador lembrou que perto, no casal da Giesta, ainda pertencente a Tormes,

o caseiro, seu compadre, tinha uma boa egua e um jumento... E o prestante homem enfiou n'uma carreira para a Giesta—emquanto o meu Principe e eu cahiamos para cima d'um banco, arquejantes e succumbidos, como naufragos. O vasto Pimentinha, com as mãos nas algibeiras, não cessava de nos contemplar, de murmurar:—«É de arrelia».—O rio defronte descia, preguiçoso e como adormentado sob a calma já pesada de maio, abraçando, sem um sussurro, uma larga ilhota de pedra que rebrilhava. Para além a serra crescia em corcovas doces, com uma funda prega onde se aninhava, bem junta e esquecida do mundo, uma villasinha clara. O espaço immenso repousava n'um immenso silencio. N'aquellas solidões de monte e penedia os pardaes, revoando no telhado, pareciam aves consideraveis. E a massa rotunda e rubicunda do Pimentinha dominava, atulhava a região.

—Está tudo arranjado, meu senhor! Vêm ahi os bichos!... Só o que não calhou foi um selimsinho para a jumenta!

Era o carregador, digno homem, que voltava da Giesta, sacudindo na mão duas esporas desirmanadas e ferrugentas. E não tardaram a apparecer no corrego, para nos levarem a Tormes, uma egua ruça, um jumento com albarda, um rapaz e um podengo. Apertamos

a mão suada e amiga do Pimentinha. Eu cedi a egua ao senhor de Tormes. E começamos a trepar o caminho, que não se alisára nem se desbravára desde os tempos em que o trilhavam, com rudes sapatões ferrados, cortando de rio a monte, os Jacinthos do seculo XIV! Logo depois de atravessarmos uma tremula ponte de pau, sobre um riacho quebrado por pedregulhos, o meu Principe, com o olho de dono subitamente aguçado, notou a robustez e a fartura das oliveiras... —E em breve os nossos males esqueceram ante a incomparavel belleza d'aquella serra bemdita!

Com que brilho e inspiração copiosa a compozera o divino Artista que faz as serras, e que tanto as cuidou, e tão ricamente as dotou, n'este seu Portugal bem-amado! A grandeza egualava a graça. Para os valles, poderosamente cavados, desciam bandos de arvoredos, tão copados e redondos, d'um verde tão môço que eram como um musgo macio onde appetecia cahir e rolar. Dos pendores, sobranceiros ao carreiro fragoso, largas ramarias estendiam o seu toldo amavel, a que o esvoaçar leve dos passaros sacudia a fragrancia. Atravez dos muros seculares, que sustem as terras liados pelas heras, rompiam grossas raizes colleantes a que mais hera se enroscava. Em todo o torrão, de cada fenda, brotavam

flôres silvestres. Brancas rochas, pelas encostas, alastravam a solida nudez do seu ventre polido pelo vento e pelo sol; outras, vestidas de lichen e de silvados floridos, avançavam como prôas de galeras enfeitadas: e, d'entre as que se apinhavam nos cimos, algum casebre que para lá galgára, todo amachucado e torto, espreitava pelos postigos negros, sob as desgrenhadas farripas de verdura, que o vento lhe semeára nas telhas. Por toda a parte a agua sussurrante, a agua fecundante... Espertos regatinhos fugiam, rindo com os seixos, d'entre as patas da egua e do burro; grossos ribeiros açodados saltavam com fragor de pedra em pedra; fios direitos e luzidios como cordas de prata vibravam e faiscavam das alturas aos barrancos; e muita fonte, posta á beira de veredas, jorrava por uma bica, beneficamente, á espera dos homens e dos gados... Todo um cabeço por vezes era uma ceára, onde um vasto carvalho ancestral, solitario, dominava como seu senhor e seu guarda. Em socalcos verdejavam laranjaes rescendentes. Caminhos de lages soltas circumdavam fartos prados com carneiros e vaccas retouçando: — ou mais estreitos, entalados em muros, penetravam sob ramadas de parra espessa, n'uma penumbra de repouso e frescura. Trepavamos então alguma ruasinha de aldeia, dez ou doze

casebres, sumidos entre figueiras, onde se esgaçava, fugindo do lar pela telha vã, o fumo branco e cheiroso das pinhas. Nos cerros remotos, por cima da negrura pensativa dos pinheiraes, branquejavam ermidas. O ar fino e puro entrava na alma, e n'alma espalhava alegria e força. Um esparso tilintar de chocalhos de guizos morria pelas quebradas...

Jacintho adiante, na sua egua ruça, murmurava:

—Que belleza!

E eu atraz, no burro de Sancho, murmurava:

—Que belleza!

Frescos ramos roçavam os nossos hombros com familiaridade e carinho. Por traz das sebes, carregadas d'amoras, as macieiras estendidas offereciam as suas maçãs verdes, porque as não tinham maduras. Todos os vidros d'uma casa velha, com a sua cruz no topo, refulgiram hospitaleiramente quando nós passamos. Muito tempo um melro nos seguiu, de azinheiro a olmo, assobiando os nossos louvores. Obrigado, irmão melro! Ramos de macieira, obrigado! Aqui vimos, aqui vimos! E sempre comtigo fiquemos, serra tão acolhedora, serra de fartura e de paz, serra bemdita entre as serras!

Assim, vagarosamente e maravilhados, che-

gamos áquella avenida de faias, que sempre me encantára pela sua fidalga gravidade. Atirando uma vergastada ao burro e á egua, o nosso rapaz, com o seu podengo sobre os calcanhares, gritou: — «Aqui é que estêmos, meus amos!» E ao fundo das faias, com effeito, apparecia o portão da quinta de Tormes, com o seu brazão de armas, de secular granito, que o musgo retocava e mais envelhecia. Dentro já os cães ladravam com furor. E quando Jacintho, na sua suada egua, e eu atraz, no burro de Sancho, transpozemos o limiar solarengo, desceu para nós, do alto do alpendre, pela escadaria de pedra gasta, um homem nedio, rapado como um padre, sem collete, sem jaleca, acalmando os cães que se encarniçavam contra o meu Principe. Era o Melchior, o caseiro... Apenas me reconheceu, toda a bocca se lhe escancarou n'um riso hospitaleiro, a que faltavam dentes. Mas apenas eu lhe revelei, n'aquelle cavalheiro de bigodes louros que descia da egua esfregando os quadris, o senhor de Tormes — o bom Melchior recuou, colhido de espanto e terror como diante d'uma avantesma.

— Ora essa!... Santissimo nome de Deus! Pois então...

E, entre o rosnar dos cães, n'um bracejar desolado, balbuciou uma historia que por

seu turno apavorava Jacintho, como se o negro muro do casarão pendesse para desabar. O Melchior não esperava s. ex.ª! Ninguem esperava s. ex.ª!... (Elle dizia *sua incellencia*)... O snr. Silverio estava para Castello de Vide desde março, com a mãe, que apanhára uma cornada na virilha. E de certo houvera engano, cartas perdidas... Porque o snr. Silverio só contava com s. exc.ª em setembro, para a vindima! Na casa as obras seguiam devagarinho, devagarinho... O telhado, no sul, ainda continuava sem telhas; muitas vidraças esperavam, ainda sem vidros; e, para ficar, Virgem Santa, nem uma cama arranjada!...

Jacintho cruzou os braços n'uma colera tumultuosa que o suffocava. Por fim, com um berro:

—Mas os caixotes? Os caixotes, mandados de Paris, em fevereiro, ha quatro mezes?...

O desgraçado Melchior arregalava os olhos miudos, que se embaciavam de lagrimas. Os caixotes?! Nada chegára, nada apparecera!... E na sua perturbação mirava pelas arcadas do pateo, palpava na algibeira das pantalonas. Os caixotes?... Não, não tinha os caixotes!

—E agora, Zé Fernandes?

Encolhi os hombros:

—Agora, meu filho, só vires commigo para Guiães... Mas são duas horas fartas a caval-

lo. E não temos cavallos! O melhor é vêr o casarão, comer a boa gallinha que o nosso amigo Melchior nos assa no espeto, dormir n'uma enxerga, e ámanha cedo, antes do calor, trotar para cima, para a tia Vicencia.

Jacintho replicou, com uma decisão furiosa:

—Ámanhã troto, mas para baixo, para a estação!... E depois, para Lisboa!

E subiu a gasta escadaria do seu solar com amargura e rancor. Em cima uma larga varanda acompanhava a fachada do casarão, sob um alpendre de negras vigas, toda ornada, por entre os pilares de granito, com caixas de pau onde floriam cravos. Colhi um crávo amarello—e penetrei atraz de Jacintho nas salas nobres, que elle contemplava com um murmurio de horror. Eram enormes, d'uma sonoridade de casa capitular, com os grossos muros ennegrecidos pelo tempo e o abandono, e regeladas, desoladamente núas, conservando apenas aos cantos algum monte de canastras ou alguma enxada entre paus. Nos tectos remotos, de carvalho apainelado, luziam através dos rasgões manchas de céo. As janellas, sem vidraças, conservavam essas macissas portadas, com fechos para as trancas, que, quando se cerram, espalham a tre-

va. Sob os nossos passos, aqui e além, uma taboa pôdre rangia e cedia.

—Inhabitavel! rugia Jacintho surdamente. Um horror! Uma infamia!...

Mas depois, n'outras salas, o soalho alternava com remendos de taboas novas. Os mesmos remendos claros mosqueavam os velhissimos tectos de rico carvalho sombrio. As paredes repelliam pela alvura crúa da cal fresca. E o sol mal atravessava as vidraças—embaciadas e gordurentas da massa e das mãos dos vidraceiros.

Penetramos emfim na ultima, a mais vasta, rasgada por seis janellas, mobilada com um armario e com uma enxerga parda e curta estirada a um canto: e junto d'ella paramos, e sobre ella depuzemos tristemente o que nos restava de vinte e trez malas—o meu paletot alvadio, a bengala de Jacintho, e o *Jornal do Commercio* que nos era commum. Através das janellas escancaradas, sem vidraças, o grande ar da serra entrava e circulava como n'um eirado, com um cheiro fresco d'horta regada. Mas o que avistavamos, da beira da enxerga, era um pinheiral cobrindo um cabeço e descendo pelo pendor suave, á maneira d'uma hoste em marcha, com pinheiros na frente, destacados, direitos, emplumados de negro; mais longe as serras

d'além rio, d'uma fina e macia côr de violeta; depois a brancura do céo, todo liso, sem uma nuvem, d'uma magestade divina. E lá debaixo, dos valles, subia, desgarrada e melancolica, uma voz de pegureiro cantando.

Jacintho caminhou lentamente para o poial d'uma janella, onde cahiu esbarrondado pelo desastre, sem resistencia ante aquelle brusco desapparecimento de toda a Civilisação! Eu palpava a enxerga, dura e regelada como um granito de inverno. E pensando nos luxuosos colchões de pennas e molas, tão prodigamente encaixotados no 202, desafoguei tambem a minha indignação:

—Mas os caixotes, caramba?... Como se perdem assim trinta e tantos caixotes enormes?...

Jacintho saccudiu amargamente os hombros:

—Encalhados, por ahi, algures, n'um barracão!... Em Medina, talvez, n'essa horrenda Medina. Indifferença das Companhias, inercia do Silverio... Emfim a Peninsula, a barbarie!

Vim ajoelhar sobre o outro poial, alongando os olhos consolados por céo e monte:

—É uma belleza!

O meu principe, depois de um silencio grave, murmurou, com a face encostada á mão:

—É uma lindeza... E que paz!

Sob a janella vicejava fartamente uma horta, com repolho, feijoal, talhões de alface, gordas folhas de abobora rastejando. Uma eira, velha e mal alisada, dominava o valle, d'onde já subia tenuemente a nevoa d'algum fundo ribeiro. Toda a esquina do casarão d'esse lado se encravava em laranjal. E d'uma fontinha rustica, meio afogada em rosas tremedeiras, corria um longo e rutilante fio d'agua.

—Estou com appetite desesperado d'aquella agoa! declarou Jacintho, muito sério.

—Tambem eu... Desçamos ao quintal, hein? E passamos pela cosinha, a saber do frango.

Voltamos á varanda. O meu Principe, mais conciliado com o destino inclemente, colheu um cravo amarello. E por outra porta baixa, de rigissimas hombreiras, mergulhamos n'uma sala, alastrada de caliça, sem tecto, coberta apenas de grossas vigas, d'onde s'ergueu uma revoada de pardaes.

—Olha para este horror! murmurava Jacintho arripiado.

E descemos por uma lobrega escada de castello, tenteando depois um corredor tenebroso de lages asperas, atravancado por profundas arcas, capazes de guardar todo o grão d'uma provincia. Ao fundo a cozinha, immen-

sa, era uma massa de fórmas negras, madeira negra, pedra negra, densas negruras de felugem secular. E n'este negrume refulgia a um canto, sobre o chão de terra negra, a fogueira vermelha, lambendo tachos e panellas de ferro, despedindo uma fumarada que fugia pela grade aberta no muro, depois por entre a folhagem dos limoeiros. Na enorme lareira, onde se aqueciam e assavam as suas grossas peças de porco e boi os Jacinthos medievaes, agora desaproveitada pela frugalidade dos caseiros, negrejava um poeirento montão de cestas e ferramentas; e a claridade toda entrava por uma porta de castanho, escancarada sobre um quintalejo rustico em que se misturavam couves lombardas e junquilhos formosos. Em roda do lume um bando alvoroçado de mulheres depennava frangos, remexia as caçarolas, picava a cebola, com um fervor afogueado e palreiro. Todas emmudeceram quando apparecemos — e d'entre ellas o pobre Melchior, estonteado, com o sangue a espirrar na nedia face d'abbade, correu para nós, jurando «que o jantarinho de suas Incellencias não demorava um credo»...

— E a respeito de camas, oh amigo Melchior?

O digno homem ciciou uma desculpa encolhida «sobre enxergasinhas no chão...»

—É o que basta! acudi eu, para o consolar. Por uma noite, com lençoes frescos...

—Ah, lá pelos lençoesinhos respondo eu!... Mas um desgosto assim, meu senhor! A gente apanhada sem um colxãosinho de lã, sem um lombosinho de vacca... Que eu já pensei, até lembrei á minha comadre, V. Inc.as podiam ir dormir aos *Ninhos*, a casa do Silverio. Tinham lá camas de ferro, lavatorios... Elle sempre é uma legoasita e mau caminho...

Jacintho, bondoso, accudiu:

—Não, tudo se arranja, Melchior. Por uma noite!... Até gósto mais de dormir em Tormes, na minha casa da serra!

Sahimos ao terreiro, retalho de horta fechado por grossas rochas encabelladas de verdura, entestando com os socalcos da serra onde lourejava o centeio. O meu principe bebeu da agua nevada e lusidia da fonte, regaladamente, com os beiços na bica; appeteceu a alface rechonchuda e crespa; e atirou pulos aos ramos altos d'uma copada cerejeira, toda carregada de cereja. Depois, costeando o velho lagar, a que um bando de pombas branqueava o telhado, deslisámos até ao carreiro, cortado no costado do monte. E andando, pensativamente, o meu Principe pasmava para os milheiraes, para os vetustos carvalhos plantados por vetustos Jacinthos, para os casebres

espalhados sobre os cabeços á orla negra dos pinheiraes.

De novo penetramos na avenida de faias e transpozemos o portão senhorial entre o latir dos cães, mais mansos, farejando um dono. Jacintho reconheceu «certa nobreza» na frontaria do seu lar. Mas sobretudo lhe agradava a longa alameda, assim direita e larga, como traçada para n'ella se desenrolar uma cavalgada de Senhores com plumas e pagens. Depois, de cima da varanda, reparando na telha nova da capella, louvou o Silverio, «esse ralaço», por cuidar ao menos da morada do Bom-Deus.

—E esta varanda tambem é agradavel, murmurou elle mergulhando a face no aroma dos cravos. Precisa grandes poltronas, grandes divans de verga...

Dentro, na «nossa sala», ambos nos sentamos nos poiaes da janella, contemplando o doce socego crepuscular que lentamente se estabelecia sobre valle e monte. No alto tremeluzia uma estrellinha, a Venus diamantina, languida annunciadora da noite e dos seus contentamentos. Jacintho nunca considerára demoradamente aquella estrella, de amorosa refulgencia, que perpetua no nosso Céo catholico a memoria da Deusa incomparavel: —nem assistira jámais, com a alma attenta, ao magestoso adormecer da Natureza. E este

ennegrecimento dos montes que se embuçam em sombra; os arvoredos emmudecendo, cançados de susurrar; o rebrilho dos casaes mansamente apagado; o cobertor de nevoa, sob que se acama e agasalha a frialdade dos valles; um toque somnolento de sino que rola pelas quebradas; o segredado cochichar das aguas e das relvas escuras—eram para elle como iniciações. D'aquella janella, aberta sobre as serras, entrevia uma outra vida, que não anda sómente cheia do Homem e do tumulto da sua obra. E senti o meu amigo suspirar como quem emfim descança.

D'este enlevo nos arrancou o Melchior com o doce aviso do «jantarinho de suas Incellencias». Era n'outra sala, mais núa, mais abandonada:—e ahi logo á porta o meu supercivilisado Principe estacou, estarrecido pelo desconforto, escassez e rudeza das coisas. Na mesa, encostada ao muro denegrido, sulcado pelo fumo das candeias, sobre uma toalha de estopa, duas velas de sêbo em castiçaes de lata alumiavam grossos pratos de louça amarella, ladeados por colheres de estanho e por garfos de ferro. Os copos, d'um vidro espesso, conservavam a sombra roxa do vinho que n'elles passára em fartos annos de fartas vindimas. A malga de barro, atestada de azeitonas pretas, contentaria Diogenes. Espetado

na côdea d'um immenso pão reluzia um immenso facalhão. E na cadeira senhoreal reservada ao meu Principe, derradeira alfaia dos velhos Jacinthos, de hirto espaldar de couro, com a madeira roída de caruncho, a clina fugia em melenas pelos rasgões do assento poido.

Uma formidavel moça, de enormes peitos que lhe tremiam dentro das ramagens do lenço cruzado, ainda suada e esbrazeada do calor da lareira, entrou esmagando o soalho, com uma terrina a fumegar. E o Melchior, que seguia erguendo a infusa do vinho, esperava que suas Incellencias lhe perdoassem porque faltára tempo para o caldinho apurar... Jacintho occupou a séde ancestral — e, durante momentos (de esgazeada anciedade para o caseiro excellente) esfregou energicamente, com a ponta da toalha, o garfo negro, a fusca colhér de estanho. Depois, desconfiado, provou o caldo, que era de gallinha e rescendia. Provou — e levantou para mim, seu camarada de miserias, uns olhos que brilharam, surprehendidos. Tornou a sorver uma colherada mais cheia, mais considerada. E sorriu, com espanto: — « Está bom! »

Estava precioso: tinha figado e tinha moela: o seu perfume enternecia: tres vezes, fervorosamente, ataquei aquelle caldo.

—Tambem lá volto! exclamava Jacintho com uma convicção immensa. É que estou com uma fome... Santo Deus! Ha annos que não sinto esta fome.

Foi elle que rapou avaramente a sopeira. E já espreitava a porta, esperando a portadora dos piteus, a rija moça de peitos trementes, que emfim surgiu, mais esbrazeada, abalando o sobrado—e pousou sobre a mesa uma travessa a trasbordar de arroz com favas. Que desconsolo! Jacintho, em Paris, sempre abominára favas!... Tentou todavia uma garfada timida—e de novo aquelles seus olhos, que o pessimismo ennovoára, luziram, procurando os meus. Outra larga garfada, concentrada, com uma lentidão de frade que se regala. Depois um brado:

—Optimo!... Ah, d'estas favas, sim! Oh que fava! Que delicia!

E por esta santa gula louvava a serra, a arte perfeita das mulheres palreiras que em baixo remexiam as panellas, o Melchior que presidia ao brodio...

—D'este arroz com fava nem em Paris, Melchior amigo!

O homem optimo sorria, inteiramente desannuviado:

—Pois é cá a comidinha dos moços da quinta! E cada pratada, que até suas Incellencias

se riam... Mas agora, aqui, o Snr. D. Jacintho, tambem vae engordar e enrijar!

O bom caseiro sinceramente cria que, perdido n'esses remotos Parizes, o Senhor de Tormes, longe da fartura de Tormes, padecia fome e mingava... E o meu Principe, na verdade, parecia saciar uma velhissima fome e uma longa saudade da abundancia, rompendo assim, a cada travessa, em louvores mais copiosos. Diante do louro frango assado no espeto e da salada que elle appetecera na horta, agora temperada com um azeite da serra digno dos labios de Platão, terminou por bradar: —«É divino!» Mas nada o enthusiasmava como o vinho de Tormes, cahindo d'alto, da bojuda infusa verde — um vinho fresco, esperto, seivoso, e tendo mais alma, entrando mais na alma, que muito poema ou livro santo. Mirando, á vela de sêbo, o copo grosso que elle orlava de leve espuma rosea, o meu Principe, com um resplendôr d'optimismo na face, citou Virgilio:

— *Quo te carmina dicam, Rethica?* Quem dignamente te cantará, vinho amavel d'estas serras?

Eu, que não gosto que me avantagem em saber classico, espanejei logo tambem o meu Virgilio, louvando as doçuras da vida rural:

— *Hanc olim veteres vitam coluere Sabini...*

Assim viveram os velhos Sabinos. Assim Romulo e Remo... Assim cresceu a valente Etruria. Assim Roma se tornou a maravilha do mundo!

E immovel, com a mão agarrada á infusa, o Melchior arregalava para nós os olhos em infinito assombro e religiosa reverencia.

Ah! Jantamos deliciosissimamente, sob os auspicios do Melchior—que ainda depois, próvido e tutelar, nos forneceu o tabaco. E, como ante nós se alongava uma noite de monte, voltamos para as janellas desvidraçadas, na sala immensa, a contemplar o sumptuoso céo de verão. Philosophámos então com pachorra e facundia.

Na Cidade (como notou Jacintho) nunca se olham, nem lembram os astros—por causa dos candieiros de gaz ou dos globos de electricidade que os offuscam. Por isso (como eu notei) nunca se entra n'essa communhão com o Universo que é a unica gloria e unica consolação da Vida. Mas na serra, sem predios disformes de seis andares, sem a fumaraça que tapa Deus, sem os cuidados que como pedaços de chumbo puxam a alma para o pó rasteiro—um Jacintho, um Zé Fernandes, livres, bem jantados, fumando nos poiaes

d'uma janella, olham para os astros e os astros olham para elles. Uns, certamente, com olhos de sublime immobilidade ou de sublime indifferença. Mas outros curiosamente, anciosamente, com uma luz que acena, uma luz que chama, como se tentassem, de tão longe, revelar os seus segredos, ou de tão longe comprehender os nossos...

— Oh Jacintho, que estrella é esta, aqui, tão viva, sobre o beiral do telhado?

— Não sei... E aquella, Zé Fernandes, além, por cima do pinheiral?

— Não sei.

Não sabiamos. Eu, por causa da espessa crosta de ignorancia com que sahi do ventre de Coimbra, minha Mãe espiritual. Elle, porque na sua Bibliotheca possuia trezentos e oito tratados sobre Astronomia, e o Saber, assim accumulado, fórma um monte que nunca se transpõe nem se desbasta. Mas que nos importava que aquelle astro além se chamasse Syrius e aquelle outro Aldebaran? Que lhes importava a elles que um de nós fosse Jacintho, outro Zé? Elles tão immensos, nós tão pequeninos, somos a obra da mesma Vontade. E todos, Uranos ou Lorenas de Noronha e Sande, constituimos modos diversos d'um Sêr unico, e as nossas diversidades esparsas sommam na mesma compacta Unidade. Molle-

culas do mesmo Todo, governadas pela mesma Lei, rolando para o mesmo Fim... Do astro ao homem, do homem á flôr do trevo, da flôr do trevo ao mar sonoro—tudo é o mesmo Corpo, onde circula, como um sangue, o mesmo Deus. E nenhum fremito de vida, por menor, passa n'uma fibra d'esse sublime Corpo, que se não repercuta em todas, até ás mais humildes, até ás que parecem inertes e invitaes. Quando um Sol que não avisto, nunca avistarei, morre de inanição nas profundidades, esse esguio galho de limoeiro, em baixo na horta, sente um secreto arrepio de morte: —e, quando eu bato uma patada no soalho de Tormes, além o monstruoso Saturno estremece, e esse estremecimento percorre o inteiro Universo! Jacintho abateu rijamente a mão no rebordo da janella. Eu gritei:

—Acredita!... O sol tremeu.

E depois (como eu notei) deviamos considerar que, sobre cada um d'esses grãos de pó luminoso, existia uma creação, que incessantemente nasce, perece, renasce. N'este instante, outros Jacinthos, outros Zés Fernandes, sentados ás janellas d'outras Tormes, contemplam o céo nocturno, e n'elle um pequenininho ponto de luz, que é a nossa possante Terra por nós tanto sublimada. Não terão todos esta nossa fórma, bem fragil, bem

desconfortavel, e (a não ser no Apollo do Vaticano, na Venus de Milo e talvez na Princeza de Carman) singularmente feia e burlesca. Mas, horrendos ou de ineffavel belleza; collossaes e d'uma carne mais dura que o granito, ou leves como gazes e ondulando na luz, todos elles são sêres pensantes e teem consciencia da Vida—porque decerto cada Mundo possue o seu Descartes, ou já o nosso Descartes os percorreu a todos com o seu Methodo, a sua escura capa, a sua agudeza elegante, formulando a unica certeza talvez certa, o grande *Penso logo existo*. Portanto todos nós, Habitantes dos Mundos, ás janellas dos nossos casarões, além nos Saturnos, ou aqui na nossa Terricula, constantemente perfazemos um acto sacrosanto que nos penetra e nos funde—que é sentirmos no Pensamento o nucleo commum das nossas modalidades, e portanto realisarmos um momento, dentro da Consciencia, a Unidade do Universo!—Hein, Jacintho?...

O meu amigo rosnou:

—Talvez... Estou a cahir com somno.

—Tambem eu. «Remontamos muito, Ex.mo Snr.!» como dizia o Pestaninha em Coimbra. Mas nada mais bello, e mais vão, que uma cavaqueira, no alto das serras, a olhar para as estrellas!... Tu sempre vaes amanhã?

—Com certeza, Zé Fernandes! Com a certeza de Descartes. «Penso *logo fujo!*» Como queres tu, n'este pardieiro, sem uma cama, sem uma poltrona, sem um livro?... Nem só de arroz com fava vive o Homem! Mas demoro em Lisboa, para conversar com o Cesimbra, o meu Administrador. E tambem á espera que estas obras acabem, os caixotes surjam, e eu possa voltar decentemente, com roupa lavada, para a trasladação...

—É verdade, os ossos...

—Mas resta ainda o Grillo... Que animal! Por onde andará esse perdido?

Então, passeando lentamente na sala enorme, onde a vela de sêbo já derretida no castiçal de lata era como um lume de cigarro n'um descampado, meditámos na sorte do Grillo: O estimado negro ou fôra despejado nas lamas de Medina, com as vinte e sete malas, aos gritos—ou, regaladamente adormecido, rolára com o Anatole no comboio para Madrid. Mas ambos os casos appareciam ao meu Principe como irremediavelmente destruidores do seu conforto...

—Não, escuta, Jacintho... Se o Grillo encalhou em Medina, dormiu na Fonda, catou os percevejos, e esta madrugada correu para Tormes. Quando ámanhã desceres á Estação, ás quatro horas, encontras o teu precioso ho-

mem, com as tuas preciosas malas, mettido n'esse comboio que te leva ao Porto e á Capital...

Jacintho saccudiu os braços como quem se debate nas malhas d'uma rede:

—E se seguiu para Madrid?

—Então, por esta semana, cá apparece em Tormes, onde encontra ordem para regressar a Lisboa e reentrar no teu sequito... Resta o interessante caso das minhas bagagens. Se ámanhã encontrares na Estação o Grillo, separa a minha mala negra, e o sacco de lona, e a chapelleira. O Grillo conhece. E pede ao Pimenta, ao gordalhufo, que me avise para Guiães. Se o Grillo aportar Tormes, esfogueteado de Madrid, com toda essa malaria, deixa as minhas cousas aqui, ao Melchior... Eu ámanhã fallo ao Melchior.

Jacintho sacudiu furiosamente o collarinho:

—Mas como posso eu partir para Lisboa, ámanhã, com esta camisa de dous dias, que já me faz uma comichão horrenda? E sem um lenço... Nem ao menos uma escova de dentes!

Fertil em idéas, estendi as mãos, n'um bello gesto tutelar:

—Tudo se arranja, meu Jacintho, tudo se arranja! Eu, largando d'aqui cedo, pelas seis

horas, chego a Guiães ás dez, ainda sem calor. E, mesmo antes do almoço e da cavaqueira com a tia Vicencia, immediatamente te mando por um moço um sacco de roupa branca. As minhas camisas e as minhas ceroulas talvez te estejam largas. Mas um mendigo como tu não tem direito a elegancias e a roupas bem cortadas. O moço, n'um bom trote, entra aqui ás duas horas; tens tempo de mudar antes de desceres para a Estação... Posso metter na mala uma escova de dentes.

—Oh Zé Fernandes! Então mette tambem uma esponja... E um frasco d'agoa de colonia!

—Agoa d'alfazema, excellente, feita pela tia Vicencia...

O meu Principe suspirou, impressionado com a sua miseria esqualida, e esta dadiva de roupas:

—Bem, então vamos dormir, que estou esfalfado de emoções e d'astros...

Justamente Melchior entreabria a pesada porta, com timidez, a avisar que «estavam preparadinhas as camas de suas Incellencias.» E seguindo o bom caseiro, que erguia uma candeia, que avistamos nós, o meu Principe e eu, ainda ha pouco irmanados com os astros? Em duas saletas, que uma abertura em arco, lobrego arco de pedra, separava—duas enxergas sobre o soalho. Junto á cabe-

ceira da mais larga, que pertencia ao senhor de Tormes, um castiçal de latão sobre um alqueire; aos pés, como lavatorio, um alguidar vidrado em cima d'uma tripeça. Para mim, serrano d'aquellas serras, nem alguidar nem alqueire.

Lentamente, com o pé, o meu super-civilisado amigo palpou a enxerga. E decerto lhe sentiu uma dureza intransigente, porque ficou pendido sobre ella, a correr desoladamente os dedos pela face desmaiada.

—E o peior não é ainda a enxerga, murmurou emfim com um suspiro. É que não tenho camisa de dormir, nem chinelas!... E não me posso deitar de camisa engommada.

Por inspiração minha reccorremos ao Melchior. De novo esse benemerito providenciou, trazendo a Jacintho, para elle desafogar os pés, uns tamancos—e para embrulhar o corpo uma camisa da comadre, enorme, de estopa, áspera como uma estamenha de penitente, com folhos mais crespos e duros do que lavores de madeira. Para consolar o meu Principe lembrei que Platão quando compunha o *Banquete*, Vasco da Gama quando dobrava o Cabo, não dormiam em melhores catres! As enxergas rijas fazem as almas fortes, oh Jacintho!... E é só vestido de estamenha que se penetra no Paraiso.

—Tens tu, volveu o meu amigo seccamente, alguma coisa que eu leia? Não posso adormecer sem um livro.

Eu? Um livro? Possuia apenas o velho numero do *Jornal do Commercio,* que escapára á dispersão dos nossos bens. Rasguei a copiosa folha pelo meio, partilhei com Jacintho fraternalmente. Elle tomou a sua metade, que era a dos annuncios... E quem não viu então Jacintho, senhor de Tormes, acaçapado á borda da enxerga, rente da vela de sêbo que se derretia no alqueire, com os pés encafuados nos sócos, perdido dentro das ásperas pregas e dos rijos folhos da camisa serrana, percorrendo n'um pedaço velho de Gazeta, pensativamente, as partidas dos Paquetes—não póde saber o que é uma intensa e veridica imagem do Desalento.

Recolhido á minha alcova espartana, desabotoava o collete, n'um delicioso cansaço, quando o meu Principe ainda me reclamou:

—Zé Fernandes...

—Dize.

—Manda tambem no sacco um abotoador de botas.

Estirado commodamente na rija enxerga murmurei, como sempre murmuro ao penetrar no Somno, que é um primo da Morte,

«Deus seja louvado!» Depois tomei a metade do *Jornal do Commercio* que me pertencia.

—Zé Fernandes...

—Que é?

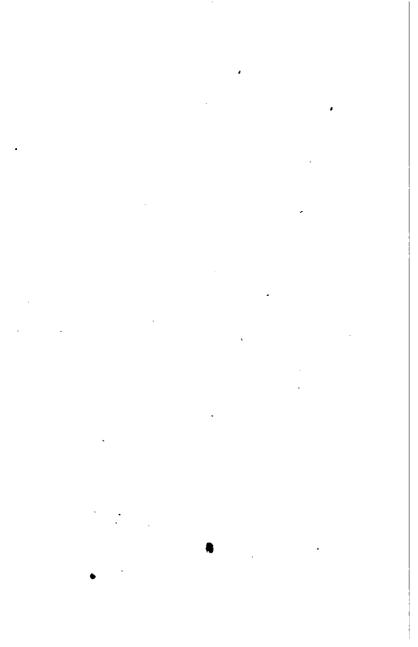
—Tambem podias metter no sacco pós dos dentes... E uma lima das unhas... E um romance!

Já a meia Gazeta me escapava das mãos dormentes. Mas da sua alcova, depois de soprar a vela, Jacintho murmurou entre um bocejo:

—Zé Fernandes...

—Hein?

—Escreve para Lisboa, para o Hotel Bragança... Os lençoes ao menos são frescos, cheiram bem, a sadio!

IX

Cedo, de madrugada, sem rumor, para não despertar o meu Jacintho, que, com as mãos cruzadas sobre o peito, dormia beatificamente na sua enxerga de granito — parti para Guiães.

Ao cabo d'uma semana, recolhendo uma manhã para o almoço, encontrei no corredor as minhas malas tão desejadas, que um moço do casal da Giesta trouxera n'um carro com «recados do Snr. Pimentinha». O meu pensamento pulou para o meu Principe. E lancei pelo telegrapho, para Lisboa, para o Hotel Bragança, este brado alegre: — «Estás lá? Sei recuperaste Grillo e Civilisação! Hurrah! Abraço!» — Só depois de sete dias, occupados n'uma delicada apanha de aspargos com que outr'ora civilisára a horta da tia Vicencia, notei o silencio de Jacintho. N'um bilhete postal renovei, desenvolvi o grito amigo: — «Estás lá? São os prazeres da Baixa que assim te

tornam desattento e mudo? Eu, todo aspargos! Responde, quando chegas? Tempo delicioso! 23° á sombra. E os ossos?...» —Veio depois a devota romaria da Senhora da Roqueirinha. Durante a lua nova andei n'um córte de matto, na minha terra das Corcas. A tia Vicencia vomitou, com uma indigestão de murcellas. E o silencio do meu Principe era ingrato e ferrenho.

Emfim uma tarde, voltando da Flor da Malva, de casa da minha prima Joanninha, parei em Sandofim, na venda do Manoel Rico, para beber de certo vinho branco que a minha alma conhece—e sempre pede.

Defronte, á porta do ferrador, o Severo, sobrinho do Melchior de Tormes e o mais fino alveitar da serra, picava tabaco, escarranchado n'um banco. Mandei encher outro quartilho: elle acariciou o pescoço da minha egua que já salvára d'um esfriamento: e, como eu indagasse do nosso Melchior, o Severo contou que na véspera jantára com elle em Tormes, e se abeirára tambem do fidalgo...

—Ora essa! Então o snr. D. Jacintho está em Tormes?

O meu espanto divertiu o Severo:

—Então v. exc.ª... Pois em Tormes é que elle está, ha mais de cinco semanas, sem arre-

dar! E parece que fica para a vindima, e vai lá uma grandeza!

Santissimo nome de Deus! Ao outro dia, domingo, depois da missa e sem me assustar com a calma que carregava, trotei alvoroçadamente para Tormes. Ao latir dos rafeiros, quando transpuz o portal solarengo, a comadre do Melchior accudio dos lados do curral, com um alguidar de lavagem encostado á cintura.—Então o snr. D. Jacintho?... O snr. D. Jacintho andava lá para baixo, com o Silverio e com o Melchior, nos campos de Freixomil...

—E o Snr. Grillo, o preto?

—Ha bocadinho tambem o enxerguei no pomar, com o francez, a apanhar limões doces...

Todas as janellas do solar rebrilhavam, com vidraças novas, bem polidas. A um canto do páteo notei baldes de cal e tijellas de tintas. Uma escada de pedreiro descançára durante o Dia Santo arrimada contra o telhado. E, rente ao muro da capella, dois gatos dormiam sobre montões de palha desempacotada de caixotes consideraveis.

—Bem, pensei eu. Eis a Civilisação!

Recolhi a egua, galguei a escada. Na varanda, sobre uma pilha de ripas, reluzia n'um raio de sol uma banheira de zinco. Dentro

encontrei todos os soalhos remendados, esfregados a carqueja. As paredes, muito caiadas e núas, refrigeravam como as d'um convento. Um quarto, a que me levaram tres portas escancaradas com franqueza serrana, era certamente o de Jacintho: a roupa pendia de cabides de pau: o leito de ferro, com coberta de fustão, encolhia timidamente a sua rigidez virginal a um canto, entre o muro e a banquinha onde um castiçal de latão resplandecia sobre um volume do *D. Quichote;* no lavatorio pintado de amarello, imitando bambú, apenas cabia o jarro, a bacia, um naco gordo de sabão; e uma prateleirinha bastava ao esmerado alinho da escova, da thesoura, do pente, do espelhinho de feira, e do frasquinho de agua de alfazema que eu mandára de Guiães. As tres janellas, sem cortinas, contemplavam a belleza da serra, respirando um delicado e macio ar, que se perfumava nas resinas dos pinheiraes, depois nas roseiras da horta. Em frente, no corredor, outro quarto repetia a mesma simplicidade. Certamente a previdencia do meu Principe o destinára ao seu Zé Fernandes. Pendurei logo dentro, no cabide, o meu guarda-pó de lustrina.

Mas na sala immensa, onde tanto philosopháramos considerando as estrellas, Jacintho arranjára um centro de repouso e d'es-

tudo — e desenrolára essa «grandeza» que impressionava o Severo. As cadeiras de verga da Madeira, amplas e de braços, offereciam o conforto de almofadinhas de chita. Sobre a mesa enorme de pau branco, carpinteirada em Tormes, admirei um candieiro de metal de tres bicos, um tinteiro de frade armado de pennas de pato, um vaso de capella trausbordando de cravos. Entre duas janellas uma commoda antiga, embutida, com ferragens lavradas, recebera sobre o seu marmore rosado o devoto peso d'um Presepio, onde Reis Magos, pastores de surrões vistosos, cordeiros d'esguedelhada lã, se apressavam atravez d'alcantis para o Menino, que na sua lapinha lhes abria os braços, coroado por uma enorme Corôa Real. Uma estante de madeira enchia outro pedaço de parede, entre dois retratos negros com caixilhos negros; sobre uma das suas prateleiras repousavam duas espingardas; nas outras esperavam, espalhados, como os primeiros Doutores nas bancadas d'um concilio, alguns nobres livros, um Plutarcho, um Virgilio, a Odyssea, o Manual de Epicteto, as Chronicas de Froissart. Depois, em fila decorosa, cadeiras de palhinha, muito novas, muito envernisadas. E a um canto um môlho de varapaus.

Tudo resplandecia de asseio e ordem. As

portadas das janellas, cerradas, abrigavam do sol que batia aquelle lado de Tormes, escaldando os peitoris de pedra. Do soalho, burrifado de agua, subia, na suavisada penumbra, uma frescura. Os cravos rescendiam. Nem dos campos, nem da casa, se elevava um rumor. Tormes dormia no esplendor da manhã santa. E, penetrado por aquella consoladora quietação de convento rural, terminei por me estender n'uma cadeira de verga, junto da mesa, abrir languidamente um tomo de Virgilio, e murmurar, appropriando o doce verso que encontrára:

> Fortunate Jacinthe! Hic, inter arva nota
> Et fontes sacros, frigus captabis opacum...

Afortunado Jacintho, na verdade! Agora, entre campos que são teus e aguas que te são sagradas, colhes emfim a sombra e a paz!

Li ainda outros versos. E, na fadiga das duas horas de egua e calor desde Guiães, irreverentemente adormecia sobre o divino Bucoliasta — quando me despertou um berro amigo! Era o meu Principe. E muito decididamente, depois de me soltar do seu rijo abraço, o comparei a uma planta estiolada, emmurchecida na escuridão, entre tapetes e sêdas, que, levada para vento e sol, pro-

fusamente regada, reverdece, desabrocha e honra a Natureza! Jacintho já não corcovava. Sobre a sua arrefecida pallidez de super-civilisado, o ar montesino, ou vida mais verdadeira, espalhára um rubor trigueiro e quente de sangue renovado que o virilisava soberbamente. Dos olhos, que na Cidade andavam sempre tão crepusculares e desviados do Mundo, saltava agora um brilho de meio-dia, resoluto e largo, contente em se embeber na belleza das coisas. Até o bigode se lhe encrespára. E já não deslisava a mão desencantada sobre a face,—mas batia com ella triumphalmente na côxa. Que sei? Era um Jacintho novissimo. E quasi me assustava, por eu ter de aprender e penetrar, n'este novo Principe, os modos e as idéas novas.

—Caramba, Jacintho, mas então...?

Elle encolheu jovialmente os hombros realargados. E só me soube contar, trilhando soberanamente com os sapatos brancos e cobertos de pó o soalho remendado, que, ao acordar em Tormes, depois de se lavar n'uma dorna, e d'enfiar a minha roupa branca, se sentira de repente como *desannuviado, desenvencilhado!* Almoçára uma pratada de ovos com chouriço, sublime. Passeára por toda aquella magnificencia da serra com pensamentos ligeiros de liberdade e de paz. Mandá-

ra ao Porto comprar uma cama, uns cabides... E alli estava...

—Para todo o verão?

—Não! Mas um mez... Dois mezes! Emquanto houver chouriços, e a agoa da fonte, bebida pela telha ou n'uma folha de couve, me souber tão divinamente!

Cahi sobre a cadeira de verga, e contemplei, arregalado, quasi esgazeado, o meu Principe! Elle enrolava n'uma mortalha tabaco picado, tabaco grosso, guardado n'uma malga vidrada. E exclamava:

—Ando ahi pelas terras desde o romper d'alva! Pesquei já hoje quatro trutas, magnificas... Lá em baixo, no Naves, um riachote que se atira pelo valle da Seranda... Temos logo ao jantar essas trutas!

Mas eu, avido pela historia d'aquella ressurreição:

—Então, não estiveste em Lisboa?... Eu telegraphei...

—Qual telegrapho! Qual Lisboa! Estive lá em cima, ao pé da fonte da Lira, á sombra d'uma grande arvore, *sub tegmine* não sei quê, a lêr esse adoravel Virgilio... E tambem a arranjar o meu palacio! Que te parece, Zé Fernandes? Em tres semanas, tudo soalhado, envidraçado, caiado, encadeirado!... Traba-

lhou a freguezia inteira! Até eu pintei, com uma immensa brocha. Viste o comedoiro?

—Não.

—Então vem admirar a belleza na simplicidade, barbaro!

Era a mesma onde nós tanto exaltaramos o arroz com favas—mas muito esfregada, muito caiada, com um rodapé bezuntado d'azul estridente onde logo adivinhei a obra do meu Principe. Uma toalha de linho de Guimarães cobria a mesa, com as franjas roçando o soalho. No fundo dos pratos de louça forte reluzia um gallo amarello. Era o mesmo gallo e a mesma louça em que na nossa casa, em Guiães, se servem os feijões dos cavadores...

Mas no páteo os cães latiram. E Jacintho correu á varanda, com uma ligeireza curiosa que me deleitou. Ah, bem definitivamente se esfrangalhára aquella rêde de malha que se não percebia e que outr'ora o travava!—N'esse momento appareceu o Grillo, de quinzena de linho, segurando em cada mão uma garrafa de vinho branco. Todo se alegrou «em vêr na quinta o siô Fernandes». Mas a sua veneranda face já não resplandecia, como em Paris, com um tão sereno e ditoso brilho de ebano. Até me pareceu que corcovava... Quando o interroguei sobre aquella mudança, estendeu duvidosamente o beiço grosso:

—O menino gosta, eu então tambem gósto... Que o ar aqui é muito bom, siô Fernandes, o ar é muito bom!

Depois, mais baixo, envolvendo n'um gesto desolado a louça de Barcellos, as facas de cabo d'osso, as prateleiras de pinho como n'um refeitorio de Franciscanos:

—Mas muita magreza, siô Fernandes, muita magreza!

Jacintho voltava com um maço de jornaes cintados:

—Era o carteiro. Já vês que não amuei inteiramente com a Civilisação. Eis a Imprensa!... Mas nada de *Figaro,* ou da horrenda *Dois-Mundos!* Jornaes de Agricultura! Para aprender como se produzem as risonhas messes, e sob que signo se casa a vinha ao olmo, e que cuidados necessita a abelha provida... *Quid faciat laetas segetes...* De resto para esta nobre educação, já me bastavam as *Georgicas,* que tu ignoras!

Eu ri:

—Alto lá! *Nos quòque gens sumus et nostrum Virgilium sabemus!*

Mas o meu novissimo amigo, debruçado da janella, batia as palmas—como Catão para chamar os servos, na Roma simples. E gritava:

—Anna Vaqueira! Um copo d'agoa, bem lavado, da fonte velha!

Pulei, immensamente divertido:

—Oh Jacintho! E as aguas carbonatadas? e as phosphatadas? e as esterilisadas? e as sodicas?...

O meu Principe atirou os hombros com um desdem soberbo. E acclamou a apparição d'um grande copo, todo embaciado pela frescura nevada da agoa refulgente, que uma bella moça trazia n'um prato. Eu admirei sobretudo a moça... Que olhos, d'um negro tão liquido e serio! No andar, no quebrar da cinta, que harmonia e que graça de Nympha latina!

E apenas pela porta desapparecera a explendida apparição:

—Oh Jacintho, eu d'aqui a um instante tambem quero agua! E se compete a esta rapariga trazer as cousas, eu, de cinco em cinco minutos, quero uma cousa!... Que olhos, que corpo... Caramba, menino! Eis a poesia, toda viva, da serra...

O meu Principe sorria, com sinceridade:

—Não! não nos illudamos, Zé Fernandes, nem façamos Arcadia. É uma bella moça, mas uma bruta... Não ha alli mais poesia, nem mais sensibilidade, nem mesmo mais belleza do que n'uma linda vacca tourina. Merece o

seu nome de Anna Vaqueira. Trabalha bem, digere bem, concebe bem. Para isso a fez a Natureza, assim sã e rija; e ella cumpre. O marido todavia não parece contente, porque a desanca. Tambem é um bello bruto... Não, meu filho, a serra é maravilhosa e muito grato lhe estou... Mas temos aqui a fêmea em toda a sua animalidade e o macho em todo o seu egoismo... São porém verdadeiros, genuinamente verdadeiros! E esta verdade, Zé Fernandes, é para mim um repouso.

Lentamente, gozando a frescura, o silencio, a liberdade do vasto casarão, retrocedemos á sala que Jacintho já denominára a *Livraria*. E, de repente, ao avistar n'um canto uma caixa com a tampa meio despregada, quasi me engasguei, na furiosa curiosidade que me assaltou:

—E os caixotes? Oh Jacintho?... Toda aquella immensa caixotaria que nós mandamos, abarrotada de Civilisação? Soubeste? Appareceram?

O meu Principe parou, bateu alegremente na côxa:

—Sublime! Tu ainda te lembras d'aquelle homemsinho, de sacco a tiracollo, que nós admiramos tanto pela sua sagacidade, o seu saber geographico?... Lembras? Apenas fallei em Tormes, gritou que conhecia, rabiscou

uma nota... Nem era necessario mais! «Oh! Tormes, perfeitamente, muito antigo, muito curioso!» Pois mandou tudo para Alba-de-Tormes, em Hespanha! Está tudo em Hespanha!

Cocei o queixo, desconsolado:

—Ora, ora... Um homem tão esperto, tão expedito, que fazia tanta honra ao Progresso! Tudo para Hespanha!... E mandaste vir?

—Não! Talvez mais tarde... Agora, Zé Fernandes, estou saboreando esta delicia de me erguer pela manhã, e de ter só uma escova para alisar o cabello.

Considerei, cheio de recordações, o meu amigo:

—Tinhas umas nove...

—Nove? Tinha vinte! Talvez trinta! E era uma atrapalhação, não me bastavam!... Nunca em Paris andei bem penteado. Assim com os meus setenta mil volumes: eram tantos que nunca li nenhum. Assim com as minhas occupações: tanto me sobrecarregavam, que nunca fui util!

De tarde, depois da calma, fomos vaguear pelos caminhos colleantes d'aquella quinta rica, que, através de duas legoas, ondula por valle e monte. Não m'encontrára mais com Jacintho em meio da Natureza, desde o

remoto dia d'entremez em que elle tanto soffrera no sociavel e policiado bosque de Montmorency. Ah, mas agora, com que segurança e idyllico amor elle se movia através d'essa Natureza, d'onde andára tantos annos desviado por theoria e por habito! Já não arreceiava a humidade mortal das relvas; nem repellia como impertinente o roçar das ramagens; nem o silencio dos altos o inquietava como um despovoamento do Universo. Era com delicias, com um consolado sentimento de estabilidade recuperada, que enterrava os grossos sapatos nas terras molles, como no seu elemento natural e paterno: sem razão, deixava os trilhos faceis, para se embrenhar através de arbustos emaranhados, e receber na face a caricia das folhas tenras; sobre os outeiros, parava, immovel, retendo os meus gestos e quasi o meu halito, para se embeber de silencio e de paz: e duas vezes o surprehendi attento e sorrindo á beira d'um regatinho palreiro, como se lhe escutasse a confidencia...

Depois philosophava, sem descontinuar, com o enthusiasmo d'um convertido, avido de converter:

—Como a intelligencia aqui se liberta, hein? E como tudo é animado d'uma vida

forte e profunda!... Dizes tu agora, Zé Fernandes, que não ha aqui pensamento...

—Eu?! Eu não digo nada, Jacintho...

—Pois é uma maneira de reflectir muito estreita e muito grosseira...

—Ora essa! Mas eu...

—Não, não percebes. A vida não se limita a pensar, meu caro doutor...

—Que não sou!

—A vida é essencialmente Vontade e Movimento: e n'aquelle pedaço de terra, plantado de milho, vae todo um mundo de impulsos, de forças que se revelam, e que attingem a sua expressão suprema, que é a Fórma. Não, essa tua philosophia está ainda extremamente grosseira...

—Irra! mas eu não...

—E depois, menino, que inesgotavel, que miraculosa diversidade de fórmas... E todas bellas!

Agarrava o meu pobre braço, exigia que eu reparasse com reverencia. Na Natureza nunca eu descobriria um contorno feio ou repetido! Nunca duas folhas d'hera, que, na verdura ou recorte, se assemelhassem! Na Cidade, pelo contrario, cada casa repete servilmente a outra casa; todas as faces reproduzem a mesma indifferença ou a mesma inquietação; as idéas teem todas o mesmo va-

lor, o mesmo cunho, a mesma fôrma, como as libras; e até o que ha mais pessoal e intimo, a Illusão, é em todos identica, e todos a respiram, e todos se perdem n'ella como no mesmo nevoeiro... A *mesmice* — eis o horror das Cidades!

— Mas aqui! Olha para aquelle castanheiro. Ha tres semanas que cada manhã o vejo, e sempre me parece outro... A sombra, o sol, o vento, as nuvens, a chuva, incessantemente lhe compõem uma expressão diversa e nova, sempre interessante. Nunca a sua frequentação me poderia fartar...

Eu murmurei:

— É pena que não converse!

O meu Principe recuou, com olhares chammejantes, d'Apostolo:

— Como que não converse? Mas é justamente um conversador sublime! Está claro, não tem ditos, nem parola theorias, *ore rotundo.* Mas nunca eu passo junto d'elle que não me suggira um pensamento ou me não desvende uma verdade... Ainda hoje quando eu voltava de pescar as trutas... Parei: e logo elle me fez sentir como toda a sua vida de vegetal é isenta de trabalho, da anciedade, do esforço que a vida humana impõe; não tem de se preoccupar com o sustento, nem com o vestido, nem com o abrigo; filho querido

de Deus, Deus o nutre, sem que elle se mova ou se inquiete... E é esta segurança que lhe dá tanta graça e tanta magestade. Pois não achas?

Eu sorria, concordava. Tudo isto era de certo rebuscado e especioso. Mas que importavam as requintadas metaphoras, e essa metaphysica mal madura, colhida á pressa nos ramos d'um castanheiro? Sob toda aquella ideologia transparecia uma excellente realidade — a reconciliação do meu Principe com a Vida. Segura estava a sua Resurreição depois de tantos annos de cova, da cova molle em que jazera, enfaixado como uma mumia nas faixas do Pessimismo!

E o que esse Principe, n'esta tarde me esfalfou! Farejava, com uma curiosidade insaciavel, todos os recantos da serra! Galgava os cabeços correndo, como na esperança de descobrir lá do alto os esplendores nunca contemplados d'um Mundo inedito. E o seu tormento era não conhecer os nomes das arvores, da mais rasteira planta brotando das fendas d'um socalco... Constantemente me folheava como a um Diccionario Botanico.

— Fiz toda a sorte de cursos, passei pelos professores mais illustres da Europa, tenho trinta mil volumes, e não sei se aquelle senhor além é um amieiro ou um sobreiro...

— É um azinheiro, Jacintho.

Já a tarde cahia quando recolhemos muito lentamente. E toda essa adoravel paz do céo, realmente celestial, e dos campos, onde cada folhinha conservava uma quietação contemplativa, na luz docemente desmaiada, pousando sobre as cousas com um liso e leve affago, penetrava tão profundamente Jacintho, que eu o senti, no silencio em que cahiramos, suspirar de puro allivio.

Depois, muito gravemente:

— Tu dizes que na natureza não ha pensamento...

— Outra vez! Olha que massada! Eu...

— Mas é por estar n'ella supprimido o pensamento que lhe está poupado o soffrimento! Nós, desgraçados, não podemos supprimir o pensamento, mas certamente o podemos disciplinar e impedir que elle se estonteie e se esfalfe, como na fornalha das cidades, ideando gozos que nunca se realisam, aspirando a certezas que nunca se attingem!... E é o que aconselham estas collinas e estas arvores á nossa alma, que vela e se agita: — que viva na paz d'um sonho vago e nada appeteça, nada tema, contra nada se insurja, e deixe o Mundo rolar, não esperando d'elle senão um rumor de harmonia, que a emballe e lhe favoreça o

dormir dentro da mão de Deus. Hein, não te parece, Zé Fernandes?

—Talvez. Mas é necessario então viver n'um mosteiro, com o temperamento de S. Bruno, ou ter cento e quarenta contos de renda e o desplante de certos Jacinthos... E tambem me parece que andamos leguas. Estou derreado. E que fome!

—Tanto melhor, para as trutas, e para o cabrito assado que nos espera...

—Bravo! Quem te cosinha?

—Uma afilhada do Melchior. Mulher sublime! Has de ver a canja! Has de ver a cabidella! Ella é horrenda, quasi anã, com os olhos tortos, um verde e outro preto. Mas que paladar! Que genio!

Com effeito! Horacio dedicaria uma ode áquelle cabrito assado n'um espeto de cerejeira. E com as trutas, e o vinho Melchior, e a cabidella, em que a sublime anã de olhos tortos puzera inspirações que não são da terra, e aquella doçura da noite de Junho, que pelas janellas abertas nos envolveu no seu velludo negro, tão molle e tão consolado fiquei, que, na sala onde nos esperava o café, cahi n'uma cadeira de verga, na mais larga, e de melhores almofadas, e atirei um berro de pura delicia.

Depois, com uma recordação, limpando o café do pello dos bigodes:

— Ó Jacintho, e quando nós andavamos por Paris com o Pessimismo ás costas, a gemer que tudo era illusão e dôr?

O meu Principe, que o cabrito tornára ainda mais alegre, trilhava a grandes passadas o soalho, enrolando o cigarro:

— Oh! que engenhosa besta, esse Schopenhauer! E maior besta eu, que o sorvia, e que me desolava com sinceridade! E todavia, — continuava elle, remexendo a chavena — o Pessimismo é uma theoria bem consoladora para os que soffrem, porque desindividualisa o soffrimento, alarga-o até o tornar uma lei universal, a lēi propria da Vida; portanto lhe tira o caracter pungente d'uma injustiça especial, commettida contra o soffredor por um Destino inimigo e faccioso! Realmente o nosso mal sobretudo nos amarga quando contemplamos ou imaginamos o bem do nosso visinho: — porque nos sentimos escolhidos e destacados para a infelicidade, podendo, como elle, ter nascido para a Fortuna. Quem se queixaria de ser côxo — se toda a humanidade coxeasse? E quaes não seriam os urros, e a furiosa revolta do homem envolto na neve e friagem e borrasca d'um inverno especial, or-

ganisado nos ceus para o envolver a elle unicamente—em quanto em redor, toda a Humanidade se movesse na luminosa benignidade d'uma Primavera?

—Com effeito, murmurei eu, esse sujeito teria immensa razão para urrar...

—E depois, clamava ainda o meu amigo, o Pessimismo é excellente para os Inertes, porque lhes attenua o desgracioso delicto da Inercia. Se toda a meta é um monte de Dor, onde a alma vae esbarrar, para que marchar para a meta, atravez dos embaraços do mundo? E de resto todos os Lyricos e Theoricos do Pessimismo, desde Salomão até o maligno Schopenhauer, lançam o seu cantico ou a sua doutrina para disfarçar a humilhação das suas miserias, subordinando-as todas a uma vasta lei de Vida, uma lei Cosmica, e ornando assim com a aureola de uma origem quasi divina as suas miudas desgraçazinhas de temperamento ou de Sorte. O bom Schopenhauer formúla todo o seu schopenhauerismo, quando é um philosopho sem editor, e um professor sem discipulos; e soffre horrendamente de terrores e manias; e esconde o seu dinheiro debaixo do sobrado; e redige as suas contas em grego nos perpetuos lamentos da desconfiança; e vive nas adegas com o medo de incendios; e viaja com um copo de lata na algibeira para

não beber em vidro que beiços de leproso tivessem contaminado!... Então Schopenhauer é sombriamente Schopenhauerista. Mas apenas penetra na celebridade, e os seus miseraveis nervos se acalmam, e o cerca uma paz amavel, não ha então, em todo Francfort, burguez mais optimista, de face mais jocunda, e gozando mais regradamente os bens da intelligencia e da Vida!... E o outro, o Israelita, o muito pedantesco rei de Jerusalem! quando descobre esse sublime Rhetorico que o mundo é Illusão e Vaidade? Aos setenta e cinco annos, quando o Poder lhe escapa das mãos tremulas, e o seu serralho de trezentas concubinas se lhe torna ridiculamente superfluo. Então rompem os pomposos queixumes! Tudo é vaidade e afflicção de espirito! nada existe estavel sob o sol! Com effeito, meu bom Salomão, tudo passa—principalmente o poder de usar trezentas concubinas! Mas que se restitua a esse velho sultão asiatico, besuntado de Litteratura, a sua virilidade,—e onde se sumirá o lamento do Ecclesiastes? Então voltará, em segunda e triumphal edição, o extase do *Livro dos Cantares!*...

Assim discursava o meu amigo no nocturno silencio de Tormes. Creio que ainda estabeleceu sobre o Pessimismo outras coisas joviaes, profundas ou elegantes;—mas eu

adormecera, beatificamente envolto em Optimismo e doçura.

Em breve porém, me fez pular, escancarar as palpebras molles, uma rija, larga, sadia e genuina risada. Era Jacintho, estirado n'uma cadeira, que lia o D. Quixote... Oh bem aventurado Principe! Conservára elle o agudo poder de arrancar theorias a uma espiga de milho ainda verde, e por uma clemencia de Deus, que fizera reflorir o tronco secco, recuperára o dom divino de rir, com as facecias de Sancho!

Aproveitando a minha companhia, as duas semanas de bucolica occiosidade que eu lhe concedera, o meu Jacintho preparou então a ceremonia tão falada, tão meditada, a trasladação dos ossos dos velhos Jacinthos — dos «respeitaveis ossos» como murmurava, cumprimentando, o bom Silverio, o procurador, n'essa manhã de sexta feira, em que almoçava comnosco, mettido n'um espantoso jaquetão de velludilho amarello debruado de seda azul! A ceremonia, de resto, reclamava muita singeleza por serem tão incertos, quasi impessoaes, aquelles restos, que nós estabeleceriamos na Capellinha do valle da Carriça, na Capellinha toda nova, toda nua e toda fria, ainda sem alma e sem calor de Deus.

— Por que emfim v. ex.ª comprehende,

—explicava o Silverio passando o guardanapo por sobre a larga face suada e por sobre as immensas barbas negras, como as d'um turco—, n'aquella mixordia... Oh! peço desculpa a v. ex.ª! N'aquella confusão, quando tudo desabou, não pudémos mais conhecer a quem pertenciam os ossos. Nem sequer, fallando verdade, nós sabiamos bem que dignos avós de v. ex.ª jaziam na capella velha, assim tão antigos, com os letreiros apagados, senhores de todo o nosso respeito, certamente, mas, se v. ex.ª me permitte, senhores já muito desfeitos... Depois veio o desastre, a mixordia. E aqui está o que decidi, depois de pensar. Mandei arranjar tantos caixões de chumbo, quantas as caveiras que se apanharam lá em baixo na Carriça, entre o lixo e o pedregulho. Havia sete caveiras e meia. Quero dizer, sete caveiras e uma caveirinha pequenina. Mettemos cada caveira em seu caixão. Depois... Que quer v. ex.ª? Não havia outro meio! E aqui o Snr. Fernandes dirá se não acha que procedemos com habilidade. A cada caveira juntamos uma certa porção d'ossos, uma porção rasoavel... Não havia outro meio... Nem todos os ossos se acharam. Canellas, por exemplo, faltavam! E é bem possivel que as costellas d'um d'aquelles senhores ficasse com a cabéça d'outro... Mas quem podia saber? Só Deus. Em-

fim fizemos o que a prudencia mandava... Depois, no dia de Juizo, cada um d'estes fidalgos apresentará os ossos que lhe pertencerem.

Lançava estas cousas macabras e tremendas, penetrado de respeito, quasi com magestade, espetando, ora em mim, ora no meu Principe, os olhinhos agudos e relusentes como vidrilhos.

Eu approvei o pittoresco homem:

—Perfeitamente! Andou perfeitamente, amigo Silverio. São tão vagos, tão anonymos, todos esses avós! Só faz pena, grande pena, que se tresmalhassem os restos do avô Galião.

—Não estava cá! accudiu Jacintho. Vim a Tormes expressamente por causa do avô Galião, e por fim o seu jazigo nunca foi aqui, na Capellinha da Carriça... Felizmente!

O Silverio saccudia gravemente a calva trigueira:

—Nunca tivemos o ex.^{mo} sr. Galião. Ha cem annos, Snr. Fernandes, ha cem annos que se não depositava na capella velha corpo de cavalheiro cá da casa.

—Onde estará então?...

O meu Principe encolheu os hombros. Por esse Reino... Na egrejinha, no cemiterio d'alguma das freguezias numerosas, onde elle possuia terras. Casa tão espalhada!

—Bem! conclui. Então, como se trata d'ossadas vagas, sem nome, sem data, convem uma ceremoniasinha muito simples, muito sobria.

—Quietinha, quietinha! murmurou o Silverio, dando um forte sorvo assobiado ao café.

E foi quietinha, d'uma rustica e doce singeleza, a ceremonia d'aquelles altos senhores. Cedo, por uma manhã, levemente enevoada, os oito caixões pequeninos, cobertos d'um velludo vermelho mais de festa que de funeral, com molhos de rosas espalhados, contendo cada um o seu montesinho d'ossos incertos, sahiram aos hombros dos coveiros de Tormes e dos moços da quinta, da Egreja de S. José, cujo sino leve tangia, na enevoada doçura da manhã,—quanto fina e levemente! —como pia um passarinho triste. Adiante, um airoso moço de sobrepelis, erguia com zelo a velha cruz prateada; abrigando o pescoço sob um immenso lenço de rapé, de quadrados azues, o velho e corcovado sacristão segurava pensativamente a caldeirinha d'agoa benta; e o bom abbade de S. José, com os dedos entre o breviario fechado, movia os labios, n'uma lenta, murmurosa resa, que ia, pelo doce ar, espalhando mais doçura. Logo atraz do ultimo cofre, o mais pequenino, o da caveirinha pequena, Jacintho caminhava; e eu,

a estalar dentro d'um fato preto de Jacintho, tirado á pressa d'uma das malas de Paris quando, de manhã, já tarde para mandar a Güiães, me lembrei que toda a minha roupa era de cores festivaes e pastoris.

Depois marchava o Silverio, solemnissimo, com um immenso peitilho, onde as barbas immensas se alastravam, negrissimas. De casaca, com o grosso beiço descahido, descahido todo elle por aquella melancolia de enterro que se juntava á melancolia da serra, o Grillo enfiava no braço a sua coroa, enorme, de rosas e d'heras. Por fim seguia o Melchior, entre um rancho de mulheres, que, sumidas na sombra dos lenços pretos, desfiando longos rosarios, rosnavam surdas avè-marias, atravez d'espaçados suspiros, tão doridos como se inconsoladamente lhes doesse a perda d'aquelles Jacinthos. Assim, pelas varzeas entrecorridas de regueiros, lenta nos recostos dos mattos, escorregando mais rapida, pelos corregos pedregosos, seguia a procissão, sempre com a cruz adiante, alta e prateada, rebrilhando por vezes n'um breve raiosinho de sol que, vagarosamente, surdia da nevoa desfeita. Ramos baixos de lodão ou de salgueiro passavam uma derradeira caricia sobre o velludo dos caixões.

Um regato por vezes nos acompanhava,

com discreto fulgir entre as relvas, sussurrando e como resando tambem, alegremente: e nos quintalinhos umbrosos, á nossa passagem, os gallos, de cima das pilhas de matto, faziam soar o seu clarim festivo. Depois, adiante da fonte da Lira, como o caminho se alongava, e desejassemos poupar o nosso velho abbade, cortamos atravez d'uma seara, já alta, quasi madura, toda entremeada de papoulas. O sol radiou: sob a brisa larga, que levára a nevoa, toda a messe ondulou n'uma lenta vaga dourada, em que se balouçavam os esquifes; e, como enôrme papoula, a mais vermelha, rutilava o guarda sol de panninho logo aberto pelo sacristão para abrigar o abbade.

Jacintho tocou no meu cotovello:

—Que lindos vamos! Ora vê tu a Natureza... N'um simples enterrar d'ossos, quanta graça e quanta belleza!

Na Capellinha, nova, dominando o valle da Carriça, solitaria e muito nua, no meio d'um adro, ainda mal alisado, sem uma verdura de relva, uma frescura d'arbusto, dous moços seguravam á porta molhos de tochas, que o Silverio distribuiu, a passos graves, com cortezias, solemnissimo. Dentro as curtas chammas, mal luziam, mal derramavam a sua amarellidão triste, esbatidas na relusente brancu-

ra dos muros estucados, na jovial claridade que cahia das altas vidraças bem polidas. Em torno dos esquifes, pousados sobre bancos, que pesados velludilhos recobriam, o abbade murmurava um suave latim, emquanto ao fundo as mulheres, sumidas na sombra dos seus negros lenços, gemiam *amens* agudos, abafavam um respeitoso soluço. Depois, tomando levemente o hyssope, ainda o bom abbade aspergiu, para uma derradeira purificação, os incertos ossos dos incertos Jacinthos. E todos desfilámos por diante do meu Principe, timidamente encostado á umbreira, com o Silverio ao lado esmagando contra o peitilho as barbas immensas, a face descahida, cerradas as palpebras como contendo lagrimas.

No adro, o meu Principe accendeu regaladamente um cigarro pedido ao Melchior:

—E então, Zé Fernandes, que te pareceu a ceremoniasinha?

—Muito campestre, muito suave, muito risonha... Uma delicia.

Mas o Abbade, que se desvestira na Sachristia, appareceu, já com o seu grande casaco de lustrina, e seu velho chapeu desabado, trazidos pelo moço da Residencia, n'um sacco de chita. Jacintho, immediatamente lhe agradeceu tantos cuidados, a affavel hospita-

lidade que offerecera aos ossos, durante a construcção da Capellinha nova. E o suave velho, todo branquinho, de faces ainda menineiras e coradas, com um claro sorriso de dentes sadios, louvava Jacintho, que assim viera de tão longe, em tão longa jornada, para cumprir aquelle dever de bom neto.

—São avós muito remotos, e agora tão confusos! murmurava Jacintho sorrindo.

—Pois mais merito ainda o de v. ex.ª. Respeitar um avô morto, bem é corrente... Mas respeitar os ossos d'um quinto avô, d'um setimo avô!

—Sobretudo, Snr. Abbade, quando d'elles nada se sabe, e naturalmente nada fizeram.

O velho sacudiu risonhamente o dedo gordo:

—Ora quem sabe, quem sabe! Talvez fossem excellentes! E por fim, quem muito se demora no mundo, como eu, termina por se convencer que no mundo não ha cousa ou ser inutil. Ainda hontem eu lia n'um jornal do Porto, que por fim, segundo se descobriu, são as minhocas que estrumam e lavram a terra, antes de chegar o lavrador e os bois com o arado. Até as minhocas são uteis. Não ha nada inutil... Eu tinha lá na residencia uma porção de cardos a um canto da horta, que me affligiam. Pois reflecti e terminei por me regalar com elles em xarope. Os avós de

v. ex.ª por cá andaram, por cá trabalharam, por cá padeceram. Quer dizer: por cá serviram. E, em todo o caso, que lhes rezemos um Padre-Nosso por alma não lhes póde fazer senão bem, a elles e a nós.

E assim, docemente philosophando, paramos n'um souto de carvalheiras, onde esperava a velhissima egoa do Abbade, por que o santo homem agora, depois do rheumatismo do ultimo inverno, já não affrontava rijamente como antes os trilhos duros da serra. Para elle montar, filialmente Jacintho segurou o estribo. E emquanto a egoa se empurrava pelo corrego acima, quasi tapada sob o immenso guarda sol vermelho em que se abrigava o velho, nós recolhemos a casa mettendo pela serra da Lombinha, atravez dos milhos, e depressa, porque eu estalava, aperreado, dentro da roupa preta do meu Principe.

—Estão pois accommodados estes senhores, Zé Fernandes! Só resta rezar por elles o Padre-Nosso, que recommenda o abbade... Sómente, eu não sei, já não me lembro do Padre-Nosso.

—Não te afflijas, Jacintho: peço á tia Vicencia que reze por mim e por ti. É sempre a tia Vicencia que reza os meus Padre-Nossos.

Durante essas semanas que preguicei em Tormes, eu assisti, com internecido interesse, a uma consideravel evolução de Jacintho nas suas relações com a Natureza. D'aquelle periodo sentimental de contemplação, em que colhia theorias nos ramos de qualquer cerejeira, e edificava Systemas sobre o espumar das levadas, o meu Principe lentamente passava para o desejo da Acção... E d'uma acção directa e material, em que a sua mão, emfim restituida a uma funcção superior, revolvesse o torrão.

Depois de tanto *commentar*, o meu Principe, evidentemente, aspirava a *crear*.

Uma tardinha, ao anoitecer, sentados no pomar, no rebordo do tanque, em quanto o Manoel hortelão apanhava laranjas no alto d'uma escada arrimada a uma alta laranjeira, Jacintho observou, mais para si do que para mim:

—É curioso... Nunca plantei uma arvore!

—Pois é um dos tres grandes actos, sem os quaes, segundo diz não sei que Philosopho, nunca se foi um verdadeiro homem... Fazer um filho, plantar uma arvore, escrever um livro. Tens de te apressar, para ser um homem. É possivel que talvez nunca prestasses um serviço a uma arvore, como se presta a um semelhante!

—Sim... Em Paris, quando era pequeno, regava os lilazes. E no verão é um bello serviço! Mas nunca semeei.

E como o Manoel descia da escada, o meu Principe, que nunca acreditára inteiramente —pobre homem!—no meu saber agricola, immediatamente reclamou o parecer d'aquella auctoridade:

—Oh Manoel, ouça lá, o que é que se poderia agora semear?

Com o cesto das laranjas enfiado no braço, o Manoel exclamou, atravez d'um lento riso, entre respeitoso e divertido:

—Semear, patrão? Agora é antes colher... Olhe que já se anda a limpar a eirasinha para a debulha, meu patrão.

—Pois sim... Mas sem ser milho nem cevada... Então alli no pomar, rente do muro velho, não se podia plantar uma fila de pecegueiros?

O riso do Manoel crescia.

—Isso sim, meu senhor! Isso é lá para os Santos ou para o Natal. Agora só a couvinha na horta, a beldroega, os espinafres, algum feijãosinho em terra muito fresca...

O meu Principe sacudiu com brando gesto estes legumes rasteiros.

—Bem, boa noite, Manoel. Essas laranjas são da tal laranjeira que diz o Melchior, muito

doces, muito finas? Então leve para os seus pequenos. Leve muitas para os pequenos.

Não! o empenho era crear a arvore. Pela arvore contemplada na serra em sua verdadeira magestade, na beneficencia da sua sombra, na frescura emballadora do seu rumorejar, na graça e santidade dos ninhos que a povoam, começára talvez, lentamente, o seu amor novo da Terra. E agora sonhava uma Tormes toda coberta d'arvores, cujos fructos e verduras, e sombras, e rumorejos suaves, e abrigados ninhos, fossem a obra e o cuidado das suas mãos paternaes.

No silencio grave do crepusculo, que descia, murmurou ainda:

—Oh Zé Fernandes, quaes são as arvores que crescem mais depressa?

—Eh, meu Jacintho... A arvore que cresce mais depressa é o eucalypto, o feiissimo e ridiculo eucalypto. Em seis annos tens ahi Tormes coberta de eucalyptos...

—Tudo tão lento, Zé Fernandes...

Porque o seu sonho, que eu comprehendia, seria plantar caroços que subissem em fortes troncos, se alargassem em verdes ramarias, antes de elle voltar ao 202, no começo do inverno...

—Um carvalho!... Trinta annos, antes que seja bello! Desanimo! É bom para Deus,

que pode esperar... *Patiens quia æternus.* Trinta annos! D'aqui a trinta annos, arvores só para me cobrirem a sepultura!

—Já é um ganho. E depois para teus filhos, Jacintho...

—Filhos! onde os tenho eu?

—É o mesmo processo dos castanheiros. Semeia. Não faltam por ahi terras agradaveis... Em nove mezes tens uma planta feita. E quanto mais tenrinhas, e mais pequeninas, mais essas plantas encantam.

Elle murmurou, crusando as mãos sobre o joelho:

—Tudo leva tanto tempo!...

E á borda do tanque nos quedamos, calados, na fresca doçura do anoitecer, entre o cheiro avivado das madresilvas do muro, olhando o crescente da lua, que surdia dos telhados de Tormes.

E decerto esta pressa de se tornar entre a Natureza não mais um sonhador, mas um creador, arremessou vivamente o seu interesse para os gados! Repetidamente, nos nossos passeios atravez da quinta, elle lhe notava a solidão.

—Faltam aqui animaes, Zé Fernandes!

Imaginava eu, que elle appetecia em Tormes o ornato elegante de veados e pavões. Mas um domingo, costeando o largo campo da

Ribeirinha, sempre escasso d'agoas, agora mais resequido por verão de tanta seccura, o meu Principe parou a considerar os tres carneiros do caseiro, que retouçavam com penuria uma relvagem pobre.

E, de repente, como magoado:

—Justamente! Aqui está o espaço para um bello prado, um immenso prado, muito verde, muito farto, com rebanhos de carneiros brancos, gordissimos como bolas de algodão pousadas na relva!... Era lindo, hein? É facil, não é verdade, Zé Fernandes?

—Sim... Trazes a agoa para o prado. Agoas não faltam, na serra.

E o meu principe encadeando logo n'esta inspirada idea outra, mais rica e vasta, lembrou quanta belleza daria a Tormes encher esses prados, esses verdes ferregiaes, de manadas de vaccas, formosas vaccas inglezas, bem nedias e bem luzidias. Hein? Uma belleza. Para abrigar esses gados ricos, construiria curraes perfeitos, d'uma architectura leve e util, toda em ferro e vidro, fundamente varridos pelo ar, largamente lavados pela agoa... Hein? Que formosura! Depois, com todas essas vaccas, e o leite jorrando, nada mais facil e mais divertido, e até mais moral, que a installação d'uma queijeira, á fresca moda Hollandeza, toda branca e reluzente, de azu-

lejos e de marmore, para fabricar os Camemberts, os Bries... os Coulommiers... Para a casa, que conforto! E para toda a serra, que actividade!

—Pois não te parece, Zé Fernandes?

— Com certeza. Tu tens, em abundancia, os quatro Elementos: o ar, a agoa, a terra, e o dinheiro. Com estes quatro elementos, facilmente se faz uma grande lavoura. Quanto mais uma queijeira!

—Pois não é verdade? E até como negocio! Está claro, para mim o lucro é o deleite moral do trabalho, o emprego fecundo do dia... Mas uma queijaria, assim perfeita, rende. Rende prodigiosamente. E educa o paladar, incita a installações eguaes, implanta talvez no paiz uma industria nova e rica! Ora com essa installação, perfeita, quanto me poderá custar cada queijo?

Fechei um olho, calculando:

—Eu te digo... Cada queijo, um d'esses queijinhos redondos, como o Camembert ou o Rabaçal, póde vir a custar-te, a ti Jacintho queijeiro, entre duzentos e cincoenta e trezentos mil réis.

O meu Principe recuou, com dous olhos alegres espantados para mim.

—Como trezentos mil réis?

—Ponhamos duzentos... Tem a certeza! Com todos esses prados, e os encanamentos d'agoa e a configuração da serra alterada, e as vaccas inglezas, e os edificios de porcellana e vidro, e as maquinas, a extravagancia, e a patuscada bucolica, cada queijo te custa, a ti productor, duzentos mil réis. Mas com certeza o vendes no Porto por um tostão. Põe cincoenta réis para a caixa, rotulos, transporte, commissão, etc. Tens apenas, em cada queijo uma perda de cento e noventa e nove mil oitocentos e cincoenta réis!

O meu Principe não desanimou.

—Perfeitamente! Faço um d'esses espantosos queijos por semana, ao sabbado, para o comermos nós ambos ao domingo!

E tanta energia lhe communicava o seu novo Optimismo, tão anciosamente aspirava a crear, que logo, arrastando o Silverio e o Melchior por cabeços e barrancos, largou a percorrer a quinta toda, para determinar onde cresceriam, ao seu mando inspirado, os verdes prados, e se ergueriam, rebrilhantes no sol de Tormes, os curraes elegantes. Com a esplendida segurança dos seus cento e nove contos de renda, não surgia difficuldade, risonhamente murmurada pelo Melchior, ou exclamada, com respeitoso pasmo, pelo Silve-

rio, que elle não afastasse brandamente, com geito leve, como um galho de roseira brava atravessado n'uma vereda.

Aquellas rochas, além, empecendo? Que se arrancassem! Um valle importuno dividia dous campos? Que se atulhasse! O Silverio suspirava, enxugando sobre a escura calva um suor quasi d'angustia. Pobre Silverio! Rijamente sacudido na doce pachorra da sua administração, calculando despezas que se affiguravam sobrehumanas á sua parcimonia serrana, forçado a arquejar, sem descanço, sob soalheiras de Junho, o desgraçado retomára na Serra o geito que Jacintho deixára em Paris,—e era elle que corria pelas longas barbas tenebrosas os dedos desalentados... Emfim uma tarde desabafou comigo, a um canto da varanda, em quanto Jacintho, na livraria, escrevia a um seu amigo de Hollanda, o conde Rylant, Mordomo Mór da Corte, pedindo desenhos, e planos, e orçamentos d'uma queijeira perfeita.

—Pois, Snr. Fernandes, se toda esta grandeza vae por diante, sempre lhe digo que o Snr. D. Jacintho enterra aqui na serra dezenas de contos... Dezenas de contos!

E como eu alludia á fortuna do meu Principe, a quem todas essas obras tão vastas, que alterariam o antiquissimo rosto da serra,

não custavam mais que a outros o concerto d'um socalco,—o bom Silverio atirou os longos braços para as coxas gordas, ainda mais desolado:

—Pois por isso mesmo, Snr. Fernandes! Se o Snr. D. Jacintho não tivesse a dinheirama, recuava. Assim, é zás zás, para deante; e eu não o censuro pela ideia. Lograsse eu a renda de S. Ex.ª, que me atirava tambem a uma lavoura de capricho. Mas não aqui, Snr. Fernandes, n'estas serranias, entre alcantis. Pois um senhor que possue aquella linda propriedade de Montemór, nos campos do Mondego, onde até podia plantar jardins de desbancar os do Palacio de Crystal do Porto! E a Velleira? O Snr. Fernandes não conhece a Velleira, lá para os lados de Penafiel? Isso é um condado! E uma terra chã, boa terra, toda junta, alli em volta da casa, com uma torre. Um regalo, Snr. Fernandes. Mas sobretudo Montemór! Lá é que eram prados e manadas de vaccas inglezas, e queijeira e horta rica, de fartar, e ahi trinta perús na capoeira...

—Então que quer, Silverio? O Jacintho gosta da serra. E depois este é o solar da familia, e aqui começaram no seculo XIV os Jacinthos...

O pobre Silverio, no seu desespero, es-

quecia o respeito devido á secular nobreza da casa.

—Ora! até ficam mal ao Snr. Fernandes essas ideias, n'este seculo da liberdade.... Pois estamos lá em tempos de se fallar em fidalguias, agora que por toda a parte anda tudo em Republica? Leia o *Seculo*, Snr. Fernandes! leia o *Seculo*, e verá! E depois eu sempre quero vêr o Snr. D. Jacintho, aqui no inverno, com o nevoeiro a subir do rio logo pela manhã, e a friagem a trespassar os ossos, e ventanias que atiram carvalheiras de raizes ao ar, e chuvas e chuvas que se desfaz a serra!... Olhe, até mesmo por amor da saude o Snr. D. Jacintho, que é fraquinho e acostumado á cidade, necessita sahir da serra. Em Montemór, em Montemór é que s. ex.ª estava bem. E o Snr. Fernandes, tão amigo d'elle e assim com tanta influencia, devia teimar, e berrar, até que o levasse para Montemór.

Mas, infelizmente para a quietação do Silverio, Jacintho lançára raizes, e rijas, e amorosas raizes na sua rude serra. Era realmente como se o tivessem plantado d'estaca n'aquelle antiquissimo chão, d'onde brotára a sua raça, e o antiquissimo humus refluisse e o penetrasse todo, e o andasse transformando n'um Jacintho rural, quasi vegetal, tão do

chão, e preso ao chão, como as arvores que elle tanto amava.

E depois o que o prendia á serra era o ter n'ella encontrado o que na Cidade, apesar da sua sociabilidade, não encontrára nunca,— dias tão cheios, tão deliciosamente occupados, d'um tão saboroso interesse, que sempre penetrava n'elles, como n'uma festa ou n'uma gloria.

Logo de manhã, ás seis horas, eu, no meu quarto, mexendo ainda regaladamente o meu corpo nos colchões de fresco folhelho, sentia os seus rijos sapatões pelo corredor, e o seu cantarolar, desafinado, mas ditoso como o d'um melro. Em poucos instantes escancarava com fragor a minha porta, já de chapeu desabado, já de bengalão de cerejeira, disposto com reservado fervor para os trilhos conhecidos da serra. E era sempre a mesma nova, quasi orgulhosa:

—Dormi hoje deliciosamente, Zé Fernandes. Tão bem, com uma tal serenidade, que começo a acreditar que sou um justo! Um dia lindo! Quando abri a janella, ás cinco horas, quasi gritei de puro gosto!

Na sua pressa, nem me deixava demorar na frescura da banheira; e quando eu repetia a risca mal começada do cabello, aquelle antigo homem das trinta e nove escovas, protes-

tava contra esse desbarato effeminado d'um tempo devido aos fortes gozos da terra.

Mas quando, depois de acariciar os rafeiros no pateo, desembocavamos da alameda de platanos, e deante de nós se dividiam matutinamente, mais brancos entre o verde matutino, os caminhos colleantes da quinta, toda a sua pressa findava, e penetrava na Natureza, com a reverente lentidão de quem penetra n'um Templo. E repetidamente sustentava ser «contrario á Esthetica, á Philosophia e á Religião, andar depressa através dos campos.» De resto, com aquella subtil sensibilidade bucolica que n'elle se desenvolvera, e incessantemente se afinava, qualquer breve belleza, do ar ou da terra, lhe bastava para um longo encanto. Ditosamente poderia elle entreter toda uma manhã, caminhar por entre um pinheiral, de tronco a tronco, callado, embebido no silencio, na frescura, no resinoso aroma, empurrando com o pé as agulhas e as pinhas seccas. Qualquer agua corrente o retinha, enternecido n'aquella serviçal actividade, que se apressa, cantando, para o torrão que tem sêde, e n'elle se some, e se perde. E recordo ainda quando me reteve meio domingo, depois da Missa, no cabeço, junto a um velho curral desmantellado, sob uma grande arvore,—só por que em torno havia quie-

tação, doce aragem, um fino piar d'ave na ramaria, um murmurio de regato entre canas verdes, e por sobre a sébe, ao lado, um perfume, muito fino e muito fresco, de flores escondidas.

Depois, quando eu, velho familiar das serras, me não abandonava aos mesmos extasis que a elle lhe enchiam a alma ainda noviça —o meu Principe rugia, com a indignação d'um poeta que descobre um mercieiro bocejando sobre Shakspeare ou Musset. Eu ria.

—Meu filho, olha que eu não passo d'um pequeno proprietario. Para mim não se trata de saber se a terra é *linda,* mas se a terra é *boa.* Olha o que diz a Biblia! «Trabalharás a quinta com o suor do teu rosto!» E não diz «contemplarás a quinta com o enlevo da tua imaginação!»

—Podéra! exclamava o meu Principe. Um livro escripto por Judeos, por asperos semitas, sempre com o turvo olho posto no lucro! Repára, homem, para aquelle bocadinho de valle, e consegue não pensar, por um momento, nos trinta mil reis que elle rende! Verás que pela sua belleza e graça elle te dá mais contentamento á alma que os trinta mil reis ao corpo. E na vida só a alma importa.

Recolhendo ao casarão, já o encontravamos com as janellas meio cerradas, os soalhos

borrifados para aquellas quentes restias de sol de junho, que depois do almoço docemente nos retinham na livraria, preguiçando.

Mas realmente a alegre actividade do meu Principe não cessava, nem amollecia, sob o peso da sésta. A essa hora, em quanto pelo arvoredo mudo os mais agitados pardaes dormiam, e o sol mesmo parecia repousar, immovel na rutilancia da sua luz, Jacintho com o espirito acordado,—ávido de sempre gosar, agora que reconquistárá essa faculdade,—tomava com delicia *o seu livro*. Por que o dono de trinta mil volumes era agora, na sua casa de Tormes, depois de resuscitado, o homem que só tem um livro. Essa mesma Natureza, que o desligára das ligaduras amortalhadoras do tedio, e lhe gritára o seu bello *Ambula*, caminha!—tambem certamente lhe gritára *et lege*, e lê. E libertado emfim do envolucro suffocante da sua Bibliotheca immensa, o meu ditoso amigo comprehendia emfim a incomparavel delicia de *lêr um livro*. Quando eu correra a Tormes, (depois das revelações do Severo na venda do Torto,) elle findava o D. Quichote, e ainda eu lhe escutára as derradeiras risadas com as cousas deliciosas, e de certo profundas, que o gordo Sancho lhe murmurava, escarranchado no seu burro. Mas agora o meu Principe mergulhára na *Odyssea*,—e todo

elle vivia no espanto e no deslumbramento de assim ter encontrado no meio do caminho da sua vida, o velho errante, o velho Homero!

—Oh Zé Fernandes, como succedeu que eu chegasse a esta edade sem ter lido Homero?...

—Outras leituras, mais urgentes... O *Figaro*, George Ohnet...

—Tu leste a *Illiada?*

—Menino, sinceramente me gabo de nunca ter lido a *Illiada.*

Os olhos do meu Principe fuzilavam.

—Tu sabes o que fez Alcibiades, uma tarde, no Portico, a um sophista, um desavergonhado d'um sophista, que se gabava de não ter lido a *Illiada?*

—Não.

—Ergueu a mão e atirou-lhe uma bofetada tremenda.

—Para lá, Alcibiades! Olha que eu li a *Odyssea!*

Oh! mas de certo eu a lêra, corridamente, com a alma desattenta! E insistia em me iniciar, elle, e me conduzir, através do Livro sem egual. Eu ria. E rindo, pesado do almoço, terminava por consentir, e me estirava no canapé de verga. Elle, deante da mesa, direito na cadeira, abria o livro gravemente, pontificalmente, como um missal, e começava

n'uma lenta ode sentida. Aquelle grande mar da *Odyssea*,—resplandecente e sonoro, sempre azul, todo azul, sob o vôo branco das gaivotas, rolando, e mansamente quebrando sobre a areia fina ou contra as rochas de marmore das Ilhas divinas,—exhalava logo uma frescura salina, bem vinda e consoladora n'aquella calma de Junho, em que a serra se entorpecia. Depois as estupendas manhas do subtil Ulysses e os seus perigos sobrehumanos, tantas lamurias sublimes, e um anceio tão espalhado da Patria perdida, e toda aquella intriga, em que embrulhava os Heroes, lograva as Deusas, illudia o Fado, tinham um delicioso sabôr ali, nos campos de Tormes, onde nunca se necessitava de subtileza ou de engenho, e a Vida se desenrolava com a segurança immutavel com que cada manhã sempre o Sol egual nascia, e sempre centeios e milhos, regados por agoas eguaes, seguramente medravam, espigavam, amadureciam... Emballado pela recitação grave e monotona do meu Principe, eu cerrava as palpebras docemente. Em breve um vasto tumulto, por terra e ceu, me alvoroçava... E eram os rugidos de Polyphemo, ou a grita dos companheiros d'Ulysses roubando as vaccas de Apollo. Com os olhos logo esbugalhados para Jacintho, eu murmu-

rava: *Sublime!* E sempre, n'esse momento o engenhoso Ulysses, de carapuço vermelho e o longo remo ao hombro, surprehendia com a sua facundia a clemencia dos Principes, ou reclamava presentes devidos ao Hospede, ou surripiava astutamente algum favor aos Deuses. E Tormes dormia, no esplendor de Junho. Novamente, eu cerrava as palpebras consoladas, sob a caricia ineffavel do largo dizer homerico... E meio adormecido, encantado, incessantemente avistava, longe, na divina Hellade, entre o mar muito azul e o ceu muito azul, a branca vela, hesitante, procurando Ithaca...

Depois da sésta o meu Principe de novo se soltava para os campos. E a essa hora, sempre mais activa, voltava com ardor aos «seus planos», a essas culturas de luxo e elegantes officinas que cobririam a serra de magnificencias ruraes. Agora andava todo no esplendido appetite d'uma horta que elle concebera, immensa horta ajardinada, em que todos os legumes, classicos ou exoticos, cresceriam, soberbamente, em vistosos talhões, fechados por sebes de rosas, de cravos, de alfazêma, de dhalias. A agoa das regas desceria por lindos corrêgos de louça esmaltada. Nas ruas, a sombra cahiria de densas lata-

das de moscatel, pousando em esteios revestidos d'azulejo. E o meu Principe desenhára o plano d'esta espantosa horta, a lapiz vermelho, n'um papel immenso, que o Melchior e o Silverio, consultados, longamente contemplaram, — um coçando risonhamente a nuca, o outro com os braços duramente crusados, e o sobrôlho tragico.

Mas este plano, o da queijaria, o da capoeira, e outro, sumptuoso, d'um pombal tão povoado que todo o ceu de Tormes ás tardes se tornaria branco e todo fremente d'azas —não sahiam das nossas gostosas palestras, ou dos papeis em que Jacintho os debuxava, e que se amontoavam sobre a meza, platonicos, immoveis, entre o tinteiro de latão e o vaso com flôres.

Nem enxadada fendera terra, nem alavanca deslocára pedra, nem serra serrára madeira, para encetar estas maravilhas. Contra a resistencia reboluda e escorregadia do Melchior, contra a respeitosa inercia do Silverio se quedavam, encalhados, os planos do meu Principe, como galeras vistosas em rochas ou em lôdo.

Não convinha bolir em nada, (clamava o Silverio) antes das colheitas e da vindima! E depois, (acrescentava o Melchior com um sor-

riso de grande promessa) «para boas obras mez de Janeiro» porque lá ensina o dictado:

Em Janeiro — mette obreiro
Mez meante — que não ante.

E, de resto, o goso de conceber as suas obras e de indicar, estendendo a bengala por cima de valle e monte, os sitios privilegiados que ellas aformoseariam, bastava por ora ao meu Principe, ainda mais imaginativo que operante. E, em quanto meditava estas transformações da terra, muito progressivamente e com um amavel esforço, se ia familiarisando com os homens simples que a trabalhavam. Na sua chegada a Tormes, o meu Principe soffria d'uma estranha timidez diante dos caseiros, dos jornaleiros, e até de qualquer rapazinho que passasse, tangendo uma vacca para o pasto. Nunca elle então se demoraria a conversar com os moços, quando á borda d'um caminho ou n'um campo em monda elles se endireitavam de chapeu na mão, n'um respeito de velha vassalagem. De certo o empecia a preguiça, e talvez ainda o pudico recato de transpor toda a immensa distancia que se alargava desde a sua complicada super-civilisação até á rude simplicidade d'aquellas

almas naturaes: —mas sobretudo o retinha o medo de mostrar a sua ignorancia da lavoura e da terra, ou de parecer talvez desdenhoso de occupações e de interesses, que para os outros eram supremos e quasi religiosos. Remia então esta reserva com uma profusão de sorrisos, de doces acenos, tirando tambem o chapeu em cortezias profundas, com uma tal emphase de polidez que eu por vezes receava que elle murmurasse aos jornaleiros: «Tenha v. ex.ª muito boas tardes;... Creado de v. ex.ª!»

Mas agora, depois d'aquellas semanas de serra, e de já saber (com um saber ainda fragil,) a epocha das sementeiras e das ceifas, e que as arvores de fructa se semeiam no inverno, já se aprazia em parar junto dos trabalhadores, contemplar descançadamente o trabalho, dizer cousas affaveis e vagas.

—Então, isso vae andando?... Ora ainda bem!... Este bocado de torrão aqui é rico... O talude ali adeante está precisando concerto...

E cada um d'estes tão simples dizeres lhe era doce, como se por meio d'elles penetrasse mais fundamente na intimidade da terra, e consolidasse a sua encarnação em «homem do campo,» deixando de ser uma mera sombra circulando entre realidades. Já por isso

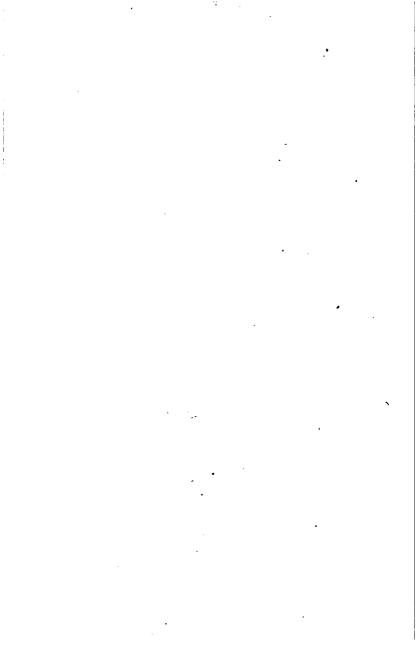
não crusava no caminho o mocinho atraz das vaccas, que não o detivesse, o não interrogasse: «Para onde vaes tu? De quem é o gado? Como te chamas?» E, contente comsigo, sempre gabava gratamente o desembaraço do rapaz, ou a esperteza dos seus olhos. Outra satisfação do meu Principe era conhecer os nomes de todos os campos, as nascentes d'agua, e as delimitações da sùa quinta.

—Vês acolá, para além do ribeiro, o pinheiral. Já não é meu, é dos Albuquerques.

E com a perenne alegria de Jacintho as noites da serra, no vasto casarão, eram faceis e curtas. O meu Principe era então uma alma que se simplificava:—e qualquer pequenino goso lhe bastava, desde que n'elle entrasse paz ou doçura. Com verdadeira delicia ficava, depois do café, estendido n'uma cadeira, sentindo atravez das janellas abertas, a nocturna tranquillidade da serra, sob a mudez estrellada do ceu.

As historias, muito simples e muito caseiras, que eu lhe contava, de Guiães, do abbade, da tia Vicencia, dos nossos parentes da Flôr da Malva, tão sinceramente o interessavam que eu encetára, para seu regalo, a chronica completa de Guiães, com todos os namoricos, e as façanhas de forças, e as desavenças por causa de servidões ou d'aguas. Tam-

bem por vezes nos enfronhavamos com afferro n'uma partida de gamão, sobre um bello taboleiro de pau preto, com pedras de velho marfim, que nos emprestára o Silverio. Mas nada de certo o encantava tanto como atravessar as casas, pé ante pé, até uma saleta que dava para o pomar, e ahi ficar encostado á janella, sem luz, n'um enlevado socego, a escutar longamente, languidamente, os rouxinoes que cantavam no laranjal.

X

N'uma d'essas manhãs — justamente na vespera do meu regresso a Guiães —, o tempo, que andára pela serra tão alegre, n'um inalterado riso de luz rutilante, todo vestido d'azul e ouro, fazendo poeira pelos caminhos, e alegrando toda a natureza, desde os passaros até os regatos, subitamente, com uma d'aquellas mudanças que tornam o seu temperamento tão semelhante ao do homem, appareceu triste, carrancudo, todo embrulhado no seu manto cinzento, com uma tristeza tão pesada e contagiosa que toda a serra entristeceu. E não houve mais passaro que cantasse, e os arroios fugiram para debaixo das hervas com um lento murmurio de chôro.

Quando Jacintho entrou no meu quarto, não resisti á malicia de o aterrar:

—Sudoeste! gralhas a grasnar por todos esses soutos... Temos muita agua, Snr. D. Ja-

cintho! Talvez duas semanas d'agua! E agora é que se vae saber quem é aqui o fino amador da Natureza, com esta chuva pegada, com vendaval, com a serra toda a escorrer!

O meu Principe caminhou para a janella com as mãos nas algibeiras:

—Com effeito! Está carregado. Já mandei abrir uma das malas de Paris e tirar um casacão impermeavel... Não importa! Fica o arvoredo mais verde. E é bom que eu conheça Tormes nos seus habitos d'inverno.

Mas como o Melchior lhe affiançára que a «chuvinha só viria para a tarde», Jacintho decidiu ir antes d'almoço á Corujeira, onde o Silverio o esperava para decidirem da sorte d'uns castanheiros, muito velhos, muito pittorescos, inteiramente interessantes, mas já roidos, e ameaçando desabar. E, confiando nas previsões do Melchior, partimos sem que Jacintho se vestisse á prova d'agoa. Não andaramos porém meio caminho, quando, depois d'um arrepio nas arvores, um negrume carregou, e, bruscamente, desabou sobre nós uma grossa chuva obliqua, vergastada pelo vento, que nos deixou estonteados, agarrando os chapeus, enrodilhados na borrasca. Chamados por uma grande voz, que se esganiçava no vento, avistamos n'um campo mais alto, á beira d'um alpendre, o Silverio, debaixo d'um

guarda-chuva vermelho, que acenava, nos indicava o trilho mais curto para aquelle abrigo. E para lá rompemos, com a chuva a escorrer na cara, patinhando na lama, contorcidos, cambaleantes, atordoados no vendaval, que n'um instante alagára os campos, inchára os ribeiros, esboroava a terra dos socalcos, lançára n'um desespero todo o arvoredo, tornára a serra negra, bravamente agreste, hostil, inhabitavel.

Quando emfim, debaixo do vasto guarda-chuva com que o Silverio nos esperava á beira do campo, corremos para o alpendre, nos refugiamos n'aquelle abrigo inesperado, a escorrer, a arquejar, o meu Principe, enxugando a facé, enxugando o pescoço, murmurou, desfallecido:

—Apre! que ferocidade!

Parecia espantado d'aquella brusca, violenta colera d'uma serra tão amavel e acolhedora, que em dous mezes, inalteradamente, só lhe offerecera doçura e sombra, e suaves ceus, e quietas ramagens, e murmurios discretos de ribeirinhos mansos.

—Santo Deus! Vem muitas vezes assim, estas borrascas?

Immediatamente o Silverio aterrou o meu Principe:

—Isto agora são brincadeiras de verão,

meu senhor! Mas ha de V. Ex.ª vêr no inverno, se V. Ex.ª se aguentar por cá! Então é cada temporal, que até parece que os montes estremecem!

E contou como fôra tambem apanhado, quando ia para a Corujeira. Felizmente, logo pelá manhã, quando sentiu o ar carrancudo e as folhinhas dos choupos a tremer, se acautelára com o chapeu de chuva e calçára as suas grandes botas.

—Ainda estive para me abrigar em casa do Esgueira, que é um caseiro de cá. Aquella casa, ali abaixo, onde está a figueira... Mas a mulher tem estado doente, já ha dias... E como póde ser obra que se pegue, bexigas ou coisa que o valha, pensei comigo: Nada, o seguro morreu de velho! Metti para o alpendre... E não passára um credo quando lobriguei a V. Ex.ª... Coisa assim!... E o Snr. D. Jacintho é voltar para casa, e mudar-se, que temos um dia e uma noite d'agoa.

Mas, justamente, a chuva começára a cahir perpendicular, d'um ceu ainda negro, onde o vento se calára; e para além do rio e dos montes havia uma claridade, como entre cortinas de pano cinzento que se descerram.

Jacintho repousava. Eu não cessára de me sacudir, de bater os pés encharcados, que me arrefeciam. E o bom Silverio, passando

a mão pensativa sobre o negrume das suas barbas, reflectia, emendava os seus prognosticos:

—Pois, não senhor... Ainda estía! Nunca pensei. É que tornejou o vento.

O alpendre que nos cobria assentava sobre duas paredes em angulo, de pedra solta, restos d'algum casebre desmantelado, e sobre um esteio fazendo cunhal. N'esse momento só abrigava madeira, um cuculo de cestos vasios, e um carro de bois, onde o meu Principe se sentára, enrolando um cigarro confortador. A chuva desabava, copiosa, em longos fios reluzentes. E todos tres nos callavamos, n'aquella contemplação inerte e sem pensamento, em que uma chuva grossa e serena sempre immobilisa e retem olhos e almas.

—Ó Snr. Silverio, murmurou lentamente o meu Principe, que é que o senhor esteve ahi a dizer de bexigas?

O procurador voltou a face surprehendido:

—Eu, Ex.mo Snr.?... Ah sim! a mulher do Esgueira! É que póde ser, póde ser... Não imagine V. Ex.a que faltam por cá doenças. O ar é bom. Não digo que não! Arsinho são, agoasinha leve. Mas ás vezes, se V. Ex.a me dá licença, vae por ahi muita maleita.

—Mas não ha medico, não ha botica?

O Silverio teve o riso superior de quem habita regiões civilisadas e bem providas...

—Então não havia d'haver? Pois ha um boticario, em Guiães, lá quasi ao pé da casa aqui do nosso amigo. E homem entendido... o Firmino, hein, Snr. Fernandes? Homem capaz. Medico é o Dr. Avelino, d'aqui a legoa e meia, nas Bolsas. Mas já V. Ex.ª vê, esta gentinha é pobre!... Tomaram elles para pão, quanto mais para remedios!

E de novo se estabeleceu um silencio, sob o alpendre, onde penetrava a friagem crescente da serra encharcada. Para além do rio, a promettedora claridade não se alargára entre as duas espessas cortinas pardacentas. No campo, em declive deante de nós, ia um longo correr de ribeiros barrentos. Eu terminára por me sentar na ponta d'um madeiro, enervado, já com a fome aguçada pela manhã agreste. E Jacintho, na borda do carro, com os pés no ar, cofiava os bigodes humidos, palpava a face, onde, com espanto meu, reapparecera a sombra, a sombra triste dos dias passados, a sombra do 202!

E, então, surdiu por traz da parede do alpendre um rapasito, muito rotinho, muito magrinho, com uma carita miuda, toda amarella sob a porcaria, e onde dous grandes olhos pretos se arregalavam para nós, com

vago pasmo e vago medo. Silverio immediatamente o conheceu..

—Como vae a tua mãe? Escusas de te chegar para cá, deixa-te estar ahi. Eu ouço bem. Como vae a tua mãe?

Não percebi o que os pobres beicitos descorados murmuraram. Mas Jacintho, interessado:

—Que diz elle? Deixe vir o rapaz! Quem é a tua mãe?

Foi o Silverio que informou respeitosamente:

—É a tal mulher que está doente, a mulher do Esgueira, ali do casal da figueira. E ainda tem outro abaixo d'este... Filharada não lhe falta.

—Mas este pequeno tambem parece doente!—exclamou Jacintho. Coitadito, tão amarello!... Tu tambem estás doente?

O rapasinho emmudecera, chupando o dedo, com os tristes olhos pasmados. E o Silverio sorria, com bondade:

—Nada! este é sãosinho... Coitado, é assim amarellado e enfezadito, por que... Que quer V. Ex.ª? Mal comido! muita miseria... Quando ha o bocadito de pão é para todo o rancho. Fomesinha, fomesinha!

Jacintho pulou bruscamente da borda do carro.

—Fome? Então elle tem fome? Ha aqui gente com fome?

Os seus olhos rebrilhavam, n'um espanto commovido, em que pediam, ora a mim, ora ao Silverio, a confirmação d'esta miseria insuspeitada. E fui eu que esclareci o meu Principe:

—Homem! está claro que ha fome! Tu imaginavas talvez que o Paraiso se tinha perpetuado aqui nas serras, sem trabalho e sem miseria... Em toda a parte ha pobres, até na Australia, nas minas d'ouro. Onde ha trabalho ha proletariado, seja em Paris, seja no Douro...

O meu Principe, teve um gesto d'afflicta impaciencia:

—Eu não quero saber o que ha no Douro. O que eu pergunto é se aqui, em Tormes, na minha propriedade, dentro d'estes campos que são meus, ha gente que trabalhe para mim, e que tenha fome... Se ha creancinhas, como esta, esfomeadas? É o que eu quero saber.

O Silverio sorria, respeitosamente, ante aquella candida ignorancia das realidades da Serra:

—Pois está bem de vêr, meu senhor, que ha para ahi caseiros que são muito pobres. Quasi todos... É uma miseria, que se não fosse algum soccorro que se lhes dá, nem eu

sei!... Este Esgueira, com o rancho de filhos que tem, é uma desgraça... Havia V. Ex.ª de vêr as casitas em que elles vivem... São chiqueiros. A do Esgueira, acolá...

—Vamos vêl-a! atalhou Jacintho com uma decisão exaltada.

E sahiu logo do alpendre, sem attender á chuva, que ainda cahia, mais leve e mais rala. Mas então Silverio alargou os braços deante d'elle, com anciedade, como para o salvar d'um precipicio.

—Não! V. Ex.ª lá na casa do Esgueira é que não entra! Não se sabe o que a mulher tem, e cautella e caldo de gallinha...

Jacintho não se alterou na sua polidez paciente:

—Obrigado pelo seu cuidado, Silverio... Abra o seu chapeu de chuva, e ávante!

Então o Procurador vergou os hombros, e, como S. Ex.ª mandava, abriu com estrondo o immenso pára-agoas, abrigou respeitosamente Jacintho, através do campo encharcado. Eu segui, pensando na esmola sumptuosa que o bom Deus mandava áquelle pobre casal por um remoto senhor das Cidades! Atraz vinha o pequenito perdido n'um immenso pasmo.

Como todos os casebres da serra, o do Esgueira era de grossa pedra solta, sem reboco,

com um vago telhado, de telha musgosa e negra, um postigo no alto, e a rude porta que servia para o ar, para a luz, para o fumo, e para a gente. E em redor, a Natureza e o Trabalho tinham, através d'annos, accumulado ali trepadeiras e flôres silvestres, e cantinhos d'horta, e sebes cheirosas, e velhos bancos roidos de musgo, e panellas com terra onde crescia salsa, e regueiros cantantes, e videiras enforcadas nos olmos, e sombras e charcos espelhados, que tornavam deliciosa, para uma Ecloga, aquella morada da Fome, da Doença e da Tristeza.

Cautelosamente, com a ponteira do guarda-chuva, Silverio empurrou a porta, chamando:

—Eh! tia Maria... Olá rapariga!

E na fenda entreaberta appareceu uma moça, muito alta, escura e suja, com uns tristes olhos pisados, que se espantaram para nós, serenamente.

—Então como vae a tua mãe?—Abre lá a porta, que estão aqui estes senhores...

Ella abriu, lentamente, e ia murmurando n'uma voz dolente e arrastada mas sem queixume, que um vago, resignado sorriso acompanhava:

—Ora, coitada! como ha de ir? Malzinha... malzinha.

E dentro, n'um gemido que subia como

do chão, d'entre abafos, amodorrado e lento, a mãe repetiu a desconsolada queixa:

—Ai! para aqui estou, e malzinha, malzinha!...

O Silverio, sem passar da porta, com o guarda-chuva em riste, meio aberto, como um escudo contra a infecção, lançou uma consolação vaga:

—Não ha de ser nada, tia Maria!... Isso foi friagem! Não foi senão friagem!

E, sobre o hombro de Jacintho, encolhido:

—Já V. Ex.ª vê... Muita miseria! Até lhe chove lá dentro.

E, no pedaço de chão que viam, chão de terra batida, uma mancha humida reluzia, da chuva pingada de uma telha rôta. A parede, coberta de fuligem, das longas fumaraças da lareira, era tão negra como o chão. E aquella penumbra suja parecia atulhada, n'uma desordem escura, de trapos, de cacos, de restos de coisas, onde só mostravam fórma comprehensivel uma arca de pau negro, e por cima, pendurado d'um prego, entre uma serra e uma candeia, um grosso saiote escarlate.

Então Jacintho, muito embaraçado, murmurou abstrahidamente:

—Está bem, está bem...

E largou pelo campo para o lado do alpendre como se fugisse, emquanto o Silverio de-

certo revelava á rapariga, a presença augusta do «fidalgo», por que a sentimos, da porta, levantar a voz dolorida:

—Ai! Nosso Senhor lhe dê muito boa sorte! Nosso Senhor o acompanhe!

Quando o Silverio, com as grandes passadas das suas grandes botas, nos colheu, no meio do campo, Jacintho parára, olhava para mim, com os dedos tremulos a torturar o bigode, e murmurava:

—É horrivel, Zé Fernandes, é horrivel.

Ao lado, o vozeirão do Silverio trovejou:

—Que queres tu outra vez, rapaz? Vae para a tua mãe, creatura!

Era o pequeno rotinho, esfaimadinho, que se prendia a nós, n'um immenso pasmo das nossas pessoas, e com a confusa esperança, talvez, que d'ellas, como de Deuses encontrados n'um caminho, lhe viesse affago ou proveito. E Jacintho, para quem elle mais especialmente arregalava os olhos tristes, e que aquella miseria, e a sua muda humildade, embaraçavam, acanhavam horrivelmente, só soube sorrir, murmurar o seu vago: «Está bem, está bem...» Fui eu que dei ao pequenito um tostão, para o fartar, o despegar dos nossos passos. Mas como elle, com o seu tostão bem agarrado, nos seguia ainda, como no sulco da nossa magnificencia, o Silverio teve de o es-

pantar, como a um passaro, batendo as mãos, e de lhe gritar:

— Já para casa! E leve esse dinheiro á mãe. Roda, roda!...

—E nós vamos almoçar, lembrei eu olhando o relogio. O dia ainda vae estar lindo.

Sobre o rio, com effeito, reluzia um pedaço d'azul lavado e lustroso; e a grossa camada de nuvens já se ia enrolando sob a lenta varredela do vento, que as levava, despejadas e rôtas, para um canto escuso do ceu.

Então recolhemos lentamente para casa, por uma vereda ingreme, que ensinára o Silverio, e onde um leve enchurro vinha ainda, saltando e chalrando. De cada ramo tocado, rechuvia uma chuva leve. Toda a verdura, que bebera largamente, reluzia consolada.

Bruscamente, ao sahirmos da vereda para um caminho mais largo, entre um socalco e um renque de vinha, Jacintho parou, tirando lentamente a cigarreira:

—Pois, Silverio, eu não quero mais estas horriveis miserias na quinta.

O Procurador deu um geito aos hombros, com um vago *eh! eh!* d'obediencia e dúvida.

—Antes de tudo, continuava Jacintho, mande já hoje chamar esse Dr. Avelino para aquella pobre mulher... E os remedios que os vão buscar logo a Guiães. E recommendação ao me-

dico para voltar ámanhã, e em cada dia; até que ella melhore... Escute! E quero, Melchior, que lhe leve dinheiro, para os caldos, para a dieta, uns dez ou quinze mil réis... Bastará?

O Procurador não conteve um riso respeitoso. Quinze mil réis! Uns tostões bastavam... Nem era bom acostumar assim, a tanta franqueza, aquella gente. Depois todos queriam, todos pedinchavam...

— Mas é que todos hão-de ter, disse Jacintho simplesmente.

— V. Ex.ª manda, murmurou o Silverio.

Encolhera os hombros, parado no caminho, no espanto d'aquellas extravagancias. Eu tive de o apressar, impaciente:

— Vamos conversando e andando! É meio dia! Estou com uma fome de lobo!

Caminhamos, com o Silverio no meio, pensativo, a fronte enrugada sob a vasta aba do chapeu, a barba immensa espalhada pelo peito, e a barraca exorbitante do guarda-chuva vermelho enrolada debaixo do braço. E Jacintho, puxando nervosamente o bigode, arriscava outras idéas bemfazejas, cautelosamente, no seu indominavel medo do Silverio:

— E as casas tambem... Aquella casa é um covil!... Gostava de abrigar melhor aquella pobre gente... E naturalmente, as dos outros

caseiros são pocilgas eguaes... Era necessario uma reforma! Construir casas novas a todos os rendeiros da quinta...

—A todos?...—O Silverio gaguejava,—emmudeceu.

E Jacintho balbuciava aterrado:

—A todos... Emfim, quero dizer... Quantos serão elles?

Silverio atirou um gesto enorme:

—São vinte e coisas... Vinte e tres! se bem lembro. Upa! Upa! Vinte e sete...

Então Jacintho emmudeceu tambem, como reconhecendo a vastidão do numero. Mas desejou saber, por quanto ficaria cada casa!... Oh! uma casa simples, mas limpa, confortavel, como a que tinha a irmã do Melchior, ao pé do lagar. Silverio estacou de novo. Uma casa como a da Ermelinda? Queria Sua Ex.ª saber? E alijou a cifra, muito d'alto, como uma pedra immensa, para esmagar Jacintho:

—Duzentos mil réis, Ex.mo Senhor! E é para mais que não para menos!

Eu ria da tragica ameaça do excellente homem. E Jacintho, muito docemente, para conciliar o Silverio:

—Bem, meu amigo... Eram uns seis contos de réis! Digamos dez, por que eu queria dár a todos alguma mobilia e alguma roupa.

Então o Silverio teve um brado de terror:

—Mas então, Ex.^mo Senhor, é uma revolução!

E como nós, irresistivelmente, riamos dos seus olhos esgazeados de horror, dos seus immensos braços abertos para traz, como se visse o mundo desabar,—o bom Silverio encavacou:

—Ah! V. Ex.^as riem? Casas para todos, mobilias, pratas, bragal, dez contos de réis! Então tambem eu rio! Ah! ah! ah! Ora viva a bella chalaça!... Está bôa a risota!

E subitamente, n'uma profunda mesura, como declinando toda a responsabilidade n'aquelle disparate magnifico:

—Emfim, V. Ex.^a é quem manda!

—Está mandado, Silverio. E tambem quero saber as rendas que paga essa gente, os contractos que existem, para os melhorar. Ha muito que melhorar. Venha vossê almoçar comnosco. E conversamos.

Tão saturado d'espanto estava o Silverio, que nem recebeu mais espanto com essa «melhoria de rendas». Agradeceu o convite, penhorado. Mas pedia licença a Sua Ex.^a para passar primeiramente pelo lagar, para vêr os carpinteiros que andavam a concertar a trave do rio. Era um instante, e estava em seguida ás ordens de S. Ex.^a.

Metteu a corta matto, saltando um can-

cello. E nós seguimos, com passos que eram ligeiros, pela hora do almoço que se retardára, pelo azul alegre que reapparecia, e por toda aquella justiça feita á pobresa da serra.

—Não perdeste hoje o teu dia, Jacintho, disse eu, batendo, com uma ternura que não disfàrcei, no hombro do meu amigo.

—Que miseria, Zé Fernandes! Eu nem sonhava... Haver por ahi, á vista da minha casa, outras casas, onde creanças teem fome! É horrivel...

Estavamos entrando na alameda. Um raio de sol, sahindo d'entre duas grossas, algodoadas nuvens, passou sobre uma esquina do casarão, ao fundo, uma viva tira d'ouro. O clarim dos gallos soava claro e alto. E um doce vento, que se erguera, punha nas folhas lavadas e luzidías um fremito alegre e doce.

—Sabes o que eu estava pensando, Jacintho?... Que te aconteceu aquella lenda de Santo Ambrosio... Não, não era Santo Ambrosio... Não me lembra o santo... Nem era ainda santo... apenas um cavalleiro peccador, que se enamorára d'uma mulher, puzera toda a sua alma n'essa mulher, só por a avistar a distancia na rua. Depois, uma tarde que a seguia, enlevado, ella entrou n'um portal de egreja, e ahi, de repente, ergueu o veu, entreabriu o vestido, e mostrou ao pobre cavalleiro

o seio roido por uma chaga! Tu, tambem andavas namorado da serra, sem a conhecer, só pela sua belleza de verão. E a serra, hoje, zás! de repente, descobre a sua grande ulcera... É talvez a tua preparação para S. Jacintho.

Elle parou, pensativo, com os dedos nas cavas do collete:

—É verdade! Vi a chaga! Mas emfim, esta, louvado seja Deus, é das que eu posso curar!

Não desilludi o meu Principe. E ambos subimos alegremente a escadaria do casarão.

XI

No dia que seguiu estas largas caridades recolhi a Guiães. E, desde então, tantas vezes trotei por aquellas tres legoas entre a nossa e a velha alameda dos Jacinthos, que a minha egoa, quando a desviava d'essa estrada familiar, conduzindo a uma cavallariça familiar, (onde ella privava com o garrano do Melchior) relinchava de pura saudade. Até a tia Vicencia se mostrava vagamente ciumenta d'aquella Tormes, para onde eu sempre corria, d'aquelle Principe de quem incessantemente celebrava o rejuvenescimento, a caridade, os piteus, e as chimeras agricolas. Já um dia com um grão de sal e ironia,—o unico que cabia n'um coração todo cheio d'innocencia,—ella me dissera, movendo com mais vivacidade as agulhas da sua meia:

—Olha que te podes gabar! Até me tens

feito curiosidade de conhecer esse Jacintho... Traze cá essa maravilha, menino!

Eu rira:

—Socegue, tia Vicencia, que o trarei agora, para o dia dos meus annos, a jantar... Damos uma festa, haverá um bailarico no pateo, e vem ahi toda essa senhorama dos arredores. Talvez até se arranje uma noiva para o Jacintho.

Eu, com effeito, já convidára o meu Principe para este «natalicio». E de resto convinha que o senhor de Tormes conhecesse todos aquelles senhores das boas casas da serra... Sobretudo, como eu lhe dizia rindo, convinha que elle conhecesse algumas mulheres, algumas d'aquellas fortes raparigas dos solares serranos, por que Tormes tinha uma solidão muito monastica; e o homem, sem um pouco do Eterno Feminino, facilmente se enrudece e ganha uma casca aspera como a das arvores, na solidão.

— E esta Tormes, Jacintho, esta tua reconciliação com a Natureza, e o renunciamento ás mentiras da Civilisação é uma linda historia... Mas, caramba, faltam mulheres!

Elle concordava, rindo, languidamente estendido na cadeira de vime:

— Com effeito, ha aqui falta de mulher, com M. grande. Mas essas senhoras ahi das

casas dos arredores... Não sei, mas estou pensando que se devem parecer com legumes. Sans, nutritivas, excellentes para a panella — mas, emfim, legumes. As mulheres que os poetas comparam ás Flores são sempre as mulheres das Côrtes, das Capitaes, ás quaes, invariavelmente, desde Hesiodo e de Horacio, se rendem os poetas... E evidentemente não ha perfume, nem graça, nem elegancia, nem requinte, n'uma cenoura ou n'uma couve... Não devem ser interessantes as senhoras da minha serra.

— Eu te digo... A tua visinha mais chegada, a filha do D. Theotonio, com effeito, salvo o respeito que se deve á casa illustre dos Barbedos, é um mostrengo! A irmã dos Albergarias, da quinta da Loja, tambem não tentaria nem mesmo o precisado Santo Antão. Sobretudo se se despisse, por que é um espinafre infernal! Essa realmente é legume, e não dos nutritivos.

— Tu o disseste: espinafre!

— Temos tambem a D. Beatriz Velloso... Essa é bonita... Mas, menino, que horrivelmente bem fallante! Falla como as heroinas do Camillo. Tu nunca leste o Camillo... E depois, um tom de voz que te não sei descrever, o tom com que se falla em D. Maria, em peças de sentimento. Tu tambem nunca viste o Thea-

tro de D. Maria... Emfim, um horror! E perguntas pavorosas. «V. Ex.ª, Snr. Doutor, não se delicia com Lamartine?» Já me disse esta, a indecente!

—E tu?

—Eu! Arregalei os olhos... «Oh Lamartine!». Mas, coitada, é uma excellente rapariga! Agora, por outro lado, temos as Rojões, as filhas de João Rojão, duas flores, muito frescas, muito alegres, com um cheiro e um brilho a sadio, e muito simples... A tia Vicencia morre por ellas. Depois ha a mulher do Dr. Alypio, que é uma belleza. Oh! uma creatura esplendida! Mas, emfim, é a mulher do Dr. Alypio, e tu renunciaste aos deveres da Civilisação... Além d'isso, mulher muito séria, toda absorvida nos seus dous pequenos, que parecem dous anjinhos de Murillo... E quem mais? Já agora, quero completar a lista do pessoal feminino. Temos a Mello Rebello, de Sandofim, muito engraçada, com cabello lindo... Borda na perfeição, faz doces como uma freira do antigo Regimen... Havia tambem uma Julia Lobo, muito linda, mas morreu... Agora não me lembro mais. Mas falta a flôr da Serra, que é a minha prima Joanninha, da Flôr da Malva! Essa é uma perfeição de rapariga.

—E tu, primo Zé, como tens tu resistido?

—Somos como irmãos, creados de peque-

ninos, mais acostumados e familiares que tu e eu... A familiaridade esbate os sexos. A mãe d'ella era a unica irmã da tia Vicencia, e morreu muito nova. A Joanninha, quasi desde o berço que se creou em nossa casa, em Guiães. O pae é bom homem, o tio Adrião. Erudito, antiquario, collecionador... Collecciona toda a sorte de cousas exquisitas, campainhas, esporas, sinetes, fivellas... Tem uma collecção curiosa. Elle ha muito que deseja vir a Tormes, para te visitar... Mas, coitado, soffre da bexiga, não póde montar a cavallo. E a estrada da Flôr da Malva aqui é impossivel para carruagens...

O meu Principe espreguiçára longamente os braços:

—Não, está claro! eu é que hei-de visitar teu tio, e a tia Vicencia... Desejo conhecer os meus visinhos. Mas mais tarde, quando socegar. Agora ando todo occupado com o meu povo.

E com effeito! Jacintho era agora como um Rei fundador d'um Reino, e grande edificador. Por todo o seu dominio de Tormes andavam obras, para o renovamento das casas dos rendeiros, umas que se concertavam, outras mais velhas, que se derrubavam para se reconstruirem com uma larguesa commoda. Pelos caminhos constantemente chiavam car-

ros, carregados de pedra, ou de madeiras cortadas nos pinheiraes.

Na taberna do Pedro, á entrada da freguezia, ia um desusado movimento, de pedreiros e carpinteiros contractados para as obras;—e o Pedro, com as mangas arregaçadas, por traz do balcão, não cessava de encher os decilitros com uma vasta enfusa.

Jacintho, que tinha agora dous cavallos, todas as manhãs cedo percorria as obras, com amor. Eu, inquieto, sentia outra vez, latejar e irromper no meu Principe o seu velho, maniaco furor d'accumular Civilisação! O plano primitivo das obras era incessantemente alargado, aperfeiçoado. Nas janellas, que deviam ter apenas portadas, segundo o secular costume da serra, decidira pôr vidraças, apezar do mestre d'obras lhe dizer honradamente, que depois d'habitadas um mez, não haveria casa com um só vidro. Para substituir as traves classicas queria estucar os tectos;—e eu via bem claramente que elle se continha, se retesava dentro do Bom-senso, para não dotar cada casa com campainhas electricas. Nem sequer me espantei, quando elle uma manhã me declarou que a porcaria da gente do campo provinha de elles não terem onde commodamente se lavar, pelo que andava pensando em dotar cada casa com uma banheira.

Desciamos n'esse momento, com os cavallos á redea, por uma azinhaga precipitada e escabrosa; um vento leve ramalhava nas arvores, um regato saltava ruidosamente entre as pedras. Eu não me espantei—mas realmente me pareceu que as pedras, o arroio, as ramagens e o vento, se riam alegremente do meu Principe. E além d'estes confortos, a que o João, mestre d'obras, com os olhos loucamente arregalados chamava «as grandezas», Jacintho meditava o bem das almas. Já encommendára ao seu architecto, em Paris, o plano perfeito d'uma escola, que elle queria erguer, n'aquelle campo da Carriça, junto á capellinha que abrigava «os ossos». Pouco a pouco, ahi crearia tambem uma bibliotheca, com livros d'estampas, para entreter, aos domingos, os homens a quem já não era possivel ensinar a lêr. Eu vergava os hombros, pensando:—«Ahi vem a terrivel accumulação das Noções! Eis o livro invadindo a Serra!» Mas outras idéas de Jacintho eram tocantes,—e eu mesmo me enthusiasmei, e excitei o enthusiasmo da tia Vicencia com o seu plano d'uma Creche, onde elle esperava ter manhãs muito divertidas vendo as creancinhas a gatinhar, a correr tropegamente atraz d'uma bola. De resto, o nosso boticario de Guiães estava já apalavrado para estabelecer uma pequena pharmacia em Tormes,

sob a direcção do seu praticante, um afilhado da tia Vicencia, que tinha publicado um artigo sobre as festas populares do Douro no *Almanach de Lembranças*. E já fôra offerecido o partido medico de Tormes, com ordenado de 600$000 réis.

— Não te falta senão um Theatro! dizia eu, rindo.

— Um theatro não. Mas tenho a idéa d'uma sala, com projecções de lanterna magica, para ensinar a esta pobre gente as cidades d'esse mundo, e as cousas d'Africa, e um bocado de Historia.

E tambem me ensoberbeci com esta innovação! — E quando a contei ao tio Adrião, o digno antiquario bateu, apezar do seu rheumatismo, uma palmada tremenda na côxa. «Sim, senhor! Bella idéa! Assim se podia ensinar áquella gente illetrada, vivamente, por imagens, a Historia Santa, a Historia Romana, até a Historia de Portugal!...» E voltado para a prima Joanninha, o tio Adrião declarou Jacintho um «homem de coração!»

E realmente pela Serra crescia a popularidade do meu Principe. N'aquelle, «guarde-o Deus, meu senhor!» com que as mulheres ao passar o saudavam, se voltavam para o vêr ainda, havia uma seriedade d'oração, o bem sincero desejo de que Deus o guardasse

sempre. As creanças a quem elle distribuia tostões, farejavam de longe a sua passagem, —e era em torno d'elle um escuro formigueiro de caritas trigueiras e sujas, com grandes olhos arregalados, que se ainda tinham pasmo, já não tinham medo. Como o cavallo de Jacintho uma tarde se chapára, ao desembocar da alameda, n'umas grossas pedras que ahi deformavam a estrada, logo ao outro dia um bando d'homens, sem que Jacintho o ordenasse, veio por dedicação ensaibrar e alisar aquelle pedaço perigoso de caminho, aterrados com o risco que correra o bom senhor. Já pela serra se espalhava esse nome de «bom senhor». Os mais edosos da freguezia não o encontravam sem exclamarem, uns com gravidade, outros com grandes risos desdentados:—*Este é o nosso bemfeitor!* Por vezes, alguma velha corria do fundo do eido, ou vinha á porta do casebre, ao avistal-o no caminho, para gritar, com grandes gestos dos braços magros: «Ai que Deus o cubra de bençãos! Que Deus o cubra de bençãos!»

Aos domingos, o padre José Maria, (bom amigo meu e grande caçador) vinha de Sandofim, na sua egoa ruça, a Tormes, para celebrar a missa na Capellinha. Jacintho assistia ao officio na sua tribuna, como os Jacinthos d'outras eras, para que aquelles simples o não

suppuzessem estranho a Deus. Quasi sempre então elle recebia presentes, que as filhas dos caseiros, ou os pequenos, vinham muito corados, trazer-lhe á varanda, e eram vasos de manjaricão, ou um grosso ramalhete de cravos, e por vezes um gordo pato. Havia então uma distribuição de cavacas e merengues de Guiães, ás raparigas e ás creanças,—e, no pateo, para os homens circulavam as infusas de vinho branco. O Silverio já sustentava com espanto, e redobrado respeito, que o Snr. D. Jacintho em breve disporia de mais votos nas eleições que o Dr. Alypio. E eu proprio me impressionei, quando o Melchior me contou que o João Torrado, um velho singular d'aquelles sitios, de grandes barbas brancas, hervanario, vagamente alveitar, um pouco adivinho, morador mysterioso d'uma cova no alto da serra, a todos affirmava que aquelle bom senhor era El-Rei D. Sebastião, que voltára!

XII

Assim chegou Setembro, e com elle o meu natalicio, que era a 3 e n'um Domingo. Toda essa semana a passára eu em Guiães, nos preparos da vindima, — e de manhã cedo, n'esse Domingo illustre, me fui debruçar da varanda do quarto do saudoso tio Affonso, vigiando a estrada, por onde devia apparecer o meu Principe, que emfim visitava a casa do seu Zé Fernandes. A tia Vicencia, desde a madrugada, andava atarefada pela cosinha e pela copa, porque, desejando mostrar ao meu Principe «o pessoal» da serra, convidára para jantar algumas familias amigas, dos arredores, as que tinham carruagens ou carroções, e podiam, pelas estradas mal seguras, recolher tarde, depois d'um bailarico campestre, no

pateo, já enfeitado para esse effeito de lanternas chinezas. Mas logo ás dez horas me desesperei, ao receber, por um moço da Flôr da Malva, uma carta da prima Joanninha, em que dizia «a pena de não poder vir porque o Papá estava desde a vespera com um leicenço, e ella não o queria abandonar.» Corri indignado á cosinha, onde a tia Vicencia presidia a um violento bater de gemas d'ovos dentro d'uma immensa terrina.

—A Joanninha não vem! Sempre assim! Diz que o pae tem um leicenço... Aquelle tio Adrião escolhe sempre os grandes dias para ter leicenços, ou para ter a pontada...

A boa face redondinha e corada da tia Vicencia enterneceu-se.

—Coitado! será em sitio que não se pudesse sentar na carruagem! Coitado! Olha, se lhe escreveres, dize-lhe que ponha um emplastrosinho de folhas d'alecrim. É com que teu tio se dava bem.

Eu gritei simplesmente para o moço, que dava de beber ao burro no pateo:

—Dize á Snr.ª D. Joanninha que sentimos muito... Que talvez eu lá appareça ámanhã.

E voltei á janella, impaciente, por que o relogio do corredor, muito atrazado, já cantára a meia hora depois das dez e o Principe tar-

dava para o almoço. Mas, mal eu me chegára á varanda, appareceu justamente na volta da estrada Jacintho, de grande chapeu de palha, no seu cavallo, seguido do Grillo que, tambem de chapeu de palha, e abrigado sob um immenso guarda-sol verde, se escarranchava no albardão da velha egoa do Melchior. Atraz, um moço com uma maleta á cabeça. E eu, na alegria de avistar emfim o meu Principe trotando para a minha casa d'aldeia, no dia dos meus trinta e seis annos, pensava n'outro natalicio, no d'elle, em Paris, no 202, quando, entre todos os esplendores da Civilisação, nós bebemos tristemente *ad manes,* aos nossos mortos!

—*Salvè!* gritei da varanda. *Salvè, domine Jacinthi!*

E entoei, para o accolher, n'um alegre tarantantan, o hymno da carta!

—Isto por aqui tambem é lindo!—gritou elle de baixo. E o teu palacio tem um soberbo ar... Por onde é a porta?

Mas eu já me precipitava para o pateo—onde Jacintho, apeando, contou alegremente os tormentos do Grillo, que nunca montára a cavallo, e não cessára de berrar ante os perigos d'aquella aventura.

E o digno preto, offegante, lustroso de suor, e livido sob o esplendor da sua negrura, ex-

clamava, apontando com a mão tremula para a pobre egoa, que solta, de cabeça pensativa, parecia de pedra, sobre as patas mais immoveis que marcos:

—Pois se o siô Fernandes visse! Uma fera, que nunca veiu quieta. Sempre para a esquerda, sempre para a direita, pé aqui, pé além! Só para me sacudir! Só para me sacudir!

E não resistiu. Com a ponta do guarda-sol atirou uma pontoada vingativa contra a egoa, sobre o albardão.

Subindo a escadaria ligeira, penetrando no alegre corredor, com a sua janella ao fundo engrinaldada de rosinhas, Jacintho louvava grandemente a nossa casa, que o repousava das rijas muralhas, das grossas portas feudaes de Tormes. E no seu quarto agradeceu os cuidados maternaes da tia Vicencia, que enchera de flores os dois vasos da China sobre a commoda, e adornára a cama com uma das nossas colxas da India mais ricas, côr de canario, com grandes aves d'ouro. Eu sorria, enternecido. Então estreitamos os ossos n'um grande abraço, pelo natalicio... «Trinta e oito, hein, Zé Fernandes?»—«Trinta e quatro, animal!» E o meu Principe abrindo a mala, sobria maleta de philosopho, offereceu os «nobres presentes, que são devidos», como diz sempre o astuto Ulysses na Odyssea. Era um alfinete de gravata,

com uma saphira, uma cigarreira de aro fosco, adornada de um florido ramo de macieira em delicado esmalte, e uma faca para livros de velho lavor Chinez. Eu protestava contra a prodigalidade.

—É tudo das malas de Paris... Mandei-as abrir hontem á noite. E tomei a liberdade de trazer esta lembrança á tua tia Vicencia. Não vale nada... É só por ter pertencido á princeza de Lamballe.

Era uma caldeirinha d'agoa benta, em prata lavrada, d'um gosto florido e quasi galante.

—A tia Vicencia não sabe quem é a princeza de Lamballe, mas ficará encantada! E é uma garantia, por que ella suspeita da tua religião, como homem de Paris, da terra das impiedades... E agora, lavar, escovar, e ao almoço!

A tia Vicencia pareceu toda surprehendida, e logo encantada com o meu camarada, que ella suppuzera realmente um Principe, arrogante, escarpado e difficil. Quando elle lhe offereceu a caldeirinha, com um delicado pedido «para se lembrar d'elle nas suas orações», duas largas rosas, mais roseas e frescas que as rosas que enchiam a mesa, cobriram as faces redondas da boa senhora, que nunca recebera tão piedoso presente, com tão linda palavra. Mas o que sobretudo a capti-

vou foi o tremendo appetite de Jacintho, a enthusiasmada convicção com que elle, accumulando no prato montes de cabidella, depois altas serras d'arroz de forno, depois bifes de numerosa cebolada, exaltava a nossa cosinha, jurava nunca ter provado nada tão sublime. Ella resplandecia:

—Até faz gosto, até faz gosto!... Ora mais uma d'estas batatinhas recheadas...

—Com certesa, minha senhora! até duas! As minhas rações, em mesas d'estas, tão perfeitas, são sempre as de Gargantua.

—Não cites Rabelais, que a tia Vicencia não conhece os auctores profanos! exclamava eu, tambem radiante. E prova esse vinho branco cá da nossa lavra, e louva Deus que amadurece tal uva.

E o almoço foi muito alegre, muito intimo, muito conversado, sobre as obras de Jacintho em Tormes, e a sua Creche, que enlevava a tia Vicencia, e as esperanças da vindima, e a minha prima Joanninha, que tinha o papá doente, e o pessimo estado dos caminhos. Mas o enternecimento maior foi quando, ao servir o café, o creado poz ao lado de Jacintho um pires com um pau de canella, o seu estranho e costumado pau de canella. Não o esquecera a tia Vicencia! Ali tinha o seu pausinho de canella!—Queria que elle, em

Guiães, continuasse os seus habitos como em Tormes... E aquelle pau de canella foi o symbolo de adopção do meu Principe como novo sobrinho da tia Vicencia.

Ella em breve recolheu á cosinha, aos preparativos do banquete. Nós fumamos um preguiçoso charuto no jardim, ao pé do repuxo, sob a recolhida sombra do cedro. Depois, inexoravelmente, como proprietario, mostrei ao meu Principe a propriedade toda, com desapiedada minuciosidade, sem lhe perdoar uma leira, um regueiro, uma arvore, um pé de vinha. Só quando a sua face começou a opar e a empallidecer, de cançaço, e que do entendimento totalmente atordoado só lhe escorria um vago—«muito bonito! bella terra!»—é que voltei os passos para casa, tornejando ainda n'uma volta larga para lhe mostrar o lagar, uma plantação d'espargos, e o sitio onde existira a ruina d'um velho castro romano. Ao penetrarmos de novo, pelo jardim, na fresca sala, ainda o empurrei, como uma rez, para a livraria do meu bom tio Affonso, para lhe mostrar as preciosidades, uma magnifica chronica de D. João I por Fernão Lopes, a primeira edição do *Imperador Clarimundo,* uma *Henriada,* com a assignatura de Voltaire, foraes d'El-Rei D. Manoel, e outras maravilhas. Elle respirava fechando o derradeiro pergaminho,

quando eu o arrastei á adega, para que admirasse a famosa pipa, que tinha, em relevo, na madeira do tampo, as complicadas armas dos Sandes. Eram quatro horas. O meu Principe tinha o ar esgaseado e livido. Cravando n'elle os olhos inexoraveis, olhos em que eu mesmo sentia reluzir a ferocidade, declarei «que iriamos agora vêr a tulha.» Mas então, com as mãos nos rins, elle murmurou, humildemente, n'um murmurio de creança:

—Não se me dava de me sentar um poucochinho!

Tive então piedade, abri as garras, deixei que elle se arrastasse, atraz de mim, para o seu quarto, onde freneticamente descalçou as botas, se atirou para um fresco canapé forrado de ganga, murmurando n'um abatimento profundo:—«Bella propriedade!»

Consenti generosamente que elle adormecesse,—e eu mesmo desci a verificar se a Gertrudes dispusera bem as escovas, as toalhas de renda, no quarto onde os convidados, em breve, ao chegar, lavariam as mãos, escovariam a poeira da estrada. E justamente, uma caleche rodava no pateo, a velha caleche do D. Theotonio, com a parelha ruça. Espreitando da janella descobri, com prazer, que chegava só, de gravata branca, sob o guarda-pó, sem a horrendissima filha. Corri

alegremente ao quarto da tia Vicencia, que, ajudada pela Catharina, abrochava á pressa as suas pulseiras ricas de topazios.

—Tia Vicencia! chegou o D. Theotonio! Felizmente vem sem a filha... Não se demore, os outros não tardam. O Manoel que esteja bem penteado, de gravata bem teza!... Vamos a vêr como corre a festa!

XIII

Ai de mim! a festa no meu anniversario não se passou com brilho, nem com alegria!

Quando o meu Principe entrou na sala, com uma elegancia, (onde eu senti as malas de Paris, abertas na vespera)—uma rosa branca no jaquetão preto, collete branco lavrado e trespassado, copiosa gravata de sêda branca, tufando, e presa por uma perola negra,—já todos os convidados estavam na sala,—o D. Theotonio, o Ricardo Velloso, o Dr. Alypio, o gordo Mello Rebello, de Sandofim, os dois manos Albergarias, da quinta da Loja—; todos de pé, n'um pellotão cerrado. Em torno do sophá onde a tia Vicencia se installára, um magotesinho de cadeiras reunira as senhoras,—a Beatriz Velloso, de cassa branca so-

bre sêda, que a tornava mais aeria e magra, com a sua trunfa immensa de cabello riçado; as duas Rojões, (com a tia Adelaide Rojão) vermelhinhas como camoezas, ambas de branco; e a mulher do Dr. Alypio, de preto, esplendida como uma Venus Rustica... E foi na sala, como se realmente entrasse um Principe, d'esses paizes do Norte onde os Principes são magnificos, muito distantes dos homens, e aterram as gentes. Um silencio, como se o tecto de carvalho descesse, nos esmagava: e todos os olhos se enristaram contra o meu desgraçado Jacintho, como n'uma caçada hindú, quando á orla da floresta surge o Tigre Real. Debalde, — nas confusas, apressadas apresentações, com que eu o levava atravez da sala, — os seus apertos de mão, os sorrisos, o vago murmurio, «da sua honra, do seu prazer» foram repassados de sympathia, de simplicidade. Todos os cavalheiros permaneciam reservados, observando o Principe, que subira á serra: e as senhoras mais se aconchegavam á sombra da tia Vicencia, como ovelhas á volta do pastor, quando na altura assoma o lobo. Eu, já inquieto, lancei o D. Theotonio, o mais ornamental d'aquelles cavalheiros.

— O Snr. D. Theotonio foi muito amavel em vir, Jacintho. Raras vezes sae da sua linda casa da Abrujeira.

O digno D. Theotonio sorriu, cofiando os espessos bigodes brancos, de velho brigadeiro:

—V. Ex.ª chegou directamente de Vienna?

Não! Jacintho viera directamente de Paris, com o amigo Zé Fernandes. D. Theotonio insistiu:

—Mas certamente visita muitas vezes Vienna...

Jacintho sorria surprehendido:

—Vienna, porque?... Não. Ha mais de quinze annos que não vou a Vienna.

O fidalgo murmurou um lento *ah!* e ficou calado, de palpebras baixas, como revolvendo analyses profundas, com as mãos cruzadas sob as abas da longa sobrecasaca azul.

Eu então, vigilante, lancei o Dr. Alypio:

—O nosso Doutor, meu caro Jacintho, é o mais poderoso influente de todo o districto.

O Doutor curvou a cabeça bem feita, com um bello cabello preto, admiravelmente alisado e lustroso. Mas a tia Vicencia, que se erguera do sofá, chamava o meu Principe, porque o Manoel annunciára o jantar, mudamente, mostrando apenas, á porta da sala, a sua corpulenta pessoa,—inteiriçado e vermelho.

Á mesa, onde os pudins, as travessas de doce d'ovos, os antigos vinhos da Madeira e do Porto, nas suas pesadas garrafas de crystal lapidado, fundiam com felicidade os seus

tons ricos e quentes, Jacintho ficou entre a tia Vicencia e uma das Rojões, a Luizinha, sua afilhada, que, por costume velho, quando jantava em Guiães, sempre se collocava á sombra da sua bôa madrinha. E a sôpa, que era de gallinha com macarrão, foi comida n'um tão largo e pesado silencio que eu, na ancia de o quebrar, exclamei, ao acaso, sem pensar que me achava em Guiães depois de tanto tempo e em minha propria casa:

—Deliciosa, esta sopa!

Jacintho echoou:

—Divina!!

Mas como todos os convidados certamente estranharam este meu brado, e a excessiva admiração de Jacintho, o silencio, carregado de cerimonia, mais se carregou de embaraço. Felizmente a tia Vicencia, com aquelle seu bom sorriso, observou que Jacintho parecia gostar da comida portugueza... E eu, sempre no intuito d'animar a conversa, nem deixei que o meu Principe confirmasse o seu amor da cosinha vernacula, e gritei:

—Como gostar! Mas é que delira!... Pudera! Tanto tempo em Paris, privado dos piteus lusitanos...

E como, ditosamente, me lembrára o prato de arroz doce preparado na occasião do natalicio de Jacintho, pelo cosinheiro do 202,

contei a historia, profusamente, exaggerando, affirmando que esse arroz doce continha *foie gras,* e que sobre a sua ornamentada pyramide fluctuava a bandeira tricolor, por cima do busto do conde de Chambord! Mas o arroz doce de Paris, assim estragado tão longe da Serra, não interessára ninguem. Puxou apenas alguns sorrisos de polida condescendencia, quando eu, alternadamente, me voltava para um cavalheiro, para uma senhora, insistindo, exclamando: —Extraordinario, hein?

D. Theotonio observou, mysteriosamente, que o «cosinheiro sabia para quem cosinhava.» E a bella mulher do Dr. Alypio ousou murmurar, corando:

—Havia de ser bonito prato, e talvez não fosse mau!

Eu, sempre na ancia de espiritualisar o banquete, de produzir conversação, ataquei com desabrida alegria a Snr.ª D. Luiza, por ella assim defender a profanação do nosso grande acepipe nacional! Mas, pobre de mim! tão excessiva e ruidosamente interpellei a formosa senhora, que ella se enconchou, emmudeceu, toda corada, e mais formosa assim. E outro silencio se abatia sobre a mesa, como uma nevoa, quando a tia Vicencia, providencial, se desculpou para com Jacintho de não ter peixe! Mas quê! ali na Serra era impossivel,

ainda a peso d'ouro, ter peixe, a não ser a pescada salgada, ou o bacalhau. O excellente Rojão, com aquelle seu modo, tão suave que cada syllaba para correr mais docemente parecia lubrificada com oleos santos, lembrou que o Snr. D. Jacintho possuia uma larga facha do rio Douro com privilegio para a pesca do savel. Jacintho não sabia, nem imaginava que houvesse saveis... O Dr. Alypio não se admirava por que essas pescas tinham sido vendidas ao Cunha brasileiro, ha vinte annos, na mocidade do Snr. D. Jacintho. E hoje, segundo o D. Theotonio, não valiam dois mil réis. Se já não ha saveis!... E a proposito das antigas pescas do Douro se ia formando, em torno da mesa, entre os homens mais visinhos, lentas cavaqueirinhas ruraes, que as senhoras aproveitavam para cochichar, no desabafo d'aquelle silencio cerimonioso, que viera pesando cada vez mais desde a sôpa até os frangos guisados. Receoso de que essa orla de murmurios lentos, sem brilho e sem alegria, se estabelecesse de novo, me abalancei (para animar), a interpellar Jacintho, recordando a famosa aventura do peixe da Dalmacia encalhado no ascensor.

—Isso foi uma das melhores historias que nos succederam em Paris! O Jacintho, por causa d'um peixe muito raro, que lhe mandára

o Grão-Duque Casimiro, dava uma magnifica ceia, a que o Grão-Duque... o Grão-Duque Casimiro, o irmão do Imperador...

Todos os olhos se desviaram para o meu Jacintho, que se servia de ervilhas:—e o Mello Rebello quasi se engasgou, n'um sorvo precipitado ao copo, para contemplar no meu amigo algum reflexo do Grão-Duque. E eu contei, com profusão, o peixe encalhado, o Grão-Duque pescando, o anzol feito com um gancho da Princeza de Carman, o duque de Marizac, cahindo quasi no poço do elevador... Mas não se produziu um unico riso, e a attenção mesma era dada com esforço, por cortezia. Debalde eu arremessava aquelles nomes magnificos de principes e princezas, misturados a cousas picarescas... Nenhum dos meus convidados comprehendia o maquinismo do elevador, um prato encalhado n'um poço negro... Perante o gancho da princeza as Albergarias baixaram os olhos. E a minha deliciosa historia morreu n'uma reticencia, ainda mais regelada pela exclamação innocente da tia Vicencia:

—Oh! filho, que cousas!

Mas, como Jacintho se enfronhára de repente n'uma larga conversa com a Luizinha Rojão, que ria, toda luminosa e palradora, —todos, como libertados do peso cerimonioso

da sua presença augusta, se lançaram nas conversinhas discrétas, a que o champagne, agora, depois do assado, dava mais viveza. Eram os soturnos murmurios, em torno da mesa, que definitivamente se perpetuavam. Foi então que desisti de animar o jantar. Mergulhei com a bella mulher do Doutor Alypio na grande questão social d'esse tempo em Guiães, o casamento da D. Amelia Noronha com o feitor! E eu defendia a D. Amelia, os direitos do amor, quando se alargou um silencio,—e era Jacintho, que se debruçava, de copo na mão.

—Velho amigo Zé Fernandes, á tua! Muitos e bons, e sempre em companhia de tua tia e minha senhora, a quem peço para saudar.

Todos os copos, onde a espuma morria sobre um fundo de champagne, se ergueram n'um largo rumor de amisade, e boa visinhança. Eu acenei ao Manoel, vivamente, para encher os copos; e logo, tambem de pé, atirando para traz a sobrecasaca:

—Meus senhores, peço uma grande saude para o meu velho amigo Jacintho, que pela primeira vez honra esta casa fraternal... Que digo eu? que pela primeira vez honra com a sua presença a sua querida patria! E que por cá fique, pelas serras, muitos annos, todos bons. Á tua, meu velho!

Outro rumor correu pela mesa, mas ceremonioso e sereno. A nossa oratoria, positivamente, não incendiára as imaginações! A tia Vicencia fez tilintar o seu copo, quasi vasio, com o de Jacintho, que tocou no copo da sua visinha, a Luizinha Rojão, toda resplandecente, e mais vermelha que uma peonia. Depois foi um encadeamento de saudes, com os copos quasi vasios, entre todos os convidados, sem esquecer o tio Adrião, e o Abbade, ambos ausentes, ambos com furunculos. E a tia Vicencia espalhava aquelle olhar, que prepára o erguer, o arrastar de cadeiras,— quando D. Theotonio, erguendo o seu copo de vinho do Porto, com a outra mão apoiada á mesa, meio erguido, chamou Jacintho, e n'uma voz respeitosa, quasi cava:

—Esta é toda particular, e entre nós... Brindo o ausente!

Esvasiou o copo, como em religião, pontificando. Jacintho bebeu assombrado, sem comprehender. As cadeiras arrastavam,—eu dei o braço á tia Albergaria.

E só comprehendi, na sala, quando o Dr. Alypio, com a sua chavena de café e o charuto fumegante, me disse, n'um d'aquelles seus olhares finos, que lhe valiam a alcunha de *Dr. Agudo:*—«Espero que ao menos, cá por Guiães, não se erga de novo a força!...»

E o mesmo fino olhar me indicava o D. Theotonio, que arrastára Jacintho para entre as cortinas d'uma janella, e discorria, com um ar de fé e de mysterio. Era o miguelismo, por Deus! O bom D. Theotonio considerava Jacintho como um hereditario, ferrenho, miguelista,—e na sua inesperada vinda ao seu solar de Tormes, entrevia uma missão politica, o começo d'uma propaganda energica, e o primeiro passo para uma tentativa de Restauração. E na reserva d'aquelles cavalheiros, ante o meu Principe, eu senti então a suspeita liberal, o receio d'uma influencia rica, nova, nas Eleições proximas, e a nascente irritação contra as velhas ideias, representadas n'aquelle moço, tão rico, de civilisação tão superior. Quasi entornei o café, na alegre surpreza d'aquella sandice. E retive o Mello Rebello, que repunha a chavena vasia na bandeja, fitei, com um pouco de riso, o *Dr. Agudo*.

—Então, francamente, os amigos imaginam que o Jacintho veio para Tormes trabalhar no miguelismo?

Muito serio, Mello Rebello chegou o seu grosso bigode á minha orelha:

—Até corre, como certo, que o Principe D. Miguel está com elle em Tormes!

E como eu os considerava esgazeado, o Dr. Aypio—tão agudo!—confirmou:

—É o que corre... Disfarçado em creado! Em creado? Oh! santo Deus! Era o Baptista! Justamente, Ricardo Velloso veio, puxando do seu cigarrinho, para o accender no meu charuto. E o bom Rebello logo invocou o seu testemunho.—Pois não corria, que o filho de D. Miguel estava em Tormes, escondido?...

—Disfarçado em lacaio, confirmou logo o digno Rebello.

Accendeu o cigarro, soprou o fumo, e erguendo muito as sobrancelhas meditativas:

—Se assim é, lá me parece desplante... Que eu não desgostava de o vêr. Dizem que é bonito moço, bem apessoado. Mas emfim, meu tio João Vaz Rebello foi partido ás postas, a machado, nas prisões d'Almeida... E se recomeçam essas questões, mau, mau! Ora o seu amigo...

Emmudeceu. Jacintho, que se libertára do velho D. Theotonio, e ainda conservava um resto de riso, d'assombro divertido, vinha para mim, desabafar:

—Extraordinario! Vejo que, aqui, na serra, ainda se conservam, sem uma ruga, as velhas e boas ideias...

Immediatamente, sem se conter, Mello Rebello acudiu:

—É conforme o que V. Ex.ª chama *boas ideas*.

E eu agora, furioso com aquella disparatada invenção, que cercava d'hostilidade o meu pobre Jacintho, estragava aquella amavel noite d'annos, intervim, vivamente:

—Tu jogas o voltarete, Jacintho? Não jogas... Então vamos arranjar duas mesas... O D. Theotonio ha de querer cartas.

E arrastei Jacintho para as senhoras, que de novo se aninhavam á sombra da tia Vicencia, estabelecida no seu canto do sofá. Todas se callavam, parecia encolherem-se ante a apparição do meu Principe, como pombas avistando o abutre. E deixei o temido homem affirmando á mulher do Dr. Alypio (um pouco desgarrada do bando das aves timidas) que lhe dera grande prazer aquella occasião de conhecer as suas visinhas de Tormes... Ella abrira nervosamente o leque, sorria, e nunca de certo Jacintho admirára na Cidade uma bocca mais vermelha, dentinhos mais rutilantes. Mas depois d'organisar a mesa do voltarete, tive de abancar, eu, para substituir o Manoel Albergaria, que era dispeptico, se declarára «affrontado,» e desejava respirar um momento na varanda. Todos aquelles cavalheiros, de resto, se queixavam de calor. Mandei abrir as janellas que davam sobre as mimosas do pateo. O Velloso, ao baralhar, parava, bufando, como opprimido:

—Está abafado... Ainda temos trovoada!

E o Dr. Alypio, inquieto, por que tinha uma hora d'estrada até casa, e uma das egoas da caleche era escabriada, correu á janella, espreitar o ceu, que ennegrecera, morno e pesado.

—Com effeito, vae cahir agoa.

As hastes das mimosas ramalhavam, arripiadas: e o ar que agitava as cortinas era intermittente, estonteado. De certo na sala, entre as senhoras, surgira a mesma inquietação, porque a tia Albergaria appareceu, avisando o mano Jorge.

Era prudente pensar em partir, a noite ameaçava... E o Dr. Alypio, puxando o relogio, propoz que, levantada aquella remissa, se preparasse a marcha. Justamente o Albergaria recolhia da varanda desaffrontado, alliviado com um calice de genebra: e rotomou as suas cartas, annunciando tambem que vinha ahi uma trovoada valente.

Voltando á sala, encontrei Jacintho muito alegre entre as senhoras, que se familiarisaram, escutando cheias de riso e gosto, a historia da sua chegada a Tormes, sem malas, sem creados, tão desprovido que dormira com a camisa da caseira! Mas a minha pobre noite d'annos findava, desorganisada. A tia Albergaria rondava de janella em janella, assusta-

da com a volta á Roqueirinha, espreitando a treva abafada. Calçando lentamente as luvas, a bella mulher do Dr. Alypio perguntava se ainda havia a remissa. E a tia Vicencia apressára o chá, que o Manoel seguido pela Gertrudes, com a bandeja de bolos, já começava a servir ás senhoras. Jacintho, de pé, offerecendo chavenas, gracejava:

—Então tanta pressa, tanto medo, por causa d'uma trovoadinha?

Ellas replicavam, familiarisadas, n'uma crescente sympathia pelo meu Principe:

—Ora o senhor falla bem, porque fica debaixo de telhas...

—Sempre o queriamos vêr... se fosse agora para Tormes, com esta noite cerrada!

O voltarete findára nas duas mesas: e aquelles cavalheiros, das janellas, gritavam ordens para o pateo negro, onde as carroagens esperavam atreladas:

—Desce a cabeça da victoria, ó Diogo!

—Accende o lampeão, Pedro! Sempre ajuda a luz das lanternas.

A creada Quiteria chegava á porta com os braços carregados de chales, de mantilhas de renda. Como uma das Albergarias ia no assento de deante na victoria, eu corri a buscar o meu casaco de borracha, para ella se abrigar se a chuva viesse. E só o D. Theotonio, que

tinha até casa apenas meia legoa de estrada boa, se não apressava, filado outra vez no meu Principe, que levava para os cantos mais solitarios, em conversas profundas, que o seu dedo solemne, espetado, sublinhava gravemente. Mas a tia Albergaria gritou que já chovia;— e então foi uma pressa das senhoras, que beijocavam vivamente a tia Vicencia, em quanto os homens, na ante-camara, enfiavam açodadamente os paletós.

Jacintho e eu descemos ao pateo para acompanhar aquella debandada,—e uma a uma, a traquitana do Dr. Alypio, a victoria das Albergarias, a velha e immensa caleche dos Vellosos, rolaram sob a noite, entre os nossos desejos de boa jornada. Por fim D. Theotonio calçou as luvas pretas e entrou para a sua caleche, dizendo a Jacintho:

—Pois, primo e amigo, Deus permitta que, do nosso encontro, e do mais que se passar, algum bem resulte a esta terra!

Subindo a escada, o meu Principe desabafou:

—Este Theotonio é extraordinario! Sabes o que descobri por fim?... Que me toma por um miguelista, e imagina que eu vim para Tormes preparar a restauração de D. Miguel?!

—E tu?

—Eu fiquei tão espantado, que nem o desilludi!

—Pois sabe mais, meu pobre amigo. Todos pensam o mesmo, estão desconfiados, e receiam vêr de novo erguidas as fôrcas em Guiães! E corre que tu tens o Principe D. Miguel escondido em Tormes, disfarçado em creado. E sabes quem elle é? o Baptista!

—Isso é sublime! murmurou Jacintho, com uns grandes olhos abertos.

Na sala, a tia Vicencia nos esperava desconsolada, entre todas as luzes, que ardiam ainda no silencio e paz do serão debandado:

—Ora uma cousa assim! Nem quererem ficar para tomar um copinho de gelea, um calice de vinho do Porto!

—Esteve tudo muito desanimado, tia Vicencia! exclamei desafogando o meu tedio. Todo esse mulherio emmudeceu; os amigos com um ar desconfiado...

Jacintho protestou, muito divertido, muito sincero:

Não! pelo contrario. Gostei immenso. Excellente gente! E tão simples... Todas estas raparigas me pareceram optimas. E tão frescas, tão alegres! Vou ter aqui bons amigos, quando verificarem que não sou miguelista.

Então contamos á tia Vicencia a prodigiosa

historia de D. Miguel escondido em Tormes... Ella ria! Que cousa! E mau seria...

—Mas o Snr. Jacintho, não é?

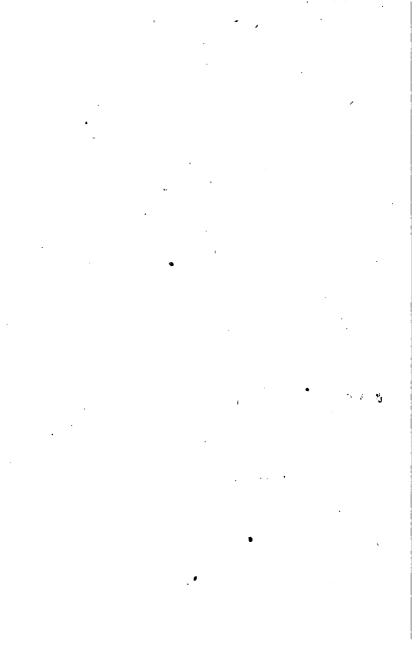
—Eu, minha senhora, sou socialista...

Accudi, explicando á tia Vicencia, que socialista era ser pelos pobres. A doce senhora considerava esse partido o melhor, o verdadeiro:

—O meu Affonso, que Deus haja, era liberal... Meu pae, tambem e até amigo do Duque da Terceira...

Mas um rude trovão rolou, atroou a noite negra:—e uma batega d'agoa cantou nos vidros, e nas pedras da varanda.

—Santa Barbara! gritou a tia Vicencia! Ai aquella pobre gente!... Até estou com cuidado... As Rojões, que vão na victoria!

E correu para o quarto, na sua pressa de accender as duas velas costumadas no oratorio, ainda antes de ir guardar as pratas, e resar o terço, com a Gertrudes.

XIV

Ao outro dia, depois d'almoço, eu e Jacintho montamos a cavallo para um grande passeio até á Flôr da Malva, a saber de meu tio Adrião, e do seu furunculo. E sentia uma curiosidade interessada, e até inquieta, de testemunhar a impressão que daria ao meu Principe aquella nossa prima Joanninha, que era o orgulho da nossa casa. Já n'essa manhã, andando todos no jardim a escolher uma bella rosa chá para a botoeira do meu Principe, a tia Vicencia celebrára com tanto fervor a belleza, a graça, a caridade, e a doçura da sua sobrinha toda-amada, que eu protestei:

—Oh! tia Vicencia, olhe que esses elogios todos competem apenas á Virgem Maria! A tia Vicencia está a cahir em peccado de idolatria! O Jacintho depois vae encontrar uma creatura apenas humana, e tem um desapontamento tremendo!

E agora, trotando pela facil estrada de San-

dofim, lembrava-me aquella manhã, no 202, em que Jacintho encontrára o retrato d'ella no meu quarto, e lhe chamára uma *lavradeirôna*. Com effeito, era grande e forte a Joanninha. Mas a photographia datava do seu tempo de viço rustico, quando ella era apenas uma bella, forte e sã planta da serra. Agora entrava nos vinte e cinco, e já pensava, e sentia,—e a alma que n'ella se formára, afinára, amaciára, e espiritualisava o seu esplendor rubicundo.

A manhã, com o ceu todo purificado pela trovoada da vespera, e as terras reverdecidas e lavadas pelos chuviscos ligeiros, offerecia uma doçura luminosa, fina, fresca, que tornava doce, como diz o velho Euripedes ou o velho Sophocles, mover o corpo, e deixar a alma preguiçar, sem pressa nem cuidados. A estrada não tinha sombra, mas o sol batia muito de leve, e roçava-nos com uma caricia quasi alada. O valle parecia a Jacintho, que nunca ali passára, uma pintura da Escola Franceza do seculo XVIII, tão graciosamente n'elle ondulavam as terras verdes, e com tanta paz e frescura corria o risonho Serpão, e tão affaveis e promettedores de fartura e contentamento alvejavam os casaes nas verduras tenras! Os nossos cavallos caminhavam n'um passo pensativo, gosando tambem a paz da manhã adoravel. E não sei, nunca soube, que plantasinhas

silvestres e escondidas espalhavam um delicado aroma, que eu tantas vezes sentira, n'aquelle caminho, ao começar o outomno.

—Que delicioso dia! murmurou Jacintho. Este caminho para a Flôr da Malva é o caminho do ceu... Oh Zé Fernandes, de que é este cheirinho tão doce, tão bom?

Eu sorri, com certo pensamento:

—Não sei... É talvez já o cheiro do ceu!

Depois, parando o cavallo, apontei com o chicote para o valle:

—Olha, acolá, onde está aquella fila d'olmos, e ha o riacho, já são terras do tio Adrião. Tem alli um pomar, que dá os pêcegos mais deliciosos de Portugal... Hei de pedir á prima Joanninha que te mande um cesto d'elles. E o dôce que ella faz com esses pêcegos, menino, é alguma cousa de celeste. Tambem lhe hei de pedir que te mande o dôce.

Elle ria:

—Será explorar de mais a prima Joanninha.

E eu (por que?) recordei e atirei ao meu Principe estes dous versos d'uma ballada cavalheiresca, composta em Coimbra pelo meu pobre amigo Procopio:

> —Manda-lhe um servo querido,
> Bem hajas dona formosa!
> E que lhe entregue um annel
> E com um annel uma rosa.

Jacintho rio alegremente:

—Zé Fernandes, seria excessivo, só por causa de meia duzia de pêcegos, e d'um boião de dôce.

Assim riamos, quando appareceu, á volta da estrada, o longo muro da quinta dos Vellosos, e depois a capellinha de S. José de Sandofim. E immediatamente piquei para o largo, para a taverna do Tôrto, por causa d'aquelle vinhinho branco, que sempre, quando por ali a levo, a minha alma me pede. O meu Principe reprovou, indignado:

—Oh! Zé Fernandes, pois tu, a esta hora, depois d'almoço, vaes beber vinho branco?

—E um costumesinho antigo... Aqui á taverninha do Tôrto... um decilitrosinho... A almasinha assim m'o pede.

E paramos; eu gritei pelo Manoel, que appareceu, rebolando a sua grossa pansa, sobre as pernas tortas, com a infusa verde, e um copo.

—Dous copos, Tôrto amigo. Que aqui este cavalheiro tambem aprecia.

Depois d'um pallido protesto, o meu Principe tambem quiz, mirou o limpido e dourado vinho ao sol, provou, e esvasiou o copo, com delicia, e um estalinho de alto apreço.

—Delicioso vinho!... Hei de querer d'este vinho em Tormes... É perfeito.

—Hein? Fresquinho, leve, aromatico, ale-

grador, todo alma!... Encha lá outra vez os copos, amigo Tôrto. Este cavalheiro aqui é o Snr. D. Jacintho, o fidalgo de Tormes.

Então, de traz da umbreira da taverna, uma grande voz bradou, cavamente, solemnemente:

—Bemdito seja o pae dos Pobres!

E um extranho velho, de longos cabellos brancos, barbas brancas, que lhe comiam a face côr de tijolo, assomou no vão da porta, apoiado a um bordão, com uma caixa de lata à tiracolo, e cravou em Jacintho dous olhinhos d'um brilho negro, que faiscavam. Era o tio João Torrado, o propheta da Serra... Logo lhe estendi a mão, que elle apertou, sem despegar de Jacintho os olhos, que se dilatavam mais negros. Mandei vir outro copo, apresentei Jacintho, que córára, embaraçado.

—Pois aqui o tem, o senhor de Tormes, que fez por ahi todo esse bem á pobreza.

O velho atirou para elle bruscamente o braço, que sahia cabelludo e quasi negro, d'uma manga muito curta.

—A mão!

E quando Jacintho lh'a deu, depois de arrancar vivamente a luva, João Torrado longamente lh'a reteve com um sacudir lento e pensativo, murmurando:

—Mão real, mão de dar, mão que vem de cima, mão já rara!

Depois tomou o copo, que lhe offerecia o Tôrto, bebeu com immensa lentidão, limpou as barbas, deu um geito á corrèia que lhe prendia a caixa de lata, e batendo com a ponta do cajado no chão:

—Pois louvado seja nosso Senhor Jesus Christo, que por aqui me trouxe, que não perdi o meu dia, e vi um homem!

Eu então debrucei-me para elle, mais em confidencia:

—Mas, ó tio João, ouça cá! Sempre é certo você dizer por ahi, pelos sitios, que El-Rei D. Sebastião voltára?

O pittoresco velho apoiou as duas mãos sobre o cajado, o queixo d'espalhada barba sobre as mãos, e murmurava, sem nos olhar, como seguindo a percussão dos seus pensamentos:

—Talvez voltasse, talvez não voltasse... Não se sabe quem vae, nem quem vem. A gente vê os corpos, mas não vê as almas que estão dentro. Ha corpos d'agora com almas d'outr'ora. Corpo é vestido, alma é pessoa... Na feira da Roqueirinha quem sabe com quantos reis antigos se topa, quando se anda aos encontrões entre os vaqueiros... Em ruim corpo se esconde bom senhor!

E como elle findára n'um murmurio, eu, atirando um olhar a Jacintho, e para gosarmos

aquelles estranhos, pittorescos modos de vidente, insisti:

—Mas, ó tio João, você realmente, em sua consciencia, pensa que El-Rei D. Sebastião não morreu na batalha?

O velho ergueu para mim a face, que se enrugára n'uma desconfiança:

—Essas cousas são muito antigas. E não calham bem aqui á porta do Tôrto. O vinho era bom, e V. S.ª tem pressa, meu menino! A flôr da Flôr da Malva lá tem o paesinho doente... Mas o mal já vae pela serra abaixo com a inchação ás costas. Dá gosto vêr quem dá gosto aos tristes. Por cima de Tormes 'ha uma estrella clara. E é trotar, trotar, que o dia está lindo!

Com a magra mão lançou um gesto para que seguissemos. E já passavamos o cruzeiro quando o seu brado ardente, de novo revoou, com solemnidade cava:

—Bemdito seja o Pae dos Pobres.

Direito, no meio da estrada, erguia o cajado como dirigindo as acclamações d'um povo. E Jacintho pasmava de que ainda houvesse no reino um Sebastianista.

—Todos o somos ainda em Portugal, Jacintho! Na serra ou na cidade cada um espera o seu D. Sebastião. Até a loteria da Misericordia é uma forma do Sebastianismo.

Eu todas as manhãs, mesmo sem ser de nevoeiro, espreito, a vêr se chega o meu. Ou antes a minha, por que eu espero uma D. Sebastiana... E tu, felizardo?

—Eu? Uma D. Sebastiana? Estou muito velho, Zé Fernandes... Sou o ultimo Jacintho; Jacintho ponto final... Que casa é aquella com os dous torreões?

—A Flôr da Malva.

Jacintho tirou o relogio:

—São tres horas. Gastamos hora e meia... Mas foi um bello passeio, e instructivo. É lindo este sitio.

Sobre um outeirinho, afastada da estrada por arvoredo, que um muro cerrava, e dominando, a Flôr da Malva voltava para Oriente e para o Sol a sua longa fachada com os dous torreões quadrados, onde as janellas, de varanda, eram emolduradas em azulejos. O grande portão de ferro, ladeado por dous bancos de pedra, ficava ao fundo do terreirinho, onde um immenso castanheiro derramava verdura e sombra. Sentado sobre as fortes raizes descarnadas da grande arvore, um pequeno esperava segurando um burro pela arreata.

—Está por ahi o Manoel da Porta?

—Ainda agora subio pela alameda.

—Bem: empurra lá o portão.

E subimos, por uma curta avenida de ve-

lhas arvores, até outro terreiro, com um alpendre, uma casa de moços, toda coberta d'heras, e uma casota de cão, d'onde saltou, com um rumor de corrente arrastada, um molosso, o Tritão, que eu logo soceguei fazendo-lhe reconhecer o seu velho amigo Zé Fernandes. E o Manoel da Porta correu da fonte, onde enchia um grande balde, para nos segurar os cavallos.

—Como está o tio Adrião?

Surdo, o excellente Manoel sorrio, deleitado:

—E então vossa excellencia, bem? A Snr.ª D. Joanninha ainda agora andava no laranjal com o pequeno da Josepha.

Seguimos por ruasinhas bem areadas, orladas d'alfazema e buxo alto, em quanto eu contava ao meu Principe que aquelle pequenito da Josepha era um afilhadinho da prima Joanna, e agora o seu encanto e o seu cuidado todo.

—Esta minha santa prima, apesar de solteira, tem ahi pela freguezia uma verdadeira filharada. E não é só dar-lhes roupas e presentes, e ajudar as mães. Mas até os lava, e os penteia, e lhes trata as tosses. Nunca a encontro sem alguma creancita ao collo... Agora anda na paixão d'este Josésinho.

Mas quando chegamos ao laranjal, á beira

da larga rua da quinta que levava ao tanque, debalde procurei, e me embrenhei, e até gritei: —Eh, prima Joanninha!...

—Talvez esteja lá para baixo, para o tanque...

Descemos a rua, entre arvores, que a cobriam com as densas ramas encruzadas. Uma fresca, limpida agoa de rega corria e luzia n'um caneiro de pedra. Entre os troncos, as roseiras bravas ainda tinham uma frescura de verão. E o pequeno campo, que se avistava para além, rebrilhava com doçura, todo amarello e branco, dos malmequeres e botões d'ouro.

O tanque, redondo, fôra esvasiado para se lavar, e agora de novo o repuxo o ia enchendo d'uma agoa muito clara, ainda baixa, onde os peixes vermelhos se agitavam na alegria de recuperarem o seu pequeno oceano. Sobre um dos bancos de pedra que circumdavam o tanque pousava um cesto cheio de dhalias cortadas. E um moço, que sobre uma escada podava as camelias, vira a Snr.ª D. Joanna seguir para o lado da parreira.

Marchamos para a parreira, ainda toda carregada de uva preta. Duas mulheres, longe, ensaboavam n'um lavadoiro, na sombra de grandes nogueiras. Gritei: — Eh lá? Vocês viram por ahi a Snr.ª D. Joanna? Uma das mo-

ças esganiçou a voz, que se perdeu no vasto ar luminoso e doce.

—Bem: vamos a casa! Não podemos farejar assim, toda a tarde.

—É uma bella quinta, murmurava o meu Principe encantado.

—Magnifica! E bem tratada... O tio Adrião tem um feitor excellente... Não é o teu Melchior. Observa, aprende, lavrador! Olha aquelle cebolinho!

Passamos pela horta, uma horta ajardinada, como a sonhára o meu Principe, com os seus talhões debruados d'alfazema, e madresilva enroscada nos pilares de pedra, que faziam ruasinhas frescas toldadas de parra densa. E démos volta á capella, onde crescia aos dous lados da porta uma roseira chá, com uma rosa unica, muito aberta, e uma moita de baunilha, onde Jacintho apanhou um raminho para cheirar. Depois entramos no terraço em frente da casa, com a sua balaustrada de pedra, toda enrodilhada de jasmineiros amarellos. A porta envidraçada estava aberta: e subimos pela escadaria de pedra, no immenso silencio em que toda a Flôr da Malva repousava, até á ante-camara, d'altos tectos apainelados, com longos bancos de pau, onde desmaiavam na sua velha pintura as complicadas armas dos Cerqueiras. Empurrei a porta

d'uma outra sala, que tinha as janellas da varanda abertas, cada uma com a gaiola d'um canario.

—É curioso!—exclamou Jacintho. Parece o meu Presepio... E as minhas cadeiras.

E com effeito. Sobre uma commoda antiga, com bronzes antigos, pousava um presepio semelhante ao da livraria de Jacintho. E as cadeiras de couro lavrado tinham, como as que elle descobrira no sotão, umas armas sob um chapéo de Cardeal.

—Oh senhores! exclamei. Não haverá um creado?

Bati as mãos, fortemente. E o mesmo doce silencio permaneceu, muito largo, todo luminoso e arejado pelo macio ar da quinta, apenas cortado pelo saltitar dos canarios nos poleiros das gaiolas.

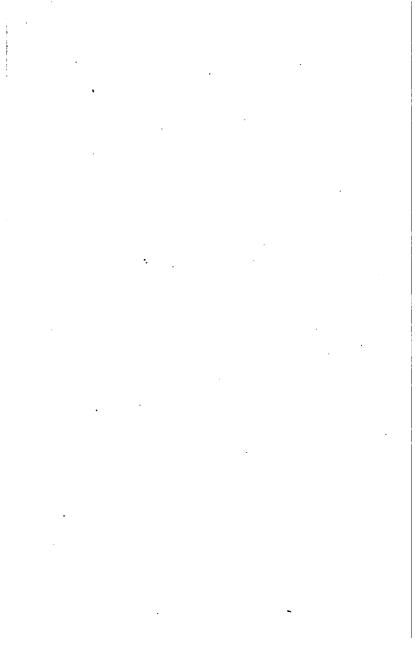
—É o Palacio da Bella adormecida no bosque! murmurou Jacintho, quasi indignado. Dá um berro!

—Não, caramba! Vou lá dentro!

Mas, á porta, que de repente se abrio, appareceu minha prima Joanninha, córada do passeio e do vivo ar, com um vestido claro um pouco aberto no pescoço, que fundia mais docemente, n'uma larga claridade, o explendor branco da sua pelle, e o louro ondeado dos seus bellos cabellos,—lindamente risonha, na

surpreza que alargava os seus largos, luminosos olhos negros, e trazendo ao collo uma creancinha, gorda e côr de rosa, apenas coberta com uma camisinha, de grandes laços azues.

E foi assim que Jacintho, n'essa tarde de Septembro, na Flôr da Malva, vio aquella com quem casou em Maio, na capellinha d'azulejos, quando o grande pé de roseira se cobrira todo de rosas.

XV

E agora, entre roseiras que rebentam, e vinhas que se vindimam, já cinco annos passaram sobre Tormes e a Serra. O meu Prìncipe já não é o ultimo Jacintho, Jacintho ponto final — por que n'aquelle solar que decahira, correm agora, com soberba vida, uma gorda e vermelha Theresinha, minha afilhada, e um Jacinthinho, senhor muito da minha amisade. E, pae de familia, principiára a fazer-se monotono, pela perfeição da belleza moral, aquelle homem tão pittoresco pela inquietação philosophica, e pelos variados tormentos da phantasia insaciada. Quando elle agora, bom sabedor das cousas da lavoura, percorria comigo a quinta, em solidas palestras agricolas, prudentes e sem chimeras — eu quasi lamentava esse outro Jacintho que colhia uma theoria em cada ramo d'arvore, e riscando o ar com a bengala, planeava queijeiras de cristal e

porcellana, para fabricar queijinhos que custariam duzentos mil réis cada um!

Tambem a paternidade lhe despertára a responsabilidade. Jacintho possuia agora um caderno de contas, ainda pequeno, rabiscado a lapis, com falhas, e papeluchos soltos entremeados, mas onde as suas despezas, as suas rendas se alinhavam, como duas hostes disciplinadas. Visitára já as suas propriedades de Montemór, da Beira; e concertava, mobilava as velhas casas d'essas propriedades para que os seus filhos, mais tarde, crescidos, encontrassem «ninhos feitos». Mas onde eu reconheci que definitivamente um perfeito e ditoso equilibrio se estabelecera na alma do meu Principe, foi quando elle, já sahido d'aquelle primeiro e ardente fanatismo da Simplicidade—entreabrio a porta de Tormes á Civilisação. Dous mezes antes de nascer a Theresinha, uma tarde, entrou pela avenida de platanos uma chiante e longa fila de carros, requisitados por toda a freguesia, e acuculados de caixotes. Eram os famosos caixotes, por tanto tempo encalhados em Alba de Tormes, e que chegavam, para despejar a Cidade sobre a Serra. Eu pensei:—Mau! o meu pobre Jacintho teve uma recahida! Mas os confortos mais complicados, que continha aquella caixotaria temerosa, foram, com surpreza minha, desviados

para os sotãos immensos, para o pó da inutilidade: e o velho solar apenas se regalou com alguns tapetes sobre os seus soalhos, cortinas pelas janellas desabrigadas, e fundas poltronas, fundos sofás, para que os repousos, por que elle suspirára, fossem mais lentos e suaves. Attribui esta moderação a minha prima Joanninha, que amava Tormes na sua nudez rude. Ella jurou que assim o ordenára o seu Jacintho. Mas, decorridas semanas, tremi. Apparecera, vindo de Lisboa, um contra-mestre, com operarios, e mais caixotes, para installar um telephone!

—Um telephone, em Tormes, Jacintho?

O meu Principe explicou, com humildade:

—Para casa de meu sogro!... Bem vês.

—Era rasoavel e carinhoso. O telephone porém, subtilmente, mudamente, estendeu outro longo fio, para Valverde. E Jacintho, alargando os braços, quasi supplicante:

—Para casa do medico. Comprehendes...

Era prudente. Mas, certa manhã, em Guiães, accordei aos berros da tia Vicencia! Um homem chegára, mysterioso, com outros homens, trazendo arame, para installar na nossa casa o novo invento. Soceguei a tia Vicencia, jurando que essa machina nem fazia barulho, nem trazia doenças, nem attrahia as trovoadas. Mas

corri a Tormes. Jacintho sorrio, encolhendo os hombros:

—Que queres? Em Guiães está o boticario, está o carniceiro... E, depois, estás tu!

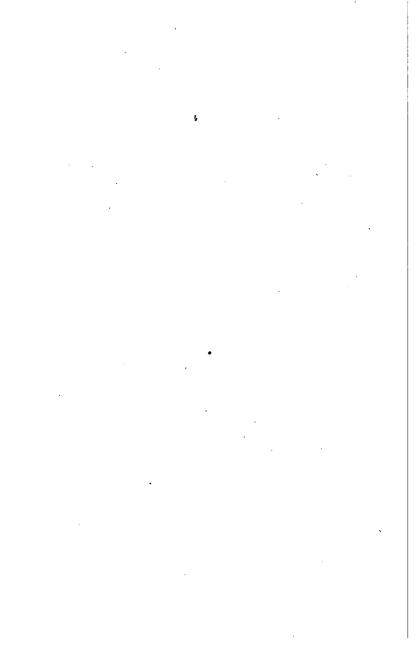
Era fraternal. Todavia pensei: Estamos perdidos! Dentro d'um mez temos a pobre Joanna a apertar o vestido por meio d'uma machina! Pois não! o Progresso, que, á intimação de Jacintho, subira a Tormes a estabelecer aquella sua maravilha, pensando talvez que conquistára mais um reino para desfear, desceu, silenciosamente, desilludido, e não avistamos mais sobre a serra a sua hirta sombra côr de ferro e de fuligem. Então comprehendi que, verdadeiramente, na alma de Jacintho se estabelecera o equilibrio da vida, e com elle a Gran-Ventura, de que tanto tempo elle fôra o principe sem Principado. E uma tarde, no pomar, encontrando o nosso velho Grillo, agora reconciliado com a serra, desde que a serra lhe dera meninos para trazer ás cavalleiras, observei ao digno preto, que lia o seu *Figaro*, armado de immensos oculos redondos:

—Pois, Grillo, agora realmente bem podemos dizer que o Snr. D. Jacintho está firme.

O Grillo arredou os oculos para a testa, e levantando para o ar os cinco dedos em curva como petalas d'uma tulipa:

— S. ex.ª brotou!

Profundo sempre o digno preto! Sim! Aquelle resequido galho de Cidade, plantado na serra, pegára, chupára o humus do torrão herdado, creára seiva, afundára raizes, engrossára de tronco, atirára ramos, rebentára em flôres, forte, sereno, ditoso, benefico, nobre, dando fructos, derramando sombra. E abrigados pela grande arvore, e por ella nutridos, cem casaes em redor a bemdiziam.

XVI

Muitas vezes Jacintho, durante esses annos, fallára com prazer n'um regresso de dous, tres mezes, ao 202, para mostrar Paris á prima Joanninha. E eu seria o companheiro fiel, para archivar os espantos da minha serrana ante a Cidade! Depois conveio em esperar que o Jacinthinho completasse dous annos, para poder jornadear sem desconforto, e apontando já com o seu dedo para as cousas da Civilisação. Mas quando elle, em Outubro, fez esses dous annos desejados, a prima Joanninha sentiu uma preguiça immensa, quasi aterrada, do comboio, do estridor da Cidade, do 202, e dos seus esplendores. «Estamos aqui tão bem! está um tempo tão lindo!» murmurava, deitando os braços, sempre deslumbrada, ao rijo pescoço do seu Jacintho. Elle desistia logo de Paris, encantado. «Vamos para Abril, quando os castanheiros dos Cam-

Elyseos estiverem em flôr!» Mas em Abril vieram aquelles cansaços que immobilisavam a prima Joanninha no divan, ditosa, risonha, com umas pintas na pelle, e o roupão mais solto. Por todo um longo anno estava desfeita a alegre aventura. Eu andava então soffrendo de desoccupação. As chuvas de Março promettiam uma farta colheita. Uma certa Anna Vaqueira, córada e bem feita, viuva, que surtia as necessidades do meu coração, partira com o irmão para o Brazil, onde elle dirigia uma venda. Desde o inverno, sentia tambem no corpo como um começo de ferrugem, que o emperrava, e, certamente, algures, na minha alma, nascera uma pontinha de bolor. Depois a minha egoa morreu... Parti eu para Paris.

Logo em Hendaya, apenas pisei a doce terra de França, o meu pensamento, como pombo a um velho pombal, voou ao 202,—talvez por eu vêr um enorme cartaz em que uma mulher nua, com flôres bacchanticas nas tranças, se estorcia, segurando n'uma das mãos uma garrafa espumante, e brandindo na outra, para o annunciar ao Mundo, um novo modelo de saca-rolhas. E oh surpresa! eis que, logo adeante, na estação quieta e clara de Saint Jean-de-Luz, um moço esbelto, de perfeita elegancia, entra vivamente no meu compartimento, e, depois de me encarar, grita:

—Eh, Fernandes!

Marizac! O duque de Marizac! Era já o 202... Com que reconhecimento lhe sacudi a mão fina, por elle me ter reconhecido! E, atirando para o canto do vagon um paletó, um masso de jornaes, que o escudeiro lhe passára, o bom Marizac exclamava na mesma surpreza alegre:

—E Jacintho?

Contei Tormes, a serra, o seu primeiro amor pela Natureza, o seu outro grande amor por minha prima, e os dous filhos, que elle trazia escarranchados no pescoço.

—Ah que canalha! exclamou Marizac com os olhos espetados em mim! É capaz de ser feliz!

—Espantosamente, loucamente... Qual! não ha adverbios...

—Indecentemente—murmurou Marizac muito serio. Que canalha!

Eu então desejei saber do nosso rancho familiar do 202. Elle encolheu os hombros, accendendo a cigarette:

—Todo esse mundo circula...

—Madame d'Oriol?

—Continúa.

—Os Trèves? o Ephraim?

—Continuam, todos tres.

Lançou um gesto languido.

—Durante cinco annos, em Paris, tudo continúa... As mulheres com um pouco mais de pós d'arroz, e a pelle um pouco mais molle, e melada. Os homens com um tanto mais de dispepsia. E tudo segue. Tivemos os Anarchistas. A princeza de Carman abalou com um acrobata do Circo de Inverno... E—e voilà!

—Dornan?

—Continúa... Não o encontrei mais desde o 202... Mas vejo ás vezes o nome d'elle, no *Boulevard,* com versos preciosos, obscenidades muito apuradas, muito subtis.

—E o Psychologo?... Ora, como se chamava elle?...

—Continúa tambem. Sempre com as feminices a tres francos e cincoenta... Duquezas em camisa, almas núas... Cousas que se vendem bem!

Mas quando eu, encantado, ia indagar de Todelle, do Grão-Duque, o comboio entrou na estação de Biarritz:—e rapidamente, apanhando o paletot e os jornaes, depois de me apertar a mão, o delicioso Marizac saltou pela portinhola, que o seu creado abrira, gritando:

—Até Paris!... Sempre rue Cambori.

Então, no compartimento solitario, bocejei, com uma estranha sensação de monotonia, de saciedade, como cercado já de gentes

muito vistas, murmurando historias muito sabidas, e cousas muito ditas, atravez de sorrisos estafados. Dos dous lados do comboio era a longa planicie monotona, sem variedade, muito miudamente cultivada, muito miudamente retalhada, d'um verde de rezeda, verde cinzento e apagado, onde nenhum lampejo, nem tom alegre de flôr, nem acidente do solo, desmanchavam a mediocridade discreta e ordeira. Pallidos choupos, em renques pautados e finos, bordavam canaesinhos muito direitos e claros. Os casaes, todos da mesma côr pardacenta, mal se elevavam do solo, mal se destacavam da verdura desbotada, como encolhidos na sua mediocridade e cautella. E o ceu, por cima, liso, sem uma nuvem, com um sol descórado, parecia um vasto espelho muito lavado a grande agoa, até que de todo se lhe safasse o esmalte e o brilho. Adormeci n'uma doce insipidez.

Com que linda manhã de Maio entrei em Paris! Tão fresca e fina, e já macia, que, apesar de cansado, mergulhei com repugnancia no profundo, sombrio leito do Grand-Hotel, todo fechado de espessos velludos, grossos cordões, pesadas borlas, como um palanque de gala. N'essa profunda cova de pennas sonhei que em Tormes se construira uma torre Eiffel, e que em volta d'ella as senhoras da Serra,

as mais respeitaveis, a propria tia Albergaria, dançavam, núas, agitando no ar saca-rolhas immensos. Com as commoções d'este pesadello, e depois o banho, e o desemmalar da mala, já se acercavam as duas horas quando emfim emergi do grande portão, pisei, ao cabo de cinco annos, o Boulevard. E immediatamente me pareceu que todos esses cinco annos eu ali permanecera á porta do Grand-Hotel, tão estafadamente conhecido me era aquelle estridente rolar da cidade, e as magras arvores, e as grossas taboletas, e os immensos chapeus emplumados sobre tranças pintadas d'amarello, e as empertigadas sobrecasacas com grossas rosetas da legião d'honra, e os garotos, em voz rouca e baixa, offerecendo baralhos de cartas obscenas, caixas de phosphoros obscenas... Santo Deus! pensei, ha que annos eu estou em Paris! Comprei então, n'um kiosque, um jornal, a VOZ DE PARIS, para que elle me contasse, durante o almoço, as novas da Cidade. A mesa do kiosque desapparecia, alastrada de jornaes illustrados:—e em todos se repetia a mesma mulher, sempre núa, ou meia despida, ora mostrando as costellas magras, de gata faminta, ora voltando para o Leitor duas tremendas nadegas... Eu outra vez murmurei:—Santo Deus! No café da Paz, o creado livido, e com um resto de pó de arroz

sobre a sua lividez, aconselhou ao meu appetite, por ser tão tarde, um lingoado frito e uma costelleta.

—E que vinho, snr. Conde?

—Chablis, snr. Duque!

Elle sorrio á minha deliciosa pilheria,—e eu abri, contente, a Voz de Paris. Na primeira columna, atravez d'uma prosa muito retorcida, toda em brilhos de joia barata, entrevi uma Princesa núa, e um Capitão de Dragões, que soluçava. Saltei a outras columnas, onde se contavam feitos de cocottes de nomes sonoros. Na outra pagina escriptores eloquentes celebravam vinhos digestivos e tonicos. Depois eram os crimes do costume.—Não ha nada de novo! Puz de parte a Voz de Paris,—e então foi, entre mim e o lingoado, uma lucta pavorosa. O miseravel, que se frigira rancorosamente contra mim, não consentia que eu descollasse da sua espinha uma febra escassa. Todo elle se ressequira n'uma sola impenetravel e tostada, onde a faca vergava, impotente e tremula. Gritei pelo môço livido, o qual, com faca mais rija, fincando no soalho os sapatos de fivella, arrancou emfim áquelle malvado duas tirinhas, finas e curtas como palitos, que engoli juntas, e me esfomearam. D'uma garfada findei a costelleta. E paguei quinze francos com um bom luiz d'ouro. No trôco, que o

moço me deu, com a polidez requintada d'uma civilisação muito diffundida, havia dous francos falsos. E por aquella dôce tarde de Maio sahi para tomar no terraço um café côr de chapéo côco, que sabia a fava.

Com o charuto acceso contemplei o Boulevard, áquella hora em toda a pressa e estridor da sua grossa sociabilidade. A densa torrente dos omnibus, calhambeques, carroças, parelhas de luxo, rolava vivamente, como toda uma escura humanidade formigando entre patas e rodas, n'uma pressa inquieta. Aquelle movimento continuado e rude bem depressa entonteceu este espirito, por cinco annos affeito á quietação das serras immutaveis. Tentava então, puerilmente, repousar n'alguma forma immovel, omnibus parado, fiacre que estacára n'um brusco escorregar da pileca: mas logo algum dorso apressado se encafuava pela portinhola da tipoia, ou um cacho de figuras escuras trepava sofregamente para o omnibus:—e, rapido, recomeçava o rolar retumbante. Immoveis, de certo, estavam os altos predios hirtos, ribas de pedra e cal, que continham, disciplinavam, aquella torrente offegante. Mas da rua aos telhados, em cada varanda, por toda a fachada, eram taboletas encimando taboletas, que outras taboletas apertavam:—e mais me cançava o perceber

a tenaz incessancia do trabalho latente, a devorante canceira do lucro, arquejante por traz das frontarias decorosas e mudas. Então, emquanto fumava o meu charuto, extranhamente se apossaram de mim os sentimentos que Jacintho outr'ora experimentára no meio da Natureza, e que tanto me divertiam. Ali, á porta do café, entre a indifferença e a pressa da Cidade, tambem eu senti, como elle no campo, a vaga tristeza da minha fragilidade e da minha solidão. Bem certamente estava ali como perdido n'um mundo, que me não era fraternal. Quem me conhecia? Quem se interessaria por Zé Fernandes? Se eu sentisse fome, e o confessasse, ninguem me daria metade do seu pão. Por mais afflictamente que a minha face revelasse uma angustia, ninguem na sua pressa pararia para me consolar. De que me serviriam tambem as excellencias d'alma, que só na alma florescem? Se eu fosse um santo, aquella turba não se importaria com a minha santidade; e se eu abrisse os braços e gritasse, ali no Boulevard—«ó homens, meus irmãos!» os homens, mais ferozes que o lôbo ante o Pobresinho d'Assis, ririam e passariam indifferentes. Dous impulsos unicos, correspondendo a duas funcções unicas, parecia estarem vivos n'aquella multidão,—o lucro e o gôso. Isolada entre elles, e ao contagio

ambiente da sua influencia, em breve a minha alma se contrahiria, se tornaria n'um duro calhau de Egoismo. Do ser que eu trouxera da Serra só restaria em pouco tempo esse calhau, e n'elle, vivos, os dous appetites da Cidade,—encher a bolsa, saciar a carne! E pouco a pouco as mesmas exagerações de Jacintho perante a Natureza me invadiam perante a Cidade. Aquelle Boulevard reçumava para mim um bafo mortal, extrahido dos seus milhões de microbios. De cada porta me parecia sahir um ardil para me roubar. Em cada face, avistada á portinhola d'um fiacre, suspeitava um bandido em manobra. Todas as mulheres me pareciam caiadas como sepulchros, tendo só podridão por dentro. E considerava d'uma melancolia funambulesca as fórmas de toda aquella Multidão, a sua pressa aspera e vã, a affectação das attitudes, as immensas plumas das chapeletas, as expressões postiças e falsas, a pompa dos peitos alteados, o dorso redondo dos velhos olhando as imagens obscenas das vitrines. Ah! tudo isto era pueril, quasi comico da minha parte, mas é o que eu sentia no Boulevard, pensando na necessidade de remergulhar na Serra, para que ao seu puro ar se me despegasse a crosta da Cidade, e eu resurgisse humano, e Zé-Fernandico!

Então, para dissipar aquelle pesadume de solidão, paguei o café e parti, lentamente, a visitar o 202. Ao passar na Magdalena, deante da estação dos omnibus, pensei: — Que será feito de Madame Colombe? E, oh miseria! pelo meu miseravel ser subiu uma curta e quente baforada de desejo bruto por aquella besta suja e magra! Era o charco onde eu me envenenara, e que me envolvia nas emanações subtis do seu veneno. Depois, ao dobrar da rue Royale para a Praça da Concordia, topei com um robusto e possante homem, que estacou, ergueu o braço, ergueu o vozeirão, n'um modo de commando:

— Eh, Fernandes!

O Grão-Duque! O bello Grão-Duque, de jaquetão alvadio e chapeu tyrolez côr de mel! Apertei com gratidão reverente a mão do Principe, que me reconhecera.

— E Jacintho? Em Paris?...

Contei Tormes, a serra, o rejuvenescimento do nosso amigo entre a Natureza, a minha dôce prima, e os bravos pequenos, que elle trazia ás cavalleiras. O Grão-Duque encolheu os hombros, desolado:

— Oh lá, lá, lá!... Peuh! Casado, na aldeia, com filharada... Homem perdido! Ora não ha!... E um rapaz util! que nos divertia, e tinha gosto! Aquelle jantar côr de rosa foi uma

festa linda... Não se fez, não se tornou a fazer nada tão brilhante em Paris... E Madame d'Oriol... Ainda ha dias a vi no Palacio de Gelo... Potavel, mulher ainda muito potavel... Não é todavia o meu genero.... Adocicada, leitosa, pommadada, neve á la vanille!... Ora esse Jacintho!...

—E Vossa Alteza, em Paris com demora?

O formidavel homem baixou a face, franzida e confidencial:

—Nenhuma. Paris não se aguenta... Está estragado, positivamente estragado... Nem se come! Agora é o Ernest, da Praça Gaillon, o Ernest, que era maitre-d'hotel do Maire... Já lá comeu? Um horror. Tudo é o Ernest, agora! Onde se come? No Ernest. Qual! Ainda esta manhã lá almocei... Um horror! Uma salada Chambord... palhada, indecentemente palhada! Não tem, não tem a noção da salada! Paris foi! Theatros, uma estopada. Mulheres, hui! Lambidas todas. Não ha nada! Ainda assim, n'um dos theatritos de Montmartre, na Roulotte, está uma revista, que se vê: *Para cá as mulheres!*—engraçada, bem despida... A Celestine tem uma cantiga, meia sentimental, meia porca, o *Amor no Water-Closet,* que diverte, tem topete... Onde está, Fernandes?

—No Grand-Hotel, meu senhor.

—Que barraca!... E o seu Rei sempre bom?

Curvei a cabeça:

—Sua Magestade, bem.

—Estimo! Pois, Fernandes, tive prazer... Esse Jacintho é que me desola! Vá vêr a Revista... Boas pernas, a Celestine... E tem graça o tal *Amor no Water-Closet.*

Um rijissimo aperto de mão,—e S. Alteza subiu pesadamente para a victoria, ainda com um aceno amavel, que me penhorou... Excellente homem, este Grão-Duque! Mais reconciliado com Paris, atravessei para os Campos-Elyseos. Em toda a sua nobre e formosa larguesa, toda verde, com os castanheiros em flôr, corriam, subindo, descendo, velocipedes. Parei a contemplar aquella fealdade nova, estes innumeraveis espinhaços arqueados, e gambias magras, agitando-se desesperadamente sobre duas rodas. Velhos gordos, de cachaço escarlate, pedalavam, gordamente. Galfarros esguios, de tibias descarnadas, fugiam n'uma linha esfusiada. E as mulheres, muito pintadas, de bolero curto, calções bufantes, giravam, mais rapidamente ainda, no prazer equivoco da carreira, escarranchadas em hastes de ferro. E a cada instante outras medonhas machinas passavam, victorias e phaetons a vapor, com uma complicação de tubos e caldeiras, torneiras e chaminés, rolando n'uma trepidação estridente e pesada, espalhando

um grosso fedor de petroleo. Segui para o 202, pensando no que diria um grego do tempo de Phidias, se visse esta nova belleza e graça do caminhar humano!...

No 202, o porteiro, o velho Vian, quando me reconheceu, mostrou uma alegria enternecedora. Não se fartou de saber do casamento de Jacintho, e d'aquelles queridos meninos. E era para elle uma felicidade que eu apparecesse, justamente quando tudo se andára limpando para a entrada da primavera. Quando penetrei na amada casa senti mais vivamente a minha solidão. Não restava em toda ella nem um dos costumados aspectos que fizessem reviver a velha camaradagem com o meu Principe. Logo na ante-camara grandes lonas cobriam as tapessarias heroicas, e egual lona parda escondia os estofos das cadeiras e dos muros, e as largas estantes d'ebano da Bibliotheca, onde os trinta mil volumes, nobremente enfileirados como Doutores n'um Concilio, pareciam separados do mundo por aquelle panno que sobre elles descera depois de finda a comedia da sua força e da sua auctoridade. No gabinete de Jacintho, de sobre a mesa d'escripta, desapparecera aquella confusão de instrumentosinhos, de que eu perdera já a memoria: e só a Mechanica sumptuosa, por sobre peanhas e pedes-

taes, recentemente espanejada, reluzia, com as suas engrenagens, tubos, rodas, rigidezes de metaes, n'uma frieza inerte, na inactividade definitiva das cousas desusadas, como já dispostas n'um Museu, para exemplificar a instrumentação caduca d'um mundo passado. Tentei mover o telephone, que se não moveu; a mola da electricidade não accendeu nenhum lume: todas as forças universaes tinham abandonado o serviço do 202, como servos despedidos. E então, passeando atravez das salas, realmente me pareceu que percorria um museu d'antiguidades; e que mais tarde outros homens, com uma comprehensão mais pura e exacta da Vida e da Felicidade, percorreriam como eu, longas salas, atulhadas com os instrumentos da Super-Civilisação, e, como eu, encolheriam desdenhosamente os hombros ante a grande Illusão que findára, agora para sempre inutil, arrumada como um lixo historico, guardada debaixo de lona.

Quando sahi do 202 tomei um fiacre, subi ao Bosque de Bolonha. E apenas rolára momentos pela avenida das Acacias, no silencio decoroso, unicamente cortado pelo tilintar dos freios e pelas rodas vagarosas esmagando a aréia, comecei a reconhecer as velhas figuras, sempre com o mesmo sorriso, o mesmo pó d'arroz, as mesmas palpebras amortecidas,

os mesmos olhos farejantes, a mesma immobilidade de cêra! O romancista da *Couraça* passou n'uma victoria, fixou em mim o monoculo defumado, mas permaneceu indifferente. Os bandós negros de Madame Verghane, tapando-lhe as orelhas, pareciam ainda mais furiosamente negros entre a harmonia de todo o branco que a vestia, chapéo, plumas, flôres, rendas e corpete, onde o seu peito immenso se empolava como uma onda. No passeio, sob as Acacias, espapado em duas cadeiras, o director do *Boulevard* mamava o resto do seu charuto. E n'um grande landeau, Madame de Trèves continuava o seu sorriso de ha cinco annos, com duas pregasinhas mais molles aos cantos dos labios seccos.

Abalei para o Grand-Hotel, bocejando,—como outr'ora Jacintho. E findei o meu dia de Paris, no Theatro das Variedades, estonteado com uma comedia muito fina, muito acclamada, toda faiscante do mais vivo parisianismo, em que todo o enredo se enrodilhava á volta d'uma Cama, onde alternadamente se espojavam mulheres em camisa, sujeitos gordos em ceroulas, um coronel com papas de linhaça nas nadegas, cosinheiras de meias de sêda bordadas, e ainda mais gente, ruidosa e saltitante, a esfusiar de cio e de pilheria. Tomei um chá melancolico no Julien, no meio de

um aspero e lugubre namoro de prostitutas, fariscando a preza. Em duas d'ellas, de pelle oleosa e cobreada, olhos obliquos, cabellos duros e negros como clinas, senti o Oriente, a sua provocação felina... Interroguei o creado, um medonho ser, d'uma obesidade balofa e livida, d'eunuco. O monstro explicou n'uma voz roufenha e surda:

—Mulheres de Madagascar... Foram importadas quando a França occupou a ilha!

Arrastei então por Paris dias d'immenso tedio. Ao longo do Boulevard revi nas vitrines todo o luxo, que já me enfartára havia cinco annos, sem uma graça nova, uma curta frescura de invenção. Nas livrarias, sem descobrir um livro, folheava centenas de volumes amarellos, onde, de cada pagina que ao acaso abria, se exhalava um cheiro môrno d'alcova e de pós d'arroz, entre linhas trabalhadas com effeminado arrebique, como rendas de camisas. Ao jantar, em qualquer restaurante, encontrava, ornando e disfarçando as carnes ou as aves, o mesmo môlho, de côres e sabores de pomada, que já de manhã, n'outro restaurante, espelhado e dourejado, me enjoára no peixe e nos legumes. Paguei por grossos preços garrafas do nosso adstringente e rustico vinho de Torres, ennobrecido com o titulo de Château isto, Château aquillo, e pó postiço no

gargalo. À noite, nos theatros, encontrava a Cama, a costumada cama, como centro e unico fim da vida, attrahindo, mais fortemente que o monturo attrahe os moscardos, todo um enxame de gentes, estonteadas, frementes d'erotismo, zumbindo chacotas senis. Esta sordidez da Planicie me levou a procurar melhor aragem d'espirito nas alturas da Collina, em Montmartre; e ahi, no meio d'uma multidão elegante de Senhoras, de Duquezas, de Generaes, de todo o alto pessoal da Cidade, eu recebia, do alto do palco, grossos jorros de obscenidades, que faziam estremecer de goso as orelhas cabelludas de gordos banqueiros, e arfar com delicia os corpetes de Worms e de Doucet, sobre os peitos postiços das nobres damas. E recolhia enjoado com tanto relento d'Alcova, vagamente dispeptico com os môlhos de pomada do jantar, e sobre tudo descontente comigo, por me não divertir, não comprehender a Cidade, e errar atravez d'ella e da sua Civilisação Superior, com a reserva ridicula d'um Censor, d'um Catão austero. Oh senhores!—pensava,—pois eu não me divertirei n'esta deliciosa Cidade? Entrará comigo o bolor da velhice?

Passei as pontes, que separam em Paris o Temporal do Espiritual, mergulhei no meu doce Bairro Latino, evoquei, deante de certos

cafés, a memoria da minha Nini; e, como outr'ora, preguiçosamente, subi as escadas da Sorbonne. N'um amphitheatro, onde sentira um grosso susurro, um homem magro, com uma testa muito branca e larga, como talhada para alojar pensamentos altos e puros, ensinava, falando das instituições da Cidade Antiga. Mas, mal eu entrára, o seu dizer elegante e limpido foi suffocado por gritos, urros, patadas, um tumulto rancoroso de troça bestial, que sahia da mocidade apinhada nos bancos, a mocidade das Escolas, Primavera sagrada, em que eu fôra flôr murcha. O Professor parou, espalhando em redor um olhar frio, e remexendo as suas notas. Quando o grosso grunhido se moderou em susurro desconfiado, elle recomeçou com alta serenidade. Todas as suas ideias eram frias e substanciaes, expressas n'uma lingoa pura e forte; mas, immediatamente, rompe uma furiosa rajada de apitos, uivos, relinchos, cacarejos de gallo, por entre magras mãos, que se estendiam levantadas para estrangular as ideias. Ao meu lado um velho, encolhido na alta gola d'um macfrelane de xadrezes, contemplava o tumulto com melancolia, pingando endefluxado. Perguntei ao velho:

—Que querem elles? É embirração com o professor... é politica?

O velho abanou a cabeça, espirrando:

—Não... É sempre assim, agora, em todos os cursos... Não querem ideias... Creio que queriam cançonetas. É o amor da porcaria e da troça.

Então, indignado, berrei:

—Silencio, brutos!

E eis que um abortosinho de rapaz, amarellado e sebento, de longas melenas, umas enormes lunetas rebrilhantes, se arrèbita, me fita, e me berra:

—*Sale Maure!*

Ergui o meu grosso punho serrano,—e o desgraçado, n'uma confusão de melenas, com sangue por toda a face, alluio, como um montão de trapos molles, ganindo desesperadamente, em quanto o furacão de uivos e cacarejos, guinchos e silvos, envolvia o Professor, que cruzára os braços, esperando, com uma serenidade simples.

Desde esse momento decidi abandonar a fastidiosa Cidade; e o unico dia alegre e divertido que n'ella passei foi o derradeiro, comprando para os meus queridinhos de Tormes brinquedos consideraveis, tremendamente complicados pela Civilisação,—vapores de aço e cobre, providos de caldeiras para viajar em tanques; leões de pelle veridica rugindo pavorosamente, bonecas ves-

tidas pela Laferrière, com phonographo no ventre...

Finalmente abalei uma tarde, depois de lançar da minha janella, sobre o Boulevard, as minhas despedidas á Cidade:

— Pois adeusinho, até nunca mais! Na lama do teu vicio e na poeira da tua vaidade, outra vez, não me pilhas! O que tens de bom, que é o teu genio, elegante e claro, lá o receberei na Serra pelo correio. Adeusinho!

Na tarde do seguinte Domingo, debruçado da janella do comboio, que vagarosamente deslisava pela borda do rio lento, n'um silencio todo feito d'azul e sol, avistei, na plata-forma da quieta estação da minha aldeia, os Senhores de Tormes, com a minha afilhada Thereza, muito vermelha, arregalando os seus soberbos olhos, e o bravo Jacinthinho, que empunhava uma bandeira branca. O alvoroço ditoso com que abracei e beijei aquella tribu bem amada conviria perfeitamente a quem voltasse vivo d'uma guerra distante, na Tartaria. Na alegria de recuperar a Serra, até beijoquei o chefe Pimentinha, que a estalar d'obesidade se açodava gritando ao carregador todo o cuidado com as minhas malas.

Jacintho, magnifico, de grande chapéo serrano e jaqueta, de novo me abraçou:

— E esse Paris?

—Medonho!

Abri depois os braços para o bravo Jacintinho.

—Então para que é essa bandeira, meu cavalleiro?

—É a bandeira do Castello! declarou elle, com uma bella seriedade nos seus grandes olhos.

A mãe ria. Desde essa manhã, logo que soubera da chegada do Ti-Zé, appareceu de bandeira, feita pelo Grillo, e não a largára mais; com ella almoçára, com ella descera de Tormes!

—Bravo! E, prima Joanninha, olhe que está magnifica! Eu, tambem, venho d'aquellas pelles meladas de Paris... Mas acho-a triumphal! E o tio Adrião, e a tia Vicencia?

—Tudo optimo! gritou Jacintho. A serra, Deus louvado, prospera. E agora, para cima! Tu hoje ficas em Tormes. Para contar da Civilisação.

No largo por traz da estação, debaixo dos eucalyptos, que revi com gosto, esperavam os tres cavallos, e dous bellos burros brancos, um com cadeirinha para a Thereza, outro com um cesto de verga, para metter dentro o heroico Jacinthinho, um e outro servidos á estribeira por um creado. Eu ajudára a prima Joanninha a montar, quando o carregador

appareceu com um masso de jornaes e papeis, que eu esquecera na carruagem. Era uma papelada, de que me surtira na Estação d'Orleans, toda recheada de mulheres nuas, de historietas sujas, de parisianismo, d'erotismo. Jacintho, que as reconhecera, gritou rindo:

—Deita isso fóra!

E eu atirei, para um montão de lixo, ao canto do Pateo, aquelle putrido rebotalho da Civilisação. E montei. Mas ao dobrar para o caminho empinado da serra, ainda me voltei, para gritar adeus ao Pimenta, de quem me esquecera. O digno chefe, debruçado sobre o monturo, apanhava, sacudia, recolhia com amor aquellas bellas estampas, que chegavam de Paris, contavam as delicias de Paris, derramavam atravez do mundo a seducção de Paris.

Em fila começamos a subir para a Serra. A tarde adoçava o seu esplendor d'estio. Uma aragem trazia, como offertados, perfumes das flôres silvestres. As ramagens moviam, com um aceno de doce acolhimento, as suas folhas vivas e relusentes. Toda a passarinhada cantava, n'um alvoroço de alegria e de louvor. As agoas correntes, saltantes, lusidias, despediam um brilho mais vivo, n'uma pressa mais animada. Vidraças distantes de casas

amaveis, flammejavam com um fulgor d'ouro. A serra toda se offertava, na sua belleza eterna e verdadeira. E, sempre adiante da nossa fila, por entre a verdura, fluctuava no ar a bandeira branca, que o Jacinthinho não largava, de dentro do seu cesto, com a haste bem segura na mão. Era *a bandeira do Castello*, affirmára elle.

E na verdade me parecia que, por aquelles caminhos, atravez da natureza campestre e mansa,—o meu Principe, atrigueirado nas soalheiras e nos ventos da serra, a minha prima Joanninha, tão doce e risonha mãe, os dois primeiros representantes da sua abençoada tribu, e eu—, tão longe de amarguradas illusões e de falsas delicias, trilhando um solo eterno, e de eterna solidez, com a alma contente, e Deus contente de nós, serenamente e seguramente subiamos—para o Castello da Gran-Ventura!

FIM

ADVERTENCIA

Desde a pagina 241, até o final, as provas d'este livro não foram revistas pelo auctor, arrebatado pela morte antes de haver dado a esta parte da sua escripta aquella ultima demão, em que habitualmente elle punha a diligencia mais perseverante e mais admiravelmente lucida.

Aquelle dos seus amigos e companheiro de letras, a quem foi confiado o trabalho delicado e piedoso de tocar no manuscripto posthumo de Eça de Queiroz, ao concluir o desempenho de tal missão, beija com o mais enternecido e saudoso respeito a mão, para todo sempre immobilisada, que traçou estas paginas encantadoras; e faz votos por que a revisão de que se incumbiu não deslustre muito grosseiramente a immortal aureola com que ficará resplandecendo na litteratura portugueza este livro, em que o espirito do grande escriptor parece exhalar-se da vida n'um terno suspiro de doçura, de paz, e de puro amor á terra da sua patria.

24 de abril de 1901.